



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO – UNIRIO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS – CCH
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM MEMÓRIA SOCIAL

ÉRICA DE CASTRO LOUREIRO

NÃO É FAZER *PARA*, É FAZER *COM*: MEMÓRIA, DISCURSO,
AFETOS E CO-CRIAÇÃO ENTRE FIOCRUZ, MARÉ E
MANGUINHOS NO PROJETO “CONEXÃO SAÚDE: DE OLHO
NA COVID”

RIO DE JANEIRO
2024



ÉRICA DE CASTRO LOUREIRO

**NÃO É FAZER *PARA*, É FAZER *COM*: MEMÓRIA, DISCURSO,
AFETOS E CO-CRIAÇÃO ENTRE FIOCRUZ, MARÉ E
MANGUINHOS NO PROJETO “CONEXÃO SAÚDE: DE OLHO
NA COVID”**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em
Memória Social da Universidade Federal do Estado do
Rio de Janeiro como requisito parcial à obtenção do
título de doutor em Memória Social.

Área de Concentração: Estudos Interdisciplinares em
Memória Social.

Linha de Pesquisa: Memória e Linguagem.

Orientadora: Profa. Dra. Diana de Souza Pinto

RIO DE JANEIRO
2024

Catálogo informatizado pelo(a) autor(a)

L886 Loureiro, Érica de Castro
 Não é fazer para, é fazer com: Memória, Discurso, Afetos
 e Co-criação entre Fiocruz, Maré e Manguinhos no Projeto
 "Conexão Saúde: De Olho na Covid" / Érica de Castro
 Loureiro. -- Rio de Janeiro, 2024.
 236 p

 Orientador: Diana de Souza Pinto.
 Tese (Doutorado) - Universidade Federal do Estado do
 Rio de Janeiro, Programa de Pós-Graduação em Memória Social,
 2024.

 1. memória coletiva. 2. análise de discurso. 3. favela.
 4. SUS. 5. Covid-19. I. Pinto, Diana de Souza, orient.
 II. Título.

ÉRICA DE CASTRO LOUREIRO

**NÃO É FAZER *PARA*, É FAZER *COM*: MEMÓRIA, DISCURSO,
AFETOS E CO-CRIAÇÃO ENTRE FIOCRUZ, MARÉ E
MANGUINHOS NO PROJETO “CONEXÃO SAÚDE: DE OLHO
NA COVID”**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em
Memória Social da Universidade Federal do Estado do
Rio de Janeiro como requisito parcial à obtenção do
título de doutor em Memória Social.

Área de Concentração: Estudos Interdisciplinares em
Memória Social.

Linha de Pesquisa: Memória e Linguagem.

Orientadora: Profa. Dra. Diana de Souza Pinto

Aprovada pela banca examinadora em: 26 de abril de 2024

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Diana de Souza Pinto (orientadora) - UNIRIO

Prof. Dr. Eliezer Pires da Silva - UNIRIO

Prof. Dr. Francisco Ramos de Farias - UNIRIO

Profa. Dra. Renata Caruso Mecca – UFRJ

Profa. Dra. Simone Petraglia Kropf – FIOCRUZ

Para Catarina

Que a alegria seja sua companheira,
Que a inspiração brote dos chamados do seu coração
Que você sonhe, crie e desafie os seus possíveis
e que seja luz no mundo, como é em minha vida

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, a Nossa Senhora Aparecida, ao dom da fé e a tudo de sutil que faz da vida misteriosa e bela.

Agradeço a minha orientadora, a professora Diana Pinto, por toda generosidade, sensibilidade e parceria no trajeto de doutoramento. A caminhada foi longa e em nenhum momento você soltou minha mão! O resultado deste trabalho deve muito a sua competência, bem como a sua afetuosa e engajada presença na costura do tema investigado em sua relação com a memória e a linguagem. Minha profunda admiração e carinho por você, professora!

Agradeço a minha família, base de amor, aconchego e confiança que me permite caminhar firme pelo mundo. Agradeço especialmente a minha mãe, Bellarmina, por ter atendido ao meu pedido de ajuda num momento crítico, na reta final de escrita da tese! Agradeço também ao meu pai, João Carlos, por compreender as ausências e apoiar essa entrega de minha mãe. Agradeço a minha irmã, Iandra, ao meu cunhado, Rafael, e as minhas sobrinhas-flores Beatriz e Carolina, por preencherem minha vida de alegria e cores. A minha prima Rafaela, por expressar incansavelmente sua confiança em meu potencial. Ao meu marido, Adriano, por todos esses anos de apoio e compreensão, e por ter se dedicado ainda mais aos cuidados com Catarina, muitas vezes prejudicando seus próprios compromissos, para me deixar estudar. Que sorte a nossa ter você em nossas vidas, meu amor! Agradeço a minha filha Catarina, que chegou no finalzinho dessa trajetória para deixar tudo mais emocionante, cheio de amor e significado. Obrigada pela motivação, minha filha, espero que você possa se orgulhar de sua mãe!

Agradeço aos colegas de doutorado, lamentando o que a pandemia nos roubou de convívio! Meu carinho especial às queridas Cássia de Deus e Thaís Mayumi, com quem compartilhei aprendizados, alegrias, angústias e uma primorosa orientadora. Uma a uma estamos conseguindo, meninas!

Agradeço aos professores que me acolheram com carinho e atenção como estagiária docente, Eliezer Pires e Ana Amélia Martins, pela experiência riquíssima em minha

formação. Vocês são professores verdadeiramente admiráveis! Agradeço também aos demais professores e funcionários do PPGMS, pelo aprendizado e apoio neste período de formação.

A André Lima e à Elisa Andries, que me receberam para entrevistas iniciais de sondagem, quando ainda delineava meu tema de estudo. Agradeço especialmente a generosidade com que compartilharam suas experiências comigo!

Aos professores que aceitaram compor minha banca de qualificação e defesa de doutorado, Simone Kropf, Renata Mecca, Eliezer Pires, Francisco Ramos, Ede Cerqueira, Vanessa Arruda e Lobelia Faceira, agradeço por disporem de seu tempo para me auxiliar neste percurso de formação, e também pelas valiosíssimas contribuições feitas!

Aos participantes do projeto *Conexão Saúde*, pela competência no registro de suas atividades, que me possibilitou a realização deste estudo, bem como pela inspiração por sua potente ação em um contexto de crise!

E como essa é uma tese do campo da memória, faço um retorno na minha trajetória para agradecer mestres e companheiros importantes em meu caminho profissional e acadêmico. Começando por Caco Xavier, meu chefe no estágio que foi minha porta de entrada na Fiocruz, eterno “pai mei”... genial, acessível e divertidíssimo! Que boas-vindas eu tive na Fiocruz! Mesmo depois de tantos anos, pude encontrar seus traços em leituras feitas para essa tese, como bom defensor do SUS e de que sua “marca invisível” fosse reconhecida! Quando precisou se afastar da Fiocruz para concluir seu doutorado, Caco me deixou de “herança” para Paula Xavier, que me recebeu dizendo: “É claro que eu quero que essa preciosidade venha trabalhar comigo”! A ela, que engrandece tudo o que toca, meu agradecimento por todo aprendizado, inspiração, estímulo, carinho e amizade. Memória é afeto e meu amor será sempre desses dois, guias de meus primeiros anos de Fiocruz! Depois, seguiram-se outras chefias/parcerias que sempre foram muito generosas comigo! Agradeço à Ivone Sá, pela confiança em tempos mais simples e felizes, em que sonhamos muito juntas; à Conceição Castro, por me apresentar ao universo dos arquivos institucionais e principalmente por compartilhar, nas entrelinhas do curto convívio que tivemos, sua profunda sabedoria de vida: “A vida foi muito boa

para mim. Não sou eu quem vou fazer o inferno da vida dos outros”, você disse uma vez... essa frase ecoa sempre em meus pensamentos e ações; e a Renata Lourenço, pela compreensão por minha ausência nesses últimos anos de dedicação ao doutorado, e por tudo que ainda planejamos e juntas realizaremos. Agradeço também ao amigo Marcus Vinícius Pereira da Silva, por todo o apoio, incentivo e aprendizados que seguimos compartilhando, na vida e na Fiocruz! A Francisco Tavares, Vanessa Arruda, Karina Veras, Carla Kaufmann e Ana Paula Carvalho, pelo exemplo de seriedade, competência, compromisso e parceria... tudo isso com muitas doses de alegria! São muitos outros os queridos e queridas da Fiocruz que moram em meu coração: Marise Terra, Leonardo Salo, Jeferson Mendonça, Carolina Sacramento, Gabriel Guimarães... com todos vocês aprendi, aprendo e sou grata por me mostrarem o lado mais doce da convivência profissional! Agradeço também ao meu orientador de mestrado, Ricardo Pimenta, por ter me despertado para as possibilidades que o conceito da memória trazia para meus estudos e trabalho!

Agradeço, por fim, às instituições públicas que me acolheram e formaram até aqui: Colégio Pedro II, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Fundação Oswaldo Cruz e Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro. Este estudo é também um pouco do meu reconhecimento e agradecimento a esses patrimônios da sociedade brasileira!

“Nós não nasceu herdeiro, mas nós vai deixar herança”

*Nós não nasceu herdeiro, mas nós vai deixar herança
Mesmo tendo feito ensino médio à distância
Aprendi na pista o que real tem relevância
Porque da onde eu sou cria, ninguém paga a minha fiança
Então me diz como é que faz?
Como eu vivo bem com gás a mais de 100 reais?
O salário mínimo, mínimo até demais
A conclusão da minha rima é ser voz dos meus iguais
Tenho referência do meu mano Buscapé
Porque nós foi correria mesmo sendo aqui do pé
Cria de favela tu já sabe como é
Nós cresce sagaz com a mesma lábia do Bené
Meu irmão cedo, cedo foi parando as viatura
Quando tinha 12 anos disse: eu sou é parada dura
Só não quero minha mãe morrendo pra pagar fatura
Por isso nós sonha alto, nós não tem medo de altura
Nós é preta, potente, aquelas coisas mais pra frente
Se você não me acompanha é melhor sair da frente
Pro terror do sistema, Marielle presente
Anderson presente
Ágatha Félix presente
Marcus Vinícius presente
Meu primo Fabrício presente
Minha família aqui presente também.*

Poesia escrita e recitada por Mc Zuleide, jovem artista e moradora do Complexo do Chapadão/Rio de Janeiro, na ocasião do evento “54 x favela - parcerias em defesa da vida”, no qual foi mestre de cerimônias. No evento¹, realizado em julho de 2022 na Fundação Oswaldo Cruz, foram apresentados os resultados do edital “Ações Emergenciais de Enfrentamento à Covid-19 em Favelas do Rio de Janeiro”, promovido pela instituição.

¹Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=wBij2gA1NK8> Acesso em: maio 2024

RESUMO

A presente pesquisa aborda uma das ações empreendidas com atuação da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz) no contexto da pandemia de Covid-19, o projeto Conexão Saúde: de olho na Covid, modelo de atenção e vigilância em saúde colocado em teste nos territórios de favela da Maré e de Manguinhos, na cidade do Rio de Janeiro. Sob coordenação da Fiocruz, este projeto envolveu a atuação conjunta de agentes dos territórios, entes governamentais, entidades privadas e organizações da sociedade civil. Realizado no campo da memória social, mais especificamente em sua articulação com a linguagem, este estudo objetiva caracterizar e analisar o contexto no qual o Projeto Conexão Saúde foi gestado, investigando como os discursos a seu respeito operam na conformação, bem como na avaliação de seus resultados e desdobramentos. Esse projeto nasce com expectativas de resultados presentes e desdobramentos futuros, relacionadas à redução imediata do impacto da Covid-19 nos territórios da Maré e Manguinhos e à possível incorporação de um modelo de intervenção para emergências em saúde pública, testado em nível local, ao Sistema Único de Saúde (SUS). Nesse processo, a memória institucional e coletiva sobre os grupos envolvidos na iniciativa é atualizada, bem como suas práticas, na direção de uma ciência cidadã em que diferentes forças da sociedade atuam em um fazer científico mais horizontal e democrático, sendo reconhecidas como protagonistas na produção de conhecimentos e soluções. Adotando como metodologia a cartografia, bem como a análise de discursos segundo a perspectiva sociointeracional da linguagem, este estudo aborda a memória em seu potencial de liberdade e criação, em que o intervalo de indeterminação posto entre as necessidades de atenção à saúde não atendidas de uma população especialmente vulnerabilizada do Rio de Janeiro e a resposta criada em parceria com a Fiocruz parece ter sido ocupado por antecipações futuras, retenções passadas e afetos que possibilitaram a proposição do projeto Conexão Saúde, atualizando a legitimidade da Fiocruz e das demais instituições envolvidas e engendrando projetos de futuro e utopias comuns relacionadas ao exercício pleno da cidadania por grupos especialmente vulnerabilizados ou negligenciados da sociedade. Entendo a possibilidade de proposição e realização deste projeto intersetorial em saúde como resultado de um percurso ancorado em ações e relações anteriores de natureza institucional, pessoal e afetiva entre a Fiocruz e seus agentes e demais entes dos territórios e instituições envolvidas.

Palavras-chave: memória e memória coletiva; análise de discurso; grupos vulnerabilizados; afetos; favela; SUS; Covid-19.

ABSTRACT

The present research addresses one of the initiatives undertaken with the involvement of the Oswaldo Cruz Foundation (Fiocruz) in the context of the Covid-19 pandemic, the Health Connection project: keeping an eye on Covid, a model of health care and surveillance tested in the favela territories of Maré and Manguinhos, in the city of Rio de Janeiro. Under the coordination of Fiocruz, this project involved the joint action of agents from the territories, government entities, private organizations, and civil society organizations. Conducted in the field of social memory, specifically in its articulation with language, this study aims to characterize and analyze the context in which the Health Connection Project was conceived, investigating how discourses about it operate in shaping, as well as evaluating its results and developments. This project arises with expectations of present outcomes and future developments related to the immediate reduction of the impact of Covid-19 in the territories of Maré and Manguinhos and the possible incorporation of an intervention model for public health emergencies, tested at the local level, into the Unified Health System (SUS). In this process, the institutional and collective memory about the groups involved in the initiative is updated, as well as their practices, towards a citizen science in which different societal forces engage in a more horizontal and democratic scientific endeavor, being recognized as protagonists in the production of knowledge and solutions. Adopting cartography as methodology, combined with discourse analysis from a sociointeractional perspective of language, this study thus addresses memory in its potential for freedom and creation, where the interval of indeterminacy between the unmet health care needs of a particularly vulnerable population in Rio de Janeiro and the response created in partnership with Fiocruz seems to have been filled by future anticipations, past retentions, and affections that enabled the proposition of the Health Connection project, updating the legitimacy of Fiocruz and other institutions involved and engendering projects of future and common utopias related to the full exercise of citizenship by especially vulnerable or neglected groups in society. I understand the possibility of proposing and carrying out this intersectoral health project as a result of a journey anchored in previous actions and relationships of institutional, personal, and affective nature between Fiocruz and its agents and other entities of the territories and institutions involved.

Keywords: memory and collective memory; discourse analysis; vulnerable groups; affections, favela, public health; Covid-19

SUMÁRIO

1 – INTRODUÇÃO -----	p. 17
2 – FIOCRUZ E SUAS AÇÕES NA PANDEMIA JUNTO ÀS POPULAÇÕES VULNERABILIZADAS -----	p. 25
2.1 – Recorte no tempo presente: a Fiocruz e a pandemia de Covid-19 ---	p. 26
2.2 – Um salto no tempo: a trajetória da Fiocruz e sua vinculação com a sociedade e com os territórios da Maré e de Manguinhos -----	p. 35
2.3 – Projetos de futuro em construção: Fiocruz e novos arranjos em saúde pública vinculados ao SUS -----	p. 45
3 – “CONEXÃO SAÚDE”: APRESENTAÇÃO DO PROJETO E QUESTÕES METODOLÓGICAS PARA DEFINIÇÃO DO <i>CORPUS</i> -----	p. 51
3.1 – Conexão Saúde: uma proposta de modelo de atenção e vigilância em Saúde vinculada ao SUS -----	p. 51
3.1.1 Territórios foco da ação e seus representantes: Manguinhos e Maré	p. 59
3.1.2 Outros atores integrantes do projeto: Fundo Todos pela Saúde, Dados do Bem, SAS Brasil e União Rio -----	p. 64
3.2 – Aspectos metodológicos da construção do <i>corpus</i> -----	p. 66
3.2.1 – O percurso para definição do <i>corpus</i> -----	p. 68
3.2.2 – O <i>corpus</i> selecionado -----	p. 73
4 - MEMÓRIA, DISCURSO, AFETOS E CRIAÇÃO EM CONTEXTOS DE CRISE E INDETERMINAÇÃO -----	p. 78
4.1 – Instituições e memória coletiva e institucional -----	p. 78
4.2 - Indeterminação e criação em contextos de crise -----	p. 83
4.3 - Utopias e afetos nos processos de criação -----	p. 88
4.4 – Linguagem como ação no mundo: a linha sócio-interacional para análise de discursos institucionais-----	p. 93
5 – ANÁLISE DE DISCURSOS SOBRE O CONEXÃO SAÚDE: AFETOS EM MOVIMENTO PARA SONHAR O FUTURO E ATUALIZAR OS POSSÍVEIS	p. 100
5.1 – Expectativas no lançamento do projeto: sonhar o futuro -----	p. 100
5.1.1 Evento de lançamento do <i>Conexão Saúde</i> -----	p. 101
5.1.2 <i>Live</i> “Covid-19 em Manguinhos: Telemedicina, Sociedade Civil e Promoção da Saúde” -----	p. 115
5.2 – Realizações no curso da ação: atualizar os possíveis -----	p. 126
5.2.1 Vídeo de divulgação “Fiocruz na Pandemia – Conexão Saúde” -----	p. 126
5.2.2 Edições do Boletim “Conexão Saúde: de olho no Corona!” -----	p. 135
5.2.3 Matéria de imprensa da BBC “Covid: As lições da favela que reduziu mortes em 90% enquanto Rio vivia tragédia” -----	p. 135
5.2.4 Boletim especial e final do <i>Conexão Saúde</i> -----	p. 143
5.3 – Afetos de ontem, hoje e sempre: confiança, solidariedade e esperança ----	p. 147
6 – DESDOBRAMENTOS DA CONEXÃO: DISCURSOS, CRIAÇÃO DE METÁFORAS E TRANSFORMAÇÕES DE PRÁTICAS PARA ESPERANÇAR UTOPIAS -----	p. 158
6.1 – Desdobramentos da conexão: esperar utopias -----	p. 158

6.1.1 Coletiva de imprensa do “Vacina Maré!” – 1ª dose -----	p.159
6.1.2 <i>Live</i> sobre Vacina Maré com Luna Arouca e Fernando Bozza -----	p. 169
6.1.3 Coletiva de imprensa do “Vacina Maré!” – 2ª dose -----	p. 177
6.1.4 “Seminário Vacina Maré: Olhares sobre a Covid”-----	p. 182
6.2 – A criação de metáforas: esforços de paz e gentileza como força -----	p 193
6.3 – Formatos institucionais em atualização: fazer <i>com</i> e não <i>para</i> , <i>co-criação</i> e ciência cidadã -----	p. 198
 7 – MEMÓRIA ATUALIZADA: CONSIDERAÇÕES EM MOVIMENTO PARA FIOCRUZ, MARÉ E MANGUINHOS -----	 p. 214
 REFERÊNCIAS -----	 p. 225

LISTA DE IMAGENS

REFERÊNCIA	DESCRIÇÃO	PÁGINA
Imagem 1	Imagem aérea do Campus Manguinhos-Maré	35
Imagem 2	Castelo da Fiocruz	38
Imagem 3	Vista de parte do território de Manguinhos, próximo ao Castelo da Fiocruz	39
Imagem 4	Visão da Maré e do Castelo da Fiocruz	40
Imagem 5	Visão aérea do território onde se localiza o Campus Manguinhos-Maré da Fiocruz	40
Imagem 6	Infográfico que mostra fluxo de funcionamento do projeto Conexão	53
Imagem 7	Print da apresentação de Valcler Rangel no evento de lançamento do <i>Conexão</i>	56
Imagem 8	Matéria da BBC Brasil, de maio de 2021, sobre resultados do <i>Conexão Saúde</i>	57
Imagem 9	Manchete de matéria da Folha de São Paulo sobre resultados do <i>Conexão Saúde</i>	57
Imagem 10	Matéria sobre o <i>Conexão Saúde</i> no site arte.tv/fr.	58
Imagem 11	Mapa com a localização das comunidades de Manguinhos, vizinhas ao <i>Campus</i> da Fiocruz	60
Imagem 12	Comunidades que conformam a favela da Maré	64
Imagem 13	Representação de cone invertido de Henri Bergson	86
Imagem 14	Print de divulgação do evento/tela de espera para o lançamento do <i>Conexão Saúde</i> .	101
Imagem 15	Print da divulgação da live “Covid-19 em Manguinhos: telemedicina, sociedade civil e promoção da saúde”	120
Imagens 16 a 25	Imagens do Vídeo Fiocruz na Pandemia – <i>Conexão Saúde</i>	128-129

Imagem 26	Relato de Valcler Rangel no vídeo “Fiocruz na Pandemia – Conexão Saúde”.	131
Imagem 27	Representante da Redes da Maré em ação no território no vídeo “Fiocruz na Pandemia – Conexão Saúde”	131
Imagem 28	Imagem aérea do território da Maré, com números do projeto <i>Conexão</i> no vídeo “Fiocruz na Pandemia – Conexão Saúde”	133
Imagens 29 a 32	Imagens do Vídeo Fiocruz na Pandemia – <i>Conexão Saúde</i>	135
Imagem 33	Primeira página da edição temática do Boletim “Se liga no Corona” sobre o <i>Conexão</i>	136
Imagem 34	Gráficos que sistematizam dados de casos de Covid no Brasil e no mundo	139
Imagem 35	Reprodução de imagem que abre a matéria da BBC News Brasil	140
Imagem 36	Gráfico apresentado para resumir números e premiações recebidas pelo projeto Conexão Saúde	145
Imagem 37	Brenda Ferreira concede entrevista durante a ação de vacinação na Maré	168
Imagem 38	Print da divulgação da <i>live</i> com Luna Arouca e Fernando Bozza.	170
Imagem 39	Print de imagem postada no site e redes sociais da Ong Redes da Maré	176
Imagem 40	Nísia Trindade discursando junto a Renata Souza, Renan Ferreirinha, Luna Arouca e Fernando Bozza durante a abertura do evento do “Vacina Maré – 2ª dose”	179
Imagem 41	Divulgação sobre a aplicação da 2ª dose da vacina de Covid, parte da ação “Vacina Maré”	181
Imagem 42	Gráfico do modelo de gestão do <i>Conexão Saúde</i>	191
Imagem 44	Cartaz de divulgação do evento “Favela Produz Saúde!”	210
Imagem 45	Valcler durante o evento “Favela Produz Saúde”	211

Imagem 46	Foto da produção dos azulejos para o projeto “Memória Viva”	222
Imagem 47	Azulejos produzidos por mim para projeto “Memória Viva”	222

LISTA DE TABELAS

REFERÊNCIA	DESCRIÇÃO	PÁGINA
Tabela 1	Corpus selecionado para análise	75
Tabela 2	Participantes do evento de lançamento do Conexão Saúde	102
Tabela 3	Participantes do evento “Live Covid-19 em Manguinhos”	121
Tabela 4	Participantes do Vídeo “Fiocruz na Pandemia – Conexão Saúde”	127
Tabela 5	Participantes da coletiva de Imprensa 1ª dose do Vacina Maré	160
Tabela 6	Participantes da Live “Vacina Maré”	170
Tabela 7	Participantes da coletiva de imprensa 2ª dose do Vacina Maré	177
Tabela 8	Participantes selecionados no evento “Vacina Maré: olhares sobre a Covid”	182

1) INTRODUÇÃO:

A presente pesquisa investiga uma das ações empreendidas com a participação da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz) junto aos territórios de favela da Maré e de Manguinhos, na zona norte da cidade do Rio de Janeiro, no contexto da pandemia de Covid-19: o projeto *Conexão Saúde: de olho na Covid*. Envolvendo atuação conjunta entre agentes do território, entes governamentais, entidades privadas e organizações da sociedade civil, este projeto colocou em execução um modelo de atenção e vigilância em saúde para os referidos territórios, entre junho de 2020 e março de 2022. Entre suas principais frentes de atuação estiveram o desenvolvimento e a disponibilização de um aplicativo para ser utilizado pelos moradores dos territórios, que permitia a avaliação de sinais clínicos e epidemiológicos para agendamento de testes de Covid-19 em postos viabilizados pelo projeto, possibilitando o mapeamento da distribuição do vírus nos territórios; a adoção de soluções em telemedicina para atendimentos em saúde desta população no período de distanciamento social; o fornecimento de orientações, apoio material para isolamento seguro e acompanhamento dos infectados identificados a partir das ações de testagem; e ações de comunicação em saúde a respeito de medidas de proteção necessárias no período da pandemia.

Esse projeto nasce com expectativas de resultados imediatos e desdobramentos futuros, relacionadas à redução do impacto da Covid-19 nos territórios da Maré e Manguinhos, na cidade do Rio de Janeiro, e à possível incorporação de um modelo de intervenção para emergências em saúde pública, testado em nível local, ao Sistema Único de Saúde (SUS). Entendo a possibilidade de proposição e realização desse projeto como resultado de um percurso ancorado em ações e relações anteriores entre a Fiocruz e seus agentes e demais entes dos territórios e instituições envolvidas. Realizada no campo da memória social, mais especificamente em sua articulação com a linguagem, a presente pesquisa objetiva caracterizar e analisar o contexto no qual o *Conexão Saúde* foi gestado, investigando como os discursos a seu respeito operaram na sua conformação, bem como na avaliação de seus resultados e desdobramentos. Neste processo, investigo de que forma memórias coletivas e práticas institucionais são atualizadas e transformadas, e em que medida contribuem para a construção de utopias e projetos de futuro comuns entre instituições e territórios envolvidos.

A Fiocruz é uma instituição pública estratégica de Estado vinculada ao Ministério da Saúde, que atua com pesquisa, ensino, produção e assistência em saúde.

Sua missão envolve a produção de conhecimentos e tecnologias para o SUS, de modo a contribuir para a promoção da saúde e da qualidade de vida da população brasileira, bem como para a redução das desigualdades sociais. Afirmo como valores centrais a defesa do direito à saúde e à cidadania ampla. (Fiocruz, 2012)². Como profissional em atuação nessa instituição há 18 anos, e tendo ingressado como estudante de doutorado do Programa de Pós-Graduação em Memória Social da UNIRIO em 2019, meu interesse de pesquisa estava voltado inicialmente às relações entre instituição e sociedade, considerando essa relação uma importante dimensão a ser estimulada na política de memória institucional que estava em vias de aprovação na Fiocruz naquele momento³. Especialmente em um contexto político de ataque às instituições públicas e à ciência, com cortes substanciais de investimentos em saúde, ciência e tecnologia, bem como ameaças à autonomia de universidades e outras instituições, com a não nomeação de seus dirigentes democraticamente eleitos⁴, considero que a necessidade de mobilizar afetos que poderiam ajudar a ativar a permanente defesa da legitimidade dessa instituição pela sociedade seria um dos elementos centrais para uma política de memória institucional, entendendo a memória em sua dimensão criadora e transformadora da realidade social (Gondar, 2016; Bergson⁵, 2010), bem como os afetos em sua capacidade de aumentar ou diminuir nossa potência para agir (Safatle, 2021; Spinoza, 2015; Freire, 1992).

No curso de meu doutorado, a pandemia de Covid-19 irrompe e invade diferentes dimensões da vida em sociedade, exigindo respostas de diferentes atores sociais aos desafios trazidos por essa crise global. Este período foi caracterizado por incertezas, devido ao grau de imprevisibilidade a respeito de tratamentos e ações adequadas para a contenção da propagação do vírus e a necessidade de medidas

² Disponível no Portal da Fiocruz (<https://portal.fiocruz.br/perfil-institucional>), que referencia sua aprovação no VI Congresso Interno da Fiocruz, cujo relatório final pode ser acessado em: <https://congressointerno.fiocruz.br/sites/congressointerno.fiocruz.br/files/documentos/VI%20CI%20-%20PLENA%20-%20EXTRA%201%20-%20REL%20FINAL%20%20-%20MAIO%202012.pdf> Acesso em: maio/2024

³ A política de memória institucional da Fiocruz foi publicada em janeiro de 2020, e pode ser acessada no Arca - Repositório Institucional da Fiocruz, no seguinte link: https://www.arca.fiocruz.br/bitstream/handle/iciet/41592/politica_de_memoria_fiocruz.pdf Acesso em: maio/2024.

⁴ Mais detalhes sobre o referido contexto no capítulo 2, seção 2.1 – Recorte no tempo presente.

⁵ Um esclarecimento inicial sobre a apresentação dos autores adotados na presente tese: aqueles cujos pensamentos são centrais para as reflexões aqui realizadas serão apresentados de forma mais extensa que os demais autores que forem mobilizados de forma pontual. Um exemplo é Henri Bergson, basilar para as discussões aqui propostas, e que portanto será apresentado em profundidade no capítulo 4, no qual a maior parte do referencial teórico da tese é discutido.

prolongadas de isolamento social, que impactou de maneiras diferenciadas setores mais vulnerabilizados da sociedade. Estes muitas vezes atuam com vínculos trabalhistas precários, tendo ficado sem fonte de renda durante a pandemia ou, ainda, atuando em serviços entendidos como essenciais, tais como profissionais de alimentação, transportes, saúde, serviços domésticos e segurança, em condições inseguras de trabalho (Druck, 2021). Além disso, para aqueles com condições de moradia igualmente precárias, em casas com poucos cômodos compartilhados por várias pessoas, como o caso dos moradores de favelas, por exemplo, as orientações para evitar o contágio eram problemáticas ou irrealizáveis, considerando questões como a autoconstrução de moradias, a ventilação inadequada e arruamentos superadensados (Fernandes; Lima, 2020). A inexistência de ações protocolares para enfrentamento destes desafios exigiu a compreensão dos diferentes contornos da crise para a criação de soluções para os diferentes grupos sociais por ela impactados. Na expectativa por respostas, e em um cenário em que as ações e posicionamentos do governo federal e de seus representantes não inspiraram confiança, a esperança da sociedade em grande medida se voltou às instituições de Estado no campo da ciência e da saúde. Ainda que constantemente desacreditadas e com investimentos muito aquém de suas necessidades e de sua relevância social, estas instituições foram determinantes para a superação da crise.

A Fiocruz, instituição centenária no campo da saúde pública, com atuação em outros cenários de epidemias e dotada de alto grau de confiança social, passa a ocupar um lugar ao mesmo tempo de destaque e desafiador, devido às expectativas por respostas objetivas e confiáveis neste cenário de incertezas. Como profissional vinculada à Fiocruz atuando no campo da informação e dos arquivos, assim como pesquisadora em formação no campo da memória e cidadã que também possuía angústias e anseios de respostas sobre as incertezas colocadas pela pandemia de Covid-19, fui profundamente atravessada por esse cenário. A oportunidade e o desafio de estudar desdobramentos locais de uma crise global em curso no tempo presente, observando a atuação de um relevante ator nacional e mundial⁶ como a Fiocruz, foi se delineando como objeto de pesquisa.

⁶ Exemplos da atuação global da Fiocruz foram a nomeação de um de seus laboratórios como referência nas Américas pela Organização Mundial de Saúde, em abril de 2020, além da coordenação brasileira do ensaio clínico internacional Solidariedade (*Solidarity*) da OMS, a partir de março de 2020, entre outras ações que abordaremos ao longo do estudo.

A partir daí, inicio a cartografia (Deleuze; Guatarri, 1995) que entendo caracterizar toda a dimensão metodológica de meu estudo. Como selecionar, em um processo em curso, e dentro do amplo campo da atuação da Fiocruz no contexto da pandemia de Covid-19, meu foco de análise? Meu interesse em observar a atuação da Fiocruz no período não foi uma iniciativa isolada, tendo projetos com esse fim sido institucionalmente formalizados⁷. Como eu poderia somar e acrescentar uma contribuição relevante a esse processo, a partir do campo da memória social, considerando o alcance de uma pesquisa de doutorado?

Entendendo a cartografia como performance, marcada por movimentos da pessoa que cartografa e que envolvem a criação, e não a mera representação, de um território de observação, adotei a proposta de seguir pistas em um “caminhar que traça, no percurso, suas metas” (Passos; Barros, 2015, p. 17). Assim, busquei estar aberta a encontros e atenta aos movimentos e fluxos institucionais e sociais que envolveram a realização de ações de combate à pandemia. Voltei minha atenção ao acompanhamento das ações da Fiocruz divulgadas por meio de seus canais de comunicação (sites, listas de e-mails internas e redes sociais), bem como aquelas repercutidas pela imprensa nacional. Busquei acompanhar temas nos quais a instituição se envolveu e que mobilizaram a opinião pública no período, o que por vezes extrapolava a atuação exclusiva da Fiocruz. Essa perspectiva dialogava ainda com meu interesse inicial de pesquisa, de entender como mobilizar afetos em torno da defesa da Fiocruz pela sociedade.

Seguindo na atitude à espreita, fui instigada pelos discursos a respeito dos resultados da iniciativa específica que decidi explorar como objeto de investigação, o projeto “*Conexão Saúde: de olho na Covid*”. A manchete “As lições da favela que reduziu mortes em 90% enquanto Rio vivia tragédia”⁸ (Passarinho, 2021), em matéria da BBC Brasil de 01 de maio de 2021, foi determinante para esta escolha. A referida notícia citava um projeto criado “sem ajuda do governo, por moradores, pesquisadores da Fiocruz e ONGs”, que teve como resultado “uma redução de quase 90% nas mortes

⁷ Algumas dessas iniciativas são: o projeto “O tempo presente na Fiocruz: ciência e saúde no enfrentamento da pandemia de COVID-19”, que envolve a realização de entrevistas no modelo de história oral com profissionais da Fiocruz diretamente envolvidos nas ações de enfrentamento à pandemia; e o Observatório Covid-19 (<https://portal.fiocruz.br/observatorio-covid-19>) que envolve a produção e disponibilização de informações, painéis, análises e propostas voltadas ao enfrentamento da pandemia de Covid-19 pelo SUS e pela sociedade brasileira.

⁸ Matéria da BBC Brasil, de maio de 2021, que será objeto de análise na presente pesquisa no capítulo 5, seção 5.2.3— Matéria de Imprensa da BBC.

por Covid na [favela da] Maré após 15 semanas de implementação”. Apesar de já ter visto um vídeo institucional da Fiocruz sobre a realização deste projeto⁹, em fevereiro de 2020, ao ler essa matéria e os impressionantes resultados por ela compartilhados, minha atenção pousou, então, nesse projeto específico. O conjunto de ações do *Conexão Saúde* foi apresentado nos discursos institucionais e de imprensa como um modelo de atenção e vigilância em saúde inovador sendo proposto e realizado com sucesso num contexto de crise. Ao começar a observar demais materiais e eventos que tratavam do *Conexão Saúde*, este pareceu ser um projeto que envolveu o acionamento social da Fiocruz, resultados relevantes para grupos vulnerabilizados no contexto da pandemia, assim como vínculos afetivos e de diversas naturezas entre os participantes da iniciativa e a Fiocruz, conforme abordo ao longo deste estudo.

Com o foco de estudo decidido, passei a me interessar pelos processos de produção do projeto *Conexão Saúde*, orientando meu estudo para os discursos e relações entre os atores envolvidos na iniciativa, com o intuito de investigar de que maneira a atuação da Fiocruz se inseriu nessa articulação de diferentes atores sociais em um contexto de crise para a criação de uma iniciativa inovadora. Entendo que além de atualizar a legitimidade social e a memória institucional e coletiva sobre a Fiocruz, esse projeto alimentou a construção de projetos de futuro comuns entre instituição e sociedade. O projeto parece transformar uma forma de atuação da instituição junto a movimentos sociais, em um *fazer com*, e não *fazer para*, enunciado bastante presente nos discursos a respeito do projeto. Parece haver, portanto, um protagonismo do movimento social que é inovador e mobiliza outros atores e coletivos, entre eles a própria Fiocruz, impactando na memória e na forma como a instituição e esses coletivos se pensam.

Algumas questões centrais que passaram a orientar o percurso deste estudo dizem respeito ao entendimento da relevância das relações afetivas e institucionais entre a Fiocruz e os demais atores envolvidos para a proposição e realização do *Conexão Saúde*, buscando compreender ainda como o contexto de crise propiciou e impactou essa iniciativa. Outro ponto fundamental é a compreensão de em que medida o discurso institucional e de outras mídias atuou na conformação de expectativas, resultados e desdobramentos acerca do projeto.

⁹ Esse vídeo também será objeto de análise na presente pesquisa no capítulo 5, seção 5.2.1 – Vídeo de divulgação “Fiocruz na pandemia – *Conexão Saúde*”.

O corpus de análise da pesquisa envolveu materiais textuais e audiovisuais de divulgação oficiais, publicações em redes sociais, matérias de imprensa e eventos presenciais e virtuais (audiovisuais). Por se tratarem de materiais que divulgam o projeto, possuem, em geral, uma tendência discursiva laudatória à iniciativa, o que considero parte da ação pelo discurso que visa atualizar a memória social sobre os grupos envolvidos na iniciativa, como veremos ao longo do presente estudo. Esses materiais, que trazem discursos e manifestações oficiais de porta-vozes do projeto *Conexão Saúde*, serão analisados a partir da abordagem sócio-interacional do discurso, que pressupõe o entendimento da linguagem em uso, em seu contexto situado, em práticas de linguagem que envolvem elementos linguísticos e não linguísticos, bem como interpretações e inferências produzidas pelos interlocutores em ação. Nestas práticas situadas de linguagem, os sentidos são negociados entre os atores, sem deixar de considerar o contexto sócio-histórico maior, que informa essas práticas (Heritage; Clayman, 2010; Gee, 1999; Rampton, 2017; Hanks, 2008). Assim, a linguagem é aqui abordada como prática social e forma de constituição, e não mera representação, da realidade, possuindo um efeito performativo, de ação e com efeitos na realidade e no mundo, sendo a comunicação um constructo compartilhado entre ouvinte e falante (Austin, 1990; Butler, 1997).

As discussões aqui empreendidas localizam-se no campo de estudos da memória social, que exige posicionamentos éticos e políticos frente à perspectiva de análise a ser adotada, dado que o conceito da memória permite significações diferentes e não equivalentes (Gondar, 2016). Entendo a memória em seu potencial de transformação social, como um processo em construção no presente, que atualiza o passado visando a construção de projetos de futuro, entendidos como conduta organizada para atingir finalidades específicas, tendo na dimensão sociocultural a limitação ao campo de possibilidades para sua formulação e implementação (Gondar, 2016; Velho, 1994). Considerando o objeto da presente pesquisa, investigarei a memória em seu potencial de liberdade e criação em um momento de crise em que o intervalo de indeterminação posto entre as necessidades de atenção à saúde não atendidas de uma população especialmente vulnerabilizada do Rio de Janeiro e a resposta criada em parceria com a Fiocruz parece ter sido ocupado por antecipações futuras, retenções passadas e afetos que possibilitaram a proposição do projeto *Conexão Saúde*. Acredito que esse processo tem o potencial de atualizar a memória institucional e coletiva sobre a Fiocruz e a dos territórios da Maré e de Manguinhos, bem como seus projetos de futuro e utopias,

entendidas estas como um movimento que vai do futuro ao passado para imaginar novos mundos (Bergson, 2010; Maciel Junior, 2017; Gondar, 2020; Sousa, 2022).

Alinhada à perspectiva de uma ciência que não pode se contentar em estudar passivamente temas da cultura, pois ela tem a obrigação de intervir e se engajar (Guatarri, 1992, p. 6), considero que o combate a uma pandemia deve se dar em várias dimensões, especialmente considerando seu desigual impacto em diferentes grupos sociais. O campo da memória é uma dessas arenas em que os significados devem ser construídos e acionados por meio de discursos, entendidos enquanto ação no mundo (Gee, 1999; Heritage; Clayman, 2010). Assim, nosso posicionamento é de que é preciso que a “marca invisível do SUS” (Xavier; Narvai, 2015) e das instituições que atuam em defesa da vida, como é o caso da Fiocruz, sejam reconhecidas e permanentemente reivindicadas por meio de discursos circulantes na memória coletiva. É, portanto, com este engajamento que nos propomos a investigar a atuação da Fiocruz junto a grupos vulnerabilizados da sociedade no contexto do *Conexão Saúde*.

Para esta tese, organizo os capítulos da seguinte maneira. Após esta introdução, o capítulo 2 (FIOCRUZ E SUAS AÇÕES NA PANDEMIA JUNTO ÀS POPULAÇÕES VULNERABILIZADAS) apresentará a Fiocruz, sua trajetória e a atuação no período da pandemia de Covid-19, abordando ainda as relações desta instituição com os territórios de Maré e Manguinhos e apontando alguns projetos de futuro desta instituição, vinculados ao Sistema Único de Saúde, que dialogam com as ações realizadas por meio do projeto *Conexão Saúde*. Em seguida, o capítulo 3 (PROJETO “CONEXÃO SAÚDE”: APRESENTAÇÃO E QUESTÕES METODOLÓGICAS PARA DEFINIÇÃO DO *CORPUS*) apresentará este projeto, suas linhas de ação e participantes, além de abordar a cartografia como metodologia de pesquisa e os caminhos que me levaram à definição do *corpus* de análise do projeto. O capítulo 4 (MEMÓRIA, DISCURSO, AFETOS E CRIAÇÃO EM CONTEXTOS DE CRISE E INDETERMINAÇÃO) traz as principais perspectivas teóricas que sustentarão a discussão da memória, da linguagem e do discurso possibilitando a criação em um contexto de crise, ocupando espaços de indeterminação com afetos que atuam na construção de utopias, trazendo aspectos da linha sócio-interacional de análise de discurso, a ser adotada nos capítulos seguintes. No capítulo 5 (ANÁLISE DE DISCURSOS SOBRE O CONEXÃO SAÚDE: AFETOS EM MOVIMENTO PARA SONHAR O FUTURO E ATUALIZAR OS POSSÍVEIS) iniciamos a análise dos

discursos a respeito do *Conexão Saúde*, especificamente daqueles proferidos em momentos iniciais do projeto, que trazem as expectativas com seu lançamento, e dos que repercutem seus resultados, finalizando o capítulo com uma discussão a respeito dos afetos mobilizados para a viabilização e execução do projeto em um contexto de crise. No capítulo 6 (DESDOBRAMENTOS DA CONEXÃO: DISCURSOS, CRIAÇÃO DE METÁFORAS E TRANSFORMAÇÕES DE PRÁTICAS PARA ESPERANÇAR UTOPIAS) seguimos analisando discursos sobre o *Conexão*, focando naqueles que se referem à avaliação do projeto e de alguns de seus importantes desdobramentos, discutindo ainda sobre metáforas criadas no período que atuaram estrategicamente na construção das utopias desejadas e finalizando com reflexões a respeito da atualização de discursos e na transformação de práticas institucionais a partir dessa experiência. Finalizo essa tese com o capítulo 7 (MEMÓRIA ATUALIZADA: CONSIDERAÇÕES EM MOVIMENTO PARA FIOCRUZ, MARÉ E MANGUINHOS), em que faço considerações sobre como a relação dos atores envolvidos com o *Conexão* atualizou a memória coletiva, em uma construção que segue em curso, apontando ainda caminhos para a continuidade e aprofundamento da pesquisa aqui empreendida.

2 –A FIOCRUZ E SUAS AÇÕES NA PANDEMIA JUNTO ÀS POPULAÇÕES VULNERABILIZADAS

Para melhor compreensão da Fiocruz e de sua atuação junto às populações em situação de vulnerabilidade no contexto do combate à pandemia de Covid-19, a proposta deste capítulo é situar o lugar singular por ela ocupado no campo das instituições públicas brasileiras voltadas à pesquisa, ensino, assistência e produção para a saúde pública. Este caminhar no tempo e na trajetória da instituição não se dá de forma desinteressada, pois não creio que tal feito seja possível ou mesmo desejável. De início, assumo um olhar orientado, comprometido com projetos de futuro (Velho, 1994) relacionados à defesa do direito pleno à saúde e à cidadania, partilhados entre mim e a instituição. Outro entendimento partilhado é o de que a Fiocruz é um patrimônio da sociedade brasileira¹⁰, entendido não como mera herança do passado, mas sim como algo cuja propriedade contínua desde o passado deve ser constantemente reivindicada por um determinado coletivo, que o considera como sendo seu (Davallon, 2015).

Atuando profissionalmente há 18 anos na Fiocruz, sendo 15 destes na Casa de Oswaldo Cruz, unidade que se ocupa da história e da memória da instituição e da saúde pública brasileira, a leitura que proponho sobre essa instituição está profundamente marcada por determinado *habitus* (Bourdieu, 1990), entendido como um sistema de disposições sociais adquiridas, corporificadas em valores e normas que afetam a forma do indivíduo de perceber, pensar e agir, como uma segunda natureza que, se não determina, certamente orienta e informa sua visão. Longe de ser uma debilidade do trabalho – apesar de certamente trazer armadilhas –, considero minha vinculação objetiva e afetiva à instituição como uma marca do posicionamento ético e político que caracteriza as reflexões no campo da memória social (Gondar, 2016). Buscarei a objetividade na justa medida de uma ciência que não se contenta em estudar passivamente temas da cultura, tendo a obrigação de intervir e se engajar (Guatarri, 1992). Esta visão de ciência é mais um elemento partilhado com a instituição em estudo. Índícios desse posicionamento institucional estão nos valores declarados pela instituição, tais como o compromisso com metas de transformação social do Estado

¹⁰ A utilização do termo “patrimônio da sociedade brasileira” é uma construção discursiva que ganhou força especialmente com as comemorações dos 120 anos da Fiocruz, em 2020, compondo, inclusive, a logo comemorativa para a ocasião: <https://120anos.fiocruz.br/> Acesso em: maio 2024. Além disso, em agosto de 2021, a Fiocruz foi a primeira instituição a receber, junto com o Butantan, o título de “Patrimônio Nacional da Saúde”, instituído pela lei 14.196/2021. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2019-2022/2021/lei/L14196.htm Acesso em: março/2024

brasileiro, assim como sua missão, que coloca a produção de conhecimentos como caminho para contribuir para a qualidade de vida da população brasileira e para a redução das desigualdades sociais, tendo a defesa do direito à saúde e da cidadania ampla como valores centrais.¹¹

Ora examinando o passado, ora observando ações presentes, me deslocarei livremente no tempo para fazer esta reflexão sobre a trajetória da Fiocruz. Seguirei o fluxo que a reflexão sobre o objeto em análise me motiva, trazendo pistas para desvelar uma pequena parte dessa ciência em ação (Latour, 2000), em que uma série de fatores sociais, políticos, técnicos e econômicos impactam o fazer científico, que vai muito além de cientistas em seus laboratórios, desenvolvendo e produzindo vacinas, face que nos parece a mais visível da atuação presente, e talvez geral, da Fiocruz para a sociedade. Esse percurso possível sobre a Fiocruz não tem pretensão totalizante, nem poderia, dado o exíguo espaço que ocupará nesta pesquisa. Tampouco possui caminhos definidos ou marcos obrigatórios. Entendo o trabalho da memória, inclusive a institucional, campo no qual localizo a presente reflexão, como um olhar para o passado que viabiliza a ação e a intervenção no presente, por meio de reconstruções e interpretações permanentes, marcadas por lembranças e esquecimentos profundamente interessados na construção de projetos de futuro desejáveis (Gondar, 2016).

Com inspiração no proposto por Deleuze e Guatarri, adotarei aqui, como em outros momentos do presente estudo, a cartografia como método, entendendo a reflexão sobre o que representa a Fiocruz como uma ação com entradas múltiplas, que se dará a partir de movimentos e direções movediças, que mudam à medida em que aumentam as conexões da trajetória da Fiocruz com o tema em investigação (Deleuze; Guatarri, 1995, p. 31). Essa reflexão é parte da rede de inter-relações que se afeta, intervém e constrói o cenário em estudo, e pretende auxiliar na compreensão sobre a atuação da Fiocruz junto aos seus territórios vizinhos e outros atores da sociedade no contexto da pandemia de Covid-19.

2.1 Recorte no tempo presente: a Fiocruz na pandemia de Covid-19

A Fundação Oswaldo Cruz é uma instituição da administração pública federal indireta, vinculada ao Ministério da Saúde, que atua no campo da ciência e tecnologia

¹¹ Missão e valores da instituição estão disponíveis em: <https://portal.fiocruz.br/perfil-institucional>. Acesso em: maio 2024.

em saúde por meio da produção, disseminação e compartilhamento de conhecimentos e tecnologias voltadas para o fortalecimento e a consolidação do SUS. A vinculação e compromisso das atividades da Fiocruz com o SUS está hoje declarada em sua missão¹², o que só foi possível com a saúde se tornando obrigação do Estado e direito de todos, a partir da promulgação da constituição de 1988. As principais bases que desencadearam a criação do SUS, formalizado pela lei 8.080 de 1990, foram estabelecidas na 8ª Conferência Nacional de Saúde (CNS), realizada em 1986, com liderança do então presidente da Fiocruz Antônio Sérgio da Silva Arouca, líder do movimento pela reforma sanitária, “um movimento que, batizado como sanitário, confunde-se com o próprio processo de luta contra a ditadura e abertura democrática” (Paiva; Teixeira, 2014). O relatório dessa Conferência, que pela primeira vez, em sua oitava edição, contou com a presença de representantes de diferentes setores da sociedade, deu origem ao texto legal que possibilitou o estabelecimento deste sistema público, universal e descentralizado de saúde, que coloca a saúde como direito de todos, e obrigação do Estado brasileiro. O SUS tem entre seus princípios e diretrizes a universalidade, que supõe o direito à saúde para todos, com acesso em todos os níveis de assistência; a equidade¹³, que se refere ao atendimento de coletividades de acordo com suas necessidades, diminuindo as desigualdades, baseado originalmente na noção de igualdade da assistência em saúde, sem preconceitos ou privilégios de qualquer ordem; a integralidade, que prevê ações e serviços preventivos e curativos, com a promoção da saúde, a prevenção de doenças, o tratamento e a reabilitação, em todos os níveis do sistema (atenção primária, secundária e terciária, de baixa, média e alta complexidade, respectivamente); a descentralização, que se refere à distribuição de poder político, responsabilidades e recursos da esfera federal para a estadual e municipal; a regionalização/territorialização e hierarquização, que orienta que a organização do SUS deve focar nas questões do território, onde se determinam perfis populacionais, indicadores epidemiológicos, condições de vida e suporte social,

¹² A missão da Fiocruz é “Produzir, disseminar e compartilhar conhecimentos e tecnologias voltados para o fortalecimento e a consolidação do Sistema Único de Saúde (SUS) e que contribuam para a promoção da saúde e da qualidade de vida da população brasileira, para a redução das desigualdades sociais e para a dinâmica nacional de inovação, tendo a defesa do direito à saúde e da cidadania ampla como valores centrais”. (Aprovada no VI Congresso Interno da Fiocruz)

¹³ A equidade não aparece nos textos legais que criam e regulamentam o SUS, sendo um entendimento posterior de que apenas o princípio da igualdade não daria conta das diferenças presentes nas diversas regiões do país. Assim, prevê a ideia de tratar desigualmente o desigual, procurando investir onde a iniquidade é maior (Matta, 2007).

norteando áreas e serviços de saúde de uma região, hierarquizados pelos níveis de complexidade requerida pelas necessidades de saúde das pessoas; e a participação da comunidade, regulamentada em instâncias de formulação e participação permanentes para acompanhamento de políticas relacionadas ao SUS (Arouca, 2003; Paim, 2009; Paiva; Teixeira, 2014; Matta, 2007).

O relatório final do I Congresso Interno da Fiocruz¹⁴, realizado em julho 1988, já traz indícios de como esta instituição assumiu a responsabilidade e o desafio de viabilizar a formação de recursos humanos para dar atendimento à proposta da 8ª CNS, da saúde como direito de todos, princípio que viria a ser incorporado à Constituição Federal, promulgada em outubro do mesmo ano. Aponta esse relatório, como um problema para a Política Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico:

A complexidade crescente do objeto "saúde", em função do acelerado desenvolvimento do conhecimento nesta área, dos **novos patamares de responsabilidade política e técnica dos egressos do sistema de ensino da FIOCRUZ, e do crescimento da abrangência da noção de "direito à saúde" enquanto responsabilidade do Estado, desde às condições estabelecidas na 8ª Conferência Nacional de Saúde** [grifo nosso], até os novos dispositivos constitucionais sobre a matéria” (Fiocruz, 1988, p. 8).

Já no documento final de seu II Congresso Interno, de janeiro de 1994, primeira edição do evento realizada após a criação do SUS, a Fiocruz faz menção a uma “vocação histórica de instituição de ponta nas áreas de Saúde e Ciência e Tecnologia” para declarar que a instituição “deve assumir um lugar de destaque e referência do Sistema Único de Saúde” (Fiocruz, 1994, p. 2). Assim, com sua missão atrelada ao fortalecimento e consolidação do SUS, a Fiocruz desenvolve hoje atividades de ensino e formação em nível técnico e de pós-graduação, além de pesquisa, produção e assistência em saúde, por meio de unidades e escritórios localizados em 10 estados brasileiros, além de um escritório internacional. Como fundação pública de direito público, tem suas receitas oriundas de dotações do orçamento geral da União, além de convênios, parcerias, captação de recursos e geração de recursos próprios, a partir do desenvolvimento tecnológico, inovação e produção em saúde, notadamente de vacinas e medicamentos.¹⁵

¹⁴ O Congresso Interno da Fiocruz é a instância máxima para a definição de ideias e deliberação de diretrizes centrais que orientam os próximos anos de atuação da instituição. No evento, essas ideias e diretrizes, organizadas em um documento, são debatidas, sendo aprovadas ou rejeitadas por meio de votação, e as decisões compõem um relatório final. Têm direito a voto delegados eleitos em cada uma das unidades da Fiocruz, para que possam representá-las nas discussões e votações do Congresso Interno.

¹⁵ Definições presentes no estatuto da Fiocruz, formalizado pelo Decreto 8.932/2016, revogado pelo Decreto 11.228/2022: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2019-2022/2022/Decreto/D11228.htm#art6 Acesso em: maio/2024

Proponho começar a abordagem sobre a trajetória desta instituição por um olhar sobre o momento em que se iniciou a presente pesquisa, em que a Fiocruz se encontrava em evidência por seu protagonismo no combate à pandemia de Covid-19. Em um período de crise de saúde pública, como o da pandemia iniciada nos anos 2020, seria de se esperar que investimentos públicos fossem direcionados a este campo no país. Entretanto, chama atenção o cenário adverso encontrado pelas instituições públicas brasileiras, com um governo federal, então sob o comando de Jair Messias Bolsonaro, francamente hostil ao campo científico, tendo promovido severos cortes nos investimentos em ciência e tecnologia no país no período¹⁶, além de protagonizar discursos muitas vezes contraditórios face às orientações das autoridades sanitárias e científicas nacionais. Um exemplo anedótico, que ilustra o tamanho do contrassenso do mandatário da presidência do país à época, foi sua afirmação de que as pessoas que tomassem a vacina contra Covid-19, a mesma que foi aprovada pelas autoridades sanitárias nacionais, teriam que assumir riscos, e que se “virassem jacaré” não poderiam reclamar com o presidente¹⁷. A instabilidade política que levou a modificações constantes na gestão da pasta do Ministério da Saúde (Motta, 2021) ao longo da pandemia, que contou com 4 mudanças de ministro no período, por motivações que passaram por desacordos em relação às orientações do presidente Bolsonaro e/ou por incompetência na condução da política sanitária contra a Covid-19, foi outro dos enormes desafios encontrados pela Fiocruz. Esta se posiciona como uma instituição estratégica de Estado, estando para além de voluntarismos de governos, e conseguiu seguir em seus princípios e ampliar suas ações mesmo nesse cenário, mas não sem tensões e temores relativos a intervenções sobre sua autonomia interna.

Exemplo desse clima, em situação que me proponho a relatar brevemente nesta pesquisa, foi a realização do processo eleitoral para a presidência da Fiocruz realizado em novembro de 2020. Este ocorreu sob forte mobilização interna, dada a experiência

¹⁶ A esse respeito, a Fiocruz se posicionou via nota de seu Conselho Deliberativo em abril de 2019, alertando para os riscos que os cortes no orçamento do Ministério da Ciência, Tecnologia, Inovações e Comunicações (MCTIC) determinados pelo decreto 9.741/2019 representavam ao enfrentamento dos problemas de saúde pública e de garantia da sustentabilidade do SUS (Fiocruz, 2019b). Antes disso, em outubro de 2016, a Fiocruz já se manifestara sobre os riscos da Proposta de Emenda à Constituição 241, aprovada sob o governo de Michel Temer como Emenda Constitucional 95, que trouxe o congelamento de gastos públicos por 20 anos, fixando gastos em ciência no Brasil em um valor já defasado em relação às necessidades nacionais (Fiocruz, 2016).

¹⁷ Essa declaração deu origem a várias manifestações populares no período, com grande parte da sociedade se declarando ansiosa para receber a vacina e “virar jacaré”. Vídeo da declaração presidencial: <https://www.youtube.com/watch?v=IBCXkVOEH-8> Acesso em: março 2024. Matéria sobre as manifestações populares em: Mengue (2021).

com o processo eleitoral anterior, realizado em 2016, sob o governo do então presidente Michel Temer. Neste processo, houve ameaças por parte do governo federal de não nomear Nísia Trindade, que hoje ocupa o cargo de Ministra da Saúde do governo Lula e que foi, neste pleito de 2016, a primeira colocada na lista tríplice definida por meio de eleição realizada na Fiocruz. Nísia é doutora em Sociologia, mestre em Ciência Política e atuava na instituição desde os anos 1987, quando se integrou ao quadro de pesquisadores da unidade Casa de Oswaldo Cruz, onde ocupou o cargo de diretora. No momento anterior à eleição, Nísia ocupava o cargo de vice-presidente de Ensino, Informação e Comunicação da Fiocruz. Apesar de sua consistente trajetória e validação interna confirmada pelo resultado no processo eleitoral da instituição, sua nomeação para a presidência foi garantida apenas após forte reação e manifestação da comunidade Fiocruz e de parceiros da sociedade frente às ameaças de nomeação da segunda colocada na referida eleição¹⁹. O temor de que a democracia interna da Fiocruz fosse desrespeitada encontrava paralelos em momento ainda mais próximo, com reitores de universidades federais eleitos não sendo empossados pelo novo governo federal, já sob o comando de Jair Bolsonaro (Palhares, 2020).

Ao longo do processo eleitoral de 2020, foram realizadas intensas campanhas para a demonstração do apoio da comunidade interna e externa à Fiocruz para a reeleição de Nísia Trindade²¹. O pleito do ano de 2020 teve quatro candidatos e resultou em uma lista tríplice formada por profissionais que se comprometeram publicamente a não aceitar a indicação de outro candidato para ocupar a presidência da instituição que não o primeiro colocado no processo eleitoral interno. Apesar dos temores, e talvez pela mobilização, força e visibilidade da Fiocruz no período, devido a sua atuação na pandemia, principalmente na questão da vacinação, o processo foi finalizado sem as declaradas ameaças do anterior, com a primeira colocada da lista tríplice, Nísia

¹⁹ Algumas matérias e manifestações sobre o tema: FIOCRUZ se manifesta contra desrespeito à eleição para presidente da instituição. Agência Brasil, Brasília, 30 dez. 2016. Disponível em: <https://agencia-brasil.jusbrasil.com.br/noticias/417334707/fiocruz-se-manifesta-contradesrespeito-a-eleicao-para-presidente-da-instituicao> Acesso em: maio 2024.; FIOCRUZ pede a Temer que nomeie vencedora de eleição da instituição. O Globo, Rio de Janeiro, 2 de jan. 2017. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/saude/ciencia/fiocruz-pede-temer-que-nomeie-vencedora-de-eleicao-da-instituicao-20721812> Acesso em: maio 2024; ABAIXO assinado “Presidente Temer, queremos que Nísia Trindade Lima seja nomeada Presidente da Fiocruz”. Disponível em: <https://www.change.org/p/presid%C3%Aancia-da-rep%C3%BAblica-presidente-temer-quermos-que-n%C3%ADsia-trindade-lima-seja-nomeada-presidente-da-fiocruz-98b0b7ce-fl126-4062-ab07-ddf257f1654c> Acesso em: maio 2024.

²¹ Algumas dessas manifestações podem ser conferidas no site da campanha de Nísia Trindade para a presidência da Fiocruz. Disponível em: <https://nisia2021.fiocruz.br/depoimentos> Acesso em: agosto/2022.

Trindade, sendo empossada para mais 4 anos de mandato na presidência da instituição, em janeiro de 2021. Assim, dissipou-se, temporariamente, esta sombra de uma intervenção na autonomia institucional em tempos adversos de relações com o governo federal.

Neste mesmo contexto, no ano de 2020, conflagra-se a pandemia de Covid-19, trazendo como face mais visível das atividades da Fiocruz sua atuação na produção e controle de qualidade de vacinas, a partir de contrato de encomenda tecnológica e transferência de tecnologia com a Astrazeneca/Oxford, relativos à produção da vacina Covid-19 pela Fiocruz. Entretanto, sua atuação nesse contexto contempla uma série de outras ações menos conhecidas pela sociedade como um todo. A instituição atuou na produção e no processamento de testes diagnósticos; na construção e operação de um centro hospitalar para atendimento aos pacientes graves acometidos pela doença; na pesquisa, produção de evidências científicas, análises, notas técnicas, boletins e informações para esclarecimento da população e orientação de políticas públicas; no treinamento de profissionais, tendo seu laboratório de Vírus Respiratórios e do Sarampo do Instituto Oswaldo Cruz sido nomeado Laboratório de Referência da Organização Mundial da Saúde (OMS) para Covid-19 nas Américas; na coordenação brasileira do ensaio clínico Solidariedade (*Solidarity*) da OMS, para investigar a eficácia de tratamentos para a Covid-19, entre outras ações²².

Nesse amplo espectro de outras ações, destacamos as parcerias estabelecidas para atenção às populações em situação de vulnerabilidade. Nesta linha, entre algumas ações de informação e comunicação em saúde junto a esses grupos, encontramos: a campanha 'Se liga no corona', ação de comunicação comunitária em favelas que inclui a produção de radionovelas, *spots* para carros de som, peças e vídeos para mídias sociais e cartazes digitais, disponíveis para *download* no Portal Fiocruz e nos sites dos coletivos que participam; a iniciativa do selo 'Fiocruz tá junto', que validou conteúdos de materiais de comunicação produzidos por esses grupos; o informativo “Radar Covid-19, Favelas”²³, produzido no âmbito da Sala de Situação Covid-19 nas Favelas do Rio de Janeiro, vinculada ao Observatório COVID-19 da Fiocruz, com base no monitoramento ativo (vigilância de rumores) de fontes não oficiais nas favelas do Rio

²² Essas e outras ações da Fiocruz no contexto da pandemia de Covid-19 estão sistematizadas em alguns sites vinculados ao seu Portal, tais como <https://portal.fiocruz.br/Covid19> e <https://portal.fiocruz.br/observatorio-covid-19> Acesso em: maio 2024

²³ Listagem de edições dos boletins disponível em: <https://portal.fiocruz.br/noticia/confira-todas-edicoes-do-radar-covid-favelas> Acesso em: maio 2024

de Janeiro; e a publicação do Boletim Socioepidemiológico da Covid-19 nas Favelas²⁴, com a análise da frequência, incidência, mortalidade e letalidade por Covid-19 nas favelas cariocas, utilizando dados oficiais disponibilizados pela prefeitura do Rio de Janeiro em seu painel de Informações sobre Covid-19²⁵, bem como dados produzidos pelos movimentos sociais e unidades básicas de saúde sobre a situação da Covid nas favelas.

Importante marco que representa, ainda no início do período pandêmico, a manifestação do compromisso da Fiocruz no campo das favelas foi o lançamento da “Chamada Pública para Apoio a Ações Emergenciais junto a populações vulneráveis”, em abril de 2020. Com recursos provenientes de doações feitas à instituição para aplicação em ações humanitárias, o edital possibilitou financiar ações de enfrentamento da pandemia comandadas por organizações e coletivos de favelas, totalizando 145 ações que receberam orçamentos entre 10, 25 e 50 mil reais em 2020, totalizando 600 mil reais, além de mais 6 projetos complementares em 2021, financiados pelo Serviço Social do Comércio (SESC), em parceria posterior.²⁶ A Fiocruz lançou também, em março de 2021, uma segunda chamada pública, a “Chamada Pública para Apoio a Ações Emergenciais de Enfrentamento à COVID19 nas Favelas do Rio de Janeiro”, que faz parte do Plano de Enfrentamento à Covid-19 nas Favelas do Rio de Janeiro²⁷, dessa vez com recursos oriundos de um Fundo Especial da Assembleia Legislativa do Rio de Janeiro (Alerj) à Fiocruz, que aprovou 104 projetos que poderiam receber um total de até R\$ 15.450.000,00. No primeiro momento, foram selecionados 41 projetos com o montante de R\$ 4.500.000,00 para início imediato das ações.²⁸ Em fevereiro de

²⁴ Matéria sobre o lançamento do referido boletim: FIOCRUZ lança Boletim Socioepidemiológico da Covid-19 nas Favelas. Portal Fiocruz, Rio de Janeiro, 13 jul. 2020. Disponível em: <https://portal.fiocruz.br/noticia/fiocruz-lanca-boletim-socioepidemiologico-da-covid-19-nas-favelas>

Acesso em: março/2024

²⁵ A primeira edição do boletim pode ser conferida em: https://portal.fiocruz.br/sites/portal.fiocruz.br/files/documentos/boletim_socioepidemiologicos_covid_nas_favelas_1.pdf Acesso em: maio 2024

²⁶ Mais informações sobre a referida chamada pública em: <https://portal.fiocruz.br/chamada-publica-para-apoio-aco-es-emergenciais-junto-populacoes-vulneraveis> Acesso em: março/2024

²⁷ O Plano de Enfrentamento à Covid-19 nas Favelas do Rio de Janeiro é resultado de um esforço interinstitucional envolvendo a Fiocruz, a UFRJ, a Uerj, a Pontifícia Universidade Católica (PUC-Rio), a Associação Brasileira de Saúde Coletiva (Abrasco), sindicatos de profissionais das áreas de saúde e assistência social, bem como organizações baseadas em favelas. Mais informações na reportagem: PLANO Fiocruz de Enfrentamento à Covid-19 nas favelas do Rio completa dois anos. Portal Fiocruz, Rio de Janeiro, 07 jun. 2023. Disponível em: <https://portal.fiocruz.br/noticia/plano-fiocruz-de-enfrentamento-covid-19-nas-favelas-do-rio-completa-dois-anos> Acesso em: maio 2024

²⁸ Foi realizado, em julho de 2022, um evento para apresentar alguns resultados destes primeiros projetos aprovados nesta chamada pública, o evento “54x Favela - Parcerias em defesa da vida”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=wBij2gA1NK8> Acesso em: maio/2024

2022, a Fiocruz anunciou o investimento de mais R\$ 1 milhão destinado a outros 17 projetos aprovados. Em junho de 2023 foi feito novo aporte de 13,6 milhões²⁹. Entre agosto de 2021 e dezembro de 2023 a Fiocruz já tinha repassado R\$ 15,5 milhões para 90 organizações sociais. Outros R\$ 5 milhões fazem parte do investimento que será feito em 2024. O Plano deve ainda ampliar sua base de atuação, pois a Alerj aprovou, em 14 de dezembro de 2023, a destinação de mais R\$ 25 milhões ao projeto³⁰.

Na presente pesquisa, analisaremos mais detidamente uma ação específica em que a Fiocruz foi coparticipante, o projeto chamado *Conexão Saúde: de olho na Covid*. Este propôs um modelo de atenção e vigilância ativa em saúde realizado em parceria entre atores governamentais, sociedade civil e territórios de favela da Maré e de Manguinhos, duas das várias comunidades da cidade do Rio de Janeiro, identificadas por organismos nacionais e internacionais como “áreas subnormais”. Esta definição é creditada ao IBGE no livro “Cooperação Social – Fiocruz”, publicação que traz sua própria definição para territórios socioambientalmente vulnerabilizados, compreendidos como aqueles “marcados por uma construção histórica de desigualdades sociais; pela ausência ou ineficiências de políticas públicas; pela suspensão de direitos civis e pela degradação ambiental” (Fiocruz, 2019). Segundo Fernandes e Costa (2013), a denominação ‘subnormal’ foi incorporada pelo IBGE para definir áreas dispostas de forma desordenada e densa e, em geral, carentes de serviços públicos essenciais, o que marca a distinção entre áreas de normalidade e anormalidade, reafirmando estas últimas como zonas de exclusão. Ainda os autores afirmam que:

As denominações que buscam substituir a terminologia 'favela' como 'comunidade', 'complexo' e classificações como 'grupamentos' ou 'aglomerados subnormais' e também 'bairro' tentam, na realidade, criar novas conotações para o termo, pouco contribuindo para mudanças significativas [...] A palavra ‘complexo’ significa um agrupamento de favelas e foi inicialmente aplicada por órgãos policiais, mas também é utilizada no Programa de Aceleração de Crescimento (PAC/Manguinhos), apesar de não ser empregada pelos moradores em geral, ao menos em Manguinhos (Fernandes; Costa, 2013, p. 118-119).

²⁹ Mais informações sobre o repasse na reportagem: SODRÉ, Leonardo. Fiocruz convoca novos projetos para promoção da saúde nas favelas do Rio”. Portal Fiocruz, Rio de Janeiro, 13 jun. 2023. Disponível em: <https://portal.fiocruz.br/noticia/fiocruz-convoca-novos-projetos-para-promocao-da-saude-nas-favelas-do-rio> Acesso em: maio 2024

³⁰ Mais informações sobre os novos investimentos do Plano na reportagem: FIOCRUZ lança chamada pública voltada a organizações sociais. Fiotec, Rio de Janeiro, 19 dez. 2023. Disponível em: <https://www.fiotec.fiocruz.br/noticias/projetos/8378-fiocruz-lanca-chamada-publica-voltada-a-organizacoes-sociais> Acesso em: maio 2024

O campus sede da Fiocruz se localiza no bairro de Manguinhos, na zona Norte da cidade do Rio de Janeiro, que abriga também o território de favelas de Manguinhos. Separado pela via expressa de nome Avenida Brasil, está o terreno ocupado pela instituição desde os anos 1990 e que, até 2021, era conhecido como Expansão do Campus. No referido ano, foi anunciada a mudança de seu nome para Campus Maré, em alusão ao bairro da Maré, formado por 16 favelas, vizinho da antes nomeada Expansão. Este anúncio se deu no contexto da doação formal deste terreno pela União à Fiocruz³¹. Posteriormente, o nome completo do campus sede da Fiocruz no Rio de Janeiro foi alterado, de maneira a dar destaque à integração entre os dois territórios: antes conhecido como Campus Fiocruz Manguinhos, ou simplesmente Campus Manguinhos, agora sua denominação oficial é Campus Manguinhos-Maré. No terreno mais próximo a Maré, o intuito é ampliar as instalações da Fiocruz, o que foi iniciado com a inauguração, em 2021, de um Biobanco, infraestrutura criada para o armazenamento seguro, confiável, ético, legal e rastreável de amostras humanas e não-humanas (vírus) relacionadas à Covid-19 e ao coronavírus Sars-Cov-2 e suas variantes de interesse para pesquisas, desenvolvimentos tecnológicos e inovação³². Também passou a ocupar o espaço o “Centro de pesquisa, inovação e vigilância em Covid-19 e emergências sanitárias - Pavilhão Luiz Fernando Ferreira”, projeto financiado pelo Ministério da Saúde que teve suas obras concluídas em novembro de 2022, e a migração dos laboratórios realizada entre dezembro de 2022 e agosto de 2023. Estão previstas ainda ações de revitalização da área para melhorar as condições de urbanização e segurança, ofertar estruturas e serviços de alimentação, áreas para atividades físicas e educacionais e instalações para saúde do trabalhador.³³

³¹ Portaria que efetiva a doação disponível em: <https://www.in.gov.br/web/dou/-/portaria-seddm/spu/men-11.521-de-23-de-setembro-de-2021-349992484> Acesso em: maio 2024

³² Mais informações sobre o Biobanco Fiocruz Covid-19 em: <https://portal.fiocruz.br/biobanco-covid-19-da-fiocruz> Acesso em: maio 2024

³³Notícia sobre o tema: FIOCRUZ receberá doação de terreno no Rio de Janeiro para ampliar pesquisas. CCS/Fiocruz, Rio de Janeiro, 13 out. 2021. Disponível em: <https://agencia.fiocruz.br/fiocruz-recebera-doacao-de-terreno-no-rio-de-janeiro-para-ampliar-pesquisas> Acesso em: maio 2024



Imagem 1: Visão aérea do Campus Manguinhos-Maré. A Fiocruz ocupa os trechos contidos pelas circunferências laranjas. Manguinhos está contido pelas linhas amarelas; parte da Maré que aparece na imagem, pela linha verde. A linha azul marca trecho da Avenida Brasil que separa os espaços ocupados pelo Campus. Fonte: adaptação da autora a partir de imagem do site “Teias Fiocruz” e do site da MultiRio³⁴.

2.2 Um salto no tempo: a trajetória da Fiocruz e sua vinculação com a sociedade e com os territórios da Maré e Manguinhos

A vinculação entre a Fiocruz e os territórios que leva junto ao nome de seu Campus sede não é recente, bem como seu compromisso com a construção de um projeto de nação que contemplasse uma saúde pública de alcance nacional, numa visão da ciência e da instituição a serviço da sociedade, respondendo a suas demandas. Farei agora um longo salto no tempo para traçar uma possível trajetória da Fiocruz, com um olhar ao passado marcado pelo presente e interessado em projetos de futuro, conforme a perspectiva de memória adotada no presente estudo.

Em 1900, no então afastado território conhecido como “Fazenda de Manguinhos”, num terreno próximo a incineradores de lixo, se estabeleceu o Instituto Soroterápico Federal, que posteriormente levou os nomes de Instituto de Patologia Experimental de Manguinhos (1907), Instituto Oswaldo Cruz (1908), Fundação Instituto Oswaldo Cruz (1970) e, finalmente, Fundação Oswaldo Cruz (1974) (Costa;

³⁴ Disponível em: <http://andromeda.ensp.fiocruz.br/teias/mapas-o-territorio> Acesso em: março/2024
https://www.multirio.rj.gov.br/images/img_2015_08/mare_dentro.jpg Acesso em: maio 2024

Pessoa, 2003). A instituição tem o nome do cientista Oswaldo Cruz, patrono e protagonista de seus primeiros anos de trajetória institucional. Este personagem se notabilizou por combater e debelar as epidemias de peste bubônica, febre amarela e varíola no Rio de Janeiro no início do século XX, ações que motivaram a criação da Fiocruz, especialmente pela necessidade de fabricação de soros e vacinas contra a peste bubônica.

Além de diretor do que viria a ser a Fiocruz, Oswaldo Cruz se tornou, em 1903, diretor-geral da Saúde Pública, órgão responsável pelo combate e controle a epidemias dos portos no antigo Distrito Federal. Para Oswaldo Cruz, cabia à saúde pública impedir a contaminação, e para isso seria indispensável a reforma de serviços sanitários, com maior poder às autoridades sanitárias, de maneira a garantir o sucesso de suas campanhas. Oswaldo Cruz participou da reforma sanitária e de duras medidas impostas pelo governo à população para debelar a tríplice epidemia, em uma campanha estruturada em bases tipicamente militares, contemplando a vacinação compulsória, o que levou a intensos questionamentos à época, motivando até mesmo a conhecida “Revolta da Vacina”, reação popular contra a vacinação obrigatória contra a varíola³⁵. Oswaldo Cruz se opunha, entretanto, ao que entendia como uma visão “imediatista e limitada que os grupos dirigentes tinham do papel da ciência na saúde: a da mera instrumentalização de conhecimentos elaborados no exterior para solucionar crises episódicas da saúde pública, circunscritas à cabeça urbana do país” (Benchimol, 1990, p. 31). Neste contexto, propôs que o então Instituto Soroterápico fosse transformado em um instituto de estudos de doenças infecciosas tropicais, aos moldes do Instituto Pasteur, contemplado a produção de soros e vacinas e ações de ensino, algo alcançado a partir de 1907, com um estatuto que lhe conferia inclusive autonomia financeira e administrativa em relação ao Estado (Benchimol, 1990).

A expansão da instituição nos primeiros anos do século XX apoiava-se no prestígio internacional³⁶ e nos bons resultados alcançados com as campanhas de

³⁵ Segundo o pesquisador da história da saúde Jaime Benchimol, essa revolta tratou-se de um fenômeno complexo, que envolveu diferentes grupos sociais, motivações e interesses unidos contra uma política modernizadora autoritária realizada pelo governo na capital da república, que envolveu aspectos sanitários e urbanísticos (Benchimol, 1990, p. 26).

³⁶ O Brasil foi o único representante da América do Sul a participar do Congresso Internacional de Higiene em Berlim, na Alemanha, em 1907, onde ocupou três salas (uma delas sobre o então Instituto de Patologia Experimental de Manguinhos). O país levou o primeiro prêmio do evento, tendo a medalha de ouro sido entregue a Oswaldo Cruz. Segundo Benchimol, “O Rio de Janeiro, que se tornara a *Paris das Américas*, tinha agora também o seu *Pasteur* para canonizar” (Benchimol, 1990, p. 37).

saneamento da capital, bem como na formação de quadros que impulsionavam programas de pesquisa direcionados às demandas sanitárias, mas também a desafios colocadas para as políticas públicas no campo da saúde. A experiência acumulada com a campanha sanitária no Rio de Janeiro foi utilizada para a constituição de missões científicas nas quais os cientistas do então Instituto Oswaldo Cruz “embrenharam-se pelos sertões para estudar e debelar doenças como a malária, que obstaculizavam o alargamento das fronteiras do capitalismo no Brasil” (Benchimol p. 47), o que passava pela construção de ferrovias, pela avaliação da viabilidade de utilização de rios como o São Francisco e por outras obras de infra-estrutura de companhias privadas e órgãos públicos. Esse movimento pelo saneamento do Brasil envolveu expedições do Instituto Oswaldo Cruz que percorreram o Brasil nas duas primeiras décadas do século XX, diagnosticando as endemias rurais e inserindo a instituição no debate sobre a nação e a interiorização da presença do Estado (Kropf; Sá, 2020, p. 274), marcando o posicionamento de que “a redenção nacional demandava ações centralizadas, nacionais e tecnicamente autônomas, que legitimariam o crescimento do papel do Estado brasileiro no campo da saúde pública” (Lima; Hochman, 1996, p. 23-24). Para Ponte, Kropf e Lima, (2010):

Os sanitaristas trouxeram de suas expedições uma visão de nossos sertões diversa da que prevalecera até então, romântica e ufanista. O retrato do Brasil era pintado com pinceladas fortes e mostrava um povo doente e analfabeto, abandonado pelo Estado e entregue à própria sorte. Para eles, era urgente integrar essas populações nos marcos da nacionalidade e da cidadania, conferindo-lhes condições de lutar pela melhoria da própria vida. Na concepção abraçada por esses pensadores, a responsabilidade por tal estado de coisas cabia tão somente ao poder público, que só se lembrava da existência desses indivíduos no momento de cobrar-lhes impostos ou votos. Em seus esforços para incorporar essas populações num projeto nacional, os sanitaristas iniciaram uma verdadeira redescoberta do país, cujo mérito foi promover o encontro do Brasil consigo mesmo (Ponte; Kropf; Lima, 2010, p. 76).

Assim, essas reflexões sobre os primeiros anos da instituição reforçam a ideia da vinculação da Fundação Oswaldo Cruz com uma saúde pública de alcance nacional, e demonstram seu compromisso com as demandas da sociedade brasileira, incluindo as populações mais vulnerabilizadas do território nacional. O modelo de instituição criado por Oswaldo Cruz, suportado pelo tripé da pesquisa, ensino e produção, vinculado à saúde pública, é até hoje a base do funcionamento e da sustentabilidade da Fiocruz. Outra dimensão presente na visão Oswaldo Cruz, desde os primeiros anos da existência da instituição que leva seu nome, foi a simbólica, tendo sido este cientista sido o

idealizador da construção de um castelo como prédio sede da então recém-criada instituição. Planejado para permanecer no tempo como um símbolo da potência da ciência desenvolvida no país, o Pavilhão ou Castelo Mourisco teve sua construção iniciada em 1905. Toda esta construção teve extensa cobertura fotográfica, em um acervo hoje abrigado pela Casa de Oswaldo Cruz, unidade responsável pela preservação da memória da instituição. A preocupação em registrar e criar um acervo sobre esses feitos rendeu a Oswaldo Cruz o apelido de “doutor fotógrafo” (Lacerda; Penido, 2014), o que evidencia o desejo desse cientista em criar marcos físicos e simbólicos que permanecessem no tempo, representando o desejo de continuidade desta instituição.

Tombado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) desde os anos 1980, o castelo teve dossiê submetido ao IPHAN para candidatura à patrimônio cultural da humanidade pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco), buscando maior visibilidade a representações da contemporaneidade relacionados à ciência, tecnologia e saúde, consideradas áreas sub-representadas nos atuais patrimônios do mundo (Pinheiro; Nascimento, 2020), o que demonstra a permanência da perspectiva de Oswaldo Cruz, a respeito da importância da ocupação de espaços simbólicos pela ciência nacional, nas novas gerações institucionais. Essa candidatura ampliou-se recentemente, em 2024, quando todo o conjunto histórico da Fiocruz em Manguinhos passou a integrar a lista indicativa de locais que podem se tornar Patrimônio Mundial Cultural, Natural e Misto, etapa obrigatória para qualquer bem iniciar um processo de reconhecimento.



Imagem 2: Castelo da Fiocruz, símbolo da instituição.

Fonte: Acervo Fiocruz Imagens³⁷

³⁷ Disponível em: <https://www.fiocruzimagens.fiocruz.br/> Acesso em: maio 2024

Hoje o Castelo da Fiocruz faz parte do cotidiano não apenas dos profissionais da Fiocruz, mas também da cidade do Rio de Janeiro, dado que este monumento à ciência pode ser avistado ao longe em vias importantes da cidade, sendo aberto à visitação como parte do circuito de visitação pelo campus da Fiocruz organizado pelo Museu da Vida.

Oswaldo Cruz faleceu em 1917 e não viveu para ver a finalização deste projeto em 1918, nem a transformação dos arredores da Fazenda de Manguinhos em um território hoje marcado pela desigualdade e violência urbana, com populações vivendo em situação de vulnerabilidade social, notadamente nos territórios de favela Maré e Manguinhos.

Pesquisadores do tema da arquitetura e da história das ciências e da saúde afirmam que a ocupação por trabalhadores envolvidos na construção do Castelo da Fiocruz e demais edificações do hoje chamado Núcleo Arquitetônico Histórico de Manguinhos (NAHM) esteve na origem da formação de algumas dessas comunidades (Fernandes; Gama-Rosa, 2009). Como refletiu Elizabeth Campos, coordenadora do programa “Espaço Casa Viva”, do território de Manguinhos, em evento da Fiocruz que abordava a relação entre a instituição, memória e sociedade³⁸, talvez Manguinhos seja a única favela do mundo que tenha um castelo.



Imagem 3: Vista de parte do território de Manguinhos próximo ao Castelo da Fiocruz. Autor/fonte: Peter Illiciev / reprodução Fiocruz

³⁸ Elizabeth Campos foi uma das convidadas para o II Fórum Fiocruz de Memória, evento realizado em 2019, na Fiocruz.



Imagem 4: Visão da Maré e do Castelo da Fiocruz, ao fundo, à esquerda. Fonte: Favela da Maré. Autor/fonte: Julius Wikimedia Commons



Imagem 5: Visão aérea do território onde se localiza o Campus Manguinhos-Maré da Fiocruz, marcado pelas circunferências azuis. Separada pela Avenida Brasil, na circunferência menor, está a anteriormente denominada “Expansão do Campus”. Fonte: Peter Illiciev / reprodução Fiocruz

A proximidade com os territórios de Maré e Manguinhos não é apenas física, e a interlocução com os territórios é considerada uma ação concreta na Fiocruz, tendo no Museu da Vida, departamento ligado à unidade Casa de Oswaldo Cruz, uma referência para este tipo de atividade. Este Museu possui, desde 2015, uma linha de trabalho direcionada às chamadas “Ações Territorializadas”, realizadas dentro e fora do campus da Fiocruz, voltadas à população dos territórios vizinhos e demais territórios favelizados, periféricos ou socialmente vulnerabilizados. Entretanto, as atividades em parceria do Museu da Vida com os territórios se dão desde sua inauguração, em 1999, por meio de ações como o Curso de Monitores para Centros e Museus de Ciências,

criado a partir de uma parceria com o Centro de Estudos e Ações Solidárias da Maré (CEASM) e destinado a jovens moradores das comunidades vizinhas à Fiocruz, e o Programa de Iniciação à Produção Cultural, o Pró-Cultural³⁹, voltado à formação dos jovens como auxiliares de produção cultural, com foco na Divulgação Científica.

Essas são apenas algumas ações do Museu da Vida desenvolvidas pela Fiocruz neste campo. Documentos oficiais da instituição declaram que a primeira iniciativa de ação junto ao território data de 1966 e teria partido de convite feito pelo Departamento de Ciências Sociais da Escola Nacional de Saúde Pública⁴⁰, entidade que viria a ser incorporada ao complexo Fiocruz nos anos 1970, ao diretor de teatro Luiz Mendonça, ligado ao Movimento de Cultura Popular em Recife, para desenvolver um projeto de teatro no Parque Carlos Chagas, conhecido como favela da Varginha, em Manguinhos. Um outro personagem importante nesta trajetória é o educador popular Victor Valla⁴¹, que chega nos anos 1984 à Escola Nacional de Saúde Pública da Fiocruz, no Departamento de Ciências Sociais, onde, por meio do Núcleo de Estudos sobre Educação, Saúde e Cidadania (NEESC), realizava pesquisas sobre as condições de vida de populações residentes na região conhecida como ‘área da Leopoldina’. Promovia ainda o contato de seus pesquisadores com lideranças comunitárias e ativistas sociais, processo que possibilitou o surgimento da ONG Centro de Estudos e Pesquisas da Leopoldina (CEPEL). (Lima; Fernandes, 2019) Esta e outras ações pontuais foram sendo desenvolvidas, mas apenas após 1993 foram instituídas ações mais estruturantes, como o projeto “Universidade Aberta”, com o professor Szachna Cynamom, que aproximou a Fiocruz das favelas de Manguinhos e desenvolveu ações conjuntas nas áreas de educação, saúde, meio ambiente e habitação, e possibilitou a criação da Cooperativa de Trabalhadores Autônomos em Manguinhos (COOTRAM).

Esse histórico das primeiras ações em parceria da Fiocruz com os territórios, às quais se seguiram muitas outras, em grande parte consta de uma publicação produzida pela Cooperação Social da Fiocruz (Fiocruz, 2019a), nome que leva, desde 2009, a

³⁹ Essa e outras ações são descritas na publicação “Quando o museu vai à favela e a favela vai ao museu: ações territorializadas do Museu da Vida”. Disponível em: http://www.museudavida.fiocruz.br/images/Publicacoes_Educacao/PDFs/Quando_o_museu_vai_a_favela_e_a_favela_vai_ao_museu.pdf Acesso em: maio/2022

⁴⁰ Deste mesmo departamento da Ensp saíram alguns dos pesquisadores pioneiros da Unidade Casa de Oswaldo Cruz, criada nos anos de 1986, para tratar da história e da memória da instituição e da saúde pública. (FONSECA, 2016).

⁴¹ Uma das clínicas de saúde da família de Manguinhos leva seu nome, a Clínica de Saúde da Família Victor Valla.

instância institucional inicialmente criada como Coordenadoria de Projetos Sociais, em 2002. Esta promove estratégias e programas de enfrentamento e redução das desigualdades sociais em saúde, desenvolvendo suas ações junto a organizações da sociedade civil, movimentos sociais e poder público, tendo em vista que a participação social é um princípio organizativo que prevê o controle e a gestão participativa do SUS.

Outra interface institucional para trabalhar ações da Fiocruz com foco nos territórios é seu Programa Institucional de Territórios Sustentáveis e Saudáveis (PITSS). Instituído em 2019 pela presidência da instituição, trata-se de uma iniciativa que pretende promover a articulação de saberes e práticas sobre a determinação socioambiental da saúde, considerando a Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável da ONU⁴² e visando assegurar qualidade de vida e sustentabilidade nos territórios, tendo entre seus objetivos o apoio à formulação e implementação de políticas públicas com interface com o tema. Essa iniciativa dialoga ainda com a história da saúde pública brasileira, que envolveu o movimento da reforma sanitária e a criação de um projeto de sistema de saúde universal como parte de um novo projeto de nação a partir da constituição de 1988, o SUS. Este envolve modelos de atenção à saúde de larga capilaridade que consideram a produção da saúde-doença nos territórios, como a Estratégia da Saúde da Família na Atenção Básica à Saúde, respondendo ao princípio organizativo da territorialização (Fiocruz, 2019, p. 9).

Como visto anteriormente, esta relação próxima entre a Fiocruz e os objetivos do SUS resulta de uma construção histórica, que envolveu um dos mais importantes quadros da instituição e da saúde pública brasileira, Sérgio Arouca. Esse processo ocorreu num período de redemocratização do país, que se refletiu também nas transformações em mecanismos internos da Fiocruz, que passa a adotar uma gestão mais participativa, inspirada pelos mesmos valores democráticos que desejava ver aplicados à realidade social⁴³. Instâncias de planejamento coletivo e eleições para a ocupação de seus principais cargos são alguns marcos estabelecidos no período. Há, também, em 1986, a cerimônia de reintegração à Fiocruz de cientistas cassados em

⁴² A Agenda 2030 é um plano global aprovado pela Assembleia Geral das Nações Unidas em setembro de 2015, que estabeleceu 17 objetivos de desenvolvimento sustentável, compromisso que envolve a adoção de medidas para promover o Estado de Direito, os direitos humanos e a responsabilidade das instituições políticas. Mais sobre a agenda 2030 em: <https://brasil.un.org/sites/default/files/2020-09/agenda2030-pt-br.pdf> Acesso em: maio 2024

⁴³ Mais informações sobre a origem da democracia participativa da Fiocruz na matéria: VALVERDE, Ricardo. Processo eleitoral na Fiocruz e a redemocratização no país. Portal Fiocruz, Rio de Janeiro, 26 out 2020. Disponível em: <https://portal.fiocruz.br/noticia/processo-eleitoral-na-fiocruz-e-redemocratizacao-no-pais> Acesso em: maio 2024

1970, no período da ditadura militar, por serem considerados “subversivos”, aposentados compulsoriamente ou impedidos de trabalhar em qualquer instituição pública do país naquele período, episódio que ficou conhecido como o “Massacre de Manguinhos”. Nesse período de ditadura, a Fiocruz chegou a ser chamada de “o cadáver insepulto da avenida Brasil”⁴⁴, em referência à progressiva decadência de suas atividades e prestígio.⁴⁵ Vinculada a planos de modernização do capitalismo nacional, em 1970 a instituição ganha o status de fundação pública de direito privado (Reis, 2016), vinculada ao Ministério da Saúde, reunindo uma série de outras entidades⁴⁶ antes vinculadas ao Ministério da Saúde, sob o guarda-chuva da Fundação Oswaldo Cruz. Já nos anos 80, além do processo que levou ao estabelecimento do SUS, outras mudanças marcam a trajetória institucional, como a alteração de seu regime jurídico que, a partir da constituição de 1988, se modifica para fundação pública de direito público, nos moldes do regime de autarquia.

Com altos e baixos em sua trajetória, a Fiocruz tem atuado com protagonismos em questões determinantes para a saúde pública brasileira, desde os tempos de Oswaldo Cruz e de seu sucessor Carlos Chagas, que entrou para a história por ter descoberto o ciclo completo da doença que levou seu nome, e com as expedições científicas pelo interior do Brasil no início do século XX, que auxiliaram a compreender e debelar problemas de saúde nacionais, respeitando necessidades regionais. Entre realizações mais recentes, destacamos seu papel na produção de vacinas contra a meningite, desde a epidemia dos anos 1974, em um movimento que levou à criação, em 1976, do Instituto

⁴⁴ Menção a esse episódio pode ser conferida no discurso de posse do ex-presidente da Fiocruz, em: GADELHA, Paulo. Discurso de posse do presidente da Fiocruz, Paulo Gadelha. CCS/Fiocruz, Rio de Janeiro, 16 jan. 2009. Disponível em: <https://agencia.fiocruz.br/discurso-de-posse-do-presidente-da-fiocruz-paulo-gadelha> Acesso em: maio 2024

⁴⁵ Alguns estudos (Benchimol, 1990; Santos, 2016) apontam explicações para essa decadência, que vinha se agravando desde a contínua redução de autonomia financeira e administrativa do então Instituto Oswaldo Cruz. Fatores como a proibição de vender vacinas para uso veterinário, fazendo com que o Instituto perdesse 30% de sua fonte de renda, assim como a maior centralização das decisões vinculadas ao ministério da saúde no período do Estado Novo, com baixos investimentos no Instituto, são algumas das explicações para essa perda de prestígio gradativo, que ganhou ares dramáticos com a cassação de 10 de seus cientistas no episódio do Massacre de Manguinhos, encerrando laboratórios e linhas de pesquisa e com imenso impacto no prestígio da instituição e na formação de jovens pesquisadores nesses temas.

⁴⁶ O decreto no 66.624/1970 traz as seguintes entidades como componentes da Fundação Instituto Oswaldo Cruz: Instituto Oswaldo Cruz, Instituto Fernandes Figueira do Departamento Nacional da Criança, o Instituto Nacional de Endemias Rurais do Departamento Nacional de Endemias Rurais, o Serviço de Produtos Profiláticos do Departamento Nacional de Endemias Rurais, o Instituto Evandro Chagas e o Instituto de Leprologia do Serviço Nacional de Lepra. No mesmo ano a Escola Nacional de Saúde Pública (ENSP) e o Instituto de Produção de Medicamentos e Produtos Profiláticos (Ipromed) foram integrados a Fiocruz. A Fundação Instituto Oswaldo Cruz passa a se chamar Fundação Oswaldo Cruz em 1974, por meio do Decreto no 74.891/1974.

de Tecnologia em Imunobiológicos (Bio-Manguinhos/Fiocruz), unidade responsável pela produção de vacinas na Fiocruz; o isolamento, pela primeira vez no Brasil e na América Latina, do vírus causador da Aids, no final dos anos 1980; ações no combate à tríplice epidemia de Dengue, Zika e Chikungunya, nos anos 2000, quando identificou a presença do vírus Zika em casos de microcefalia, isolou o vírus da Chikungunya e desenvolveu *kits* de diagnóstico diferencial entre os vírus; e o objeto precípua de nosso interesse neste estudo, com sua atuação no contexto da pandemia de Covid-19, já abordado no início do capítulo.

A atuação desta instituição e de seus cientistas e gestores não se dá de maneira alheia à realidade social e perpassa disputas para sua consolidação em terreno de permanentes tensões e disputas, como o é todo o campo social. Assim, consideramos que a ocupação de espaços políticos e simbólicos é também essencial nesta manutenção da potência institucional. Além de Oswaldo Cruz, que acumulou a direção do então Instituto Oswaldo Cruz com o cargo de diretor-geral de saúde pública, e de Carlos Chagas, seu sucessor na direção do Instituto, que também ocupou o Departamento Nacional de Saúde Pública no início do século, cargo correspondente ao que seria hoje o de Ministro da Saúde, também em tempos mais recentes perduram algumas relações próximas entre pesquisadores e profissionais da Fiocruz e cargos políticos. Para citar alguns, o ex-ministro da saúde, que atuou entre 2007 e 2010, o médico sanitário José Gomes Temporão, é professor e pesquisador aposentado da Fiocruz. Já em uma relação mais direta com o projeto aqui investigado, cujos desdobramentos envolveram uma parceria com a secretaria municipal de saúde do Rio de Janeiro, essa era comandada, até março de 2022, por Daniel Soranz, sanitário formado na Fiocruz, onde também é pesquisador. Após licenciar-se para ocupar a posição de deputado federal, Soranz retornou ao cargo em maio de 2023. A mais recente relação, nesse sentido, é a de Nísia Trindade Lima, que era a presidente da Fiocruz no período da pandemia de Covid-19, tendo deixado a instituição em 2023 para se tornar a primeira mulher a ocupar o cargo de ministra da saúde no Brasil, no governo Lula.

Importa destacar, também, como um marco simbólico do momento presente, o papel das mulheres na ciência⁴⁷, considerando especialmente a atuação da também

⁴⁷ Este é um tema que tem contado com diversos investimentos da Fiocruz recentemente, tais como promoção de editais, vídeos, documentários, publicações e outras ações. Mais informações sobre as iniciativas a Fiocruz a respeito do tema em: <https://portal.fiocruz.br/mulheres-e-meninas-na-ciencia> Acesso em: maio 2024.

primeira mulher presidente da Fiocruz, Nísia, que foi presença frequente no contexto da pandemia, prestando esclarecimentos e recebendo premiações por sua atuação à frente da instituição na pandemia⁴⁸. No mesmo período, outra face feminina, da médica e pesquisadora da Fiocruz Margareth Dalcolmo, também se tornou familiar em canais de comunicação, buscando informar a sociedade sobre temas relacionados ao período de crise de saúde pública.

Essa breve apresentação de acontecimentos e personagens demonstra mais uma marca da atuação da Fiocruz, que a caracteriza desde seus primeiros anos de existência, nos idos do início do século XX: a preocupação com a formação de quadros capacitados para atuar frente a diferentes dimensões que envolvem os problemas de saúde pública da população brasileira, assim como sua resistência e potência, mesmo em momentos adversos da vida política brasileira. Como afirmam as pesquisadoras do campo da história das ciências e da saúde, vinculadas à Fiocruz, Simone Kropf e Dominichi Sá:

Ao longo destes 120 anos, a Fiocruz expressou distintos cenários da história do Brasil e ao mesmo tempo foi (e continua sendo) protagonista dessa história; um ator decisivo a fazer da ciência e da saúde molduras fundamentais para uma nação que seja capaz de vencer as barreiras estruturais da desigualdade e da exclusão. A convicção de que a ciência deve servir à vida, e convocar toda a sociedade a unir-se em torno deste valor maior, norteou os esforços do jovem médico que enfrentou epidemias no alvorecer do século XX. Neste momento tão dramático do século XXI, a pandemia de COVID-19 nos desafia a “comemorar” – lembrar juntos - o passado da Fiocruz em meio a uma das mais graves crises sanitárias que o mundo já viveu. Que façamos isso com as mangas arregaçadas e as mãos firmes e entrelaçadas às de todos os que lutam pela vida. Este é o legado de Oswaldo Cruz, atualizado em cada um dos que hoje dão sentido e novos horizontes a esta história (Kropf; Sá, 2020, p. 279).

2.3 - Projetos de futuro em construção: Fiocruz e novos arranjos em saúde pública vinculados ao SUS

Tal como outros momentos de enfrentamento de epidemias ao longo da história, a pandemia de Covid-19 exigiu soluções inovadoras em saúde pública. Se no início do

⁴⁸ Algumas matérias a respeito das premiações recebidas por Nísia Trindade no período: FARIAS, Erika. AZEVEDO, Leonardo. TCU condecora Fiocruz com Grande-Colar do Mérito. Portal Fiocruz, Rio de Janeiro, 17 jan. 2021. Disponível em: <https://portal.fiocruz.br/noticia/tcu-condecora-fiocruz-com-grande-collar-do-merito-0> Acesso em: maio 2024; NÍSIA Trindade Lima recebe prêmio da 'Mulher Transformadora' do Cofecon. Portal Fiocruz, Rio de Janeiro, 28 jan. 2022. Disponível em: <https://portal.fiocruz.br/noticia/nisia-trindade-lima-recebe-premio-da-mulher-transformadora-do-cofecon> Acesso em maio 2024; POR atuação na pandemia, Alerj premia Nísia Trindade, presidente da Fiocruz, com medalha Anna Nery. Diário do Porto, Rio de Janeiro, 9 fev. 2022. Disponível em: <https://www.renatasouzapsol.com.br/blog/por-atuacao-na-pandemia-alerj-premia-nisia-trindade-presidente-da-fiocruz> Acesso em: maio 2024; MAIS alta distinção honorífica da França para acadêmica. Academia Brasileira de Ciências, Rio de Janeiro, 20 ago. 2021. Disponível em: <https://www.abc.org.br/2021/08/20/mais-alta-distincao-honorifica-da-franca-para-academica/> Acesso em: maio 2024

século XX os métodos envolviam a participação de uma polícia sanitária, que gerou grande reação popular materializada na já mencionada “Revolta da Vacina”, hoje, com os avanços nas reflexões sobre as relações entre Estado e sociedade, os arranjos para debelar estes problemas passam por ações mais democráticas, com participação e adesão social, que permitam a promoção da saúde.

Entre as ações desenvolvidas com a participação da Fiocruz no contexto da pandemia de Covid-19, buscaremos investigar o projeto *Conexão Saúde: de olho na Covid*, que propôs um modelo de atenção e vigilância ativa em saúde nos territórios de favela da Maré e de Manguinhos, no Rio de Janeiro, contemplando a parceria entre Fiocruz e instituições da sociedade civil. Seu intuito era não apenas atender às demandas imediatas desta população em situação de vulnerabilidade, mas também gerar aprendizados para uma possível incorporação do modelo ao SUS. Esta experiência, que traz inovações do ponto de vista de tecnologias utilizadas, como o uso de aplicativos e da telemedicina, e dos atores envolvidos, instituições públicas e organizações da sociedade civil, representa também um arranjo que ainda suscita controvérsias no campo da saúde pública brasileira.

O tema de novos atores no cenário da saúde pública é ponto de dissenso mesmo na Fiocruz. Em dezembro de 2021 foi realizado o IX Congresso Interno da Fiocruz, que transcorreu com grande confluência de ideias e proposições, refletida na relativa facilidade de aprovação das teses e diretrizes em votação realizada em sua plenária final⁴⁹. Uma nova tese relativa à democracia e ao diálogo com a sociedade, não prevista no documento preparatório que orienta as discussões e votações a serem realizadas ao longo do evento, foi incluída ao longo da realização do Congresso. Tal fato evidencia tanto o diálogo com o contexto macro, de ameaças à democracia, de desinformação e dos negacionismos, quanto a atenção dada às próprias práticas da instituição, no sentido de ampliação da participação social, em um reconhecimento de que mudanças na forma de produzir ciência têm incorporado a participação dos cidadãos na produção do

⁴⁹ O evento foi transmitido em tempo real, podendo ser acompanhado por toda a Fiocruz. Já os grupos de trabalho em que se discutem os temas que vão para votação na plenária final foram realizados em modalidade presencial, sem transmissão online, com a presença apenas de delegados eleitos, que representam as diferentes unidades da Fiocruz nesta discussão. Portanto, a “confluência de ideias e proposições” mencionada diz respeito aos momentos públicos do evento, e pode não representar o ambiente de discussões exclusivo para delegados eleitos. As plenárias de abertura e encerramento do evento estão disponíveis em: <https://congressointerno.fiocruz.br/videos> Acesso: maio 2024

conhecimento e que, portanto, a instituição está atenta e segue se atualizando⁵⁰. Entretanto, um dos poucos temas de maior discussão nesta edição do Congresso Interno foi a possibilidade de inclusão do termo “empreendedorismo” em uma de suas diretrizes, que indicava o objetivo de “valorizar o estabelecimento de ambientes de inovação e empreendedorismo em saúde na Fiocruz, para fortalecimento do SUS”. A argumentação vencedora, por votação apertada, foi a de que os usos de determinadas palavras são carregados de sentidos políticos e ideológicos, e que o termo em disputa estaria associado a uma visão de mundo neoliberal, de precarização de relações de trabalho. Houve ponderações de que a Fiocruz já ressignificou termos no passado, como o próprio termo “inovação”, bem como argumentos de que o conhecimento gerado na instituição não chegará necessariamente à sociedade via Fiocruz ou governo, e que esses arranjos inovadores associados ao empreendedorismo – tais como *startups*, *spin-offs*, e outras – são uma realidade na sociedade. A indicação desses termos como exemplo no mesmo ponto do documento também foi alvo de votação apertada, tendo sido, entretanto, aprovada sua manutenção, sob o argumento de que essas iniciativas estão sendo propostas e realizadas inclusive por profissionais da Fiocruz, sendo importante uma visão plural, de diálogo com ações que já acontecem na sociedade. Esta última defesa foi protagonizada por Valcler Rangel, coordenador da iniciativa *Conexão Saúde: de olho na Covid* pela Fiocruz, que envolve uma *startup* entre suas parceiras.

Essas discussões trazem como pano de fundo alguns dos desafios para o fortalecimento do SUS, que abordaremos de maneira introdutória neste momento. Entre os desafios abordados na literatura estão problemas em sua gestão, tais como o subfinanciamento, a falta de profissionalização, a burocratização das decisões, a descontinuidade administrativa, entre outros. Há a preocupação, entretanto, de que algumas das alternativas a esses desafios possam implicar a adoção de lógicas liberalizantes para a saúde, com a captura de dimensões da política de saúde por interesses privados, em uma articulação público-privada predatória, que promova ainda a precarização do trabalho e a desvalorização de trabalhadores da saúde (Hochman, 2013; Paim, 2018). A compra de serviços e a ideologia da privatização sairiam então fortalecidas nesse cenário, em um “boicote passivo através do subfinanciamento público e (...) um boicote ativo, quando o Estado premia, reconhece e privilegia o setor

⁵⁰ Documento completo com as justificativas para a inclusão da nova tese, a tese 10, disponível em: <https://congressointerno.fiocruz.br/sites/congressointerno.fiocruz.br/files/documentos/Tese%2010.pdf>
Acesso em: maio 2024

privado com subsídios, desonerações e sub-regulação” (Paim, 2018, p. 1728). Assim, pode-se compreender porque a discussão de modelos que estimulem o envolvimento de novos atores em ações de saúde pública, tais como aqueles representados pelo chamado empreendedorismo em saúde, ainda sejam temas de dissenso, devido a possíveis temores de que princípios essenciais do SUS deixem de se efetivar, tais como o da universalidade, segundo o qual o governo tem o dever de prover assistência à saúde igualitária para todos, bem como o do controle social sobre essas novas organizações envolvidas na prestação de serviços de saúde. Especialmente considerando que essa dimensão entre interesses público e privado possa não ser adequadamente problematizada e investigada em um momento presente, no qual:

[...] os valores dominantes na sociedade brasileira tendem mais para a diferenciação, o individualismo e a distinção do que para a solidariedade, a coletividade e a igualdade... essa ameaça do capital não é tão visível como as filas, a falta de profissionais ou o acesso aos medicamentos (Paim, 2018, p. 1725-1726).

Outro dos princípios organizativos do SUS enunciado na Constituição de 1988 e regulamentado na lei reguladora do SUS de 1990 (lei 8.142/1990) que trazemos para a discussão, por se articular com o objeto aqui em estudo, é o da participação social, que prevê a participação ativa de forças da sociedade atuando na formulação e execução de políticas e ações de saúde (Valla, 1998). Além das instâncias de participação previstas na legislação reguladora, como Conferências e Conselhos de Saúde, propomos observar a estratégia de ação intersetorial em saúde como uma possibilidade para sua ampliação. Este tipo de ação prevê a possibilidade de resolver problemas onde eles se manifestam, em territórios e com populações específicas, em uma visão que integra problemas e direitos sociais, com maior protagonismo do cidadão (Junqueira, 2004). Este tipo de prática envolve planejamento, execução e controle da prestação de serviços com a participação de diferentes sujeitos e serviços sociais, que compartilham decisões relacionadas a processos administrativos para a melhoria da eficiência da gestão desses serviços. Dialoga, ainda, com princípios do SUS como o da equidade, que busca garantir acesso igual aos desiguais, e o da integralidade, que prevê o atendimento das necessidades das pessoas em sua totalidade, incluindo a promoção da saúde, a prevenção de doenças e serviços assistenciais, com articulação das políticas públicas com repercussão na qualidade de vida dos indivíduos. As ações intersetoriais, entretanto, não se viabilizam sem desafios, pois:

Isso significa alterar toda forma de articulação dos diversos segmentos da organização governamental e de seus interesses. Essa forma de atuar é nova, por

isso deve acarretar mudanças nas práticas e na cultura das organizações gestoras das políticas sociais. É um processo que tem riscos em função das resistências previsíveis de grupos de interesses. A ousadia de mudar vai precisar das alianças de todos os que desejam incrementar a qualidade de vida do cidadão, dentro e fora da administração pública estatal (Junqueira, 2004, p. 27).

Assim, pode-se compreender a perspectiva daqueles que, apesar dos desafios, apostam nas ações intersetoriais, tais como as que envolvem o chamado empreendedorismo em saúde, para levar resultados aos cidadãos. Consideramos ser possível enquadrar alguns dos atores envolvidos no projeto aqui em estudo, o *Conexão Saúde*, nesta categoria de empreendedores em saúde. Ainda que consideremos o *Conexão* como uma ação intersetorial em saúde, envolvendo atores não governamentais na solução de questões dos territórios envolvidos, esta não seria a primeira experiência nesse campo realizada com a atuação da Fiocruz. Podemos citar, como exemplo recente deste tipo de ação, o denominado plano Territórios Integrados de Atenção à Saúde (Teias), política de expansão da Atenção Primária à Saúde (APS) no município do Rio de Janeiro que envolve a cogestão de equipamentos e dispositivos de saúde, realizada por intermédio de um contrato de gestão entre a Secretaria Municipal de Saúde do Rio de Janeiro (SMS RJ) e Organizações Sociais de Saúde (OSS). Entre as iniciativas vinculadas a esse plano está o TEIAS-Manguinhos, realizado em parceria com a Escola Nacional de Saúde Pública (ENSP) / Fiocruz, por meio de sua fundação de apoio, a Fundação para o Desenvolvimento Científico e Tecnológico (Fiotec). Para que sua gestão se efetivasse de forma participativa, foram criados ainda o Conselho Gestor Intersetorial de Manguinhos (CGI) e os Conselhos Internos das Clínicas das Família. A participação da Fiocruz nesta iniciativa buscou incorporar componentes da produção de conhecimentos científicos e tecnológicos, ensino e pesquisa relacionados com sua missão institucional, no intuito de contribuir para o enfrentamento de desafios do SUS no país.⁵¹ A Fiotec atuou nesta ação entre 2009 e 2021, tendo sido substituída pela Organização Viva Rio em 01/04/2021. Ou seja, em grande parte do período de execução do projeto aqui em estudo, o *Conexão Saúde*, a Fiocruz estava diretamente envolvida na gestão da atenção básica em um dos territórios foco da ação. Durante a campanha eleitoral de 2012 na Fiocruz, esta foi inclusive uma acalorada discussão entre os candidatos que concorriam no pleito, sobre a pertinência de se qualificar a Fundação

⁵¹ Informações disponíveis no site da ENSP e do próprio TEIAS Manguinhos, nos links: <http://atencaoasaudeelaboratorios.ensp.fiocruz.br/teias-manguinhos> Acesso em: maio 2024; e <http://andromeda.ensp.fiocruz.br/teias/gestao-participativa> . Acesso em: julho/2022

de Apoio da Fiocruz (Fiotec) como uma Organização Social, o que foi defendido pelo então presidente candidato a reeleição, Paulo Gadelha, como uma situação emergencial em que a Fiocruz contribuiu com o SUS do Rio de Janeiro⁵². Vemos, portanto, que apesar de já ser uma prática, não é ponto pacífico a incorporação de novos atores no contexto da prestação de serviços vinculados ao SUS.

Procuramos apontar aqui algumas discussões iniciais para melhor compreender a rede de forças à qual o *Conexão Saúde* parece se encontrar conectado especialmente em suas relações com a Fiocruz e o SUS. Para melhor entender esse processo, passamos ao próximo capítulo, no qual apresentaremos mais detalhadamente o projeto *Conexão Saúde*, seus atores, ações e contexto no qual foi gestado, bem como o percurso para definição do corpus de análise que nos permitirá aprofundar a discussão sobre os discursos que constroem e circunscrevem a realização desse projeto.

⁵² Paulo Gadelha terminou vencedor do pleito, sendo conduzido para seu segundo mandato na presidência da Fiocruz. Esse episódio pode ser conferido no documentário: Democracia Fiocruz, disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=F8h5_VVEZMc Acesso em: março/2024

3 “CONEXÃO SAÚDE”: APRESENTAÇÃO DO PROJETO E QUESTÕES METODOLÓGICAS PARA DEFINIÇÃO DO *CORPUS*

Este capítulo apresenta o projeto *Conexão Saúde: de olho na Covid*, seus objetivos, atores envolvidos e primeiros resultados. Para esta primeira apresentação, utilizo trechos de discursos de seus participantes, bem como materiais de divulgação e alguns de seus primeiros resultados repercutidos pela imprensa. Cabe apontar que alguns desses materiais serão retomados em apreciação pormenorizada no capítulo 5, dedicado à análise de discursos sobre o projeto. Entretanto, para melhor compreensão dos caminhos que levaram à definição do *corpus* para análise, outro tópico a ser desenvolvido neste capítulo, juntamente com a metodologia utilizada para tal, faz-se necessária essa primeira aproximação com os discursos a respeito do projeto. Também neste capítulo apresentamos algumas características e informações sobre o contexto nos quais se encontravam os territórios foco do projeto, da Maré e de Manguinhos, no período da pandemia de Covid-19.

3.1 *Conexão Saúde: uma proposta de modelo de atenção e vigilância em Saúde vinculado ao SUS*

No ano em que completou 120 anos, a Fiocruz, cujas origens remontam ao início do século XX, em atuação voltada ao controle de epidemias, foi mais uma vez instada a atuar em um cenário de crise, agora frente à pandemia de Covid-19. O projeto *Conexão Saúde: de olho na Covid* – lançado em agosto de 2020, nos territórios da Maré e de Manguinhos –, foi resultado de um desses acionamentos feitos à Fiocruz.

Em materiais de divulgação e falas públicas de seus participantes, narra-se que o *Conexão* nasce de contato direto feito com a presidência da Fiocruz por representantes das associações de moradores da Maré, junto à organização da sociedade civil “Redes da Maré”. O mote foi a busca pela redução dos impactos da pandemia nesse território, em um cenário de subnotificação de casos e precarização de unidades básicas de saúde. Esses relatos permitem perceber as relações próximas entre representantes das organizações do território da Maré e a presidência da Fiocruz:

“Logo que a pandemia começou, a gente... logo nos primeiros dias, enfim, eu liguei para a Nísia [Nísia Trindade, presidente da Fiocruz], pro Valcler [Valcler Rangel, então chefe de gabinete da presidência da Fiocruz], e a gente foi pro gabinete da Fiocruz para tentar entender o que a gente poderia, né, como uma organização da sociedade civil com uma tradição dentro da Maré, o que a gente poderia fazer que não simplesmente fechar as portas, enfim, e ficar esperando esse processo do isolamento. E de pronto a gente

foi construindo um processo que, no nosso caso aqui na Maré, envolveu várias organizações da sociedade civil...” (Eliana Souza Silva, diretora da Ong “Redes da Maré”, em fala no evento de lançamento do *Conexão Saúde*, em agosto de 2020)

“Quando começou a pandemia, a gente sabia que ia ter muita subnotificação, principalmente em regiões de favela e periferias onde as pessoas têm menos acesso ao teste privado. A gente conversou com mais de 1500 pessoas, e dessas pessoas, 70% não tinham tido acesso ao teste. Então isso era nossa primeira questão. Os moradores da Maré estão com sintomas e eles não tem um diagnóstico. Depois tinha a própria dificuldade das unidades de saúde da Maré. Então, são 7 unidades de atenção básica, então uma estrutura significativa, mas muito precarizada nos últimos anos, com dificuldades de dar conta da pandemia. Então meio que esses fatores já conformaram o que a gente poderia fazer em uma intervenção que durante esse período auxiliasse a reduzir o impacto da pandemia”. (Luna Arouca, coordenadora do *Conexão* na Redes da Maré, em fala no vídeo institucional sobre o *Conexão Saúde* que compõe a série “Fiocruz na pandemia”, lançado em fevereiro de 2021)

“Quando a Redes da Maré e as representações das comunidades vieram nos procurar, nós vimos isso: esse projeto tinha capacidade de agregar mais valor, de dar mais proteção. Então esse projeto reúne esses aspectos de atenção médica, atenção à saúde, promoção da saúde, diagnóstico e ação social”. (Valcler Rangel, representante da Fiocruz no *Conexão Saúde*, no vídeo institucional sobre o *Conexão Saúde* que compõe a série “Fiocruz na pandemia”, lançado em fevereiro de 2021).

Deste contato, nasce a mobilização de atores e a proposta de um modelo de atenção e vigilância ativa em saúde a ser implementado no território da Maré, que envolvia testagem para Covid-19 gratuita em grande escala, atendimento médico e psicológico via telessaúde, apoio com a oferta de produtos de higiene, máscara e alimentação, assim como orientações para isolamento domiciliar seguro dos infectados, além de comunicação em saúde voltada para moradores, com uso de panfletos, megafones, imprensa comunitária entre outros, para retirada de dúvidas a respeito da vacinação, tratamento, sintomas e serviços prestados pelo projeto *Conexão*. Cabe destacar que, após essa articulação inicial com o território da Maré, onde as atividades de testagem do projeto se iniciaram em julho de 2020, o projeto é colocado em curso também no território de Manguinhos, vizinho à Maré e Fiocruz, com testagem iniciada em dezembro de 2020.

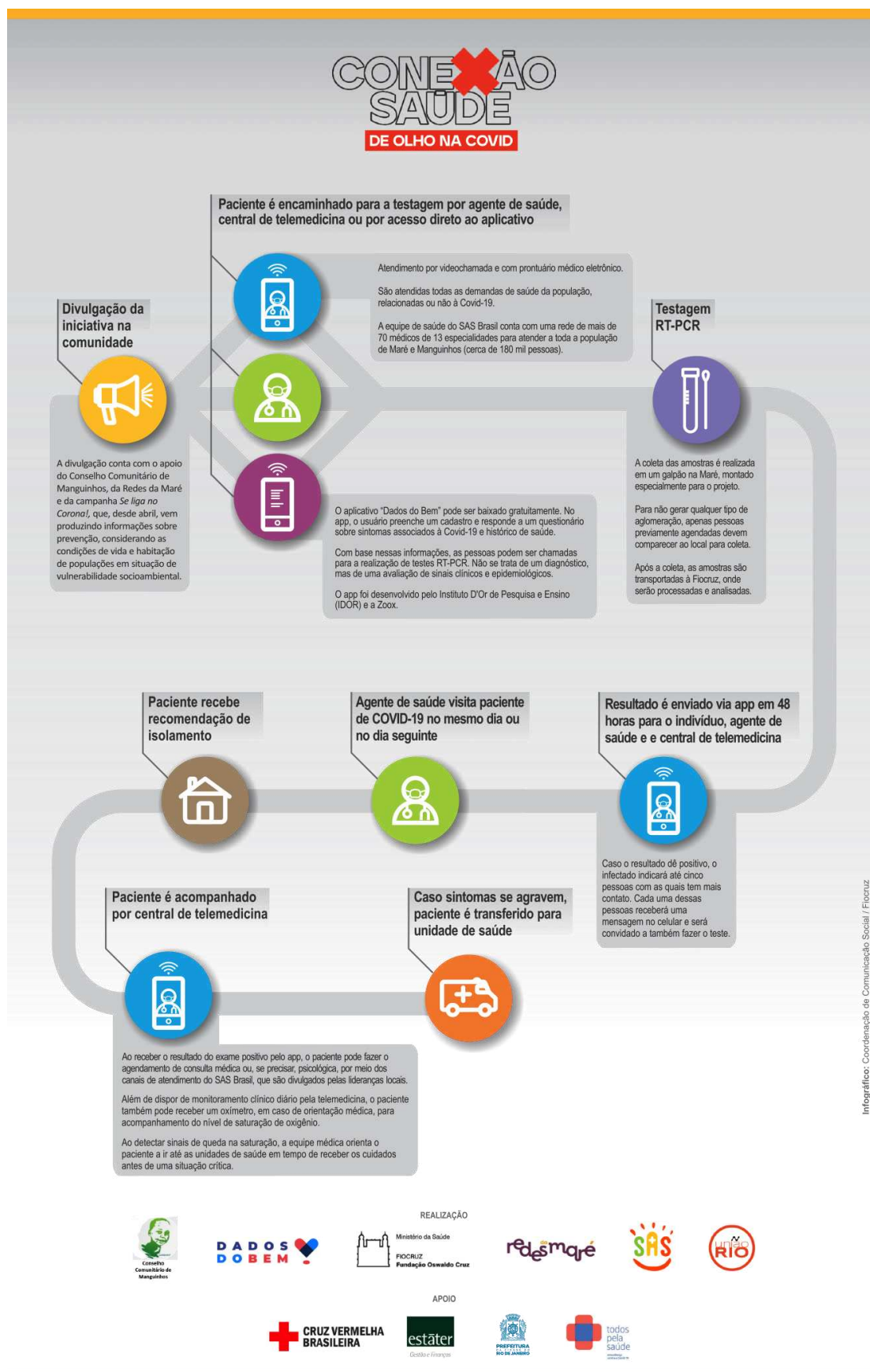


Imagem 6: Infográfico divulgado pelo projeto *Conexão*, que mostra seu fluxo de funcionamento.

O projeto foi executado nos territórios entre julho de 2020 e março de 2022, e seu fluxo de funcionamento se iniciou com a divulgação da iniciativa nos territórios com o apoio de organizações locais, como o Conselho Comunitário de Manguinhos e a Redes da Maré, contando ainda com os materiais da campanha “Se liga no Corona”, produzida em parceria com a Fiocruz e já mencionada nesta tese. O paciente com suspeita de Covid era encaminhado para testagem por um agente de saúde, pela central de telemedicina do projeto, ou pela avaliação de sintomas feita por meio do aplicativo gratuito “Dados do Bem”. Na Maré, a testagem era realizada no galpão Ritma, montado especialmente para o projeto no Parque Maré; em Manguinhos, a testagem era feita no Centro Comunitário de Defesa da Cidadania (CCDC). O resultado do teste era enviado em 48 horas, via aplicativo, agente comunitário de saúde ou central de telemedicina. Em caso de resultado positivo, o infectado poderia indicar até 5 pessoas com as quais teve contato para realizar também o teste. No território da Maré, após o resultado positivo, um agente de saúde visitava o paciente com Covid no mesmo dia, ou no dia seguinte, para fornecer recomendações de isolamento adequadas à realidade da moradia e dinâmica familiar do paciente, no chamado “Programa de Isolamento Domiciliar Seguro”. No período de isolamento, este paciente recebia materiais de higiene e limpeza para a casa, insumos de proteção (máscara e álcool em gel) e alimentação (três refeições completas), para garantir o adequado cumprimento dos 14 dias de distanciamento social. O projeto criou ainda um “Guia do Isolamento Domiciliar Seguro”⁵³, material que apresentava dicas sobre cuidados práticos para proteção dos demais membros da família, como as formas de preparar e servir refeições, organizar os cômodos, limpar a casa e higienizar as roupas da pessoa acometida pela doença, entre outros. No período da doença, o paciente era acompanhado por profissionais de saúde e assistentes sociais, podendo agendar consultas médicas ou psicológicas por meio do parceiro responsável pela telemedicina no projeto, a SAS Brasil. O paciente também poderia receber um oxímetro para acompanhar a saturação do oxigênio, em caso de recomendação médica. Em caso de agravamento dos sintomas, o paciente era então transferido para uma Unidade de Saúde. Em tempos que a pandemia recrudesceu, e após uma avaliação de que, na Maré, moradores de favelas mais distantes do centro de testagem no Galpão Ritma tinham dificuldades em acessar o local, foram realizadas testagens móveis e

⁵³ Disponível em: https://www.redesdamare.org.br/media/downloads/arquivos/RdM_guia-isolamento-domiciliar.pdf Acesso em: maio 2024.

abertos novos pontos em outras três favelas da Maré, bem como novos espaços de testagem também em Manguinhos, na Clínica de Saúde da Família Victor Valla. Os atendimentos em telemedicina não se restringiam a casos de Covid, contando com 35 especialidades para atendimento das populações dos territórios no período da pandemia, tais como cardiologia, dermatologia, ginecologia, ortopedia, pediatria, clínica geral e oncologia. Era disponibilizado um número de telefone com *WhatsApp* para informações e agendamento de consultas. Para alguns casos estava prevista a possibilidade de consultas presenciais, seguindo protocolos de segurança. Devido às dificuldades pela falta de internet de qualidade na favela, bem como de moradores sem celular ou computadores para o atendimento virtual, foram criadas cabines de teleatendimento na Maré, a partir de setembro de 2020, garantindo privacidade ao paciente e a tecnologia necessária para que o médico obtivesse as informações necessárias para o tratamento.

A frente de comunicação do projeto atuou ainda no combate às *fakenews* que proliferavam no período, ação orientada por um grupo de trabalho formado por representantes das organizações parceiras, que realizavam e atualizavam seu planejamento estratégico, respondendo às necessidades impostas pelos diferentes momentos da pandemia, em ações produzidas para os territórios e também na comunicação institucional com parceiros, poder público, pesquisadores e imprensa. Ao final do projeto, mais de 500 matérias foram veiculadas na imprensa local, nacional e internacional. O projeto contou ainda com um Comitê Gestor que realizava reuniões periódicas e implementou um modelo de gestão baseado na autonomia de ação dos parceiros dentro de suas expertises, “em decisões ágeis e capacidade de adaptação às muitas mudanças de realidade no curso da pandemia” (Redes da Maré, 2022, p. 4).

Desde os primeiros momentos do *Conexão*, seja em falas públicas de seus participantes ou em materiais de divulgação, o projeto foi apresentado como inovador, com o intuito de criar legados para a sociedade a partir de resposta social organizada, calcada em atuação coletiva entre instituição, grupos da sociedade civil e populações vulnerabilizadas impactadas pelas ações:



Lançamento do Conexão Saúde: de olho na Covid, projeto inovador de combate à pandemia nas favelas

4.160 visualizações...

293

NÃO GOSTEI

COMPARTILHAR

DOWNLOAD

CLÍPE

SALVAR

...

Imagem 7: Print da apresentação de Valcler Rangel no evento de lançamento do *Conexão*, em agosto de 2020.

“Primeiro, esse projeto, ele tem uma característica, de ser... esse Conexão Saúde, um projeto que a gente considera inovador, do ponto de vista do enfrentamento da pandemia em favelas e territórios populares. Ele é resultado desses esforços, de várias experiências, de várias pessoas e organizações...” Valcler Rangel, no evento de lançamento do Conexão Saúde.

Após alguns meses de execução da iniciativa, as mídias nacional e internacional a retratam como uma iniciativa com impactos relevantes para os territórios. Segundo esses dados e relatos, no início do programa, a mortalidade por Covid na Maré era quase o dobro da média da cidade do Rio de Janeiro, que era a capital brasileira que tinha mais mortalidade, com mais de 10 vezes a média do Brasil; um ano após sua implementação, a mortalidade havia caído 60%, ficando inferior à média do Rio e próxima à nacional. Com a continuidade do projeto, a capacidade de detecção cresceu em 140%; a proporção de mortes caiu em 68%; e a mortalidade em 86%, enquanto no mesmo período na cidade do Rio de Janeiro as mortes aumentaram 46%.⁵⁴

⁵⁴ Dados de novembro de 2022 apontam para uma redução de 89% na taxa de letalidade por Covid-19 na Maré. Disponível em: <https://www.redesdamare.org.br/conexaosauade/>. Acesso em: março/2024

Covid: As lições da favela que reduziu mortes em 90% enquanto Rio vivia tragédia

Nathalia Passarinho - @npassarinho
Da BBC News Brasil em Londres

1 maio 2021



Projeto criado por moradores, Fiocruz e ONGs tem plano de isolamento 'sob medida' para moradores da favela da Maré, testagem em massa para covid e atendimento médico por telefone

Imagem 8: Matéria da BBC Brasil, de maio de 2021, sobre resultados do projeto *Conexão Saúde* (Passarinho, 2024)

FOLHA DE S.PAULO



saúde responde ciência equilíbrio cotidiano

Compre ag
Aproveite e adquira



ÚLTIMAS NOTÍCIAS
Gostaria de receber as principais notícias do Brasil e do mundo?

NÃO, OBRIGADO

SIM, ACEITO

Comprar Agora

CORONAVÍRUS DIAS MOURA

Projeto social em favelas do Rio consegue reduzir mortes por Covid em 61% em um ano

Imagem 9: Manchete de matéria da Folha de São Paulo sobre resultados do *Conexão Saúde* (Collucci, 2024)



Imagem 10: Matéria sobre o *Conexão Saúde* no site [arte.tv/fr/](https://www.arte.tv/fr/).⁵⁵

Os resultados do *Conexão* foram relatados em boletins⁵⁶ periódicos, no que consideramos um esforço não apenas de registro, mas de construção de um discurso a respeito do seu sucesso, impactos e legados, fornecendo elementos para a avaliação de sua potencial incorporação ao SUS. Esse projeto e os parceiros nele envolvidos receberam algumas premiações: em 2020, os prêmios “Alceu Amoroso Lima de Direitos Humanos”, concedido pelo Centro Alceu Amoroso Lima pela Liberdade, da Universidade Candido Mendes, a pessoas e organizações que se destacam na luta pela justiça, paz e direitos humanos e o prêmio Tech Tudo – App do Ano pelo voto popular, em que o Dados do bem foi eleito aplicativo de destaque pela inovação e relevância dos serviços prestados no combate ao coronavírus; em 2021, um prêmio destinado a projetos que se destacaram pelas experiências bem-sucedidas em vigilância em saúde, concedido pelo 1º Congresso Virtual de Vigilância em Saúde (Convivs); e em 2022, o prêmio empreendedor Social, concedido pelo jornal Folha de São Paulo a

⁵⁵Disponível em: <https://www.arte.tv/fr/videos/104190-000-A/bresil-la-lutte-contre-le-virus-a-l-epreuve-de-la-precarite/> Acesso em: março 2024

⁵⁶ Disponíveis em: <https://www.redesdamarc.org.br/br/publicacoes> Acesso em: março 2024

empreendedores de destaque, tendo premiado a SAS Brasil na categoria “Inovação para a Retomada”.

Uma análise mais detida sobre os membros da rede envolvida no projeto nos permite observar a existência de vinculações de diversas ordens com a Fiocruz entre quase todos os entes envolvidos. Como exemplos de vinculação objetiva, o pesquisador da Fiocruz Fernando Bozza é um dos criadores do aplicativo “Dados do bem”; em uma vinculação mais afetiva, a coordenação do projeto na Maré conta com a participação de Luna Arouca, assistente social, ativista e filha de um dos mais proeminentes ex-presidentes da Fiocruz, Sérgio Arouca⁵⁷, que teve intensa atuação na conformação do SUS e do modelo de instituição democrática que a caracteriza até hoje. Assim, antes de iniciarmos a análise mais detalhada dos discursos relativos às ações e resultados alcançados no âmbito do *Conexão Saúde*, iniciativa que integrou saberes e experiências de diferentes sujeitos para o enfrentamento de um problema complexo, voltados a interesses coletivos, no que entendemos poder ser considerada uma iniciativa de intersetorialidade em saúde (Garcia et al., 2014), vamos apresentar cada um dos atores nela envolvidos, já apontando algumas de suas relações com a Fiocruz.

3.1.1 Territórios foco da ação e seus representantes: Manguinhos e Maré

O território de favela de Manguinhos possui população aproximada de 36 mil habitantes, sendo vizinho do território da Maré, este com população aproximada de 140 mil habitantes. Apesar da diferença em suas dimensões, além da proximidade física entre ambos, outro ponto que os aproxima são os altos índices de violência urbana, assim como seus respectivos Índices de Desenvolvimento Humano (IDH), posicionados lado a lado no ranking dos bairros da cidade do Rio de Janeiro, ocupando a 123ª e 122ª colocações⁵⁸, respectivamente, o que os deixa entre os 5 piores IDHs da cidade. Estes dados ajudam a caracterizar o grau de vulnerabilidade social em que se encontram os territórios, o que durante a pandemia de Covid-19 trouxe desafios adicionais, dadas as condições de moradia nesses locais e a condição de trabalho

⁵⁷ Ex-presidente da Fiocruz e um dos principais teóricos e líderes do chamado "movimento sanitário", que levou à inclusão, na Constituição de 1988, da saúde como um direito inalienável de todos os cidadãos. Para mais informações, ver o especial sobre Sérgio Arouca no Portal Fiocruz: <https://portal.fiocruz.br/sergio-arouca> Acesso em: agosto de 2022.

⁵⁸ Dados da avaliação de 2010 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), disponível para consulta no site: https://www.wikirio.com.br/IDH_dos_bairros_da_cidade_do_Rio_de_Janeiro

precarizado de muitos de seus moradores, que não permitiram manter o isolamento adequado durante os momentos de pico de contágio do Coronavírus.

Além de abrigar a Fundação Oswaldo Cruz, o bairro de **Manguinhos**, situado na zona norte da cidade do Rio de Janeiro, é território ocupado por diversas comunidades conhecidas como Favela ou Complexo de Manguinhos. Essa favela é formada pelas seguintes comunidades: Parque João Goulart, Vila Turismo, CHP-2, Parque Manoel Chagas, Vila União, Vila São Pedro, Comunidade Agrícola de Higienópolis, Parque Oswaldo Cruz, Parque Herédia de Sá, Parque Horácio Cardoso Franco, Vila Arará, Vitória de Manguinhos e Mandela de Pedra, Conjunto ex-Combatentes e Suburbana, Conjunto Nelson Mandela e Conjunto Samora Machel. Os rios Faria Timbó⁵⁹ e Jacaré, além do Canal do Cunha, cortam as comunidades de Manguinhos e servem como escoamento para esgoto não tratado, contribuindo para doenças de sua população. O território é ainda um reduto do tráfico de drogas no estado do Rio de Janeiro, tendo sido cenário de embates com a polícia e grupos rivais⁶⁰.

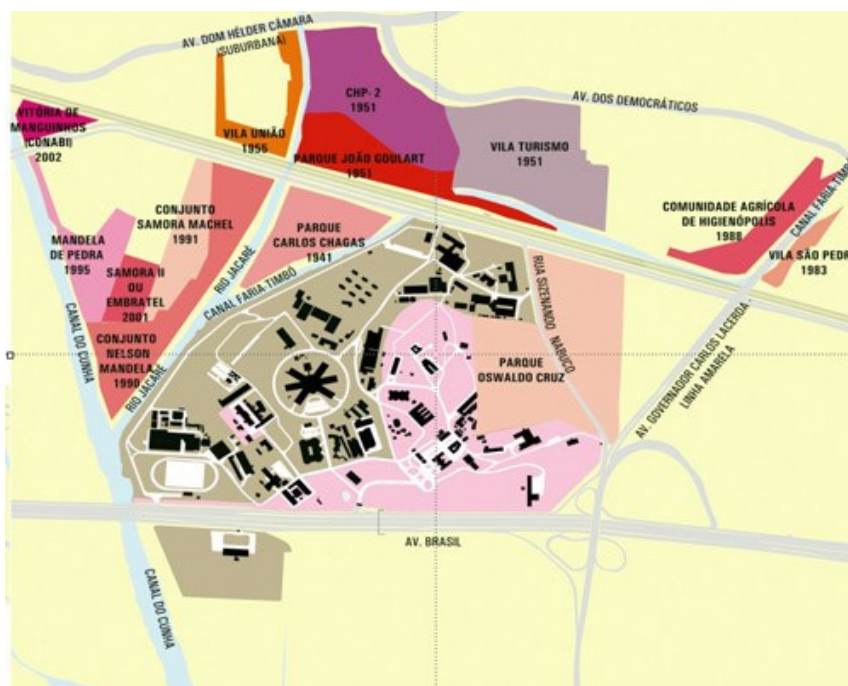


Imagem 11: Mapa com a localização das comunidades de Manguinhos, vizinhas ao Campus da Fiocruz, datado de 2007.⁶¹

⁵⁹ Este rio também atravessa uma parte do campus da Fiocruz em Manguinhos, sendo possível a quem caminha pelo Campus visualizar de maneira muito próxima as moradias da Favela de Manguinhos localizadas nessa área insalubre do território, da mesma maneira que os moradores podem visualizar a circulação de pessoas no campus da Fiocruz.

⁶⁰ Mais sobre o território de Manguinhos no verbete do “Dicionário de Favelas Marielle Franco”, disponível em: https://wikifavelas.com.br/index.php/Favela_de_Manguinhos Acesso em: maio/2022

⁶¹ Fonte: VALVERDE, Ricardo. Documentário dá voz a moradores das comunidades de Manguinhos. CCS/Fiocruz, Rio de Janeiro, 26 nov. 2007. Disponível em: <https://agencia.fiocruz.br/documentário-dá-voz-a-moradores-das-comunidades-de-manguinhos> Acesso em: maio 2024.

Este território foi representado no projeto *Conexão Saúde* pelo Conselho Comunitário de Manguinhos, colegiado criado em 2011 como parte das ações de Desenvolvimento Territorial no contexto do Programa Aceleração do Crescimento (PAC). Seu formato de funcionamento foi inspirado em iniciativas de outros territórios, como a Câmara Comunitária constituída na Rocinha e bairros vizinhos, bem como em outras iniciativas de desenvolvimento local realizadas no próprio território de Manguinhos desde os anos 1990, como o Programa de Desenvolvimento Local Integrado e Sustentável (DLIS) Manguinhos, em parceria com a Escola Nacional de Saúde Pública (ENSP), da Fiocruz. O Conselho Comunitário de Manguinhos tem como objetivo contribuir para o desenvolvimento sustentável das comunidades que compõem o território, e é formado por representantes das instituições e grupos sociais reconhecidos por seus moradores que promovem ações e diálogos entre estes e instituições privadas, governamentais e sociocomunitárias. Tem sua atuação organizada por grupos temáticos, sendo eles: “Saúde, Esporte e Lazer”; “Educação e Cultura”; “Trabalho, Renda e Solidariedade”; “Urbanismo e Ambiente”; “Comunicação e Turismo”; e “Assistência Social e Direitos Humanos”⁶². O centro de testagem para Covid-19, uma das linhas do *Conexão* desenvolvida neste território, foi instalado no Centro Comunitário de Defesa da Cidadania (CCDC) de Manguinhos.

No momento da pandemia, Manguinhos tinha a gestão de sua Atenção Primária em Saúde (APS) realizada por meio do plano denominado Territórios Integrados de Atenção à Saúde (Teias), iniciativa de cogestão estabelecida por meio de contrato de gestão entre a Secretaria Municipal de Saúde do Rio de Janeiro e Organizações Sociais de Saúde para gestão de seus serviços e ações de atenção, promoção e prevenção em saúde. Sua coordenação era feita, entre 2009 e 2020⁶³, em parceria com a Organização Social de Saúde “Fundação para o Desenvolvimento Científico e Tecnológico” (Fiotec), vinculada à Fiocruz, período no qual incorporou componentes da produção de conhecimentos científicos e tecnológicos, ensino e pesquisa, relacionados com a missão da Fiocruz. Adotando o modelo de estratégia de saúde da família, com equipes multiprofissionais e agentes comunitários por quantitativo de habitantes, esse território

⁶² Regimento do Conselho Comunitário de Manguinhos, disponível em: <https://commanguinhos.files.wordpress.com/2011/12/regimento-interno.pdf> Mais informações no WikiDicionário de Favelas Marielle Franco, em: https://wikifavelas.com.br/index.php/Conselho_Comunitario_de_Manguinhos Acesso em: maio 2024.

⁶³ Essa gestão passou, em abril de 2021, Organização Viva Rio. Fonte: <http://atencaoasaudeelaboratorios.ensp.fiocruz.br/teias-manguinhos> Acesso em: maio 2024.

contava com cobertura de atendimento para 100% da população do território, com treze equipes de saúde da família e cinco equipes de saúde bucal, distribuídas nos espaços da Clínica da Família Victor Valla e do Centro de Saúde Escola Germano Sinval Faria, além de um Núcleo de Apoio à Saúde da Família, uma Equipe de Consultório na Rua (ECR), duas Academias Cariocas da Saúde, o Centro de Atenção Psicossocial Carlos Augusto da Silva e uma Unidade de Pronto Atendimento 24 horas⁶⁴.

Já a situação na **Maré** era diferente neste mesmo período. Este bairro, criado por meio da Lei Municipal nº 2.119 de 19 de janeiro de 1994, é composto por cerca de 140 mil habitantes, distribuídas por um conjunto de 17 comunidades. Na década de 1970, a ocupação da região chegou às águas da Baía de Guanabara como um aglomerado de habitações de madeira sobre palafitas, moradias erradicadas na década de 1980, com a realização de aterros e a construção de conjuntos habitacionais para reassentamento das famílias removidas das palafitas. É composta pelas seguintes favelas: Baixa do Sapateiro, Morro do Timbau, Parque Maré, Nova Maré, Nova Holanda, Rubens Vaz, Parque União, Conjunto Esperança, Conjunto Pinheiros, Vila do Pinheiro, Vila do João, 'Salsa e Merengue', Marcílio Dias e Mandacaru, Roquete Pinto, Praia de Ramos e Bento Ribeiro Dantas. Sua proximidade com um dos *campi* da Fundação Oswaldo Cruz, que ocupa um antigo prédio do Ministério da Saúde, foi um dos motivos que fez com que o campus sede da Fiocruz fosse recentemente rebatizado de Campus Manguinhos-Maré, conforme já abordado anteriormente na presente pesquisa. Este território foi representado no projeto *Conexão Saúde* pela Ong Redes da Maré, com mais de 15 anos de atuação no território. Formalizada em 2007, esta Ong teve seu processo de criação iniciado em 1997, com a experiência de um Curso Pré-Vestibular Comunitário, a partir da iniciativa de moradores e ex-moradores. A trajetória da Redes também está intimamente ligada ao protagonismo de sua fundadora e diretora, Eliana Sousa Silva, que atua em mobilizações comunitárias desde os anos 1980 nas favelas da Maré. Eleita aos 22 anos como primeira presidente mulher da Associação dos Moradores da Nova Holanda, favela que faz parte da Maré, Eliana foi premiada em diversas ocasiões por sua atuação como educadora, ativista e empreendedora social, além de ser catedrática da USP, doutora pela PUC-Rio e *honoris causa* pela *Queen Mary University of London*, em reconhecimento por sua atuação

⁶⁴ Informações disponíveis em: <http://atencaoasaudeelaboratorios.ensp.fiocruz.br/teias-manguinhos>
Acesso em: maio 2024.

comunitária e produção acadêmica, e de ter recebido, em 2021, a Medalha Tiradentes, destinada a premiar pessoas que prestaram relevantes serviços à causa pública do Estado do Rio de Janeiro, em reconhecimento à sua trajetória no território da Maré e atuação no contexto da pandemia de Covid-19. Hoje a Ong por ela dirigida tem como missão “tecer as redes necessárias para efetivar os direitos da população do conjunto de 16 favelas da Maré, onde residem mais de 140 mil pessoas”⁶⁵. A Redes da Maré declara ainda que sua visão é buscar o reconhecimento dos moradores das favelas da Maré, das instituições da sociedade civil e dos órgãos do poder público a partir da mobilização e do protagonismo da população local. Suas atividades são organizadas em 5 eixos de ação: “Artes, Cultura e Memória”; “Direito à Segurança Pública e Acesso à Justiça”; “Direitos Urbanos e Socioambientais”; “Educação”; e o último a ser criado, no contexto da pandemia de Covid-19, a partir da experiência com o projeto *Conexão Saúde*, o eixo “Direito à Saúde”⁶⁶. Esta organização cedeu um espaço no território da Maré, o Galpão Ritma, para a instalação do centro de testagem para Covid-19, uma das linhas do projeto *Conexão Saúde*.

A situação da Atenção Primária em Saúde na Maré era bastante precária no início da pandemia, com a falta de estrutura, medicamentos e profissionais em suas clínicas da família. A Maré possui três centros municipais de Saúde (CMS), quatro clínicas de Saúde da Família e uma Unidade de Pronto Atendimento (UPA) na Vila do João. Entretanto, a população da Maré tem restrições no acesso aos serviços de saúde, que têm sofrido sucessivos cortes orçamentários, que geram atrasos salariais, demissões e faltas de insumos básicos. Dessa forma, a pandemia se desenvolveu em um cenário de precarização e desinvestimento por parte do Estado (Arouca e Bozza, 2022).

⁶⁵ Missão e visão da Redes da Maré: <https://www.redesdamare.org.br/br/quemsomos/apresentacao>
Acesso em: maio 2024

⁶⁶ Mais informações sobre o Eixo Saúde: <https://www.redesdamare.org.br/br/eixos/5/direito-a-saude>
Acesso em: maio/2024



Imagem 12: Comunidades que conformam a favela da Maré. A delimitação não inclui o território da comunidade de Marcílio Dias, que, segundo a Multi Rio, “pertence ao bairro da Penha Circular”.

Fonte: site multi rio⁶⁷

3.1.2 Outros atores integrantes do projeto: Fundo “Todos pela Saúde”, Dados do Bem, SAS Brasil e União Rio

O financiamento para as primeiras ações do *Conexão Saúde* partiu do fundo “**Todos pela Saúde**”⁶⁸. Articulado em abril de 2020 a partir de doação de cerca de 1 bilhão⁶⁹ feita pelo Itaú Unibanco e parceiros para ações com foco no combate ao Coronavírus no país e apoio a iniciativas da saúde pública, teve seus recursos geridos por um grupo de especialistas, entre eles Pedro Ribeiro Barbosa, pesquisador da Fiocruz, e o médico

⁶⁷Disponível em: <https://www.multirio.rj.gov.br/index.php/reportagens/3086-mare-uma-cidade-dentro-do-rio-de-janeiro> Acesso em: maio 2024.

⁶⁸ Mais informações sobre o Todos pela Saúde em: <https://www.itps.org.br/quem-somos#historia> Acesso em: maio 2024.

⁶⁹ Segundo informações disponíveis no site da iniciativa, o valor total de doações que originou o Fundo Todos pela Saúde foi de 1,2 bilhão, “a maior quantia já destinada por uma organização privada a uma causa social no Brasil”. Posteriormente, em fevereiro de 2021, o então Fundo Todos pela Saúde se tornou Instituto Todos pela Saúde. Disponível em: <https://www.itps.org.br/quem-somos#historia> Acesso em: maio 2024.

Dráuzio Varella, que participou do evento de lançamento do *Conexão Saúde*, como veremos adiante. Em parceria com o SUS, esses especialistas organizaram e priorizaram as demandas dos estados para a concessão dos recursos por eles gerenciados. O projeto *Conexão Saúde*, que teve início em julho de 2020, recebeu 1,6 milhões para financiamento de três meses do projeto, mas seguiu operando até o final do referido ano, conseguindo novo apoio financeiro para atuar por mais 3 meses em 2021 (Arouca e Bozza, 2022).

Já a **Dados do Bem**⁷⁰, Ong formada por médicos, pesquisadores e cientistas da informação, tem como idealizador o médico e pesquisador da Fiocruz e da Rede D'Or, Fernando Bozza. A partir da utilização de um aplicativo, desenvolvido pelo Instituto D'Or de Pesquisa e Ensino, em parceria com a *Zoox Smart Data* Ong, a Dados do Bem promoveu um monitoramento epidemiológico, envolvendo tecnologia de geolocalização e metodologias de acompanhamento da evolução da epidemia do Coronavírus nos centros urbanos. No contexto do *Conexão Saúde*, o aplicativo Dados do Bem foi utilizado como a ferramenta por meio da qual moradores dos territórios informavam seus sintomas e, a partir de uma avaliação desses sinais clínicos e epidemiológicos, se compatíveis com os da Covid-19, eram realizados agendamentos para a realização de testes para a Covid-19 nos centros de testagem do território. Ao realizar o teste, caso este apresentasse resultado positivo para Covid-19, o paciente poderia indicar cinco pessoas com as quais teve contato próximo, para que elas fossem convidadas a também fazer a autoavaliação de saúde pelo aplicativo. As informações coletadas pelo aplicativo forneceram um mapa de distribuição do vírus e dados estratégicos sobre a Covid-19, sendo disponibilizadas de forma gratuita ao governo do Estado do Rio de Janeiro, para monitoramento da doença e orientação de políticas públicas relacionadas ao tema.

Outra dimensão da tecnologia no projeto *Conexão Saúde* é representada pela Ong Saúde, Alegria e Sustentabilidade Brasil - **SAS Brasil**⁷¹, *startup* social e instituição de saúde do terceiro setor que, em 2020, recebeu o estatuto de Organização da Sociedade Civil de Interesse Público (Oscip). No projeto, assumiu a dimensão da telemedicina, inaugurada também por essa Ong no contexto da pandemia, pois sua atuação anterior

⁷⁰ Mais sobre a Dados do Bem: https://www.catarse.me/espalhe_o_bem e <https://www.rededorsaoluiz.com.br/noticias/artigo/dados-do-bem-idor-e-zoox-mapearao-a-covid-19> Acesso em: maio 2024.

⁷¹ Mais sobre a SAS Brasil: <https://sasbrasil.wpengine.com/transparencia/> Acesso em: maio 2024.

estava focada em ações itinerantes, levando atendimento médico especializado para cidades carentes de acesso a médicos especialistas, com o intuito de reduzir a fila de espera por consultas desta natureza nessas regiões. Com a pandemia, a organização ofereceu atendimento via telemedicina em mais de 30 especialidades e realizou o monitoramento de pacientes com Covid-19. No contexto do *Conexão*, a SAS Brasil ofereceu a possibilidade das interconsultas, em que um médico especialista atua, via telemedicina, em conjunto com o médico da clínica de saúde da família do território, estrutura vinculada ao SUS.

Por fim, o **Movimento União Rio**⁷² atuou na articulação da rede de atores participantes do *Conexão Saúde*. Trata-se de um movimento voluntário da sociedade civil do Rio de Janeiro, reunindo empresas e organizações não governamentais que, por meio de múltiplas formas de captação de recursos e doações, buscaram levantar demandas na área de saúde para apoio às comunidades vulneráveis e redução dos impactos da pandemia da Covid-19, pensando especialmente na contaminação do vírus em domicílios aglomerados das comunidades e favelas, e na perda das fontes de receitas de muitos de seus trabalhadores autônomos.

Assim, conhecidos os atores participantes do *Conexão Saúde*, nos propomos a detalhar a metodologia e o percurso para definição do corpus que nos permitirá analisar os discursos sobre a referida iniciativa.

3.2 Aspectos metodológicos da construção do *corpus*

Seguindo na perspectiva de adotar a cartografia como metodologia para a definição e exploração de meu objeto de pesquisa, opção a ser novamente abordada neste início de seção, objetivo detalhar os fluxos e as afetações que me levaram ao recorte do *corpus* que possibilitará a análise do contexto no qual o projeto *Conexão Saúde* foi gestado, bem como investigar como os discursos a seu respeito operam na conformação e na avaliação de seus resultados e desdobramentos.

A opção pelo método da cartografia, conforme proposto por Deleuze e Guatarri (1995), se deu em diferentes momentos da pesquisa. Esse método não está voltado a representar determinado objeto, e sim a acompanhar pistas de percursos e processos de produção que possibilitaram a emergência do objeto pesquisado, e de que forma, a

⁷² Mais sobre o União Rio: <https://www.movimentouniaorio.org/> Acesso em: maio 2024.

partir de que conexões, suas ações são engendradas (Kastroup, 2015, p. 32). Assim, na cartografia a própria circunscrição do objeto de pesquisa, ou a criação de um mapa do problema estudado, é uma performance que possibilita diferentes entradas, permitindo modificações constantes e novas conexões de campos (Deleuze; Guatarri, 1995, p.21). Há, portanto, uma inseparabilidade entre o conhecer e o fazer, entre pesquisar e intervir, dado que toda pesquisa é intervenção (Passos; Barros, 1995, p. 17). Além disso, trata-se de um método que não é propriamente aplicado, mas assumido como atitude de abertura, que produz no percurso da pesquisa uma reversão metodológica, em que a precisão “não é tomada como exatidão, mas como compromisso e interesse como implicação na realidade” (Passos; Kastroup; Escóssia, 2015, p. 11). Assim me posiciono quando apresento, logo na introdução, minha perspectiva de uma ciência que tem obrigação de se engajar e intervir. O mesmo se dá quando explico o lugar a partir do qual me proponho a falar, de um projeto promovido pela instituição em que atuo, a Fiocruz, com a qual possuo valores compartilhados, a respeito da importância da valorização e do fortalecimento do SUS. Certamente há uma marca de minhas posições políticas nas entradas de análise por mim selecionadas, assim como nas conexões construídas e pistas que decido seguir a respeito do problema de pesquisa selecionado.

O mapa determinado pela cartografia é um mapa móvel (Deleuze; Guatarri, 1995, p. 31), que possibilita o olhar para linhas flexíveis e de fuga, que são germens potenciais de mudança (Passos; Kastroup; Escóssia, 2015, p. 11). Quem cartografa deve deixar de buscar informações e acolher o que lhe acomete, estando aberto ao encontro, o que permite desenhar a rede de forças à qual o objeto ou o fenômeno em questão se encontra conectado, dando conta de suas modulações e movimentos permanentes (Kastroup, 20015, p. 38). Em determinado momento, realiza um gesto de pouso, uma parada, e o campo se fecha, em uma espécie de *zoom* (Kastroup, 2015, p. 43).

Como veremos nas análises a serem apresentadas adiante, nos capítulos 5 e 6, o projeto aqui estudado, o *Conexão Saúde*, objetivava uma melhoria imediata para territórios vulnerabilizados da cidade do Rio de Janeiro em um momento de crise, além da criação de legados, a partir dessa experiência, para os grupos envolvidos e para o SUS. Assim, o mapa móvel delineado ao longo da presente pesquisa busca identificar temas de exploração que possam ampliar o aprendizado com a iniciativa do *Conexão*, que contribuam com projetos de futuro para os territórios envolvidos e para o SUS. A adoção do método me pareceu adequada ainda por se compatibilizar, a meu ver, com a linha de pensamento do autor adotado em outros pontos da presente pesquisa, Henri

Bergson (2010), no sentido de deixar que a intuição, memória e afetos atuem na criação de um território de observação (Passos; Kastroup; Escóssia, 2015, p. 45). Neste sentido, pretendo seguir narrando, na presente seção, as maneiras pelas quais fui afetada pelas pistas e caminhos que me levaram ao tema pesquisado, dentro do amplo espectro de ações da Fiocruz no contexto da pandemia, de maneira a compreender as conexões que permitiram o surgimento e o desenvolvimento do projeto *Conexão Saúde*.

3.2.1 O percurso para a definição do corpus

Desde o início da pandemia de Covid-19, decretada pela Organização Mundial de Saúde (OMS) em março de 2020, acompanhei ações e discussões promovidas pela Fiocruz a respeito do tema. Não apenas por interesse pessoal e profissional, mas para filtrar e compartilhar com minhas redes pessoais informações validadas pela Fiocruz, por confiar na seriedade e legitimidade desta instituição para orientar a sociedade sobre comportamentos a serem adotados em um período de crise de saúde pública, especialmente num contexto de muitas dúvidas e informações conflitantes circulando na arena pública⁷³.

Em maio de 2020 a Fiocruz completou 120 anos, e as ações comemorativas planejadas para a ocasião tiveram que ser adaptadas ao formato remoto, devido ao afastamento social necessário ao controle da pandemia. Um dos primeiros eventos que acompanhei abordava a relação da memória institucional com o período da pandemia, o “Seminário on-line ‘120 anos da Fiocruz – pandemia em perspectiva histórica’⁷⁴. Realizado poucos meses após o início da pandemia, os discursos dos participantes do evento já acionavam a memória institucional para ressaltar a tradição e a legitimidade desta instituição para atuar no presente, na crise gerada pela pandemia em curso. Com o interesse crescente em explorar a atuação da Fiocruz neste período de crise⁷⁵, passei

⁷³ A Fiocruz chegou a se posicionar de forma contrária às orientações do governo federal relativas ao tema, como no caso das recomendações a respeito do isolamento domiciliar (Mello, 2020).

⁷⁴ Mais informações em: SEMINÁRIO on-line debate os 120 anos da Fiocruz e as pandemias em perspectiva histórica. Portal COC, Rio de Janeiro, 25 mai. 2020. Disponível em: <https://coc.fiocruz.br/todas-as-noticias/seminario-on-line-debate-os-120-anos-da-fiocruz-e-as-perspectivas-historicas-das-pandemias/> Acesso em: maio 2024.

⁷⁵ Esse interesse seguiu por todo o período da pandemia, e destaco alguns dos outros eventos acompanhados e analisados no período, mas que acabaram não sendo foco do *corpus* selecionado para a presente pesquisa: diversas edições do evento mensal “Sexta de Conversa”, com a presença da presidente da Fiocruz abordando os principais temas desenvolvidos pela instituição nos respectivos períodos; aula inaugural da Casa de Oswaldo Cruz, “Negacionismos e revisionismos ideológicos: o conhecimento histórico em xeque”, realizada em março de 2021; evento “A velha e a nova revolta da Vacina”, em março 2022; o *webinar* “A pandemia de Covid-19 no Brasil – balanços e desafios”, evento em

a acompanhar diariamente ações e divulgações institucionais sobre o tema, por meio de notícias veiculadas nos canais de comunicação oficial da Fiocruz (Portal Fiocruz, Agência Fiocruz de Notícias, redes sociais – *facebook*, *instagram*, *twitter* - e lista de divulgação interna de comunicações institucionais Fiocruz-I), acompanhando ainda alguns dos eventos promovidos pela instituição ou com a presença de seus representantes que abordavam o tema. Por meio de mídias sociais, especialmente *twitter* e *facebook*, acessei publicações de grandes veículos de imprensa (O Globo, El País, BBC Brasil, Folha de São Paulo) em temas relacionados às decisões de saúde pública que poderiam envolver a Fiocruz, tais como recomendações a respeito da vacinação e do isolamento social, bem como aquelas que repercutiam as dificuldades das instituições de ciência e saúde no período, especialmente em sua relação com o governo federal. Também por este motivo, acompanhei informes institucionais, materiais de campanha e debates que fizeram parte do processo eleitoral para a presidência da Fiocruz, realizado no final do ano de 2020, interessada em compreender o tensionamento de relações desta instituição com o governo federal em exercício, assim como os temores a respeito de uma possível intervenção na autonomia da Fiocruz⁷⁶. Como esses acompanhamentos foram feitos de forma preliminar, sem ainda estabelecimento de um foco específico de pesquisa, não adotei nenhuma forma sistemática de registro dessas informações, utilizando as próprias redes sociais para compartilhá-las ou salvá-las, baixando algumas das matérias e salvando em pastas pessoais do computador, listando links de interesse para registro e possível acesso posterior e realizando resumos dos pontos que me chamaram atenção nos eventos acompanhados.

Motivada especialmente pela matéria da BBC Brasil de maio de 2021, “Covid: As lições da favela que reduziu mortes em 90% enquanto Rio vivia tragédia”, que relatava excelentes resultados obtidos por meio do *Conexão Saúde*, projeto envolvendo a atuação conjunta da Fiocruz junto a grupos vulnerabilizados no contexto da pandemia, minha atenção pousou neste tema. Passei a acompanhar diariamente as páginas institucionais e perfis nas redes sociais de atores participantes do projeto - sendo eles os perfis da Redes da Maré, do SAS Brasil, do Conselho Gestor Intersetorial de

comemoração pelos 122 anos Fiocruz, em maio 2022; e o XVI Encontro Nacional de História Oral - Pandemia e Futuros Possíveis, em julho de 2022.

⁷⁶ Tanto o tensionamento com o governo federal quanto o processo eleitoral na Fiocruz são melhor relatados e explorados na seção “2.1 - Recorte no tempo presente: a Fiocruz na pandemia de Covid-19”.

Manguinhos, da Fiocruz, do Dados do Bem, da Secretaria de Saúde do Rio de Janeiro, da Coordenadoria de Atenção Primária da Área da Saúde 3.1 e da Pesquisa Vacina Maré – em busca de mais informações e pistas sobre a rede de forças envolvidas na proposição e realização do *projeto*. Em alguns casos, passei a seguir os perfis pessoais de participantes do projeto– sendo eles os perfis de Fernando Bozza (Dados do Bem), Valcler Rangel (Fiocruz) e Daniel Soranz (Secretaria de Saúde do Rio de Janeiro) – com o mesmo objetivo, dado que muitas de suas publicações traziam informações a respeito de atuações profissionais. Passei a acompanhar também perfis no *Instagram* de outras associações e projetos da Fiocruz e do território da Maré e de Manguinhos⁷⁷. Além disso, criei um alerta no *Google* acadêmico para acompanhamento das publicações com a palavra-chave “*Conexão Saúde*”, com notificações sobre publicações de artigos e capítulos de livros que mencionam o tema. Dado que me interessei pelo projeto passados aproximadamente 9 meses de seu início, toda essa pesquisa se deu não apenas nas novas informações sobre o projeto, mas também nas publicações e postagens antigas, em um recorte a partir da data de início de execução do *Conexão*, em agosto de 2020, nestes mesmos sites e perfis. Busquei também eventos passados que permaneciam disponíveis online para acesso, entre eles o de lançamento da iniciativa, que acabou sendo um dos materiais selecionados posteriormente para análise na presente pesquisa, conforme veremos adiante neste capítulo.

Em maio de 2021, acompanhei um evento comemorativo pelo aniversário da Fiocruz, com a mesa redonda “A Fiocruz no enfrentamento da pandemia: inovando a tradição”, quando ouvi oficialmente⁷⁸ sobre a existência de um projeto de acompanhamento da atuação da Fiocruz na pandemia, conduzido por historiadores da instituição, e que contemplava a realização de entrevistas no modelo de história oral com profissionais atuantes nas principais ações institucionais no período. Neste período também tive acesso a dois capítulos de um livro⁷⁹, ambos abordando a atuação da Fiocruz na pandemia: o primeiro a respeito do projeto acima referenciado, e outro

⁷⁷ Passei a seguir os perfis do Ballet de Manguinhos, Centro de Estudos e Ações Comunitárias da Maré, Cidades em Movimento, Espaço Casa Viva, Voz das Comunidades, Frente de Mobilização da Maré, Maré de Notícias e Maré Vive.

⁷⁸ Como atuo na unidade da Fiocruz que coordenou a iniciativa, a Casa de Oswaldo Cruz, já tinha ouvido anteriormente sobre a existência do projeto, mas nunca tinha visto nenhuma divulgação institucional oficial a seu respeito.

⁷⁹ Os capítulos, que fazem parte da publicação “Os impactos sociais da Covid-19 no Brasil: populações vulnerabilizadas e respostas à pandemia”, são os seguintes: “A Fiocruz no Tempo Presente: ciência, saúde e sociedade no enfrentamento da pandemia de Covid-19” e “Conexão Saúde no Enfrentamento da Pandemia de Covid-19”. Disponível em: <https://books.scielo.org/id/r3hc2> Acesso em: maio de 2024.

específico sobre o *Conexão Saúde*. Notei que a autora do artigo sobre o *Conexão* era também coautora do artigo sobre o projeto geral da Fiocruz e, realizando pesquisas na plataforma lattes, pude verificar que esta pesquisadora era membro do grupo de pesquisa responsável pelo acompanhamento da atuação da Fiocruz na pandemia.

Decidi entrar em contato com a pesquisadora responsável pelo projeto de acompanhamento da atuação da Fiocruz na pandemia, a pesquisadora Simone Kropf, que atua na mesma Unidade que eu na Fiocruz, a Casa de Oswaldo Cruz. Em junho de 2021 fiz este contato, buscando compreender melhor sobre o projeto, de maneira a estabelecer um foco para minha pesquisa de doutorado que não se sobrepusesse ao trabalho já em realização e pudesse, de alguma maneira, colaborar com as reflexões sobre a atuação da Fiocruz no período da pandemia. Procurei também saber se a pesquisa sobre o *Conexão* tinha sido aprofundada após a produção do capítulo de livro a seu respeito. Soube então que a pesquisa sobre esse tema específico não tinha tido continuidade, e que seria uma interessante colaboração caso eu optasse mesmo por uma pesquisa mais aprofundada sobre o *Conexão*. Também, nesta conversa, abordando meu interesse em realizar entrevistas com atores participantes do *Conexão*, recebi a sugestão de realizar um contato inicial com um profissional que atua na Coordenação de Cooperação Social da Fiocruz que foi representante do Conselho Comunitário de Manguinhos no *Conexão Saúde*, além de ser também morador de Manguinhos, por ser uma pessoa com experiência nas relações entre Fiocruz e territórios, André Luiz Lima. Fiz o primeiro contato com André em julho de 2021, quando trocamos mensagens sobre o tema, e realizei com ele uma primeira entrevista exploratória sobre o tema, em outubro de 2021. Meu interesse foi especialmente obter mais informações sobre a atuação do *Conexão* em Manguinhos, pois em minhas primeiras explorações as informações sobre as ações do projeto nesse território me pareceram mais escassas do que aquelas em relação à Maré. Como desdobramento deste contato inicial, participei ainda de uma oficina de avaliação da experiência do *Conexão* em Manguinhos, a convite de André, para relatoria do evento.

Apesar de ter tido contato com relatos da iniciativa nesse território, o que forneceu importantes reflexões nesta etapa da pesquisa, nenhum destes materiais foi diretamente utilizado na pesquisa, pois não há, até o momento, nenhum relatório público disponibilizado sobre o tema. De qualquer maneira, neste contato com André fiquei sabendo de uma *live* em que ele tinha entrevistado uma representante da SAS Brasil, organização que participou do *Conexão*, sobre a adoção da telemedicina em

Manguinhos, realizada no início do trabalho do projeto no território. Acabei selecionando essa *live* como objeto de análise, por trazer pistas do posicionamento desses atores em relação ao projeto, como explorarei adiante no capítulo 5.

Em julho de 2021, ganhou espaço nas divulgações da Fiocruz e dos atores participantes do *Conexão* uma ação creditada como desdobramento do *Conexão*, a vacinação em massa no território da Maré, evento conhecido como “Vacina, Maré”, em que a vacinação da população desse território foi antecipada em relação ao calendário geral da cidade do Rio de Janeiro. A ação foi realizada a partir de parceria entre a Secretaria Municipal de Saúde do Rio de Janeiro, a Ong Redes da Maré e a Fiocruz, tendo esta instituição conduzido posteriormente estudo que comprovou o impacto da vacinação na população da Maré, investigando a eficácia e a proteção conferida por esta vacina, quando mais de 90% da população adulta deste território foi imunizada com as duas doses da vacina AstraZeneca⁸⁰. Assim, as divulgações a respeito dessa ação passaram a ser a principal atualização a respeito do *Conexão* neste período. Por meio da página pessoal do pesquisador da Fiocruz e representante do aplicativo Dados do Bem no *Conexão*, Fernando Bozza, fiquei sabendo de uma *live* que traria uma entrevista com ele e Luna Arouca, representante da Redes da Maré no *Conexão*, a respeito da ação de vacinação na Maré. Após assistir à referida *live*, decidi selecioná-la como *corpus* para a presente pesquisa, principalmente porque foi o primeiro evento em que vi um posicionamento menos assertivo a respeito da possibilidade de replicação do modelo proposto pelo *Conexão* em outros territórios. Outra divulgação do período foi a respeito do evento de abertura da ação de vacinação na Maré, no qual encontrei o contato de uma assessora de comunicação da Fiocruz, Aline Câmera, a quem solicitei informações mais detalhadas sobre o evento, para que eu pudesse acompanhar a atividade presencialmente. Assim, realizei minha primeira incursão presencial da pesquisa de campo, no dia 29 de julho de 2021, na Clínica de Saúde da Família Adib Jatene, no território da Maré, para acompanhar a abertura e a coletiva de imprensa a respeito do início dessa vacinação no território. Na ocasião, com apoio da assessora de comunicação da Fiocruz, pude também me apresentar ao coordenador do *Conexão* na Fiocruz, Valcler Rangel, relatando brevemente meu interesse em pesquisar a iniciativa.

⁸⁰ O trabalho analisou verificou que, três semanas após a primeira dose, a proteção contra a Covid foi de 31,6%. Duas semanas após a segunda dose, essa taxa subiu para 65,1%. Os resultados do estudo podem ser conferidos em: <https://portal.fiocruz.br/noticia/estudo-na-mare-comprova-efetividade-da-vacina-covid-19> Acesso em: março/2024

Este evento presencial foi um dos materiais selecionados com parte de meu corpus de pesquisa, que será explorado adiante, no capítulo 5, bem como o evento de abertura da segunda dose dessa ação de vacinação, este acompanhado de forma virtual. Outra incursão presencial foi no seminário de avaliação da iniciativa do Vacina Maré, realizada no campus Manguinhos-Maré, em agosto de 2022, material também selecionado para análise, pensando nos legados do projeto *Conexão*. Neste evento foi divulgada ainda a publicação de uma edição especial do Boletim Conexão Saúde, que realizava um balanço do projeto, e que foi também selecionado para o *corpus* de pesquisa. Após essas ações específicas sobre o *Conexão Saúde*, os materiais de divulgação, redes sociais acompanhadas e artigos mapeados passaram a focar mais nas ações de desdobramento, dos estudos derivados do Vacina Maré, e da continuidade de ações que envolvem editais vinculados ao plano de enfrentamento da Covid nas favelas do Rio de Janeiro.

3.2.2 O *corpus* selecionado

Dentro do espectro de materiais possíveis de análise sobre o projeto *Conexão Saúde*, os caminhos acima relatados me levaram à operação de seleção que resultou nos materiais sistematizados na planilha abaixo e que conformarão meu *corpus* de pesquisa. A partir da sistematização desses eventos, dei início a uma segunda operação de seleção, a respeito de quais trechos seriam mais detalhadamente analisados nesta pesquisa. Para esta seleção, precisei acompanhar todos os eventos presentes na planilha abaixo, que direcionaram minha atenção para alguns temas recorrentes nos discursos. A planilha se encontra organizada em três temporalidades que acredito moldarem o discurso a respeito do *Conexão*, observação que será detalhada nos capítulos 5 e 6, em que os materiais serão analisados. Essas temporalidades são: Expectativas no lançamento do projeto: sonhar o futuro; Realizações no curso da ação: atualizar os possíveis; e Desdobramentos da conexão: esperar utopias. Essa categorização é articulada ainda com as perspectivas teóricas que orientarão a presente pesquisa, a respeito da memória e dos afetos como motores para a construção de utopias, temas a serem explorados no capítulo 4. Além disso, incluo na tabela uma categorização de cada material selecionado por seu gênero de discurso, entendido como “tipos relativamente estáveis de enunciados” (Bakhtin, 2003), com normas e regras que circunscrevem quem fala, como fala, e o que fala numa situação comunicativa. Como já abordado na introdução, esses materiais são caracterizados por gêneros discursivos

com tendência, em geral, laudatória à iniciativa, apesar de conseguirmos observar nestes materiais também alguns pontos de divergência em relação ao projeto Conexão, como veremos ao longo das análises a serem realizadas.

TABELA 1: CORPUS SELECIONADO PARA ANÁLISE				
Natureza do Evento	Gênero Discursivo	Meio Onde acessar	Data	Duração
EXPECTATIVAS NO LANÇAMENTO DO PROJETO: SONHAR O FUTURO				
Lançamento do <i>Conexão Saúde</i>	Mesa Redonda	Digital No canal do youtube da Fiocruz, em https://youtu.be/-6jL0WPqq8E	agosto 2020	2h05m
<i>Live</i> com André Lima e Sabine Zink.	Entrevista	Digital No canal do youtube “Cidades em Movimento”, em https://www.youtube.com/watch?v=jIW1HsaKig8	setembro 2020	1h18m04s
REALIZAÇÕES NO CURSO DA AÇÃO: ATUALIZAR OS POSSÍVEIS				
Vídeo Conexão Saúde (série “Fiocruz na Pandemia”)	Peça de divulgação/propaganda do projeto	Digital No canal do youtube da Fiocruz, em https://youtu.be/Xfd9cpTW68M	janeiro 2021	5m36s
Matéria “Covid: As lições da favela que reduziu mortes em 90% enquanto Rio vivia tragédia”	Matéria de imprensa (BBC Brasil)	Digital No site da BBC Brasil, em https://www.bbc.com/portuguese/brasil-56919419	maio 2021	-
Boletim “Conexão Saúde: de olho no Corona”	Boletim de produção dos participantes do Conexão Saúde	Digital No site da Redes da Maré em https://www.redesdamare.org.br/br/publicacoes#livros	setembro 2020 e fevereiro 2021	2 edições (de um total de 44, publicadas entre março de 2020 a janeiro de 2022)
Boletim “Maré e Manguinhos: uma experiência de inovação e mobilização em saúde durante a pandemia”	Relatório de avaliação e divulgação de resultados de projeto <i>Conexão Saúde</i>	Digital Disponível no site da Redes da Maré, em https://www.redesdamare.org.br/media/downloads/arquivos/RdM_MemoriaResultadosCS.pdf	Agosto de 2022	23 páginas
DESDOBRAMENTOS DA CONEXÃO: ESPERANÇAR UTOPIAS				

Abertura da ação de vacinação em massa “Vacina Maré” – 1ª dose	Coletiva de imprensa com tribuna para manifestação de porta vozes oficiais e questionamentos da imprensa	Evento acompanhado presencialmente gravação disponível no youtube da Fiocruz, em https://youtu.be/1L4uIZA8t-0?si=ppkDgeK19_WdHvJp	Julho 2021	26m16s
Live com Luna Arouca e Fernando Bozza	Entrevista coletiva com debate entre os participantes	Digital Disponível no instagram pessoal da jornalista Julia Michaels, em https://www.instagram.com/p/CSaPpVMpa6a/	Agosto 2021	1h03m48s
Abertura do “Vacina Maré – 2ª dose”.	Coletiva de imprensa com tribuna para manifestação de porta vozes oficiais	Digital Disponível no instagram da Redes da Maré, em https://www.instagram.com/tv/CVAnn20FBjg/?igshid=NmNmNjAwNzg= https://www.instagram.com/tv/CVAnn20FBjg/?igshid=NmNmNjAwNzg%3D	Outubro 2021	13m23s
Seminário “Vacina Maré - Olhares sobre a covid em favelas: ciência, participação e saúde pública”	Seminário para avaliação da experiência do Vacina Maré e Conexão Saúde	Evento acompanhado presencialmente Disponível no youtube da Fiocruz, em https://www.youtube.com/watch?v=hScLkN1F6Cg	Agosto de 2022	1 dia inteiro, dois turnos

Aprofundaremos no próximo capítulo nossas perspectivas teóricas, para subsidiar as discussões que serão feitas junto à análise de discursos sobre o *Conexão*, de maneira a pensar como o referido projeto se insere na memória institucional e coletiva sobre a Fiocruz e os territórios participantes, bem como o papel da linguagem e dos discursos nessa construção.

4 – MEMÓRIA, DISCURSO, AFETOS E CRIAÇÃO EM CONTEXTOS DE CRISE E INDETERMINAÇÃO

A proposta neste capítulo é abordar os temas da memória, do discurso, dos afetos e da possibilidade de criação em contextos de indeterminação e crise, como aquele caracterizado pelo período da pandemia de Covid-19. Reflito inicialmente sobre o conceito de instituição, especialmente as de caráter público, em sua relação com a memória, de maneira a melhor subsidiar a discussão posterior relacionada às expectativas sociais pela atuação da Fiocruz presentes na origem da proposição do *Conexão Saúde*. Discuto a memória institucional para além de sua dimensão instituída, enquanto tradição, para contemplar uma dimensão instituinte, de criação do novo, articulando sua relação com a perspectiva da memória aqui adotada, entendida em seu potencial de liberdade e transformação, rumo a projetos de futuro socialmente desejáveis. Abordarei ainda a importância das utopias e da ativação de circuitos de afetos para a transformação do campo dos possíveis e abertura para a criação, movimentos que acredito terem motivado a proposição do projeto *Conexão*. Apresento também a perspectiva de linguagem adotada nesse estudo, concebida como forma de ação com efeitos no mundo, vinculada à abordagem sociointeracionista, que orientará a análise de discursos a ser realizada nos capítulos seguintes. A última seção apresenta ainda o conceito de discursos institucionais em sua interface com a memória, de maneira a melhor caracterizar os discursos selecionados para análise na presente pesquisa.

4.1 – Instituições e memória coletiva e institucional

O psicanalista francês Jean-Pierre Lebrun (2016) afirma que as instituições podem ser entendidas como um conjunto de estruturas organizadas que tendem a se perpetuar em dado setor da atividade social. Destaca o autor a possível coexistência neste mesmo termo de duas noções: uma de permanência, relacionada ao instituído, e outra de criação, voltada ao instituinte, ao estabelecer algo pela primeira vez (Lebrun, 2016, p. 14). Lebrun afirma que fatos institucionais só existem por meio de uma espécie de acordo coletivo sobre sua existência, acrescentando que a sustentação é a essência da função institucional, cujo vetor preferencial de transmissão seria via tradição, dado que “é sempre o tempo de ontem que lhe serve de ponto de apoio para legitimar o hoje” (Lebrun,

2016, p. 19). Entretanto, o mesmo autor questiona uma sustentação institucional baseada apenas em tradição, pois, o importante hoje seria:

[...] encontrar uma legitimidade que não esteja sob o cajado do único passado, mas antes sob o da ‘duração pública’, única maneira de manter em operação a dimensão de temporalidade que identificamos como estando no coração da instituição (Lebrun, 2016, p. 23).

Instituições estão em permanente construção e, portanto, não sem risco de extinção, dado que para que estejam sempre em vigor, precisam “ser capaz(es) de mudanças e de remanejamentos incessantes, mas também o de se preocupar com a permanência e a estabilidade” (Lebrun, 2016, p. 29). Assim, seria preciso conceber a instituição “como referência de legitimidade não mais com a tradição e o que ela transmite, mas com a temporalidade que autoriza o desejo de durar”. (Lebrun, 2016, p. 41). Instituições, por vezes, aparecem como dadas, inalteráveis e evidentes, mas, como afirmam os sociólogos Berger e Luckman (2006) em livro sobre a sociologia do conhecimento, essa “objetividade do mundo institucional, por mais maciça que apareça ao indivíduo, é uma objetividade produzida e construída pelo homem” (Berger; Luckmann, 2006, p. 87). Assim, não é possível compreender adequadamente uma instituição sem o respectivo entendimento do processo histórico em que esta é produzida.

Em um contexto de crise e de ataque às instituições públicas, essa discussão parece central para desnaturalizar conquistas configuradas pela permanência no tempo de instituições que se sustentem ao atualizar sua significação social, verdadeiro motor do seu desejo de continuidade. Centrar a justificação institucional na razão pública de ser, que deve ser voltada àqueles aos quais uma instituição desta natureza deve servir, a sociedade, nos parece o caminho para a permanência no tempo dessas instituições. Se, por um lado, o significado das instituições torna-se mais estável conforme é transmitido entre diferentes gerações, se consolidando como tradição, história, este também é fortalecido pelo reconhecimento de que a instituição atualiza suas ações de maneira a garantir a solução de problemas de uma dada coletividade à qual serve (Berger; Luckmann, 2006). Os significados institucionais “tendem a ser simplificados no processo de transmissão, de modo que uma determinada coleção de ‘fórmulas’ institucionais possa ser facilmente aprendida e guardada na memória pelas gerações sucessivas” (Berger; Luckmann, 2006, p. 98).

Para abordar o reconhecimento da coletividade a respeito dos significados de uma instituição, trataremos a categoria de quadros sociais e da memória em sua

dimensão coletiva, propostas pelo sociólogo francês Maurice Halbwachs (2004). Na primeira metade do século XX, em meio ao processo de consolidação das ciências humanas e sociais, esse sociólogo buscou contrapor visões a respeito da memória enquanto ato individual de natureza psicológica em direção a uma visão social de sua construção. Halbwachs acredita que a vida social é composta por um ou vários sistemas de convenções (Halbwachs, 2004, p. 323) e afirma que quando membros de um grupo percebem e categorizam determinado objeto, eles estão concordando com as convenções do grupo que dominam tanto seu pensamento quanto o dos demais, reproduzindo uma percepção coletiva (Halbwachs, 2004, p. 319). O sociólogo considerava que mesmo lembranças que acreditamos ser individuais, como pensamentos e sentimentos, relacionam-se com os grupos sociais dos quais fazemos parte e com quem partilhamos um conjunto de noções, tais como “lugares, datas, formas de linguagem, raciocínios e ideias” (Ferreira, 2013, p. 149). A linguagem, segundo Halbwachs, é a evidência mais clara do caráter coletivo das memórias, dado que pressupõe não apenas um homem, mas a existência de uma sociedade, sendo as palavras “perguntas ou respostas dirigidas a uma coletividade” (Halbwachs, 2004, p. 321). A linguagem e o sistema de convenções sociais a ela associado nos permitem falar de nossas recordações e evocá-las, o que possibilita reconstruir, a todo momento, nosso passado (Halbwachs, 2004, p. 324).

Para Halbwachs, nossos quadros sociais de origem – tais como as famílias, as crenças religiosas e demais instituições e grupos aos quais nos vinculamos – são produzidos no tempo e constituem maneiras de conhecer e construir coletivamente o que chamamos de passado. Segue o autor afirmando que:

Somente podemos recordar com a condição de encontrar, nos marcos da memória coletiva, o lugar dos acontecimentos passados que nos interessem. Uma lembrança é tão mais fecunda quando reaparece no ponto de encontro de um grande número desses marcos que se entrecruzam (Halbwachs, 2004, p. 323-324).

Também o esquecimento é explicado pelo autor segundo essas bases, dado que a sociedade se adaptaria às circunstâncias, modificando suas convenções e representando o passado de diversas maneiras, que seria modificado “no mesmo sentido em que a memória coletiva evolui” (Halbwachs, 2004, p. 324). Entendendo feitos do passado como ensinamentos, o autor afirma que os marcos da memória poderiam ser entendidos também como uma cadeia de ideias e julgamentos (Halbwachs, 2004, p. 328). Halbwachs afirma ainda que os diversos grupos da sociedade são capazes de reconstruir, a todo momento, seu passado em função do presente. Assim:

[...] as crenças sociais, quaisquer que sejam sua origem, têm uma dupla condição: são tradições ou recordações coletivas, mas também ideias ou convenções que resultam do conhecimento do presente... o pensamento social seria exclusivamente lógico: só admitiria o que convém às atuais circunstâncias (Halbwachs, 2004, p. 343).

Cabe explorar um pouco mais a dimensão dos esquecimentos e interesses presentes nessas construções que se dão coletivamente. A esse respeito, Michael Pollak (1989), sociólogo austríaco que reflete sobre temas como identidade social em situações limites, tais como de sobreviventes de campos de concentração, aborda os conflitos e esquecimentos existentes no processo de consolidação da memória, de produção de discursos organizados em torno de acontecimentos e de grandes personagens. O autor afirma, no final dos anos 1980, que havia uma predileção pelas pesquisas de temas relacionados a conflitos e disputas, em que as memórias subterrâneas, ressaltadas por trabalhos de história oral, se configuravam como elementos privilegiados para a análise de excluídos e minorias. O autor utiliza o termo “memória enquadrada” por considerá-lo mais preciso do que o termo memória coletiva para se referir a esse trabalho de buscar a coerência entre discursos sucessivos a respeito da imagem que determinado coletivo forja para si mesmo. Nas memórias enquadradas, o passado serve a propósitos de coesão, num processo que “reinterpreta incessantemente o passado em função dos combates do presente e do futuro” (Pollak, 1989, p. 9-10). Pollak afirma também que, em alguns casos, o “passado que permanece mudo” é menos produto de um esquecimento e mais de gestão da memória, especialmente considerando experiências traumáticas (Pollak, 1989, p. 13). A cada vez que o passado retorna, ele adquire novas formas políticas e de atualização, dado que a memória não segue necessariamente os passos sequenciais das gerações, sendo composta por releituras, vácuos e esquecimentos (Lifschitz, 2016, p. 67-68). Também Gondar (2016) destaca o esquecimento como um componente essencial para a memória social considerada enquanto processo que envolve seleção e escolha, superando o entendimento do esquecimento como um problema da memória e destacando a relação complexa entre os processos de lembrar e esquecer, que não se encontram em polaridades opostas. São, como aborda o filósofo Paul Ricouer (2003), uma dimensão essencial da condição humana, parte da seletividade narrativa que compõe as recordações, entendendo que tanto a memória quanto o esquecimento podem envolver abusos, sendo preciso guardar um “justo equilíbrio entre esses dois excessos” (Ricouer, 2003, p. 7).

No que tange à memória no contexto das instituições, e especialmente consideradas aquelas públicas, a consolidação de uma memória coletiva (Halbwachs, 2004) ou enquadrada (Pollak, 1989) envolve quadros sociais que extrapolam o grupo interno da instituição, contemplando os grupos sociais diretamente por ela atendidos. Estes têm o poder de monitorar e fiscalizar as ações desenvolvidas por este tipo de instituição, exercendo sobre elas o controle social, princípio relacionado ao controle das atividades do Estado pela sociedade. Assim, a consolidação de fórmulas relacionadas à memória institucional (Berger; Luckmann, 2006) precisam se sustentar em marcos da memória coletiva, processo no qual certas visões e acontecimentos podem ser destacados, envolvendo esquecimentos ou enquadramentos voltados para a construção de projetos de futuro comuns entre instituição e grupos sociais interessados nas suas atividades.

O referencial até agora apresentado buscou responder à dimensão coletiva da memória no âmbito das instituições, considerando-a como memória instituída com o respaldo de diferentes quadros sociais, como maneiras de conhecer e construir coletivamente o passado. Essas tradições ou recordações coletivas, em constante diálogo com o momento presente e com projetos de futuro, são apoiadas em discursos sucessivos a respeito da imagem que determinado coletivo forja para si mesmo. Esse trabalho, que se constrói no entrecruzamento de quadros sociais e marcos de memória de diferentes grupos com os quais as instituições se relacionam e devem atender, auxilia na permanência e estabilidade da instituição ao longo do tempo. Esse entendimento parte do conceito de memória coletiva, relacionado em sua origem com as preocupações de Halbwachs, que, como homem de seu tempo, num contexto de pós-guerra que gerou um estremecimento em estruturas sociais e fomentou nacionalismos extremos, abordava a questão da coesão social por meio de comunidades afetivas (Fiorucci, 2010). Entretanto, além de considerar as tensões constitutivas dos fenômenos sociais, questão observável em meus dados de pesquisa, entendo aqui que apenas propósitos de coesão e de estabilidade, ou de enquadramento das memórias, nos termos de Pollak, não respondem plenamente às possibilidades da memória no âmbito das instituições públicas. O enfoque desta tese será investigar em que medida observamos a memória na dimensão da criação, perspectiva que adoto enquanto pesquisadora que aposta no porvir.

Portanto, entendo que uma dimensão essencial da memória para instituições que

atuam em uma realidade dinâmica, frente a necessidades sociais que se complexificam e se atualizam, diz respeito ao seu potencial de promover também a criação do novo. Assim, ao conceito da memória coletiva proponho associar um olhar sobre o que considero como processos instituintes que integram a memória institucional, de criação e atualização que garantem a duração pública das instituições, autorizando seu desejo de durar (Lebrun, 2016). Este processo de criação envolve indivíduos vinculados a coletivos aos quais se sentem pertencer e que por meio de suas ações e inovações retroalimentam e atualizam marcos da memória coletiva e institucional. Adoto a visão de que instituições públicas se justificam na medida em que atendem a necessidades e anseios sociais, e de que a memória tem o potencial de atuar não apenas na consolidação de uma tradição que garanta a estabilidade e coesão institucional, mas no processo de realização das transformações necessárias na realidade social, o que atualiza a legitimidade institucional. Especialmente em momentos de crise como o enfrentado pelas instituições públicas no atual cenário da política nacional⁸¹, considero essencial uma reflexão a respeito do potencial de criação do novo e de fomento a projetos de futuro que objetivam a transformação social em cenários adversos. Essa é uma visão política da memória, como uma ação estratégica, território da efetividade da ética, que diz respeito à superação das contradições entre o bem de cada um e o do(s) outro(s), pois “ética sem política é inócua, é potência sem ato” (Schneider, 2013, p. 63). Passemos, então, à reflexão sobre essa possibilidade da memória no processo de criação e de ação política em momentos de indeterminação e crise, como o abordado na presente pesquisa.

4.2 - Indeterminação e Criação em contextos de Crise

Proponho articular essa necessidade de transformação social e a criação do novo, em ações estratégicas, éticas e políticas para enfrentamento de cenários de crise, com o “intervalo de indeterminação” abordado pelo filósofo francês Henri Bergson como um espaço de liberdade e criação, por intermédio da intuição e da memória. O pensamento deste autor, inicialmente apresentado na obra “Ensaio sobre os Dados Imediatos da Consciência”, de 1889, emerge em um contexto em que vigorava o paradigma positivista, de primazia da ciência sobre outras formas do conhecimento humano. Com origem nas ciências naturais, esse paradigma integrou também os estudos de fenômenos humanos e sociais, que buscavam, à época, alcançar o status de ciência. Nesse contexto,

⁸¹ Tema explorado na seção 2.1 – Recorte no tempo presente: a Fiocruz na pandemia de Covid-19

considerava-se que os métodos empregados pelas ciências naturais poderiam ser estendidos aos estudos de fenômenos humanos e sociais, buscando conhecer suas regularidades e identificando leis que explicassem os fatos. Bergson resiste a essa visão, de formas rígidas que tinham a pretensão de esgotar o entendimento da existência do mundo e do homem, e propõe um método baseado na intuição e em uma experiência qualitativa psíquica e subjetiva a partir do real, que o autor denomina de “duração”. Na duração, o tempo é entendido como uma continuidade, um fluxo ininterrupto que prolonga o passado no presente. Os momentos temporais somados formam um todo indivisível, virtualmente aberto à criação do novo.

Bergson concebe a memória como virtualidade, como potência que ainda não se atualizou, sendo passível de se atualizar e ganhar forma conforme seja atualizada em determinadas circunstâncias. Quando se atualiza no presente, a memória não se trata de reprodução, e sim de criação, pois há uma diferenciação a cada vez que a memória se atualiza, sendo uma virtualidade em vias de atualizar-se (Gondar, 2020; Maciel Junior, 2017; Deleuze, 2008; Bergson, 2011; Penna, 2019).

Em seu livro “Matéria e Memória”, publicado em 1896, Bergson afirma que os corpos vivos recebem estímulos e avaliam a melhor forma de responder a eles. Entre estímulo e ação, há um intervalo que não existe na matéria não viva, sendo o homem o animal que tem o maior intervalo de indeterminação entre os seres vivos. Para o autor, este é nosso intervalo de liberdade, no qual podemos escolher e inventar; quanto maior o intervalo de indeterminação, maior a liberdade e a capacidade de criação. Esse intervalo de indeterminação não leva em conta apenas estímulo e resposta no nível da ação, com propósitos adaptativos e a melhor resposta para determinada situação. Bergson propõe uma outra forma de subjetividade menos pragmática, baseada na memória, que segundo o autor funciona por dois tipos de reconhecimento: um mais automático, no plano do hábito; e um outro que se dá quando coisas não habituais estão acontecendo, e, portanto, respostas habituais não são utilizadas, exigindo um reconhecimento mais atento. O autor apresenta, então, três tipos de memórias: a memória hábito, do reconhecimento automático, voltada a uma ação imediata, de respostas automáticas aos estímulos da realidade; a lembrança pura, que corresponde a uma memória involuntária, a virtualidade possível antes de se atualizar em alguma coisa; e a imagem-lembrança, em que a memória pura se atualiza e se transforma no presente, por meio do reconhecimento atento. (Bergson, 2011) Frente a situações novas, recorreríamos à memória, buscando algo que possa nos ajudar a apreender tal situação. A memória não

é compreendida como coisas vividas no passado e guardadas em um arquivo e sim como uma virtualidade que possui toda uma potencialidade ao se atualizar no presente. Afirmar Bergson (2009):

Quanto maior é a porção do passado que cabe em seu presente, mais pesada é a massa que ele lança no futuro para pressionar contra as eventualidades que se preparam: sua ação, como uma flecha, dispara para a frente com tanto mais força quanto mais retesada para trás era sua representação (Bergson, 2009, p. 15).

Para efetivar a possibilidade de liberdade e criação da memória, é preciso alcançar um estado de atenção marcado pela intuição, preenchendo o intervalo de indeterminação entre estímulo e resposta aos problemas com afetos, emoções e lembranças, em um reconhecimento atento. Neste, há uma preponderância das lembranças-imagens, que são compostas pelos acontecimentos cotidianos da vida registrados pela memória sem utilidade ou aplicação prática imediata, mas que ao se atualizarem em conjunção com a percepção presente, permitem o surgimento de disposições novas para o agir (Bergson, 2011, p. 88), possibilitando também a criação. Afirmar o autor que:

[...] enquanto no reconhecimento automático nossos movimentos prolongam nossa percepção para obter efeitos úteis e nos afastam assim do objeto percebido, aqui [no reconhecimento atento], ao contrário, eles nos *reconduzem* ao objeto para sublinhar seus contornos. Daí o papel preponderante, e não mais acessório, que as lembranças-imagem adquirem (Bergson, 1999, p.111).

Em obra em que comenta os conceitos de duração e subjetividade em Bergson, o filósofo e professor de filosofia Auterives Maciel Junior (2017) afirma que a inovação do pensamento do autor a respeito da intuição está em abordá-la como um modo de pensamento imediato da realidade, em um prolongamento ininterrupto do passado num presente que penetra no futuro. Pensar intuitivamente seria apreender o espírito, ultrapassando a “via limitada pelos interesses práticos devidamente presididos pela inteligência” (Maciel Junior, 2017, p. 91), apreendendo esse movimento do espírito como inacabado por excelência, e que se desdobra numa experiência ampliada. Assim, a intuição não é concebida como uma sensação vaga, e sim como um método que proporciona um meio distinto de apreensão da realidade, de maior sintonia com esta, em que a inteligência se converteria à intuição:

Tudo se passa como se o esforço da inteligência consistisse em desdobrar por intermédio de ideias e palavras o assunto nascido da emoção criadora. É pela emoção que a intuição advém ao pensamento [...] Com ela reavemos o impulso vital e imergimos na virtualidade da vida que a inteligência, por

exigência prática, mantinha fechada e inconsciente. É desse processo que nascem as ideias novas [...] tornamo-nos um com o impulso, tornamo-nos, a um só tempo, seres intuitivos [...] e criadores [...] Dá-se então, a conversão: pela emoção, a intuição se torna experiência ampliada, ao mesmo tempo que a inteligência se converte a ela (Maciel Junior, 1997, p. 195/144).

Bergson propõe uma representação visual da atualização da memória, essa forma de o passado, presente e futuro estarem em um só movimento, na qual a virtualidade tem a forma de cone: cada vez que se atualiza no ponto presente, todo o cone se atualiza. (Bergson, 2011). Além disso, Bergson considera que a virtualidade não é composta por presentes que já passaram, e sim por um passado puro que não é só individual, mas universal, de tudo que é passado e que caminha junto conosco. No presente, existe toda essa virtualidade passada como potência, e podemos fazer uso dela nos intervalos de indeterminação, ao invés de irmos diretamente para a ação. Assim, toda nossa possível criação vem da possibilidade do cone se atualizar, numa visão iminentemente criativa da memória.

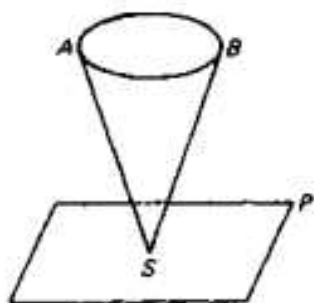


Imagem 13: Representação de cone invertido de Bergson, em que o vértice S representa o estímulo que parte do presente, no plano P, da representação atual no universo, num processo que atualiza a todo o momento a totalidade do cone ABS, representativo das lembranças na memória (Bergson, 2011, p.178).

Bergson destaca que, para evocar o passado em forma de imagem, “é preciso abstrair-se da ação presente, é preciso saber dar valor ao inútil, é preciso querer sonhar” (Bergson, 2011, p. 90). Isso não quer dizer, entretanto, que as imagens-lembrança privilegiadas no reconhecimento atento representam um descolamento total da realidade e de seus desafios, como também o autor esclarece:

Seria assim, certamente, se nossa consciência atual, consciência que reflete justamente a exata adaptação de nosso sistema nervoso à situação presente, não descartasse todas aquelas imagens passadas que não são capazes de se

coordenar à percepção atual e de formar com ela um conjunto *útil* (Bergson, 2011, p. 92).

Em sua obra “A Energia Espiritual”, publicada originalmente em 1919, Bergson afirma que toda consciência – que para ele, é sinônimo de memória, “conservação e acumulação do passado no presente” (Bergson, 2009, p.5) - é também antecipação do futuro. Em consonância com o entendimento da continuidade entre passado, presente e futuro, do potencial de criação memória e do reconhecimento atento que parte da intuição, como método de apreensão da realidade, afirma o autor que nosso espírito:

[...] se ocupa daquilo que existe, mas tendo em vista principalmente o que vai existir. A atenção é uma espera, e não há consciência sem uma certa atenção para a vida. O futuro está ali; ele nos chama, ou melhor, nos puxa para si; essa tração ininterrupta, que nos faz avançar no caminho do tempo, é também a causa de agirmos continuamente. Toda ação é uma invasão do futuro (Bergson, 2009, p. 5).

Bergson faz uma crítica da inteligência e mesmo da linguagem, pois enquanto a primeira se comporta de forma analítica, pegando objetos e recortando em ângulos possíveis de análise, a última tende a paralisar coisas em palavras, usadas para estabelecer divisões. Segundo o autor, esse processo faz com que deixemos de apreender o objeto em sua realidade fluente, paralisando o que está vivo, em constante mudança. Busca como alternativa representações mais fluidas, adotando metáforas e de uma escrita mais ensaística. Sua proposta é de uma experiência de conhecimento das coisas pela intuição, em um contato íntimo com a duração. A intuição, entretanto, não pode funcionar de forma pura, isolada da inteligência, dado que no pensamento criativo a inteligência atua a serviço da intuição, sendo capaz de expressar o que a intuição apreende (Gondar, 2020; Penna, 2019; Ribeiro, 2013). Contrapondo a inércia da matéria, que é necessidade e se comporta de maneiras previsíveis, seguindo leis naturais, à consciência dos seres vivos, que é liberdade, um “traço de união entre o que foi e o que será, uma ponte lançada entre o passado e o futuro” (Bergson, 2009, p. 6), Bergson afirma o potencial de criação que parte da “duração”, dado que:

[...] com a vida, aparece o movimento imprevisível e livre. O ser vivo escolhe ou tende a escolher. Seu papel é criar. Num mundo onde todo o restante é determinado, tem a seu redor uma zona de indeterminação. Como, para criar o futuro, é preciso preparar algo dele no presente, como a preparação do que será só pode ser feita utilizando o que já foi, a vida empenha-se desde o início em conservar o passado e antecipar o futuro numa duração em que passado, presente e futuro se encavalam e formam uma continuidade indivisa (Bergson, 2009, p. 12).

Apesar de ter sido o filósofo francês mais reconhecido no início do séc. XX, Bergson sofre intensas críticas na segunda metade do século, sendo considerado um

filósofo espiritualista (Gondar, 2000). Na década de 1970, o filósofo Gilles Deleuze revisita Bergson, destacando o que há de político em seu pensamento e como o autor apresenta modos da vida em resistência a determinações do poder. A retomada desta proposta é foco da publicação “Bergsonismo”, de Deleuze, na qual o autor aborda a possibilidade de que deixemos de investir em falsos problemas que muitas vezes são naturalizados na sociedade e que admitem pouca margem para a liberdade. Sugere, como alternativa, retomando Bergson e seu método baseado na intuição, um processo de criação no qual encontremos e coloquemos problemas verdadeiros, não “descobrimos” problemas, o que incidiria sobre coisas já existentes, mas os “inventando”, destacando que “a verdadeira liberdade está em um poder de decisão, de constituição dos próprios problemas... invenção [que] dá o ser ao que não era, podendo nunca ter vindo” (Deleuze, 2008, p.9).

Essa leitura a respeito do pensamento de Bergson objetivou subsidiar a dimensão instituinte da memória, aqui tratando da memória institucional, dos processos criativos que garantem a atualização das instituições públicas e as transformações sociais que se fazem necessárias, especialmente em momentos de crise. Proponho, a seguir, uma reflexão abordando o que, a meu ver, motiva a ação criadora e ocupa o intervalo de indeterminação: as utopias e os afetos.

4.3 – Utopias e afetos nos processos de criação

Considerando a memória voltada para a construção de projetos de futuro, e de criação em espaços de indeterminação gestados em cenários de crise, proponho considerar as utopias como motores para a imaginação de novos possíveis. Segundo o psicanalista Edson Luiz de Sousa, as utopias sempre tiveram por função “ativar a revolta da imaginação diante de um mundo que insiste sempre em retornar ao mesmo lugar” (Sousa, 2022, p. 9). Assim, as utopias podem ser pensadas como uma espécie de rebeldia que aciona uma pulsão de vida no pensamento e colocam em cena o direito de imaginar outros mundos, nos fornecendo “instrumentos para reagirmos com novas narrativas ao empobrecimento da linguagem que alimenta a alma dos tiranos” (Sousa, 2022, p.9). Isso aproxima o pensamento utópico da arte e da literatura, pois “criar é abrir discontinuidades, interrupções neste fluxo do mesmo (...) não há, portanto, revolta sem a alegria da invenção, sem o entusiasmo de compartilhar com o outro um sonho” (Sousa, 2022, p. 90).

Para ser efetivo, o tempo de espera ou o espaço de indeterminação aberto entre o

sonho e a utopia precisa ser ativamente ocupado. Sousa (2022) propõe a ideia de esperança crítica, apresentada na trilogia “O princípio da Esperança”, publicada por Ernst Bloch entre 1954 e 1959, para afirmar que, para sonhar o futuro, precisamos conhecer minimamente o funcionamento da máquina social para saber como desmontá-la. Nesse sentido, um futuro que não seja repetição e abra espaço para o inédito precisa ser precedido de “um trânsito crítico na história que nos constituiu” (Sousa, 2022, p. 32). Nessa linha, o passado puro não pode trazer resposta a desejos, pois o processo de inventar “nos vem das brisas sopradas pelas utopias em construção” (Schuler, 2022, p. 18). Ou por memórias-imagens atualizadas, como nos diria Bergson (2010). Assim:

[...] nenhuma utopia pode prescindir de uma prática e de uma tomada de posição de enunciação, de autoria... o desejo de utopia precisa colocar em cena novas metáforas. Precisamos cada vez mais de um pensamento poético que... produza efetivamente um fazer político no sentido pleno da palavra (Sousa, 2022, p. 31).

Assim, ativar utopias demandaria movimento coletivo, uma ação política efetiva, tendo no próprio discurso um dos veículos para a criação de novas metáforas que conduzam aos futuros desejados. Acredita Sousa que todo ato de criação traz uma dimensão utópica, num movimento que vai “do futuro ao passado” (Sousa, 2022, p. 26), apontando até o que ainda não fomos capazes de imaginar, pois a utopia é um “sonhar pra frente. Esperança que não se intimida com o risco de não ter expressão certa, mas que sabe que é preciso novamente continuar” (Sousa, 2022, p. 56). Assim, o autor destaca o movimento propiciado pela utopia, em consonância com a ideia de um olhar para o passado que motiva a construção de projetos de futuro, conforme a perspectiva de memória aqui adotada. Ainda que os novos possíveis sonhados não estejam claramente delineados, parte-se de uma constatação de um lugar onde não se aceita mais estar, pondo em marcha ações que nos aproximem das utopias almejadas. Assim:

[...] a utopia viria a cumprir a função de contrafluxo, de anteparo de nossas certezas, esburacando a excessiva naturalização com a qual vestimos os acontecimentos. Ela suspende, portanto, os falsos destinos que aderimos como forma de anestesiarmos o que temos de mais precioso, a saber, nossa responsabilidade diante da vida e do amanhã. (Sousa, 2022, p. 27).

Para refletir sobre as formas pelas quais os desejos coletivos podem ser postos neste movimento de implicação, que permita a ativação de utopias, nos propomos a pensar no papel dos afetos, individuais e coletivos, nesse processo. Em sua publicação “A Sociedade dos Afetos”, o economista e filósofo francês Frédéric Lordon aborda o que considera uma virada afetiva nos estudos sociais. Para o autor, a sociedade é movida por desejos e afetos, tema de difícil elaboração pelas ciências sociais, que se constituíram

como ciências de fatos sociais, e não de estados da alma. Essa dificuldade se justificaria pelo risco de o trabalho com as emoções se encaminhar para um “subjativismo psicologista”, do qual a própria constituição das ciências sociais buscou se afastar. Entretanto, estudos recentes passam a se debruçar sobre as emoções, juntamente com a retomada da perspectiva do indivíduo, do ator e do sujeito. Afirma Lordon que para não desconsiderar o papel das forças sociais, das estruturas e das instituições, é necessária uma maneira particular de adentrar no problema das emoções, que supere sua antinomia com as estruturas, entendendo os afetos também como efeitos das estruturas nas quais os indivíduos, polos de potência desejante, estão mergulhados. Para o autor:

Existem estruturas, e nas estruturas existem homens passionais; *em primeira instância*, os homens são movidos por suas paixões; *em última análise*, suas paixões são amplamente determinadas pelas estruturas; eles são movidos frequentemente em uma direção que reproduz as estruturas, mas, às vezes, em outra, que as desfaz para criar novas (Lordon, 2015, p. 10).

Assim, movimentos politicamente organizados em “coalizões de forças desejantes” (Lordon, 2015, p.13) poderiam reproduzir ou destruir estruturas, sendo a ação política “um caso de afetos e de desejos coletivos: movimentos de potência (desejante) determinados (afetivamente) a se orientar em certa direção e a realizar certas coisas para fazer ou refazer de certa maneira seus padrões comuns” (Lordon, 2015, p. 13). Nessa perspectiva, as crises são também entendidas como um acontecimento passional.

Este movimento é denominado como uma “virada afetiva” (Clough, 2007), em outra publicação que reflete sobre o direcionamento dos estudos sociais para o tema das emoções. O prefácio da obra, de autoria do filósofo americano Michael Hardt, destaca que os afetos dizem respeito tanto ao nosso poder de afetar o mundo quanto de ser afetado por ele, poderes que se encontram em relação. Assim como Lordon (2015), afirma Hardt que a virada afetiva dos estudos sociais está grandemente influenciada pela filosofia de Baruch Spinoza, filósofo holandês que viveu e produziu no século XVII e que propôs uma relação direta entre o poder da mente para pensar e do corpo para agir. Na filosofia de Spinoza, quanto maior nosso poder de ser afetado, maior também será nosso poder de agir; e quanto mais autônomo, mais receptivo também seria o sujeito. Para Spinoza, os afetos são “afecções do corpo, pelas quais sua potência de agir é aumentada ou diminuída, estimulada ou freada, e, ao mesmo tempo, as ideias dessas afecções” (Spinoza, 2015, p. 2). Os afetos podem ser *ações*, motivadas por causas internas, ou *paixões*, que partiriam de causas externas. Para Spinoza, um projeto ético-

político envolveria esforços para a transformação de paixões em ações, substituindo “encontros que resultam de causas externas, e que podem ser alegres ou tristes, por encontros determinados por causas internas – que são necessariamente alegres” (Hardt, 2007).

Sigo nessa direção de pensar a sociedade como um circuito de afetos, a partir das reflexões do filósofo brasileiro nascido no Chile, Vladmir Safatle (Safatle, 2021). O autor entende que o funcionamento do poder e da máquina social é permeado por circuitos de afetos que são produzidos continuamente e nos fazem assumir certas possibilidades de vida a despeito de outras. Para o autor, o “principal motor de sujeição é a ignorância em relação ao conhecimento dos meandros do poder” (Safatle, 2021, p. 13). Assim, seria preciso conhecer os modos pelos quais o poder constrói corpos políticos, forçando a produção de novos circuitos de afetos que nos possibilitem construir novos possíveis. Segundo o autor:

[...] formas de vida determinadas se fundamentam em afetos específicos, ou seja, elas precisam de tais afetos para continuar a se repetir, a impor seus modos de ordenamento definindo, com isso, o campo dos possíveis. Há uma adesão social construída através das afecções. Nesse sentido, quando as sociedades se transformam, abrindo-se à produção de formas singulares de vida, os afetos começam a circular de outra forma, a agenciar-se de maneira a produzir outros objetos e efeitos. Uma sociedade que desaba são também sentimentos que desaparecem e afetos inauditos que nascem (Safatle, 2021, p. 16).

Na perspectiva do autor, portanto, momentos de crise podem dar origem a novos circuitos de afeto, com resultados que abrem a possibilidade de criação. Com base no pensamento de Freud, Safatle (2021) segue propondo uma relação entre afetos e corpos políticos a partir do entendimento do desamparo como condição que desperta um afeto político, motor da mudança, articulando o micro e o macro, o individual e o social. Apesar de, em um primeiro momento, o desamparo parecer uma condição triste, o autor comenta como podemos fazer coisas bastante diferentes a partir desse desamparo: pode-se transformá-lo em medo, angústia social; ou, a partir dele, produzir um gesto de potencial libertador, dada “a afirmação da contingência e da errância que a posição de desamparo pressupõe, o que transforma esses dois conceitos em dispositivos maiores para um pensamento de transformação política” (Safatle, 2021, p. 18). Cabe esclarecer neste ponto que, para a psicanálise, o desamparo é uma condição fundamental da vida humana: trata-se de uma falta estrutural do psiquismo, constituinte, parte da construção da subjetividade humana e da vida social, não sendo, portanto, uma condição contingente (Campos; Silva, 2020). Já no pensamento inspirado em Safatle que adotamos aqui, o

desamparo é reconhecido como uma condição de natureza social que é exacerbada quando uma série de necessidades se acumulam, podendo levar, portanto, a identificação das fontes que acentuam esse desamparo, e consequentemente à ação rumo a transformações políticas necessárias a sua superação. Ainda a esse respeito, esclarece Safatle:

Estar desamparado é deixar-se abrir a um afeto que me desposui dos predicados que me identificam. Por isso, afeto que me confronta com uma impotência que é, na verdade, forma de expressão do desabamento de potências que produzem sempre os mesmos atos, sempre os mesmos agentes. Um corpo político desamparado é um corpo em contínua desposseção e des-identificação de suas determinações (Safatle, 2021, p. 21).

Para Safatle (2021), é preciso se perguntar quais afetos nos abrem para sermos sujeitos, afirmando que para criar sujeitos é preciso desamparar-se, “mover-se para fora do que nos promete amparo, sair fora da ordem que nos individualiza, que nos predica no interior da situação atual” (Safatle, 2021, p. 31). O autor esclarece que desamparo não significa apenas demanda de amparo e cuidado; e sim um exercício de liberdade, que consiste na não sujeição ao outro. Como a própria noção de afeto descreve uma alteração que parece vir do exterior, para Safatle, a possibilidade de experiências políticas de emancipação necessita de um impulso no sentido de uma mutação de afetos, pois da mesma maneira que a sujeição é afetivamente constituída, também deve ser superada afetivamente. Acredita o autor que “toda ação política é inicialmente uma ação de desabamento e só pessoas desamparadas são capazes de agir politicamente” (Safatle, 2021, p. 50). Esse desamparo se expressa em uma indeterminação, um acúmulo de necessidades que não obtém satisfação. Não se trata, entretanto, de uma resignação diante da vulnerabilidade, e sim uma condição para o desenvolvimento de uma coragem afirmativa que permita “o engajamento diante da transfiguração dos impossíveis em possíveis através do abandono da fixação na situação anterior” (Safatle, 2021, p. 55). Retomamos aqui o pensamento de Sousa (2022), que também nesse sentido reflete que:

[...] a miséria psíquica se revela quando nos entregamos servilmente a um poder que fala, pensa e age por nós [...] capturados pelo empuxo a uma servidão voluntária [...] quando isso acontece, o sujeito fica reduzido a um eco, a um oco [...] E sempre que é possível ler estas cinzas e jogá-las de volta no mundo, ferindo os olhos dos tiranos, abrimos alguma esperança [...] É muito claro, portanto, que estamos diante de um desafio que será sempre tomar a palavra, dizer o que é impossível dizer, nomear o inominável, imaginar o inimaginável (Sousa, 2022, p. 63).

Pretendemos abordar, na análise dos discursos sobre o *Conexão Saúde*, os engajamentos, novas metáforas e afetos mobilizados no processo de imaginação e

realização das ações do projeto e de seus desdobramentos, que parte de uma condição de desamparo acentuado para a transformação de impossíveis em possíveis, com desdobramentos não imaginados ao início. Para entender melhor o papel da linguagem e discursos nesse processo, abordaremos esses temas nas seções que se seguem, antes de passarmos à análise dos discursos, foco do capítulo seguinte.

4.4 Linguagem como ação no mundo: a linha sócio-interacional para análise de discursos institucionais

Na presente pesquisa, realizo uma investigação a respeito da memória e da criação de soluções e projetos de futuro em um momento de crise configurado pela pandemia de Covid-19. Para isso, adoto, como *corpus* de análise, discursos de uma instituição e de uma iniciativa específica, a Fiocruz e o projeto *Conexão Saúde*. Assim, considero necessário apontar qual a visão de linguagem do presente estudo, que integra a linha de pesquisa de memória e linguagem do Programa de Pós-Graduação em Memória Social ao qual me vinculo.

A linguagem é aqui considerada como uma prática social e uma forma de ação e constituição da realidade, e não meramente uma representação da realidade. Esse paradigma teórico, inaugurado por J. L. Austin com sua teoria dos atos de fala, nos anos 1960, pressupõe a superação de uma “falácia descritiva” (Austin, 1990, p. 23) e defende uma concepção de linguagem baseada em seus usos cotidianos, envolvendo elementos do contexto, convenções de uso e intenções dos falantes, que produzem efeitos e consequências. (Filho, 1990, p.8-9) Assim, o autor apresenta a linguagem em seu efeito performativo, indicando que quando proferimos certas sentenças estamos realizando uma ação:

Dizer algo frequentemente, ou até normalmente, produzirá certos efeitos ou consequências sobre os sentimentos, pensamentos, ou ações dos ouvintes, ou de quem está falando, ou de outras pessoas. E isso pode ser feito com o propósito, intenção ou objetivo de produzir tais efeitos (Austin, 1990, p. 89-90)

O autor aborda algumas “condições de felicidade”, entendidas como requisitos ou exigências para que as ações sejam efetivamente realizadas pela linguagem, entre elas a existência de procedimentos convencionalmente aceitos e pessoas e circunstâncias particulares adequadas ao proferimento enunciado (Austin, 1990, p.31). Estabelece ainda diferentes tipos de atos de fala: locucionário (relativo ao aspecto semântico), ilocucionário (a intenção do falantes ao dizer algo) e perlocucionário (os efeitos

produzidos no interlocutor em consequência do ato). Releituras e críticas posteriores ao pensamento de Austin, de autores como Jacques Derrida e Judith Butler, questionam, entre outros pontos, a necessidade de condições de felicidade para que a linguagem promova efeitos, assim como a existência de uma intenção pré-discurso. Assim, compartilho do entendimento de que a comunicação é um constructo compartilhado entre ouvinte e falante e de que o sujeito não controla totalmente suas intenções numa interação. O princípio central adotado aqui é o da linguagem como ação e com foco nos efeitos que promove na realidade e no mundo. Como aponta Butler (1997):

Fazemos coisas com a linguagem, produzimos efeitos com a linguagem, mas a linguagem é também aquilo o que fazemos. Linguagem é um nome para nossa ação: tanto o ‘quê’ fazemos (o nome para a ação que caracteristicamente encenamos) e aquilo que fazemos acontecer, o ato e suas consequências (Butler, 1997, p. 8).

A visão de linguagem aqui adotada orientará a análise sobre como o discurso acerca da iniciativa *Conexão Saúde* opera na conformação de expectativas, resultados e desdobramentos do projeto. Também, para essa análise, alinho-me ainda à abordagem sócio-interacional do discurso. Esta surge a partir das contribuições do sociólogo Erving Goffman e do antropólogo John Gumperz, com a proposta de observar práticas situadas da linguagem, em encontros face a face, com destaque para as formas pelas quais a linguagem constrói e adiciona significados a essas ocasiões (Schiffrin, 1994, p. 97). Em linhas gerais, a abordagem sócio-interacional investiga os processos de interpretações e inferências produzidos pelos interlocutores em ação, que contemplam elementos linguísticos e não linguísticos e pressupõe o entendimento da linguagem em uso, em seu contexto situado, em que os sentidos são negociados entre os atores, sem deixar de considerar, entretanto, o contexto maior, sócio-histórico, que informa essas práticas (Heritage; Clayman, 2010; Gee, 1999; Rampton, 2017; Hanks, 2008).

Um conceito basilar a essa abordagem da análise de discurso é o de pistas ou convenções de contextualização, apresentadas por Gumperz como elementos de natureza sociolinguística utilizados na interação para sinalizar propósitos comunicativos ou para inferir os propósitos do interlocutor. Podem ser linguísticas ou não verbais e, em geral, são usadas e percebidas irrefletidamente, adotadas de maneira habitual e automática por membros de determinados grupos sociais. Essa sinalização de pressupostos contextuais aparece de várias maneiras na interação, “dependendo do repertório linguístico, historicamente determinado, de cada participante” (Gumperz, 2013, p. 152). Podem envolver mudanças de estilo e expressões pré-formuladas, por exemplo, entre uma série

de outras sinalizações que são portadoras de informação, tendo seu significado expresso como parte do processo interativo, em um contexto. O processo inferencial propiciado pelas pistas de contextualização, entretanto, é sempre:

[...] de natureza sugestiva, nunca assertiva, baseado em pressuposições; são construções hipotéticas sobre os propósitos comunicativos, pois se trata da interpretação do ouvinte sobre o que o falante deseja comunicar, e essa interpretação só poderá ser validada quando conjugada ao conhecimento pressuposto, nunca em termos de valores absolutos (Ribeiro; Garcez, 2013, p. 150).

Gumperz (2013) considera a linguagem como um sistema de símbolos construído social e culturalmente, criados em nível micro, da interação, e atuando também no nível macro, tais como na identidade de grupos (Schiffrin, 1994, p. 102). A respeito do conceito de identidade, a socióloga Steph Lawler (2014) nos indica que esta, de maneira análoga à memória, é também socialmente produzida, não devendo ser concebida enquanto produto finalizado, e sim como “engajamentos ativos e processuais com o mundo social” (Lawler, 2014, p. 10). Não existe, portanto, uma essencialidade na identidade, dado que esta é construída entre indivíduos, por meio das relações sociais (Lawler, 2014, p. 19).

Outros conceitos centrais que utilizaremos na análise a ser aqui empreendida são os de enquadre e alinhamento, que estão contidos na noção de *footing*, desenvolvida por Erving Goffman (2013). Considerando o discurso oral e as interações entre participantes de uma situação comunicativa, os *footings* representam:

[...] o alinhamento, a postura, a posição, a projeção do ‘eu’ de um participante em relação com o outro, consigo próprio e com o discurso em construção [...] são introduzidos, negociados, ratificados (ou não), co-sustentados e modificados na interação [...] Podem sinalizar aspectos pessoais (uma fala afável, sedutora), papéis sociais (um executivo na posição de chefe do setor), bem como intrincados papéis discursivos (o falante enquanto animador de um discurso alheio) (Ribeiro e Garcez, 2013, p. 107-108).

Neste contexto, o alinhamento diz respeito à postura ou projeção pessoal de um participante em uma situação comunicativa, que pode se modificar ao longo da interação, e que se expressa na maneira “como conduzimos a produção ou a recepção de uma elocução” (Goffman, 2013, p. 113). Os alinhamentos indicam, em um contexto, de que maneira os participantes se apresentam uns aos outros – um líder generoso, um ativista combativo, um profissional responsável, um estudante dedicado, um pesquisador experiente, um artista inovador, etc. –, com que qualificação social, bem como as maneiras pelas quais esses participantes ratificam ou resistem às apresentações dos outros (Garcez; Ostermann, 2013, p. 258). Esses posicionamentos podem se modificar

de maneira sutil ou intensa, podendo estar marcados tanto por mudanças de códigos linguísticos quanto por outros marcadores, como altura, volume e ritmo de fala (Goffman, 2013, p. 113). Além disso, a mudança de alinhamentos pode também possibilitar a modificação do enquadre dos eventos, entendido como estruturas de expectativas (Tannen e Wallat, 2013) a partir da qual situamos o sentido implícito da mensagem enquanto ação (Ribeiro; Garcez, 2013, p. 107). Dependendo do sentido que os falantes dão ao que dizem, podemos ter um enquadre pessoal, institucional, de brincadeira, de discussão, entre tantos outros, sentido este que é percebido a partir da maneira como os participantes se comportam, por meio de interações verbais e não verbais (Tannen; Wallat, 2013, p. 190). Além disso, “ao enquadrar os eventos, os participantes fazem que certos focos de atenção se tornem relevantes, e que outros passem a ser ignorados” (Garcez; Ostermann, 2013, p. 261), o que podemos associar às operações de memória envolvidas nas interações, com lembranças e esquecimentos. Enquanto os alinhamentos e enquadres são negociados em uma interação específica, podemos pensar sua relação com a memória também a partir da noção de esquemas de conhecimento, apresentada por Tannen e Wallat, que se referem às expectativas dos participantes sobre pessoas, objetos, eventos e cenários no mundo. Afirmam ainda as autoras que “a única maneira de alguém compreender qualquer discurso é através do preenchimento de informações não proferidas, decorrente do conhecimento de experiências anteriores no mundo” (Tannen; Wallat, 2013, p. 190).

Para discutir como se dá, na perspectiva do discurso, a articulação entre a ação situada aqui analisada, de realização do *Conexão*, e a memória e o contexto que possibilitaram sua emergência, traremos o pensamento do linguista americano James Paul Gee (1999). O autor apresenta uma diferenciação entre o que seria o discurso local, em minúscula (d), representando a linguagem em uso, em nível micro, situada, modificável no uso e cujo sentido constrói-se no aqui-agora, e o Discurso macro (D), que orienta a todo tempo como o discurso é performatizado. Para Gee, a linguagem em uso é sempre política, dado que, ao nos manifestarmos, adotamos uma perspectiva de como o mundo é, performando, pela linguagem uma determinada identidade social (Gee, 1999, p.1). Afirmo o autor que discursos tornam visível e passível de reconhecimento aquilo que somos, processo que envolve mais do que linguagem: envolve formas de interagir, pensar, valorar, falar, escrever da maneira apropriada, com os propósitos apropriados, nos tempos e lugares apropriados. Estes discursos são sempre definidos em relação de cumplicidade ou contestação com outros Discursos, pois “os Discursos que

ativamos existiam antes de nós entrarmos em cena e muitos deles vão continuar a existir muito depois de a deixarmos” (Gee, 1999, p. 18), além de se modificarem quando outros Discursos na sociedade emergem ou morrem. (Gee, 1999, p. 22) Ainda segundo Gee, muitas vezes não estamos cientes das disputas entre os Discursos que acontecem ao longo da história, apesar destes debates sustentarem, transformarem e transmitirem valores que são reconhecíveis no presente. (Gee, 1999, p. 36-37)

Assim, qualquer texto, escrito ou oral, é potencialmente infectado por outros significados, e essa intertextualidade, conforme denominada por Gee, aponta valores que articulam o micro e o macro, ainda que não percebidos por aqueles que produzem o discurso, pois estes atuam e criam por meio da linguagem, ao mesmo tempo em que são portadores de Discursos. O corte entre as dimensões do D/discurso não pode ser tão precisamente delimitado, mas o princípio subjacente é que a linguagem é sempre um processo ativo de construção, aberta à possibilidade de ação e transformação no mundo. Nesta perspectiva, estabilidade e mudança são ambas entendidas enquanto produtos da interação humana.

O linguista e antropólogo americano William Hanks (2008) é outro autor que articula o caráter local e efêmero dos discursos com seu aspecto global e duradouro. Para isso, trabalha com a categoria de emergência, os aspectos que surgem da produção e recepção de discursos enquanto processos em curso, na interação local, em tempo real, e a categoria de incorporação/encaixamento, que designa o enquadramento do discurso em contextos mais amplos, em formações sociais que afetam o discurso. (Hanks 2008, p. 175). O autor destaca a importância da compreensão do que chama “cenário”, que vai além da mera co-presença, envolvendo atos socialmente identificáveis, as expectativas, a compreensão mútua entre as partes e aquilo que aponta como um sistema de relevância. O citado sistema de relevância encontra-se ancorado, portanto, em experiências prévias do sujeito, tornando o contexto uma estrutura hierárquica conectada a uma história não local. (Hanks, 2008, p. 179-180)

Um terceiro autor alinhado à perspectiva sociointeracionista da linguagem a tratar do tema é o professor em antropologia Frederick Erickson (2004), que defende que o discurso é tanto um processo local quanto global. Um conceito trazido por Erickson para pensar a articulação do macro e do micro, em sua conexão com a memória, é o *habitus*, de Pierre Bourdieu. Partindo da argumentação de que atores sociais são ativos, que estabelecem ações estratégicas, orientadas a determinados fins, mas também intuitivas, sem necessariamente estarem cientes das mesmas, o *habitus* opera como uma espécie de

“senso do jogo”, intuitivo, que guiaria as condutas em atividades recorrentes (Erickson, 2004, p. 121). Esse sistema de disposições sociais adquiridas, corporificadas em valores e normas que afetam a forma do indivíduo perceber, pensar e agir, representam a “história incorporada, internalizada como uma segunda natureza e, assim, esquecida enquanto história – é a presença ativa do passado inteiro de qual é produto” (Bourdieu, 1990, p. 56). Afirma Erickson, entretanto, que mesmo a perspectiva de Bourdieu falha ao apontar exemplos práticos de como o *habitus* se realiza na ação, e como as pequenas ações podem impactar o todo. Propõe, em contrapartida, a ideia de bricolagem, de possibilidade de ação e transformação frente aos recursos disponíveis, utilizados criativamente (Erickson, 2004, p. 165). O autor defende uma maior aproximação da observação do discurso em sua prática, para efetivamente verificar as possibilidades de inovação que estão abertas. Para o autor, os propósitos da língua em uso podem estar relacionados a temas passados e objetivos futuros de indivíduos ou grupos, que agem estratégica e intuitivamente, sem que estejam necessariamente conscientes desses objetivos.

Assim, diversos são os autores que discutem a articulação do discurso entre seu caráter local e situado, emergente, que se dá no presente e pressupõe a criação e a possibilidade de transformação, e o macro e global, incorporado, que articula passado, memória e antecipação do futuro. Pretendemos analisar os discursos acerca do *Conexão Saúde* nessa perspectiva, buscando identificar nos discursos micro, localizados, de construção e repercussão das ações do projeto, as operações de memória e as estratégias em busca da criação e transformações desejadas no presente e no contexto macro, que por sua vez também são precipitadas no contexto micro.

A análise a respeito da atuação pelo discurso como elemento essencial no *Conexão* considerará manifestações de seus porta-vozes, identificados como representantes de suas respectivas instituições ou organizações, bem como matérias de imprensa sobre o tema, *corpora* de análise que foi detalhado no capítulo 3. Abordo essas primeiras manifestações como discursos institucionais, categorizados, segundo os sociólogos Heritage e Clayman (2010), por três elementos básicos: uma interação que envolve participantes orientados por objetivos vinculados a suas identidades institucionais; restrições a respeito do que é ou não permitido de ser dito e tratado e das expectativas relativas às suas formas de comunicação; e uma estrutura de inferências e procedimentos que são particulares para determinados contextos institucionais. (Heritage; Clayman, 2010, p. 34). Os autores afirmam ainda que diferentes papéis

institucionais são ativados por determinadas formas específicas de discurso institucional. O desconhecimento ou a incorporação dessas formas específicas por seus membros pode levar a dificuldades de reconhecimento e a realização de atividades ligadas aos papéis institucionais. (Heritage; Clayman, 2010, p. 32)

A construção de uma fala institucional característica possui regras que são, em geral, tácitas e compartilhadas por um grupo de pessoas. A perspectiva sociointeracional propõe a desnaturalização do olhar para as interações sociais, colocando sempre a pergunta: por que isso *agora* – por que essa seleção de palavras, essa hesitação, esse gesto, etc – e nesse contexto específico (Heritage; Clayman, 2010 p. 20). Drew e Heritage (1992) afirmam que a institucionalidade de dada interação não é determinada pela localização física na qual a mesma ocorre, mas sim por ocasiões nas quais as identidades profissionais ou institucionais dos participantes se tornam relevantes para a atividade ou tarefa específica nas quais os participantes estão engajados (Drew; Heritage, 1992, p. 3-4). Além disso, os autores destacam que sempre haverá algum tipo de restrição à conduta, originada pelo discurso institucional, que determina o que, quando, como e para quem falar, levando a condutas comportamentais circunscritas pelas tarefas institucionais. Assim, o discurso corporifica condutas e regras que governam a ação, com a existência de alguns padrões recorrentes.

Para a metodologia de análise dos discursos selecionados neste momento, nos propomos a observar algumas pistas de contextualização (Gumperz, 2013), tais como recorrências de tópicos nesses materiais, assim como identificar o posicionamento dos participantes face aos discursos. Observaremos também quem são os porta vozes do projeto, se são sempre as mesmas pessoas, isoladamente ou juntas, que aparecem nesses materiais, ou se há uma variedade de atores falando em nome dos grupos envolvidos. Buscaremos identificar ainda que tópicos são eleitos para figurar em destaque, e o que aparece de maneira menos explícita nesses materiais. Buscaremos verificar que imagens e ações de memória estão sendo performatizadas por meio desses discursos, que serão observados em suas dimensões micro, localizada, e macro, em referência ao contexto. Com base nessa essa visão de linguagem e de discurso institucional, objetivo identificar como o acionamento da memória pode se dar de forma estratégica, se coadunando com objetivos e ações presentes, assim como com os projetos de futuro comuns entre os diferentes atores envolvidos no projeto.

5 – ANÁLISE DE DISCURSOS SOBRE O CONEXÃO SAÚDE: AFETOS EM MOVIMENTO PARA SONHAR O FUTURO E ATUALIZAR OS POSSÍVEIS

Neste capítulo, inicio a análise dos discursos selecionados a partir dos eventos descritos no capítulo 3 como *corpus* do presente estudo. A partir de minhas questões de pesquisa, motivadas pela compreensão das diferentes relações e afetos entre os participantes do *Conexão Saúde* e a Fiocruz como viabilizadores do projeto, bem como acerca de quais operações de memória são realizadas ao longo de seu desenvolvimento, selecionei segmentos que considere mais ilustrativos para a realização de minha análise. Esta foi organizada de acordo com as diferentes temporalidades moldadas pelos discursos a respeito do projeto, a saber:

- Expectativas no lançamento do projeto: sonhar o futuro, na qual analiso eventos realizados nos primeiros momentos do projeto *Conexão*, que explorarei neste capítulo 5;
- Realizações no curso da ação: atualizar os possíveis, na qual analiso eventos e materiais criados após os primeiros resultados da execução do projeto, refletindo sobre suas realizações, que também explorarei neste capítulo 5.
- e Desdobramentos da Conexão: esperar utopias, na qual analiso eventos e acontecimentos que se desdobraram a partir da experiência do *Conexão*. Esta última temporalidade será explorada adiante, no capítulo 6.

Após as duas primeiras seções de análise dos discursos, a terceira e última seção deste capítulo será dedicada a uma discussão a respeito da movimentação de diferentes afetos no período de desenvolvimento do *Conexão*. Para tal, amplio a caracterização e a discussão a respeito do contexto sócio-político no período da pandemia, de maneira a compreender como a conjuntura de crise precipitou e impactou essa iniciativa.

5.1 Expectativas no lançamento do projeto: sonhar o futuro

Apresentamos, nesta primeira seção, os discursos que trazem as expectativas a respeito das possibilidades do projeto *Conexão Saúde*, dado que foram proferidos em eventos realizados em seus momentos iniciais, em falas de alguns dos porta-vozes do projeto e interlocutores convidados para debate-lo. Os materiais selecionados para esta primeira temporalidade moldada pelo discurso foram:

- 1 o evento de lançamento do projeto, realizado em agosto de 2020, portanto, 2 meses após o início das conversas para a criação deste projeto, em junho de 2020, conforme informações de seus relatórios de

atividades;

- 2 uma *live* realizada com o representante de Manguinhos e uma convidada do SAS Brasil, no início das discussões para realização das atividades no território de Manguinhos, em setembro de 2020.

Nos segmentos que serão analisados, utilizo como convenções de transcrição o **negrito** para mudanças de tom de voz, ênfases em geral e velocidade na fala; o sublinhado para destaques meus; os [colchetes] para sinalizar movimentos gestuais; e reticências entre aspas (...) para sinalizar trechos omitidos em um enunciado.

5.1.1 Evento de lançamento do Conexão Saúde

O *Conexão Saúde* foi lançado oficialmente por meio de evento virtual⁸² promovido pela Fiocruz, em *live* realizada em 18 de agosto de 2020 e transmitida em tempo real pelo canal oficial da Fiocruz na plataforma *Youtube*. Este evento foi anunciado nas redes internas de comunicação da Fiocruz, bem como em seu site, como um bate papo entre Margareth Dalcolmo, pesquisadora da Fiocruz, e Dráuzio Varella, médico e comunicador do campo da saúde. Indica-se também na divulgação, com menor destaque, a presença de representantes das favelas da Maré e de Manguinhos, da SAS Brasil, União Rio, Dados do Bem e da Fiocruz e sua presidência. A definição “projeto inovador para enfrentamento da pandemia em favelas” também está presente na imagem de divulgação do evento, conforme figura abaixo:

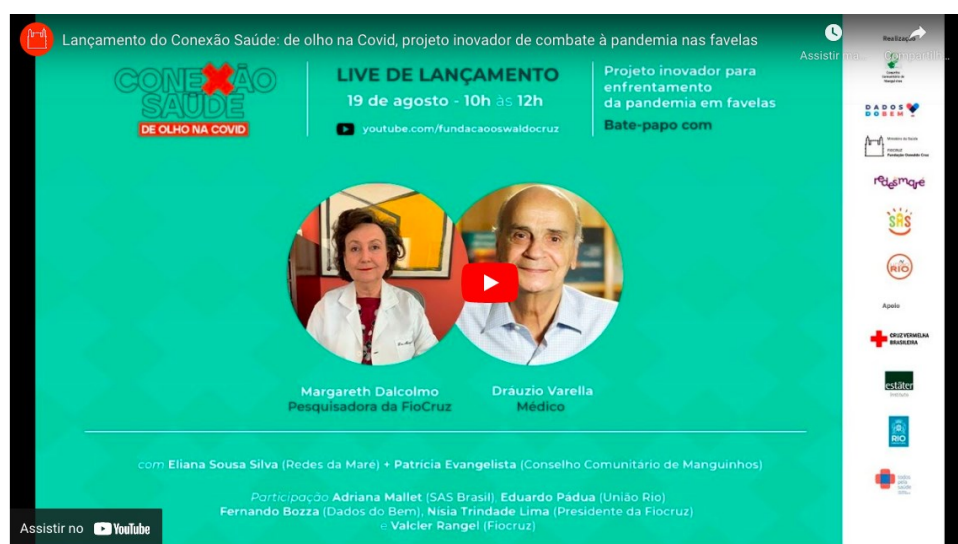


Imagem 14: Print divulgação do evento/tela de espera para o lançamento do *Conexão Saúde*.

⁸² Disponível em: <https://portal.fiocruz.br/video/lançamento-do-conexao-saude-de-olho-na-covid-projeto-inovador-de-combate-pandemia-nas-favelas> Acesso em: janeiro/2024

Apresentamos, a seguir, uma sistematização dos participantes do evento, com seus respectivos vínculos institucionais e funções no evento em questão. A listagem está organizada segundo a ordem em que os participantes foram convidados a se manifestar no evento, e será seguida também para a análise de seus discursos:

TABELA 2: PARTICIPANTES DO EVENTO LANÇAMENTO <i>CONEXÃO SAÚDE</i>		
Nome	Vinculação institucional	Função no evento
Márcia Correia e Castro	Fiocruz – Coordenadora do Canal Saúde	Jornalista que media e conduz o evento
Valcler Rangel	Fiocruz – chefe de gabinete da presidência da Fiocruz	Convidado interno, coordenador da Fiocruz no <i>Conexão Saúde</i>
Dráuzio Varela	Médico consultor do Fundo “Todos pela Saúde”	Convidado externo, representante do Fundo Todos pela Saúde
Margareth Dalcolmo	Fiocruz – pesquisadora da Escola Nacional de Saúde Pública	Convidada interna
Nísia Trindade	Fiocruz - presidente	Convidada interna
Eliana Sousa Silva	Redes da Maré - diretora	Representante da organização responsável pelo Conexão Saúde na Maré
Patrícia Evangelista	Conselho Comunitário de Manguinhos - membro	Representante do coletivo responsável pelo Conexão Saúde em Manguinhos
Eduardo Pádua	União Rio – co-fundador e membro	Representante da União Rio
Adriana Mallet	SAS Brasil - coordenadora	Representante da SAS Brasil
Fernando Bozza	Fiocruz e Rede D’Or – pesquisador e médico	Representante do Dados do Bem

Ao iniciar a análise do evento, percebemos que, apesar de ser anunciado como um “bate papo”, trata-se de evento discursivo com uma organização institucional e profissionalmente estruturada. Um bate papo pressupõe relativa simetria entre os participantes no que tange à tomada de turnos e introdução de tópicos e, no evento em análise, há uma diferença entre os papéis e lugares de fala institucional dos participantes

do evento. O evento é conduzido por uma jornalista de grande experiência na Fiocruz, que introduz as questões a serem debatidas pelos participantes. Mesmo os temas que são introduzidos pelo público que acompanha o evento via *Youtube* pelo *chat* são selecionados pela jornalista que conduz o evento. Algumas partes contam com apresentações e falas preparadas especialmente para a ocasião, como a primeira apresentação, do chefe de gabinete, Valcler Rangel, realizada com o apoio de um PPT. A esta, segue-se uma discussão em formato de perguntas da mediadora – próprias ou selecionadas no chat do *Youtube* – e respostas dos demais participantes. A escolha dos participantes e a ordem das falas também é uma forma de organizar o discurso, que materializa a ideia de articulação entre as comunidades, demais atores participantes e a Fiocruz, apesar do destaque para a participação dos convidados Margareth Dalcolmo e Dráuzio Varella na chamada do evento, como suas fotografias evidenciam.

A seguir destacaremos alguns trechos de falas enunciados por cada um dos participantes do evento, que consideramos relevantes para as discussões da presente tese:

a) Valcler Rangel, médico, chefe de gabinete da presidência da Fiocruz, coordenação do *Conexão Saúde* pela Fiocruz

Em sua participação, Valcler lança mão de algumas estratégias discursivas para alinhar-se como um representante institucional confiante e otimista acerca da iniciativa. Uma pista de contextualização de natureza linguística é a seleção lexical, a exemplo da menção ao *Conexão* como um “*projeto inovador*”. Há pistas de natureza paralinguística, como a ênfase ou modificação no ritmo de fala em alguns pontos que pretende destacar. Além disso, traz para seu enunciado elementos emocionais e que fazem referência à personagens importantes para a memória da Fiocruz e da saúde pública no Brasil, ao destacar, por exemplo, como um aspecto histórico e emocional do projeto o fato de uma de suas participantes ser filha do célebre sanitarista e ex-presidente da Fiocruz, Sérgio Arouca. Em seus enunciados, há ainda operações de memória e o encaixe de acontecimentos marcantes do passado para as comunidades envolvidas no projeto, como o episódio narrado acerca de um menino violentamente assassinado na Maré. Esse olhar para o passado é motivado pelo presente de tal território, ainda objeto de constantes ataques violentos, sem a devida atenção do poder público. Relembra-nos assim de como tais populações são historicamente vulnerabilizadas. Neste momento de lançamento, Valcler traz para figurar em destaque a discussão a respeito da adoção da telemedicina como projeto de futuro que deseja ver incorporado de forma mais perene. Vejamos, a

seguir, a análise de alguns de seus enunciados.

Valcler Rangel inicia sua fala num alinhamento institucional, com a menção à presidente da Fiocruz, presente no evento, a quem Valcler faz cumprimento especial por considerar que Nísia “*está nos possibilitando com sua liderança aqui desenvolver esse projeto*”. O formato de sua apresentação é tradicional, com o apoio de um PPT, em que apresenta as linhas e perspectivas do projeto *Conexão*. Valcler alinha-se como representante institucional confiante e otimista, afirmando que “*A gente considera esse projeto inovador, do ponto de vista do enfrentamento da pandemia em favelas e territórios populares*”. Em outro ponto da fala, em que lista os parceiros e colaboradores do *Conexão*, o seguinte destaque é feito:

*“A Clínica Jeremias Moraes da Silva é importante porque esse é um passado importante da Maré (...) esse nome é o nome de um menino que foi morto por tiros na Maré, um menino **de 13 anos**, a gente tem que sempre lembrar, infelizmente, essas questões, mas **isso** nos traz aqui para esse momento.”*

Uma pista de contextualização de natureza paralinguística é o tom mais alto e pausado com que Valcler pronuncia o nome da Clínica, bem como a idade de Jeremias no momento da tragédia relatada, ativando a lembrança que move a indignação e o reconhecimento de um desamparo exacerbado, que leva às mudanças que se fazem necessárias para melhores condições nestes territórios. O nome desta Clínica aparece lentamente na apresentação em PPT, em provável escolha intencional para dar a pausa necessária ao destaque da fala. Outra pista de contextualização é a forma mais alongada com que pronuncia a palavra “isso”, dizendo que é *isso* o que os traria àquele momento; ou seja, o desejo por mudanças e a indignação movem realizações e projetos que buscam reduzir situações de precariedade nas favelas. Vemos nesse trecho uma operação de memória, o não esquecimento, trazendo o tópico para o presente e atualizando a necessidade de luta e melhoria nas condições locais. Além disso, o contexto micro do projeto aparece em uma intertextualidade com o contexto macro, de violência e precariedade dos territórios foco da ação.

Outro tópico que figura em destaque é a questão da telemedicina, quando Valcler enuncia que “*A iniciativa de teleatendimento, que veio para ficar*”, com o uso dessa expressão pré-formulada marcada em destaque, e repete o tópico em outro momento, falando da “*ampliação, **ainda** temporária, do acesso aos serviços via telemedicina. Queremos que ela fique mais tempo*”, dando como pistas de contextualização linguística

e paralinguística o uso do termo ainda, falado em tom mais alto, para reforçar sua expectativa em relação a esse tema, de que o recurso da telemedicina permaneça para além dos tempos do projeto. Em outro momento, Valcler insiste no tema, como vemos pelo trecho *“Tem muita gente perguntando aqui no Youtube, quer dizer que isso vai desumanizar a medicina? A telemedicina vai desumanizar a medicina?”*. Valcler seleciona esse comentário no chat do evento, função a princípio da jornalista que media o evento, para trazer novamente a discussão para esse caminho.

A questão dos afetos envolvidos no projeto é destacada quando Valcler se refere à presença de Luna Arouca na coordenação do projeto no território da Maré:

“Um trabalho que tá sendo muito bem coordenado, e que traz uma característica muito peculiar. É coordenado por uma profissional de saúde que chama Luna... Arouca. Filha do Arouca. Do Sérgio Arouca. Que tá trabalhando conosco. Então tem um aspecto inclusive histórico, emocional, que está aí sendo trazido para o projeto, que é a presença do Arouca no processo. Nessa articulação, nessa base do Sistema.”

A repetição do sobrenome Arouca e da progressão ao citar os nomes de Luna e de Sérgio Arouca evoca a emoção e toda a memória vinculada à atuação deste importante personagem para a saúde pública brasileira, como já abordado anteriormente nesta tese. Vemos, portanto, mais uma operação de memória na fala de Valcler, mostrando como esse personagem se desloca nas referências temporais de forma a atualizar a memória no presente e trazer uma questão de tradição e legitimidade ao projeto, rumo a projetos de futuro desejados.

b) Dráuzio Varella, médico, “Fundo Todos pela Saúde”

Dráuzio alinha-se como um patrocinador otimista com o projeto, utilizando pistas de contextualização de natureza linguística como, por exemplo, o uso da expressão *“tudo para dar certo”* ao se referir ao projeto. Além disso, aciona o afeto da confiança na tradição da Fiocruz, considerada por ele como “uma instituição de peso”, percepção utilizada para justificar o apoio que confere ao projeto. Comunicador experiente, utiliza expressões de uso coloquial, que o aproximam do público. Acredita que a discussão sobre adoção ou não da telemedicina é ultrapassada, dado que, em sua visão, esta *“será incorporada de qualquer maneira”*, destacando, entretanto, sua complementariedade com o SUS. Vejamos, a seguir, a análise de alguns de seus enunciados.

Dráuzio é introduzido no evento pela jornalista mediadora como um *“médico que*

dispensa maiores apresentações”, dado sua popularidade e reconhecimento por colaborar com programas de rádio, televisão – o mais conhecido, no programa Fantástico, da Rede Globo – e por possuir um portal e um canal no *Youtube* na internet, nos quais atua como comunicador no campo da saúde. No evento em análise, representa o “Fundo Todos pela Saúde”, que financiou os primeiros momentos do projeto *Conexão*. Em sua fala inicial, Dráuzio sublinha o afeto da confiança, baseada na trajetória da Redes da Maré e da Fiocruz:

“Quando eu recebi a notícia de vocês desse projeto, eu achei que tinha tudo para dar certo. Porque tinha uma instituição, que já tem um trabalho, que conhece bem essa realidade, e uma instituição do peso da Fiocruz. Eu quando desanimo das instituições brasileiras, quando fico pessimista, eu lembro sempre da Fiocruz, do Butantan, da Fapesp aqui em São Paulo. São instituições que funcionam realmente muito bem (...) Quando vocês levaram isso para o Todos pela Saúde, para uma discussão, todos foram unânimes em aprovar o projeto”.

Uma pista de natureza linguística do posicionamento de validação da Fiocruz e de sua tradição é a utilização da expressão pré-formulada “instituição de peso”. Já a confiança na Redes aparece associada a uma operação de memória que traz a lembrança da experiência prévia da instituição nos territórios, o que permitiu o conhecimento da realidade local (“já tem um trabalho, que conhece bem essa realidade”). Já para marcar seu alinhamento de apoiador otimista, em uma vinculação direta com o afeto da confiança, diz acreditar que o projeto tinha “tudo para dar certo”, mencionando a unanimidade na avaliação positiva do projeto proposto.

Dráuzio é instado a apresentar sua visão a respeito da adoção da telemedicina, tanto por solicitação de Margareth Dalcolmo quanto pela pergunta da jornalista mediadora do evento, e se manifesta da seguinte maneira:

“Eu acho que a essa altura, com todo esse avanço tecnológico, ficar discutindo se a telemedicina vai ser incorporada à prática médica é inútil, porque será incorporada de qualquer maneira... A telemedicina não substitui o contato presencial, mas é um mecanismo acessório importantíssimo (...) Eu vejo a telemedicina como uma grande ajuda, desde que ela seja incorporada para exercer o papel que ela deve ter realmente. Agora, ela não pode substituir o Sistema de Saúde, e muito menos os outros profissionais necessários para o atendimento médico.”

O posicionamento de Dráuzio a favor da telemedicina é bastante enfático, o que notamos pela seleção lexical veemente, de que seria “inútil” discutir tal tema. Apesar de marcar fortemente sua posição no início do enunciado, Dráuzio faz um contraponto com

as ponderações de que a telemedicina tenha “*o papel que ela deve ter realmente*”, e de que é um “*mecanismo acessório*” que não substitui o contato presencial nem o SUS, em possível intertextualidade com críticas ou receios com a adoção da telemedicina de forma indiscriminada no SUS, em uma substituição da alocação de profissionais para atuar nesse sistema.

c) Margareth Dalcolmo, médica e pesquisadora da Fiocruz

Margareth Dalcolmo alinha-se como autoridade científica otimista com um projeto que tem grande protagonismo das comunidades, o que percebemos pelas pistas de natureza linguística, como, por exemplo, a referência à “*envergadura*” do projeto, e à sua “*ambição saudável*”, bem como a referência as suas memórias de atuação de anos junto aos “*legítimos representantes*” dos territórios, as lideranças comunitárias. Articula o discurso micro do projeto ao macro de violência que assola as comunidades. Em seu discurso, reitera a necessidade de que o projeto inspire confiança na sociedade e que seja sustentável, que “*é para ficar*”, e que representa uma conquista no sentido da valorização do SUS. Porta voz experiente da Fiocruz, alinha-se como uma professora, assumindo um tom pedagógico no que tange aos demais sobre como comunicar de forma otimista e confiante a respeito do projeto. Vejamos, a seguir, a análise de alguns de seus enunciados.

Margareth é apresentada pela jornalista mediadora do evento como “*estrela da globo e de outras mídias*”, em referência a sua presença frequente nos meios de comunicação no período, prestando esclarecimentos sobre a Covid-19. Esta fala é feita em enquadre de brincadeira, para quebrar o gelo e o enquadre formal da abertura do evento. Margareth, entretanto, alinha-se institucionalmente, de início, apresentando-se como “*pesquisadora na área de doença respiratória infecciosa, basicamente de tuberculose, há muitos anos,*” para, em seguida, introduzir a parceria de longa data com as comunidades, evidenciando a importância das lideranças locais para o desenvolvimento de projetos como o *Conexão*:

“Como pesquisadora na área de doença respiratória infecciosa, basicamente de tuberculose, há muitos anos, nós temos um trabalho razoavelmente integrado com algumas comunidades, sobretudo com lideranças comunitárias, porque se não, nós não conseguimos entrar e trabalhar nessas áreas [balança a cabeça em sinal negativo]. O Rio de Janeiro vive uma situação de violência urbana de tal ordem, já há

cerca de 15 anos nós interrompemos uma coisa que era fundamental para nós que eram as visitas domiciliares aos pacientes... e isso tudo é impossível de ser feito hoje pelas condições de violência. De modo que esse projeto traz, sobretudo, o reconhecimento de que as lideranças comunitárias são muito importantes... eu diria que fundamentais para que consigamos ter acesso a essas comunidades, né, elas são legítimas representantes, não só dessas pessoas como dos problemas que são mais prevalentes nessas comunidades.”

Margareth se alinha como uma pesquisadora com experiência e vivência no tema do trabalho conjunto com as comunidades, o que lhe confere legitimidade para indicar a importância deste protagonismo, usando um conjunto de pistas de natureza linguística para construir esse posicionamento, tais como “*importantes*”, “*fundamentais*”, “*legítimas representantes*”, bem como pistas de natureza paralinguística como o gesto negativo sobre o trabalho sem essa representação. Além disso, encaixa episódios pregressos em que precisou interromper suas atividades para dialogar com o contexto macro da violência no território. Margareth segue destacando outras questões a respeito da sustentabilidade e da reprodutibilidade do projeto:

“Então hoje um projeto dessa envergadura, cujo objetivo, ao meu juízo, deve ser a sustentabilidade... um projeto dessa natureza precisa ter sustentabilidade e continuidade nessas comunidades... De modo que eu acho que um projeto dessa natureza, desse tamanho e dessa ambição super saudável... seguramente a sustentabilidade, me parece, e a reprodutibilidade, digamos assim, me parecem as palavras chave....”

Além de endossar seu alinhamento otimista para com o projeto, ao se referir a sua “*ambição super saudável*”, Margareth usa temas para demonstrar e reforçar sua visão da grandiosidade do projeto, como essa “*envergadura*” e “*desse tamanho*”. Outro tópico de destaque é a participação da iniciativa privada:

“Nós vínhamos de uma tradição muito concentracionista no Brasil, e sem essa participação, digamos assim, da doação, digamos... O Brasil nunca teve a cultura da doação... A pandemia da Covid-19 mostrou e revelou uma enorme capacidade de mobilização da iniciativa privada. E esse projeto, a Conexão Saúde, sem dúvida nenhuma é um belo exemplo, e pode ser um embrião para ser emulado em várias comunidades pelo Brasil afora.”

Essa mobilização é vista, portanto, como uma questão propiciada pelo contexto de crise do momento, ou seja, a crise como motor para a movimentação de afetos, com maior solidariedade, o que teria propiciado o desenvolvimento de projetos como o

Conexão. Também a questão da reprodutibilidade do projeto é reforçada, com a menção de um “*embrião a ser emulado*”.

Dialogando com Dráuzio Varella e igualmente instada a apresentar sua opinião a respeito do tema da telemedicina, Margareth se posiciona de maneira semelhante ao médico, quando diz que “*A telemedicina é inexorável, ela fará parte de nossa realidade (...) A tecnologia, ela humaniza, esse é um conceito que deve ser incorporado, ela não existe para desumanizar, ao contrário, ela existe para nos tornar mais próximos uns dos outros*”.

Margareth retoma enfaticamente sua visão positiva e otimista em relação ao projeto *Conexão*, bem como a importância do afeto da confiança:

“É um momento de grande desconfiança. Então todos esses conceitos, capilaridade do SUS, que é uma coisa espetacular... a sociedade civil precisa acreditar que é possível (...) Esse projeto, o Conexão, gente, ele traz uma confiança, a sociedade civil está nos ouvindo, ela pode acreditar (...) Estamos sendo protagonistas de algo muito inovador, não só no meio médico. Então é óbvio que a telemedicina veio pra ficar, Márcia, mas isso é algo, um componente de tudo o que nós aqui estamos discutindo. Nós estamos discutindo de valorizar o SUS e estamos discutindo de controlar doenças endêmicas, e em última análise nós estamos discutindo e pensando como nós vamos melhorar nosso papel em todo o Brasil, nessa heterogeneidade enorme, de salvar vidas (...) Eu acredito no projeto. Muito. Fiquei muito feliz. E acho que a sociedade civil tem que nos ouvir... Eu acho que isso que a gente tem que passar uma imagem de eficiência, confiança, e que pode funcionar e pode ser replicado.”

Margareth muda seu alinhamento de convidada que comenta sobre o projeto para membro participante, usando, por exemplo, o termo “*gente*” de natureza inclusiva e não hierarquizante para se integrar discursivamente ao grupo dos demais participantes do projeto. A forma verbal na elocução “*estamos sendo protagonistas*” reitera esse alinhamento. Trata-se, assim, de uma participante que usa de forma bastante hábil o discurso persuasivo, com clareza a respeito do potencial da linguagem em possibilitar a efetiva ação no mundo e a mobilização dos afetos necessários para a superação do momento de crise atual, rumo aos novos possíveis desejados. Estrategicamente, Margareth emprega seu discurso para inspirar confiança na sociedade, que “*tem que nos ouvir*”, ação que, a seu ver, deve ser ponto central do projeto, pois “*a gente tem que passar uma imagem de eficiência e confiança*”. Margareth ainda mitiga a importância em geral dada à questão da telemedicina no evento, para explicitar, assim como Dráuzio o fizera, sua visão de que este é “*apenas um componente*” de um projeto que considera

grandioso, e no qual acredita “*muito*”. O enunciado seguinte de sua fala introduz o afeto da felicidade atestando seu estado emocional relativo ao projeto: “*Fiquei muito feliz*”.

Em sua fala de encerramento, insiste na questão do afeto da confiança e da sustentabilidade do projeto, usando a estratégia discursiva da repetição, para reforço de suas ideias centrais.

*“Nós estamos aqui sendo protagonistas de uma coisa que é para ficar...
Volto a dizer, as pessoas tem que confiar num projeto que é bom, que integra forças diferentes da sociedade civil e que tem como única função dar respostas às comunidades que tem menos acesso que nós.”*

Como porta voz experiente da Fiocruz, Margareth parece querer dar um conselho aos porta vozes do projeto *Conexão*, para que adotem determinadas estratégias em seus discursos, o que evidencia a importância da experiência e memória de personagens da Fiocruz para a conformação do *Conexão* em diferentes dimensões, inclusive na da comunicação do projeto ao público. Margareth demonstra uma compreensão aguçada de que os discursos se configuram em ação no mundo, e de que a partir deles é possível mobilizar os afetos que possibilitam a constituição de projetos de futuro desejados. Neste caso, referem-se ao desejo de que as instituições públicas contem com a confiança e apoio social para desempenhar sua função pública, mesmo frente a cenários de crise, que no exemplo aqui em estudo são desencadeados por uma pandemia, e agravados por um governo francamente hostil às orientações científicas. Por fim, a menção a uma “única função” do projeto nos dá pistas de que este termo, neste momento, pode ter sido utilizado para responder a questionamentos a respeito da inserção de novas tecnologias e atores da sociedade civil nas atividades de saúde pública, como o da possível adoção de uma racionalidade de mercado alheia aos princípios do SUS na prestação destes serviços e que, portanto, não teria como “*única função*” dar respostas à sociedade.

d) Nísia Trindade Lima, presidente da Fiocruz

Nísia Trindade alinha-se como uma pesquisadora experiente que reconhece o protagonismo de movimentos sociais em questões constitutivas da saúde pública. Além disso, utiliza de recursos que emergem da situação comunicativa para aproximar afetivamente a sociedade da “*Fiocruz que é nossa*”. Vejamos, a seguir, a análise de alguns de seus enunciados.

Nísia inicia sua participação no evento dando destaque ao trabalho conjunto entre os diferentes atores que compõem o projeto, especialmente a atuação junto aos representantes do território, conforme trecho em que afirma a *“Importância... de você ter uma parceria, do setor público, de uma instituição como a Fiocruz, com ações da iniciativa privada, e sobretudo de forma articulada com lideranças ou articuladores comunitários”*. Ainda durante esse alinhamento institucional, compartilha com os expectadores sua formação pregressa:

“Antes mesmo de vir para Fiocruz, ainda como jovem pesquisadora, eu comecei a trabalhar com o tema das organizações e movimentos sociais em favelas... é também para mim um pouco uma revisita a essa tradição de pensar as vulnerabilidades no Brasil, ou as populações vulnerabilizadas, tomando-as efetivamente como sujeitos nesse processo. Que são, né, e tem vários exemplos históricos sobre isso.”

No trecho, Nísia exerce uma operação de memória ao selecionar, de seu passado, tópicos que explicitam sua preocupação, desde sempre, com as questões sociais constitutivas da saúde pública no país. Além disso, ao mencionar sua própria trajetória como pesquisadora, Nísia demonstra que o projeto despertou um afeto especial por seu diálogo e coerência com sua trajetória, no que seria uma *“revisita a essa tradição”*, e reforçando sua visão da importância das ações em que as populações vulnerabilizadas tenham protagonismo, *“tomando-as efetivamente como sujeitos”*. Em sua fala final, Nísia demonstra atenção ao discurso dos participantes, ao fazer menção à forma com a qual a representante de Manguinhos se referiu a ela em sua fala, em trecho que também analisaremos adiante, neste evento:

“Até quando falamos ‘nossa presidente’, é a presidente da Fiocruz, mas a Fiocruz que é nossa, no sentido dos territórios, da sociedade brasileira, e de ações de fortalecimento de uma visão integrada da saúde, da atenção em todos os níveis, dos direitos, da justiça, da cidadania.”

Assim, Nísia elege uma forma de tratamento que lhe fora endereçada, *“nossa presidente”*, por um membro externo da Fiocruz, para destacar o fato de que a Fiocruz que é patrimônio da sociedade brasileira, *“a Fiocruz que é nossa”*, o que busca aproximar afetivamente a sociedade desta instituição, e demonstra a habilidade dessa porta-voz no uso dos recursos que emergem na interação local, em tempo real. No final de sua participação, Nísia ainda faz questão de destacar a atuação de Valcler Rangel no projeto, ao dizer que *“O Valcler é um ator chave aqui dessa nossa conexão pela Fiocruz”*, o que

nos dá indícios da relevância de personagens com trajetórias e vinculações concretas para o sucesso do projeto.

e) Eliana Sousa, diretora da Redes da Maré

Eliana alinha-se como liderança comunitária comprometida com a conquista de direitos para o território que representa e como protagonista do projeto *Conexão*. Sugere, em sua fala, o afeto da confiança em relação à Fiocruz, evocando relações históricas entre entes do território com essa instituição. Assim, relaciona o contexto micro do projeto a um legado e efetivação de projetos de futuro outros que deseja ver realizados no território. Vejamos, a seguir, a análise de alguns de seus enunciados.

Na primeira falada representante da Maré no *Conexão* é possível notar a existência de relações prévias e próximas com a alta gestão da Fiocruz:

“Logo que a pandemia começou, logo nos primeiros dias, a gente... enfim, eu liguei para a Nisia, pro Valcler, e a gente foi pro gabinete da Fiocruz para tentar entender o que a gente poderia, né, como uma organização da sociedade civil com uma tradição dentro da Maré, o que a gente poderia fazer que não simplesmente fechar as portas, enfim, e ficar esperando esse processo do isolamento.”

Essa forma de narrar constrói progressivamente a imagem de um protagonismo dos movimentos e organizações sociais, como a Redes da Maré, que ao acionar suas redes de contatos “*logo nos primeiros dias*”, atuou, em contexto micro, em uma bricolagem (Erickson, 2004) frente aos recursos disponíveis no momento, buscando soluções para os problemas da coletividade. Essa ideia é reiterada por seu alinhamento como liderança comunitária que representa uma “*organização da sociedade civil com tradição dentro da Maré*”, acionando pelo discurso essa experiência pregressa que dá sentido às lutas do presente, como respaldo para a ação e criação também no cenário atual. Além disso, aponta para a proximidade e paridade na relação entre os líderes da Redes da Maré e da Fiocruz, afirmando que o acionamento desta instituição se deu por meio de contato telefônico direto, o que desencadeou um encontro presencial no gabinete da presidência para “*tentar entender*” o que poderia ser feito a partir de uma parceria entre esses atores. O enunciado aponta, ainda, para a existência de um afeto da confiança e esperança na Fiocruz e em alguns de seus representantes como elemento central no início do projeto, dado que este foi o parceiro eleito pela Redes para “*não simplesmente fechar as portas*”. Eliana alinha-se a todo momento como uma liderança

preocupada com a conquista de direitos para os territórios que representa:

“Eu vejo esse projeto como uma possibilidade de a gente estar construindo, de uma maneira, eu diria, perene, e mais qualitativa, possibilidades de fato de determinados direitos se efetivarem. Porque não adianta ter as clínicas da família e a gente não conseguir realmente fazer com que elas funcionem, ou deem uma resposta no campo da saúde, por exemplo, como deveriam dar (...) Eu acho que essa articulação da sociedade civil, que tem a iniciativa privada, que tem o poder público, ela é a demonstração de uma forma, um modelo, de como a gente tem que, nesse momento difícil, estar buscando alternativas para respostas concretas e robustas que esse momento precisa (...) O que esse projeto vai deixar? Porque não é só uma questão de vir e fazer testagem... acho que é uma oportunidade das instituições que estão envolvidas, entender um pouco mais sobre essas duas regiões, e o que pode deixar de legado para ações futuras (...) Isso só tá acontecendo porque tem um processo anterior que permitiu a gente fazer isso com essa força que a gente tá trazendo para esse projeto.”

Enquadrando seu discurso micro, a respeito do projeto, a um contexto macro, a respeito do SUS, Eliana aponta para uma intertextualidade com o tema de problemas com a operação e subfinanciamento do SUS, ao afirmar que “*não adianta ter as clínicas da família e a gente não conseguir realmente fazer com que elas funcionem*”. Remete também à discussão de novos atores da sociedade civil e da iniciativa privada nestas ações, o que considera um “*modelo*” ou uma “*alternativa*” de ação para momentos de crise, alinhando-se àqueles que possuem uma visão otimista a respeito da inserção destes atores no contexto da prestação de serviços públicos. Enquadra ainda seu discurso em um contexto macro de constante luta e de projetos de futuro que possam construir de maneira “*perene, e mais qualitativa, possibilidades de fato de determinados direitos se efetivarem*”. Eliana coloca neste momento a memória em seu potencial de criação como elemento essencial desta ação, ao afirmar que projetos desta natureza só podem ser construídos a partir de uma ação prévia e continuada das instituições junto ao território, o que permitiu “*fazer isso com essa força que a gente tá trazendo para esse projeto*”. Aponta ainda para projetos de futuro que se constroem a partir dessa memória, ao apontar seu desejo por um “*legado para ações futuras*” que não seja “*só uma questão de vir e fazer testagem*”, e que passam pelo aprendizado necessário nesta nova forma de atuar em conjunto, em que atores externos ao território aproveitem a oportunidade para “*entender um pouco mais sobre essas duas regiões*”, que são Maré e Mangueiras. Isso reitera nossa perspectiva de que a memória é um elemento central para a proposição e realização deste projeto, entendida em seu potencial de criação do novo, a partir de uma

base de confiança e de respostas permanentes das instituições que se atualizam para atender às necessidades sociais para as quais foram criadas.

f) Patrícia Evangelista, representante do Conselho Comunitário de Manguinhos

Patrícia Evangelista alinha-se como uma ativista comprometida com o SUS e sua missão e cética em relação às possibilidades de desdobramentos do projeto *Conexão* para esse Sistema, o que percebemos por seu entendimento do *Conexão* em uma dimensão pontual, como um projeto para “3, 4 meses”, e não na perspectiva de um modelo que pode trazer aprendizados e legados para a sociedade e para o SUS, como os demais participantes do evento abordam em seus discursos. Vejamos, a seguir, a análise de alguns de seus enunciados.

Apresentada como representante do Conselho Comunitário de Manguinhos por compor uma das organizações a ele vinculadas, Patrícia concentra suas menções no contexto macro, das vulnerabilidades locais agravadas pela pandemia. Em seu discurso, introduz referências a problemas trazidos pela pandemia em questões contextuais macro e estruturais no território, como as dificuldades com o SUS:

“A pandemia só evidenciou as dificuldades, as desigualdades, que nós vivíamos antes da pandemia (...) A gente sabe que essa população é um pouco mais vulnerável, tem exclusivamente o Sistema Único e público de saúde para cuidar da sua saúde. E quando esse Sistema de Saúde também já se mostra precário antes da pandemia, isso dificulta e coloca ainda mais em risco a vida dessas pessoas (...) Já não bastasse conviver com o medo da pandemia, a gente tem que conviver ainda com essas dificuldades, de acionar os direitos básicos que se tem [...] Como bem disse a nossa presidente Nísia, a gente não pode tomar o lugar do poder público, então a gente tem que acioná-lo quando há essa necessidade e pressionar...”

Patrícia faz referência a uma nova movimentação de afetos, do medo relativo ao risco aumentado à vida das pessoas durante a pandemia, que evidencia a condição de desamparo, em um acúmulo de necessidades que não obtém satisfação, e atualiza a relevância de uma luta pela melhoria dos serviços de saúde no território. Alinhando-se como uma ativista engajada com projetos de futuro relacionados à garantia de direitos no território, Patrícia dá indícios da afetividade que possui em relação a Fiocruz, ao referir-se à Nísia como “*nossa presidente*”, endossando seu discurso e afirmando a importância de acionar e pressionar o poder público, e não de tomar o seu lugar. Neste ponto, parece alinhar-se criticamente ao tema da inserção de novos atores em atividades

que são de responsabilidade do poder público, percepção que reiteramos a partir da análise trecho de fala seguinte de Patrícia:

“Uma provocação para o Valcler e para a Nísia, que está aqui, que pensar um projeto desses para 3, 4 meses, para esse momento emergente, é ideal, porém a gente não pode esquecer que a saúde da família, e esse ano é um ano de renovação, de eleição no município do Rio, ela precisa, de novo, estar estruturada, garantida, para pós esses 4 meses... Então é pra gente também atuar dentro desse momento emergente de pandemia sem esquecer de prorrogar, de organizar a continuidade do convênio com a prefeitura para garantia das equipes de saúde da família no território de Manguinhos, que a gente sabe que esse ano é um ano crucial de negociações, e não tem sido fácil nesses últimos anos.”

Em contraste com os discursos anteriores, laudatórios e otimistas em relação à sustentabilidade do projeto e seus legados para o SUS, Patrícia se alinha como participante cética a respeito das possibilidades do projeto. Ao destacar a temporalidade estimada para o projeto (“3, 4 meses”) realiza um ato de fala (Austin, 1961) de “*provocação*” sobre o que entende, nesse momento, como um projeto com tal duração que não responde a demandas mais estruturais do território, como as relativas à estratégia de saúde da família⁸³. Assim, reforça a importância de ações estruturais, para além de novos arranjos e atores que se envolvem pontualmente, em um projeto específico. Além disso, em sua projeção pessoal Patrícia ratifica seu alinhamento como ativista do território de Manguinhos que cobra a continuidade de ações anteriores com as quais a Fiocruz se envolveu, como a cogestão de unidades de saúde do território, rejeitando, portanto, o enquadre institucional de representante do Conselho Comunitário de Manguinhos que comenta exclusivamente sua inserção no projeto *Conexão*.

g) Eduardo Pádua, representante da União Rio

Eduardo Pádua, apresentado como representante do União Rio, alinha-se como apoiador otimista do projeto, o que podemos perceber por pistas de natureza linguística, como sua referência à “*magnitude*” desse projeto “*muito inovador*”. Entretanto, faz ressalvas de que a sustentabilidade desejada pelos participantes no evento está

⁸³Estratégia do Estado brasileiro para organização da atenção básica no país de forma vinculada aos princípios do SUS. Prevê o acesso preferencial ao sistema de saúde local, com o estabelecimento de equipe multiprofissional composta, minimamente, por um (a) médico(a) generalista ou especialista em saúde da família; um profissional de enfermagem generalista ou especialista em saúde da família; um(a) auxiliar ou técnico(a) de enfermagem; e agentes comunitários de saúde, responsáveis por, no máximo, 4 mil pessoas, com média recomendada de 3.000, a depender do grau de vulnerabilidade da população a ser atendida. A essa composição mínima, podem ser acrescentados profissionais de Saúde Bucal: cirurgião-dentista generalista ou especialista em Saúde da Família; auxiliar e/ou técnico(a) em Saúde Bucal. Fonte: <https://www.gov.br/saude/pt-br/composicao/saps/estrategia-saude-da-familia> Acesso em: fevereiro/2024.

condicionada aos resultados que o projeto poderia vir a apresentar. Vejamos, a seguir, a análise de alguns de seus enunciados.

Eduardo Pádua alinha-se como apoiador otimista, porém prudente, em relação ao projeto:

“A gente tem aqui diante de nós um projeto muito inovador, que reúne muitas instituições, com várias ações que estão sendo interligadas (...) Então eu acho que o primeiro quesito para a sustentabilidade é que essas ações de fato... a gente perceba que o projeto funciona. Essa talvez seja a maior garantia da sustentabilidade.... E a partir disso, se isso ficar evidente, e como isso se integra à atenção primária, e se isso for alguma coisa que a gente perceba um valor que de fato diminua ou que aumente nosso controle sobre a pandemia, acho que vai ficar muito fácil ser replicado (...) Eu fico muito feliz de estar participando desse projeto... foi realmente a sociedade civil tomando para si a responsabilidade de montar uma coisa dessas. Surgiu numa conversa, eu e Bozza, a gente conversou, ‘temos que fazer alguma coisa’, aí o Bozza ‘precisamos falar com o Valcler’, e aí a gente viu que o Valcler já tava com várias iniciativas, e a gente foi juntando essas várias iniciativas num projeto que tá tomando essa magnitude, então a gente fica muito orgulhoso, e feliz, e empolgado com esses futuros aprendizados.”

Seu apoio e otimismo aparecem em algumas pistas tais como o uso dos termos e expressões “*muito inovador*”, “*muito feliz*”, “*orgulhoso*” e “*empolgado*” com a “*magnitude*” do projeto. Já sua prudência em relação à possibilidade de sustentabilidade do projeto aparece em afirmações de que o projeto será “*muito fácil de ser replicado*” “*se*” for percebido um valor nos seus resultados. Eduardo encaixa seu discurso num contexto macro de protagonismo de atores não estatais na proposição de soluções, numa lógica voltada à participação cidadã, o que percebemos em seu destaque dado a “*sociedade civil tomando para si a responsabilidade*”. Eduardo alinha-se ainda como um dos protagonistas do processo que levou ao *Conexão*, ao afirmar que este “*surgiu numa conversa*” com o Bozza. Assim, a existência de relações prévias entre os atores participantes do projeto aparece novamente no discurso de seus representantes: da mesma maneira que Eliana ligou para Valcler e Nísia, simultaneamente outras articulações e atores com relações próximas se movimentavam para “*fazer alguma coisa*”. Além disso, Valcler mais uma vez é mencionado como interlocutor para dar materialidade aos desejos de ação.

h) Adriana Mallet, representante da SAS Brasil

Adriana Mallet alinha-se como participante otimista com o projeto e suas possibilidades de replicação, bem como colaboradora do SUS, dado que o SAS chegaria como uma “*solução de acesso qualificado*” em um momento em que o SUS está “*focado em combater a pandemia*”. Vejamos, a seguir, a análise de alguns dos seus enunciados.

Adriana Mallet é apresentada no evento como representante do SAS Brasil, e assim como os demais, seu discurso projeta as expectativas em relação à replicação do modelo do *Conexão*. Afirmar que “*entrou nesse projeto acreditando muito nele como num modelo replicável para o Brasil*”, em um alinhamento otimista com o projeto e sua reprodutibilidade. Adriana encaixa comentários, e narra episódios do contexto macro, de violência urbana, às possibilidades de um projeto que envolve a telemedicina no contexto micro:

“A gente tá falando de acesso humanizado, porque no momento que está tendo uma operação em uma comunidade, e a gente viveu isso no Complexo do Alemão, a gente ainda consegue estar lá dentro da casa da pessoa atendendo, a gente fez muito atendimento de saúde mental no Complexo do Alemão.”

Adriana alinha-se como uma defensora da telemedicina, dimensão que representa no projeto *Conexão*, e para tal começa sustentando seu discurso na telemedicina como uma forma de acesso humanizado, o que fora validado anteriormente, no mesmo evento, pela fala institucional e científica de Margareth Dalcolmo. Em seguida, aponta essa humanização propiciada pela telemedicina como solução para problemas relativos à circulação de pessoas para tratamento de saúde em territórios marcados pela violência. Para sustentar essa percepção, evoca uma experiência prévia em outro território de favelas do Rio de Janeiro, de maneira a legitimar uma nova ação em territórios de favela. Adriana coloca ainda a ação do SAS como complementar ao SUS, alinhando a si e a sua organização como parceiros do SUS, como vemos no trecho: “*Esse momento especial que a gente está vivendo, que o SUS tem que estar focado em combater a pandemia, que a gente seja uma solução de acesso qualificado e inovador*”. Este alinhamento pode ser uma resposta a questionamentos do contexto macro, a respeito da inserção de uma organização do terceiro setor numa atividade de saúde pública, como já observamos em outras falas neste mesmo evento. Além disso, também como os demais, Adriana destaca a centralidade dos representantes dos territórios no desenvolvimento dessas ações locais, pois como afirma é “*impossível fazer isso sem articulação da comunidade... Porque a*

gente não entra na favela, a gente precisa ser convidado”. Entendemos este protagonismo dos movimentos sociais e organizações do território em acionar organizações do terceiro setor como uma atualização na forma de se relacionar com diferentes atores sociais, e como um caminho que abre a possibilidade de transfigurar impossíveis em possíveis. Esse convite ou abertura para o novo trata-se de uma aposta na esperança, a partir da ativação da “revolta da imaginação” contra a repetição de situações que precisam ser superadas, possibilitando a criação e a inovação como forma de construir utopias. (Sousa, 2022; Safatle, 2021) No discurso de Adriana, representante do terceiro setor, observamos como ela alinha sua organização e os grupos sociais a quem pretende atender no projeto *Conexão* em um mesmo nível, indexicalizando a existência de empresas de uma natureza distinta, que nascem do desejo de lidar com populações vulnerabilizadas e não contempladas por ações governamentais. Ao tratar este outro como igual e parceiro, atualiza a memória dessas relações e aposta num porvir de solidariedade entre diferentes atores sociais.

i) Fernando Bozza, pesquisador da Fiocruz e representante do Dados do Bem

Apesar de ser apresentado como representante da Dados do Bem, aplicativo desenvolvido em parceria com o Instituto D’Or de pesquisa, uma instituição privada, Fernando alinha-se como um pesquisador vinculado ao SUS:

“Muito do objetivo dos dados do bem foi apoiar esse patrimônio, que é um patrimônio da população brasileira, que é o SUS (...) Não só o Brasil tem esse patrimônio incrível que precisa ser defendido, que é o SUS, mas tem um patrimônio incrível também, que é a ciência brasileira. E a ciência brasileira tem sua capacidade de inovação, e o Dados do Bem é um pouco dessa inovação.”

Bozza inicia a construção de seu discurso afirmando que o Dados do Bem foi criado para apoiar o SUS. Para sustentar a argumentação, qualifica o SUS como um patrimônio nacional, e prossegue destacando a importância de se defender esse patrimônio e também a ciência brasileira, colocada no mesmo patamar do SUS, como um valor a ser reivindicado. Destaca então sua capacidade de inovação, caracterizando por fim o Dados do Bem, aplicativo por ele criado, como resultado dessa articulação harmoniosa entre SUS, ciência e inovação. Ao destacar essa possibilidade de articulação de ações inovadoras geradas a partir do fazer científico para atender as necessidades da população, Bozza parece demarcar no contexto micro seu alinhamento àqueles que consideram que o envolvimento de atores não estatais nas ações vinculadas ao SUS pode

trazer resultados socialmente relevantes para a sociedade.

Em uma análise geral deste evento inaugural, há muitas ideias recorrentes nos discursos dos participantes, assim como uma confluência de expectativas otimistas em relação ao projeto, o que é coerente com um evento de lançamento e divulgação de um projeto construído coletivamente. O desejo de que o projeto possibilite a criação de um modelo de atuação sustentável, que possa ser replicado em outros contextos e territórios, de forma articulada aos desafios do SUS, representando uma concretização de direitos para os moradores dos territórios, é tema recorrente. Também o tema da telemedicina tem destaque, seja para afirmar sua importância, responder a possíveis temores, ou pensar sua possível vinculação ao SUS. Esse destaque ao tema parece se referir não apenas ao contexto micro, de questões que surgem no decorrer da interação, mas também ao contexto macro, respondendo a questionamentos e projetos de futuro a respeito da incorporação da telemedicina no projeto e ao SUS.

Há depoimentos pessoais, tanto de representantes da Fiocruz como de parceiros, que se referem à experiência pregressa no tema e/ou a relações próximas e mesmo afetivas que possibilitaram a proposição e a contribuição ao projeto. Outro tema frequente nos discursos tanto da convidada interna da Fiocruz (Margareth Dalcolmo), como do parceiro externo (Dráuzio Varella) e que dizem respeito a uma intertextualidade com um contexto maior, macro, é o da crise de confiança nas instituições do país, construindo discursivamente, em contraponto, uma visão da Fiocruz como instituição pública com tradição, digna de confiança. Há também a intertextualidade com o contexto macro, de violência e vulnerabilidade geral da população destes territórios, momento em observamos operações de memória voltadas ao não esquecimento de momentos traumáticos e das dificuldades enfrentadas pelos territórios, como forma de se motivar rumo a construção de uma nova realidade, de paz e conquistas de direitos. Esses temas recorrentes parecem apontar também para projetos de futuro compartilhados entre os participantes do projeto, que se apresentam, em geral, de forma muito alinhada entre si neste momento de lançamento da iniciativa, em um discurso otimista em relação à possibilidade de resultados e legados do projeto, apesar de uma menção ao projeto como uma atividade para “3 ou 4 meses”. Entendemos que esta ação pelo discurso projeta, desde os primeiros momentos, o *Conexão* como um projeto inovador que “*tem tudo para dar certo*”, fala ilustrativa de Dráuzio Varella já analisada. Também o desejo de sustentabilidade e reprodutibilidade, tópico recorrente no discurso dos participantes do

evento, de um projeto que ainda seria colocado em curso e testado, demonstra como as construções discursivas já o projetavam como bem-sucedido, mesmo antes de sua efetiva execução nos territórios. Neste processo, são realizadas operações de memória que evocam a tradição, tanto da Fiocruz como de outros atores participantes do projeto, reforçando a legitimidade de ação no presente e ancorando trajetórias que se atualizam em busca da criação de inovações, frente aos novos desafios que se apresentam.

5.1.2 - Live “Covid-19 em Manguinhos: Telemedicina, Sociedade Civil e Promoção da Saúde”

Sob o tema “Covid-19 em Manguinhos: Telemedicina, Sociedade Civil e Promoção da Saúde”, a referida *live*⁸⁴ foi realizada em 09 de setembro de 2020 por meio do canal do Youtube “Cidades e Movimento”, uma iniciativa em parceria da Coordenação de Cooperação Social da Fiocruz e do Conselho Comunitário de Manguinhos. Esta edição esteve sob a mediação de André Lima, pesquisador da Cooperação Social da Fiocruz e ativista do Conselho Comunitário de Manguinhos, além de representante deste coletivo no projeto *Conexão Saúde*. André entrevista Sabine Zink, representante da Ong SAS Brasil, responsável pela dimensão da telemedicina no *Conexão*.



Imagem 15: Print da divulgação da live, nas redes sociais do “Cidades e Movimentos”, promovido pela Coordenação de Cooperação Social da Fiocruz.

⁸⁴Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=jIW1HsaKig8>

TABELA 3: PARTICIPANTES DO EVENTO LIVE COVID 19 EM MANGUINHOS		
Nome	Vinculação institucional	Função no evento
André Lima	Cooperação Social da Fiocruz e ativista do Conselho Comunitário de Manguinhos	Entrevistador que conduz o evento
Sabine Zink	Fundadora da SAS Brasil e “ponto focal” do Conexão Saúde	Convidada entrevistada sobre a questão da Telemedicina no <i>Conexão Saúde</i>

Neste evento, o representante de Manguinhos constrói discursivamente sua vinculação e defesa intransigente do território e dos princípios do SUS, evocando em seu discurso a memória de uma trajetória de lutas dos membros do território, alinhando-se como um ativista crítico e desconfiado em relação à designação de uma organização social para a incorporação da telemedicina no projeto *Conexão*. Já a representante da SAS Brasil projeta-se discursivamente como uma defensora do SUS, com um discurso aparentemente planejado para rebater críticas recorrentes a respeito da atuação de uma Organização Social no campo da saúde pública. Vejamos, a seguir, a análise do evento e de alguns enunciados de seus participantes.

A escolha do tema da *live* sugere que a incorporação da telemedicina gerava dúvidas no início do projeto, percepção motivada pelo fato de o tema ter sido insistentemente mencionado no evento de lançamento, como já observado, e por ser agora, no evento em análise, foco de discussão específica, também realizada nos primeiros meses do projeto. Na abertura da *live*, André informa que, apesar dos eventos do canal “Cidades e Movimento” normalmente serem organizados no formato de debate, que pressupõe falas livres, com pelo menos dois participantes, este em específico seria realizado como entrevista. Tal escolha sugere a existência de questionamentos que seriam melhor esclarecidos por meio de perguntas objetivas direcionadas a um participante, em uma entrevista.

André inicia sua fala apresentando o Conselho Comunitário como defensor do SUS “*por natureza*”, evocando ainda a memória de luta nos territórios em seu discurso:

“A gente tá aqui em Manguinhos, é um centro urbano, e a gente tem uma história, uma memória... e ao contrário do que muito se especula por aí, é uma história de muita luta. Aliás, a própria existência da favela num contexto em que muitos negam a sua existência, inclusive com ações para não existência, erradicação

das favelas ainda é pauta de muito político... mas a favela resiste. E dentro dessa resistência, existem múltiplas formas, e eu não vou entrar aqui nos detalhes, mas infelizmente, dentro dessa engrenagem da luta, e eu vou parafrasear Jesus Cristo, que disse que o joio crescerá junto com o trigo (...) muitas das vezes, especialmente em ano como esse, ano eleitoral, a gente tem muito envolvimento... os projetos chegam com alguma conotação do candidato, do político, do partido. E aí eu queria que você falasse um pouquinho pra gente, a SAS tem alguma vinculação político partidária, tem algum posicionamento, algum político, algum padrinho político? (...) Até pro morador de Manguinhos que tá chegando num projeto da SAS entender quais são suas vinculações, quais são os interesses, botando as cartas na mesa.”

Alinhando-se como ativista combativo do Conselho Comunitário, André projeta-se discursivamente como porta voz de um discurso de resistência, deixando evidente sua defesa incondicional das comunidades. Faz uma longa introdução para realizar a pergunta desejada, na qual explicita a resistência, a história de luta como uma tradição da favela, reivindicando a urbanidade do território, contrariando o discurso hegemônico de negação de sua existência. Utiliza a metáfora bíblica do joio e do trigo, sugerindo tanto desconfiança quanto reconhecimento da possibilidade de boas intenções nas ações de atores externos ao território. O uso deste tipo de referência parece ser uma estratégia para se aproximar do discurso de religiosos no território, dado que André menciona, em outro momento do evento, que esse grupo precisava ser envolvido nas ações do *Conexão*. Sabine inicia a resposta agradecendo a pergunta e mencionando que “*tivemos esse debate de política em outro momento*”, ao que André acena com um sorriso. A menção a uma conversa prévia, bem como a pista de natureza paralinguística do sorriso, nos leva a considerar que a pergunta fora enunciada como um convite para que Sabine esclarecesse para o público sobre a inexistência de vínculos políticos da SAS, expectativa que ela cumpre em sua resposta. Para comentar sobre a adoção de soluções de telemedicina em associação com o SUS, Sabine se alinha como uma fã e enfática defensora do SUS:

“A gente não quer e nem tem a pretensão de resolver os problemas da saúde no Brasil... a gente é um fã, somos fãs do SUS, a gente acredita que o SUS tem um poder de fazer a diferença, de atenção básica, das pessoas terem acesso a serviços de qualidade sem precisar pagar por isso. A gente não quer ser o SUS e não quer trocar nada, a gente quer pensar como a gente traz soluções que somam forças e talvez supram lacunas onde a gente percebe que o SUS tem possibilidade de se beneficiar com essas parcerias (...) O SAS não quer substituir ninguém que tá trabalhando, não quer substituir o SUS, a gente quer somar forças. Eu acho que.. eu gosto muito dessa visão. O SUS é uma grande máquina com várias engrenagens que funcionam, algumas funcionam melhor em alguns lugares que outras e o SAS quer ser uma pecinha a

mais que vai entrar aí e fazer talvez a máquina girar um pouco melhor em alguns aspectos onde a gente puder auxiliar. Então a gente é fã dos trabalhos dos agentes de saúde, dos agentes comunitários, a gente é fã da atenção básica, da saúde da família...”

A recorrência do tópico de respeito e admiração ao SUS (*a gente é um fã, somos fãs do SUS*) em seu discurso, bem como a referência a metáforas pensadas e utilizadas previamente, do SUS como “uma grande máquina com várias engrenagens” – com a crítica de que “algumas [engrenagens] funcionam melhor em alguns lugares que outras” – tem por efeito atualizar localmente discursos macro que criticam a inserção de organizações da sociedade civil, como é o caso da SAS Brasil, em ações no campo da saúde⁸⁵. Para perguntar como o projeto chega ao Rio de Janeiro, dado que Sabine afirma que o surgimento da SAS partiu de ações no interior do Brasil, André traz uma citação da presidente da Fiocruz, comentando que “o sertão é logo ali, né... aliás, quem faz essa reflexão sobre o pensamento brasileiro é a nossa presidente da Fiocruz, a Nísia Trindade, com muita eloquência e sabedoria... dentro desse vasto sertão do Brasil, como vocês chegam no Rio de Janeiro?”, e se alinhando, nesse momento, como parte integrante da Fiocruz, com a referência à “nossa presidente”. Assim como no evento analisado anteriormente, em que outra representante de Manguinhos também se refere à Nísia como “nossa presidente”, vemos aqui o afeto de membros desse território pela instituição Fiocruz e/ou pela pessoa de sua presidente em exercício no período, sugerindo um reconhecimento desta pesquisadora pelos ativistas dos territórios próximos à Fiocruz, talvez por sua trajetória, atuação e sensibilidade para temas caros aos seus moradores, como vimos em análises anteriormente realizadas. Em outro momento, André sugere a adesão de Manguinhos e seus representantes ao projeto *Conexão*:

“Mas pensando no nosso projeto, quer dizer... nosso projeto! Me

⁸⁵ Existe uma grande polêmica em torno da realização de ações de saúde pelas chamadas Organizações Sociais. A Lei nº 9.637/98 autorizou a qualificação de entidades sem fins lucrativos como Organização Social, possibilitando que estas celebrem contratos com a Administração pública para gerir serviços públicos de saúde. Este modelo surge como alternativa à baixa capacidade de desempenho da gestão pública, devido ao controle e normas próprias do modelo burocrático que regem a administração direta. Alguns pesquisadores, entretanto, consideram este modelo frágil como alternativa organizacional para o SUS, dado que o Estado não possui capacidade de monitoramento adequada, de maneira a impedir que, em nome da racionalidade custo/efetividade, as OS's transfiram a racionalidade própria do mercado para os serviços públicos de saúde, que devem se pautar por estratégias voltadas à promoção da justiça social. (SILVA, 2014). Mais algumas referências sobre o tema em: <https://www.arca.fiocruz.br/handle/icict/36086>; <https://www.scielo.br/j/sdeb/a/GnLp8SXmj66fLzNXTybx9WB/#>; <https://www.scielo.br/j/csp/a/DKGGKsfv8DSdWk5RttLWt46m/#https://www.scielo.br/j/csp/a/S3WHg5SLbnggrCNDjPpnLsg/#>

apropriando dele, né? Que é o projeto De Olho na Covid... Conexão Saúde, de Olho na Covid, que é o nome correto, né? Ele nasce... acho que começa... quer dizer, acho não, né, tenho certeza que ele nasce com uma conversa inicial com a Maré e depois a gente em Manguinhos pega carona nesse trem, né?

A hesitação inicial de André em afirmar o projeto como “nosso” – diferente de quando mencionou “*nossa presidente*” para se referir à Nísia, por exemplo – sugere um inicial distanciamento em relação ao projeto, hipótese reforçada pelas hesitações seguintes sobre o nome correto e o início do projeto, bem como a afirmação de que Manguinhos “*pega carona nesse trem*”. Como Manguinhos estava incorporado ao projeto pelo menos desde o momento de lançamento oficial do mesmo, em agosto de 2020, essa desincompatibilização no discurso não parece se justificar temporalmente, além de seguir a tendência de distanciamento com o projeto presente no discurso da representante de Manguinhos durante o evento de lançamento do *Conexão*. André segue dando indícios de suas dúvidas a respeito da atuação do projeto no território:

“E a gente tem se proposto, tem sido enfáticos em... inclusive desde o primeiro momento, né, Sabine, precisamos conversar com as equipes de saúde da família, precisamos conversar com o TEIAS⁸⁶, né... e a gente entende que fazer telemedicina num território, que apesar de todos os desmontes governamentais, cortes de orçamento do SUS, tem uma cobertura relativa da assistência... quer dizer, cobertura 100%, a gente entende... não negamos que precisamos melhorar, mas não queremos retroceder, diga-se de passagem, e aí, como essa telemedicina pode se integrar? Eu queria que você contasse, eu sei disso, eu já participei de algumas reuniões, mas pro agente de saúde que ainda não participou da reunião de equipe ainda (...) tá preocupado, “a telemedicina tá aí pra roubar meu trabalho, pra tirar meu emprego”. Entendemos que aqui [em Manguinhos] ainda tá começando, né (...) até pra tranquilizar esse trabalhador da saúde, esse militante do Conselho de Saúde.”

André constrói seu discurso fazendo uma longa introdução em que enuncia os interlocutores principais para a efetivação do projeto no território: equipes de saúde da família e projeto TEIAS. Em seguida, apresenta sua visão sobre conquistas e fragilidades das condições do SUS no território (“*não negamos que precisamos melhorar, mas não queremos retroceder*”), bem como sua preocupação com as consequências nefastas de

⁸⁶ Territórios Integrados de Atenção à Saúde (Teias), política de expansão da Atenção Primária à Saúde (APS) no município do Rio de Janeiro que envolve a cogestão de equipamentos e dispositivos de saúde, realizada por intermédio de um contrato de gestão entre a Secretaria Municipal de Saúde do Rio de Janeiro (SMS RJ) e Organizações Sociais de Saúde (OSS). Entre as iniciativas vinculadas a esse plano está o TEIAS-Manguinhos, realizado em parceria com a Escola Nacional de Saúde Pública (ENSP) / Fiocruz, por meio de sua fundação de apoio, a OSS Fundação para o Desenvolvimento Científico e Tecnológico (Fiotec).

ações derivadas da adoção de uma lógica neoliberal no campo da saúde pública (“*mas pro agente de saúde que ainda não participou da reunião de equipe ainda (...) tá preocupado, ‘a telemedicina tá aí pra roubar meu trabalho, pra tirar meu emprego’*”). Adota, portanto, um alinhamento crítico, apesar da ressalva de que “*eu sei disso, já participei de algumas reuniões*”, numa pista de que sua inserção e convencimento a respeito do projeto ainda estão em processo. Assim, André adota um alinhamento de interlocutor dos temores do território a respeito da adoção da telemedicina, especialmente dos agentes de saúde e dos militantes do Conselho de Saúde. Em fala de encerramento, Sabine se posiciona como profissional ciente da importância e da natureza do SUS e aberta a críticas:

“Estamos muito abertos a questionamentos, a críticas, a sugestões... é um processo de soma e parceria pra todo mundo cumprir. Acho que a maior missão é promover um acesso a saúde de qualidade e humanizado, e se estamos lutando pela mesma coisa, não faz sentido lutarmos um contra o outro, a questão aí é realmente como a gente soma e faz a jornada de construção ser boa pra todo mundo.”

Sabine constrói um discurso que parece planejado para rebater críticas recorrentes à atuação da SAS no campo da saúde pública. Adota uma linha conciliatória, acolhendo comentários do interlocutor e exibindo capacidade de negociação. A todo o momento reitera o alinhamento de parceira do projeto, com o qual compartilha objetivos e ideais. Já André reitera a todo momento, em seu discurso, a preocupação daqueles a quem representa:

“Há muito medo, especialmente em Manguinhos, que somos o lado mais fraco da corda, por esse movimento... não é resistência à tecnologia, mas a tecnologia traz um benefício e traz desemprego(...) e aí pensando na precarização do trabalho (...) Um dos princípios do SUS é a participação social, ela só pode existir quando há transparência... Aliás, isso é um problema do Estado brasileiro, ele é pouco transparente, e às vezes a participação social é apenas um mecanismo de validação, né? A gente advoga uma participação social no seu sentido político mesmo, de tomar parte. De definir diretrizes, alterar rumos(...)”

Para justificar seu alinhamento crítico ao longo da entrevista, André faz menção direta ao afeto do medo em relação a um movimento que pode levar à precarização do trabalho e à perda de conquistas em Manguinhos, bem como utiliza a expressão pré-formulada “*lado mais fraco da corda*” para se referir a esse território. Esta correlação de forças pode dizer respeito aos demais parceiros do *Conexão*, em geral organizados em

instituições que contam com quadros profissionais formalizados, diferente das características de um colegiado, que conforma o modelo do Conselho Comunitário de Manguinhos; ou a uma comparação com demais atores sociais que prestam serviços ao SUS, considerando os agentes comunitários de saúde moradores do território como esse lado mais fraco da corda. Na construção de seu discurso, André traz reflexões que não endereça diretamente ao projeto *Conexão* e seus parceiros (por exemplo, a falta de transparência como “*um problema do Estado Brasileiro*”) que parecem evocar experiências anteriores (“*e às vezes a participação social é apenas um mecanismo de validação, né?*”). Essa estratégia tem por efeito construir um alinhamento combativo, vinculado aos princípios do SUS de participação social, em seu sentido político de “*alterar rumos*”. Assim, André não adota o alinhamento de participante otimista com o projeto, alinhamento igualmente rejeitado pela representante de Manguinhos presente no evento de lançamento do projeto.

5.2 - Realizações no curso da ação: atualizar os possíveis

Nesta seção, analisamos alguns discursos proferidos em um momento em que o *Conexão* já estava em curso e trazendo resultados para os territórios em que foi desenvolvido, especialmente na Maré. Foram quatro os materiais selecionados para esse momento:

- 1 um vídeo de divulgação sobre o projeto *Conexão*, da série “Fiocruz na Pandemia”, divulgado em janeiro de 2021;
- 2 duas edições do Boletim desenvolvido pelos participantes do projeto, o “Conexão Saúde: De olho na Covid!”: uma de setembro de 2020 e outra de fevereiro de 2021;
- 3 uma matéria de imprensa, de maio de 2021;
- 4 boletim especial e final do *Conexão Saúde*, de agosto de 2022.

5.2.1 Vídeo de divulgação “Fiocruz na Pandemia – Conexão Saúde”

A série de vídeos “Fiocruz na Pandemia” é composta por onze vídeos, cada um com duração entre 4 e 6 minutos, com destaques da atuação desta instituição no período relatado. Foram publicados entre dezembro de 2020 e agosto de 2021. O vídeo sobre o *Conexão Saúde* foi o segundo a ser divulgado, em janeiro/2021, aproximadamente 6

meses após o início oficial do projeto. Conta com 881 visualizações e 8 comentários⁸⁷, a maioria com elogios a iniciativa.

TABELA 4: PARTICIPANTES DO VÍDEO FIOCRUZ NA PANDEMIA – CONEXÃO SAÚDE		
Nome	Vinculação institucional	Função no vídeo
Luna Arouca	Coordenadora do <i>Conexão</i> na Maré	Relatar, em nome da Redes da Maré, as ações do projeto
Valcler Rangel	Chefe de gabinete da presidência da Fiocruz	Relatar, em nome da Fiocruz, as ações do projeto

O vídeo é composto de imagens captadas na Maré e no campus da Fiocruz no Rio de Janeiro, com um fundo musical composto por duas músicas instrumentais: a primeira, até a metade do vídeo, uma música clássica, animada e suave; a segunda, da metade para o final do vídeo, uma canção com uma batida mais moderna, eletrônica e intensa. Figuram em destaque dois atores: a Ong Redes da Maré e a Fiocruz, com relatos de Luna Arouca, representando a Redes da Maré e Valcler Rangel, coordenador da iniciativa pela Fiocruz. Ambos utilizam máscaras em todos os momentos do vídeo. O volume das canções de fundo é reduzido nos momentos em que Luna e Valcler fazem seus relatos, e a música só é silenciada totalmente na cena em que uma representante da Maré fala ao megafone convocando os moradores à testagem, momento em que escuta-se apenas o áudio original da cena. É também após este momento que a trilha sonora muda para a batida mais moderna. Apesar de os parceiros SAS Brasil e Dados do Bem serem citados em alguns momentos, sem especificação de nomes de seus representantes, nota-se a ausência da menção a outros parceiros neste material, tais como União Rio, Todos pela Saúde ou o território de Manguinhos.

O vídeo se inicia com imagens do castelo da Fiocruz (Imagem 16), com detalhes de sua imponente arquitetura, em uma imagem que vai se afastando para mostrar sua localização em terreno arborizado, margeado pela Avenida Brasil (imagem 17), que separa a instituição do território da Maré. As primeiras imagens da Maré mostram detalhes do território, como, por exemplo, as ruas da favela com muitas fiações elétricas (imagem 18), de crianças jogando bola (imagem 19), a localização de algumas casas

⁸⁷ Dados de fevereiro de 2024. Vídeo disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=Xfd9cpTW68M&list=PLQ_83_IsoGE54b9GG-6S6Y6gTy76yia1_&index=2 Acesso em: fevereiro/2024

construídas em palafitas acima de um rio (imagem 20), bem como de lixo boiando sobre essas águas (imagem 21). Já neste início, vemos um contraste entre a estrutura da Fiocruz, instituição de saúde pública, vista de cima, em imagem aérea, e as condições de vulnerabilidade do território vizinho, da Maré, com as imagens exibidas em um plano mais horizontal, similar ao do olhar de quem caminha pelo território. Estas imagens constroem um efeito de contrapor uma ilha de excelência como a Fiocruz com uma realidade muito mais dura, vivenciada no cotidiano de territórios tão próximos a essa instituição.



Imagem 16 Vídeo Fiocruz na Pandemia – Conexão Saúde



Imagem 17 Vídeo Fiocruz na Pandemia – Conexão Saúde

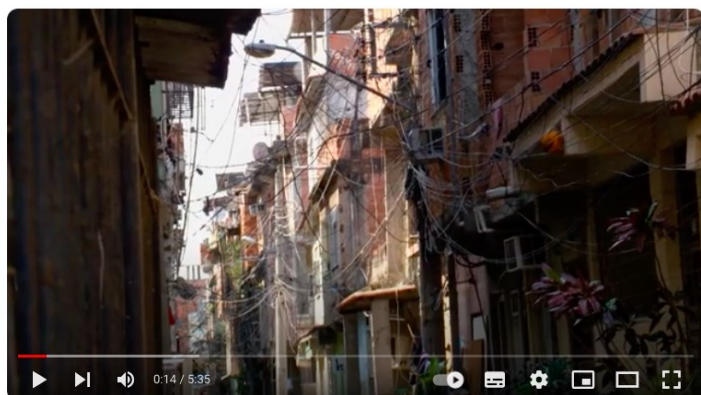


Imagem 18 Vídeo Fiocruz na Pandemia – Conexão Saúde



Imagem 19 Vídeo Fiocruz na Pandemia – Conexão Saúde



Imagem 20 Vídeo Fiocruz na Pandemia – Conexão Saúde



Imagem 21 Vídeo Fiocruz na Pandemia – Conexão Saúde

As imagens do território da Maré são intercaladas com a gravação do relato de Luna Arouca, com a logo do Redes da Maré em destaque ao fundo (imagem 22), e outras de Luna chegando ao galpão de testagem (imagem 23), trabalhando junto a um colaborador do projeto na organização da fila para testagem (imagens 24 e 25). Ressalta-se que as imagens mostram sempre o projeto em ação, pois mesmo o depoimento de Luna é gravado num ambiente em que outras pessoas da Redes da Maré trabalham e circulam, o que causa um efeito de demonstrar o dinamismo dos atores do território e do projeto.

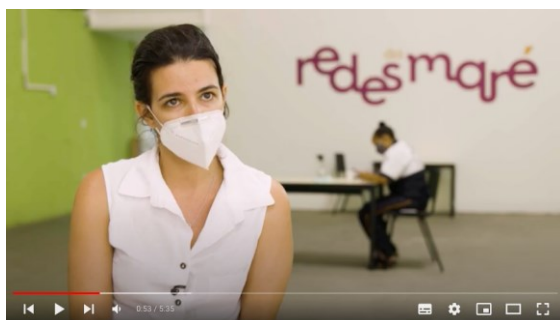


Imagem 22 Vídeo Fiocruz na Pandemia – Conexão Saúde



Imagem 23 Vídeo Fiocruz na Pandemia – Conexão Saúde



Imagem 24 Vídeo Fiocruz na Pandemia – Conexão Saúde



Imagem 25 Vídeo Fiocruz na Pandemia – Conexão Saúde

Estas imagens progressivamente nos ambientam nas atividades de testagem do *Conexão*, além de mostrar o envolvimento direto de sua coordenadora em suas atividades e a adesão dos moradores ao projeto. As primeiras falas do vídeo são de Luna Arouca, que centra na questão da testagem e da falta de estrutura das unidades de atenção básica como motivação para o início do projeto:

“Quando começou a pandemia, a gente sabia que ia ter muita subnotificação, principalmente em regiões de favela e periferias onde as pessoas têm menos acesso ao teste privado. A gente conversou com mais de 1500 pessoas, e dessas pessoas, 70% não tinham tido acesso ao teste. Então isso era nossa primeira questão. Os moradores da Maré estão com sintomas e eles não tem um diagnóstico. Depois tinha a própria dificuldade das unidades de saúde

da Maré. Então, são 7 unidades de atenção básica, uma estrutura significativa, mas muito precarizada nos últimos anos, com dificuldades de dar conta da pandemia. Então meio que esses fatores já conformaram o que a gente poderia fazer em uma intervenção que durante esse período auxiliasse a reduzir o impacto da pandemia.”

Já as imagens de Valcler são captadas na Fiocruz, a maioria no que parece ser seu posto de trabalho, com a placa “gentileza gera gentileza”⁸⁸ aparecendo ao fundo, sugerindo a valorização da cultura popular da cidade do Rio de Janeiro, bem como um contraponto à falta de gentileza do discurso federal no contexto macro, e especialmente no pandêmico, entendimento que explorarei detalhadamente adiante⁸⁹. Em sua primeira fala, Valcler reafirma que houve uma procura direta de entes do território à Fiocruz, numa ratificação deste protagonismo, conforme já havíamos explicitado no evento de lançamento da iniciativa:

“Quando a Redes da Mar, e as representações das comunidades vieram nos procurar, nós vimos isso: esse projeto tinha capacidade de agregar mais valor, de dar mais proteção. Então esse projeto reúne esses aspectos de atenção médica, atenção à saúde, promoção da saúde, diagnóstico e ação social.”

Assim como na fala de Luna, a questão da testagem ganha destaque no relato de Valcler, por meio de tom mais alto e pausado quando ele menciona a questão do diagnóstico. Em seguida, Valcler nos diz que “*mobilizar a comunidade, junto de organizações da sociedade civil, isso sim consegue fazer o enfrentamento de uma pandemia dessa monta*”. O protagonismo de agentes do território e de outras entidades não vinculadas ao governo é enunciado como ponto central do projeto, com a pista para a forma enfática com que diz que “*isso sim*”. Isso pode sugerir ainda que, em sua visão, outras formas de atuar no enfrentamento da pandemia não estão sendo adequadamente realizadas.

⁸⁸ Frase e imagem populares, especialmente no imaginário carioca, por reproduzir grafite realizado pelo “Profeta gentileza” nas ruas e viadutos da cidade do Rio de Janeiro. O novo terminal rodoviário da cidade, inaugurado em 2024, recebeu o nome “Gentileza” em homenagem ao profeta que fazia seus grafites neste território da cidade.

⁸⁹ Ver seções 5.3 Afetos de ontem, hoje e sempre, e 6.2 A criação de metáforas.



Imagem 26: Relato de Valcler Rangel no vídeo “Fiocruz na Pandemia – Conexão Saúde”. Placa “Gentileza gera Gentileza”, símbolo facilmente reconhecível, ao menos para cariocas, figurando ao fundo da imagem.

As imagens mostram então um momento em que uma pessoa da Redes da Maré está com megafone, de máscara, andando pela Maré divulgando o projeto, com a seguinte fala: *“A Redes da Maré, em parceria com as associações de moradores, Dados do Bem, SAS Brasil e a Fiocruz estão disponibilizando teste de Covid gratuito”*. Como mencionado antes, este é o único momento do vídeo em que cessa a trilha sonora de fundo, construindo o efeito de centralidade à atuação dos agentes do território na mobilização de moradores e divulgação do projeto.



Imagem 27: Representante da Redes da Maré em ação no território no vídeo “Fiocruz na Pandemia – Conexão Saúde”.

Em outro trecho de fala de Valcler, a presença no território ganha destaque novamente:

*“na hora que nós combinamos ações de comunicação, né, combinamos ação de **estarmos no local** [gesto incisivo com as mãos, se aproximando para frente], de maneira diferenciada, que foi o caso do Conexão Saúde, né. Nós montamos uma estrutura de testagem. **Só***

aquilo ali já atrai as pessoas para uma atitude diferenciada”
(Valcler)

Valcler ressalta, portanto, a importância da atuação local, por meio das pistas de aumento do tom de voz ao dizer “*estamos no local*”, além de direcionar o corpo para frente, com movimentos incisivos com as mãos. Também destaca que “*só*” aquilo, ou seja, a estrutura de testagem montada no local, atrairia as pessoas para uma “*atitude diferenciada*”.

Em outra parte do relato de Luna, esta tece críticas à falta de atuação do poder público:

*“Essa população precisa ser **visibilizada**. Quando a gente fala que 70% das pessoas não tinham acesso ao teste, a gente tá falando de pessoas que foram invisíveis para o poder público... e isso é um processo histórico das favelas e das periferias. Então um projeto como o Conexão Saúde, ele chama atenção e ele traz recursos e ele traz serviços para populações que estão sendo negligenciadas há muito tempo, então isso é muito importante.” (Luna)*

Assim, Luna alinha-se como representante engajada com a Redes da Maré e seus objetivos, adotando um tom incisivo de crítica ao poder público, o que não seria plausível para o representante da Fiocruz, pelas limitações de um discurso institucional que parte da presidência da instituição, e que portanto não permite, em tese, que as críticas ao governo sejam enunciadas tão abertamente, dado se tratar de instituição vinculada ao governo federal⁹⁰. O destaque à ideia de que o projeto causa uma impressão na sociedade, uma “*atitude diferenciada*”, e de que “*chama a atenção e traz recursos*”, produz um efeito de projetar o *Conexão* como bem-sucedido, o que se deu pelos discursos mesmo antes de o projeto ser colocado em curso e ter resultados no território, como vimos nos eventos iniciais já analisados. Esta pode ter sido uma estratégia institucional para angariar mais visibilidade e recursos, trazendo mais serviços a essa população há muito tempo negligenciada, nas palavras de Luna, que usa o recurso da repetição da necessidade de que a população seja *visibilizada*, aqueles que foram “*invisíveis*” para o poder público, para reforçar seu argumento.

Alguns dados com números de atendimentos e testes realizados, projetados em uma imagem aérea do território, consubstanciamos resultados do projeto:

⁹⁰Este tema será melhor explorado na seção 6.2 – A criação de metáforas



Imagem 28: Imagem aérea do território da Maré, com números de testes, de positivados, de atendimentos médicos e psicológicos do *Conexão Saúde* até 14 de dezembro de 2020 no vídeo “Fiocruz na Pandemia – Conexão Saúde”.

Em outro ponto de seu relato, Valcler destaca que o projeto tem pretensões para além da questão de combater a Covid:

*“O sistema único de saúde na verdade é o nosso grande objeto nesse projeto. [pausa e sinalização positiva com a cabeça] Ele foi concebido dentro de uma concepção de seguridade social. É, nós estamos falando de assistência social, nós estamos falando de previdência social, e nós estamos falando de saúde. A pandemia **mobilizou** o projeto, mas nós não **reduzimos** a ação à Covid”* (Valcler)

Assim, a pista de natureza paralinguística da pausa ao mencionar “o grande objeto nesse projeto”, bem como a forma mais lenta com que pronuncia o “mobilizou” e o “reduzimos”, reforça o destaque à articulação do *Conexão* a projetos de futuro relacionados ao SUS, em uma vinculação da ação micro, sendo realizada no presente, com um contexto e objetivos voltados à transformação no contexto macro. Em seguida, Luna reforça essa ideia ao dizer que o projeto inicialmente foi pensado para a Covid, mas tem elementos que falam de “um modelo de vigilância em saúde pensado a partir de territórios de favela”, e que, “pelo que se tem desenhado”, entende que poderia ser replicado durante a pandemia, além de fornecer algumas diretrizes para pensar vigilância em saúde e educação em saúde em outros períodos para além da pandemia. O uso do termo “a partir” de territórios de favela constrói discursivamente o efeito do protagonismo e do reconhecimento das necessidades e soluções que partem do território. O vídeo é finalizado com a logo da Fiocruz, ainda com a música ao fundo, e com a

aparição da frase “*Em defesa da Vida!*” abaixo da logo, reiterando o posicionamento geral desta instituição.

Percebe-se, portanto, neste momento ainda de primeiros resultados do projeto, que alguns dos seus atores aparecem em destaque, assim como o tema de que o *Conexão* veio para resolver não apenas problemas presentes, mas ajudar na construção de projetos de futuro vinculados a legados do projeto para o SUS, como um modelo de vigilância. Também o protagonismo do território e da Ong Redes da Maré é destacado como atores ativos que buscam a Fiocruz. Há críticas à inação governamental, ao mesmo tempo que se constrói discursivamente um posicionamento de esperança, por meio de imagens de pessoas trabalhando no território e sendo recebidas pelos moradores, ilustrando as múltiplas e bem sucedidas estratégias de comunicação implementadas no território, bem como a ideia de que se está conseguindo “*fazer o enfrentamento de uma pandemia dessa monta*” e de que “*pelo que se tem desenhado*”, o modelo proposto poderá ser replicado durante a pandemia e também para outros cenários. Assim, neste vídeo de promoção do projeto, o discurso é construído de maneira a mostrar progressivamente que, partindo de uma localidade marcada pela vulnerabilidade, como as primeiras imagens da Maré atestam, é criada uma solução que mobiliza diversos atores do território, como percebemos pelas imagens de Luna e demais profissionais em ação (imagens 29 a 32). O vídeo é marcado pelo movimento, seja dos profissionais atuando no projeto, dos moradores utilizando o serviço ou mesmo a intensa gesticulação de Valcler, frequentemente enquadrada em destaque nas imagens do vídeo, que causam o efeito de ilustrar dinamismo e proatividade na ação de Maré e Manguinhos no enfrentamento dos desafios trazidos pela pandemia de Covid-19. Também a trilha sonora do vídeo, que começa com uma música clássica, suave e animada pode sugerir, de início, esse encontro virtuoso da Fiocruz e da Redes da Maré, em suas respectivas tradições de atuação. A partir do enfrentamento coletivo de um período de crise, com a junção de esforços de diferentes atores sociais, entre eles os próprios moradores interessados nos resultados que o projeto poderia gerar, a música mais moderna e intensa, que se inicia com a imagem de uma moradora divulgando o projeto no território, aponta para essa transformação potente, que levou à ação e à criação de um projeto inovador. Este, por sua vez, se incorpora à uma luta permanente por melhores condições de cidadania a atores especialmente vulnerabilizados da sociedade. Associados aos primeiros números do *Conexão*, esses elementos ajudam a projetar discursiva e imageticamente a iniciativa como bem-sucedida, de forma a angariar confiança da sociedade e apoio de parceiros; a

imagem do projeto parece ter sido um elemento bem pensado e trabalhado em seu desenvolvimento, num discurso persuasivo a respeito do *Conexão*.



Imagem 29 Vídeo Fiocruz na Pandemia – Conexão Saúde



Imagem 30 Vídeo Fiocruz na Pandemia – Conexão Saúde



Imagem 31 Vídeo Fiocruz na Pandemia – Conexão Saúde



Imagem 32 Vídeo Fiocruz na Pandemia – Conexão Saúde

5.2.2 Edições do Boletim “Conexão Saúde: de olho no Corona!”

A publicação do Boletim “Conexão Saúde: de olho no Corona!” tem seu início em março de 2020 e tem sua última e 44ª edição regular publicada em janeiro de 2022. Possui ainda duas edições especiais: uma que realiza um balanço das ações de comunicação e mobilização do projeto, e outra com o balanço geral do *Conexão*. Com edições, em geral, quinzenais, esta publicação apresentou um relato do período no território da Maré, com entrevistas e textos analíticos sobre a pandemia. Inicialmente chamado Boletim do “De olho no Corona!”⁹¹ e editado exclusivamente pela Ong Redes da Maré, a partir de sua 19ª edição, passa a divulgar os números de testagem e

⁹¹ Esse nome anterior fazia menção à iniciativa da Redes da Maré de atendimento online para acolhimento de demandas relacionadas a questões de saúde, violações e dúvidas sobre como acessar direitos. No caso da Covid-19, acolhia relatos de contaminação, com monitoramento e acompanhando das famílias para orientá-las sobre quais serviços públicos poderiam ser acessados. O boletim faz parte ainda da campanha “Maré diz não ao Corona Vírus”, viabilizada a partir da articulação de uma rede de diversas instituições e pessoas físicas, buscando enfrentar a crise humanitária provocada pelo Coronavírus com doações de itens materiais e de recursos financeiros. Fonte: site Redes da Maré.

atendimentos nos territórios da Maré e Manguinhos realizados pelo projeto *Conexão*. A partir da 27ª edição o Boletim muda de título, com o acréscimo do “*Conexão Saúde*”, passando a ser editado em parceria com o Dados do Bem, SAS Brasil, Fiocruz, União Rio e Conselho Comunitário de Manguinhos. Veremos, a seguir, a análise de trechos das edições 18, de setembro de 2020, selecionada por ser uma edição temática sobre o *Conexão Saúde*, e da 27, selecionada por marcar a mudança no título da publicação, com a inclusão do “*Conexão Saúde*”, ilustrando o início dessa vinculação direta com o projeto aqui em análise.

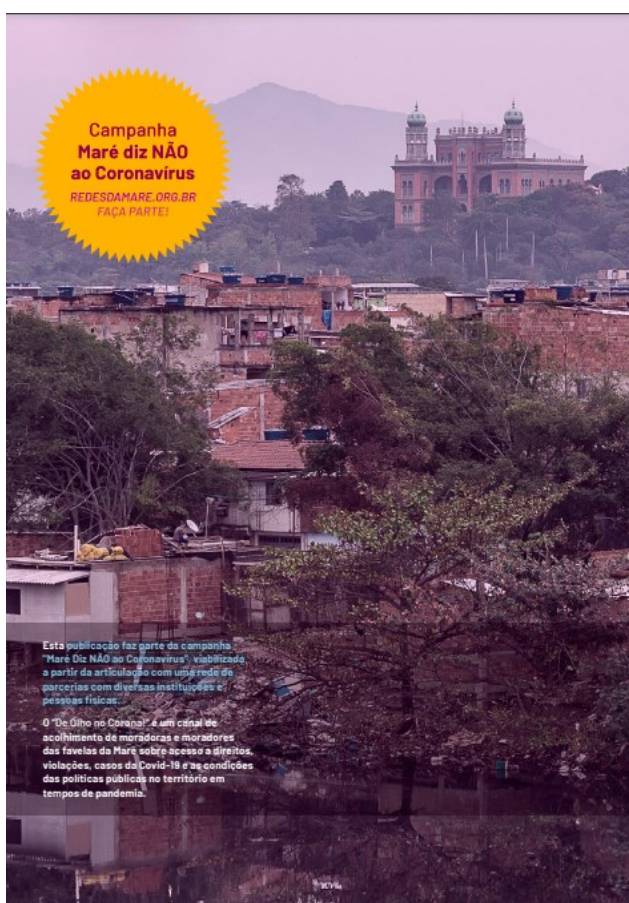


Imagem 33: Primeira página da edição temática do Boletim “Se liga no Corona” sobre o *Conexão*, com o ângulo do Castelo da Fiocruz visto a partir da Maré.

A 18ª edição⁹² do referido Boletim, de setembro de 2020, tem seu início com uma breve apresentação do *Conexão*, seguida de uma matéria dedicada a refletir sobre a importância do SUS na pandemia. Retomando a história de criação do SUS, a partir da 8ª Conferência Nacional de Saúde, realizada em 1986, o texto inicia-se com a reprodução de uma fala do sanitarista e ex-presidente da Fiocruz, Sérgio Arouca, que liderou o

⁹² Disponível em: <https://www.redesdamare.org.br/media/downloads/arquivos/09E18-BoletimDeOlho.pdf> Acesso em: fevereiro/2024

processo que deu bases para o estabelecimento do SUS:

Saúde não é só ausência de doença. Saúde deve ser entendida como um bem estar físico, social, afetivo e ainda de ausência do medo. [...] É um bem estar social, que pode significar que as pessoas tenham direito à casa, ao trabalho, a um salário digno, à água, à vestimenta, à educação [...] (AROUCA, 1986)

Assim, a referência a personagens históricos da saúde pública ajuda no desenvolvimento de uma construção discursiva que atualiza a pertinência de questões centrais do SUS, relativas ao entendimento ampliado do conceito de saúde, para o enfrentamento dos desafios do presente. Estes são ilustrados pela menção à Emenda Constitucional 95 do “teto dos gastos”, já mencionada neste estudo, que contribuiu para a redução de recursos e precarização dos serviços de saúde. Menciona-se também as *“inúmeras situações de inércia da União no combate à Covid-19”*, numa referência ao contexto macro e em alinhamento crítico ao governo federal. As iniciativas da sociedade civil são colocadas como estratégia essencial para a minimização dos efeitos da pandemia de Covid-19, sem, no entanto, eximir o papel do governo, o que vemos pela afirmação de que *“para além das iniciativas da sociedade civil é imprescindível que as esferas de governo executem políticas públicas articuladas para o enfrentamento do novo coronavírus nas favelas e periferias brasileiras”*. Reforçando o alinhamento crítico dos autores da publicação em relação ao governo em exercício, é mencionada a existência de nota⁹³ de um grupo de entidades da sociedade civil *“responsabilizando o Estado pelo alto número de óbitos por Covid-19 no Brasil”*. Após esse texto, nova matéria apresenta em mais detalhes o *Conexão Saúde* e seus parceiros, destacando o caráter inovador da iniciativa. Novos atores, que não figuram em outros materiais analisados, aparecem como apoiadores do projeto: Cruz Vermelha e Instituto Estáter, uma associação sem fins lucrativos que investe em projetos sociais focados no desenvolvimento de crianças e adolescentes em situações de vulnerabilidade social. Como nos demais materiais analisados, é afirmada a intenção de construção de um modelo que possa ser replicado em outras favelas e territórios populares. Apresenta-se ainda o fluxo de funcionamento do projeto, encerrando-se o boletim com números de casos da doença na Maré e de óbitos.

Assim, nesse material, observamos um posicionamento crítico explícito em relação à inação governamental, que parte de um grupo social desamparado que busca a

⁹³ Disponível em: ALERTA sobre a responsabilidade pelas mortes evitáveis por Covid-19. Inesc, Brasília, 17 mai. 2020. Disponível em: <https://inesc.org.br/alerta-sobre-a-responsabilidade-pelas-mortes-evitaveis-por-covid-19/> Acesso em: maio 2024

construção de suas utopias, atuando com a coragem afirmativa a partir do engajamento para a transfiguração de uma realidade que não é mais aceitável, “ferindo os olhos dos tiranos” (Sousa, 2022) por meio da linguagem e nominando o que é preciso. Esse efeito é criado pela afirmação da potência da ação em desenvolvimento, ao mesmo tempo em que esta evidencia uma lacuna na ação do poder público em cumprir seu papel. A junção de atores da sociedade civil permitiu, assim, a “revolta da imaginação” frente a um mundo que insiste em permanecer da mesma maneira (Sousa, 2022), o que levou à criação do *Conexão*. Além disso, vemos a atualização da memória e da relevância da função social da Fiocruz, em suas dimensões de tradição e criação, ilustrada na menção a Sérgio Arouca: na primeira dimensão, consideramos a vinculação desse personagem à Fiocruz no período da luta pela construção do SUS, esse marco fundamental para a vida do país, quando foi garantido o direito de acesso a saúde a todos, integralmente, evidenciando uma tradição na transfiguração de impossíveis em possíveis; já na dimensão da criação, vemos a permanência dessas perspectivas fundantes da saúde pública acionadas no presente, para a criação de novos projetos em parceria com a sociedade com o envolvimento da Fiocruz, como o *Conexão*.

A edição 27⁹⁴, de fevereiro de 2021, inicia-se com o informe sobre a mudança de nome do Boletim, que passa a incluir o “*Conexão Saúde*” no título, sob a justificativa de tratar-se de um desdobramento das atividades do projeto no território. Esse boletim traz gráficos que consolidam os números de testagem na Maré e em Manguinhos. São apresentados diversos outros gráficos também a respeito do impacto da doença na Maré, bem como indicadores sobre a evolução da vacina no Brasil e no Rio de Janeiro, o que se estenderá “à Maré e Manguinhos tão logo o acesso aos dados seja liberado”. Destaca-se na edição o novo projeto gráfico e o início da colaboração de especialistas, assim como a expectativa de que a publicação “*atinja novos públicos*”, num indicativo de que as estratégias de comunicação para a visibilidade do projeto estavam em processo de ampliação, a partir de sua vinculação ao projeto *Conexão Saúde*.

94

Disponível

em:

<https://www.redesdamare.org.br/media/downloads/arquivos/02E27BOLETIMDEOLHO.pdf> Acesso em: maio 2024

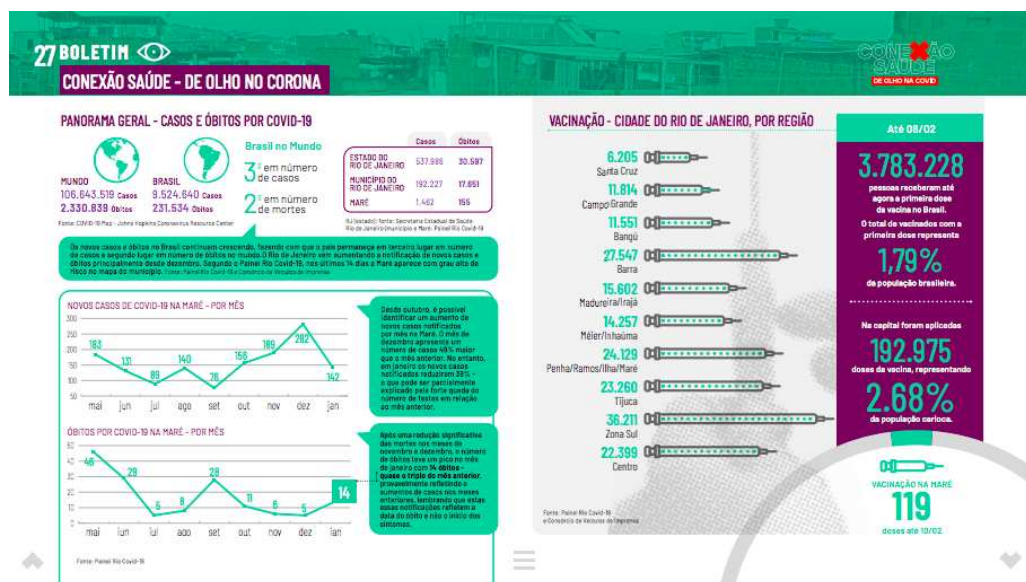


Imagem 34: Gráficos disponibilizados na 27ª edição do Boletim Conexão Saúde que sistematizam dados de casos de Covid no Brasil e no mundo, bem como da vacinação no Rio de Janeiro.

O Boletim *Conexão* é um material visualmente atrativo, bem produzido e editorado, evidenciando a competência e a importância dada ao registro das ações realizadas no território nesse período de crise pandêmica. A inclusão de indicadores sobre a vacinação indicia ainda uma aproximação do projeto *Conexão* com esse tema, que foi inclusive o foco da edição seguinte do Boletim. Assim, a orientação da publicação para esse tema aponta para um entendimento de que, neste ponto da pandemia, seria preciso fazer uma vinculação do *Conexão* com a questão da vacinação, ilustrando a dimensão utópica do projeto, como um movimento que vai “do futuro ao passado” (SOUSA, 2022), um “sonhar para frente” que aponta o que ainda somos capazes de imaginar. Assim, entendo esses elementos como pistas de que os atores do projeto *Conexão* começavam a construir estratégias discursivas/visuais para apontar a importância de uma ação que garantisse a adequada cobertura vacinal ao território, o que veio a se concretizar com o projeto “Vacina Maré”, conforme veremos adiante.

5.2.3 Matéria de imprensa da BBC “Covid: As lições da favela que reduziu mortes em 90% enquanto Rio vivia tragédia”

A matéria⁹⁵, escrita por Nathalia Passarinho, repórter da BBC News Brasil em Londres, e publicada em 1º de maio de 2021, foi uma das primeiras de um grande veículo de imprensa que repercutiu resultados positivos creditados ao projeto. O título da matéria

⁹⁵Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-56919419> Acesso em: fevereiro/2024

(“Covid: As lições da favela que reduziu mortes em 90% enquanto Rio vivia tragédia”) já explicita a centralidade que o texto atribui ao protagonismo de atores do território, que teriam lições a ensinar a respeito de sua bem-sucedida intervenção. Apenas moradores, voluntários e colaboradores do projeto aparecem nas fotografias dispostas ao longo da matéria; não há imagens dos porta-vozes frequentes do *Conexão*. Outro indício da centralidade nos moradores do território é o início da matéria com enunciados de moradores, sinalizados pelas aspas, como reproduzo abaixo:

"Como eu vou me manter? Como vou me alimentar?" Essas eram as perguntas que martelavam na cabeça de David Nascimento, de 24 anos, quando começou a ter sintomas de covid-19, no início de janeiro. Morador da favela da Maré, no Rio de Janeiro, ele trabalhava numa pequena loja de conserto de celulares e precisava do dinheiro.

"Eu pensei: não tem como eu ficar duas semanas (de quarentena) em casa. Vou ter que sair", conta à BBC News Brasil. Foi então que a mãe de David pediu que ele fizesse o teste de covid por meio de um programa de combate ao coronavírus na própria favela da Maré. O programa foi criado, sem ajuda do governo, por moradores, pesquisadores da Fiocruz e ONGs. "Ela já tinha ouvido falar no Conexão Saúde por vizinhos e pela internet. E pediu para eu agendar o teste no aplicativo Dados do Bem, que é parte do projeto. Eu agendei, fiz o teste e, a partir daí, começaram a cuidar de mim", conta.



Projeto criado por moradores, Fiocruz e ONGs tem plano de isolamento 'sob medida' para moradores da favela da Maré, testagem em massa para covid e atendimento médico por telefone

Imagem 35: Reprodução de imagem que abre a matéria da BBC News Brasil.

Notamos que, se num primeiro momento, a dimensão da telemedicina ocupava uma posição central nos discursos a respeito do projeto, sendo esse foco posteriormente deslocado para a questão da testagem, neste ponto do projeto, o programa de isolamento seguro e apoio alimentar toma esse lugar central nos discursos sobre o *Conexão*, como vemos ao longo desta matéria, como o segmento abaixo:

David recebeu um oxímetro e um kit com produtos de higiene, passou a ter acompanhamento médico por telefone, teve acesso a sessões online com uma psicóloga e, o mais importante: teve o que comer pelos 14 dias que passou isolado em casa.

Algumas falas de moradores, como *“começaram a cuidar de mim”, “A comida chegava todo dia lá em casa, ao meio-dia. Uma quentinha enorme, que dava para quatro pessoas (...) Ter o que comer me tranquilizou”* e *“Eu me senti muito acolhida”* demonstram a dimensão do cuidado integral com os indivíduos que um programa personalizado permitiu, e os afetos que o projeto mobilizou, de tranquilidade e acolhimento em um período de grande vulnerabilidade. Vemos também na legenda da imagem acima a afirmação da existência de um plano de isolamento ‘sob medida’, que reitera esse efeito de que o projeto, e não apenas a reportagem, estava centrado nas necessidades dos indivíduos. Após ser diagnosticado pela doença, o morador recebia a visita de representantes do projeto para criar, dentro da realidade de sua moradia, estratégias de isolamento seguro em relação a outros moradores da residência – o que previa o acolhimento, nesta mesma residência, de pessoas conhecidas que também estivessem infectadas, bem como o deslocamento temporário dos moradores sadios para a casa de parentes também sadios, por exemplo -, além de apoio material com alimentação e itens de higiene e atendimento médico via telefone.

Mais uma vez, o posicionamento do material é bastante crítico ao governo, construído por meio dos destaques de que o *Conexão* foi criado *“sem ajuda do governo”*, por *“moradores, pesquisadores da Fiocruz e ONGs”*. As críticas são recorrentes também em subtítulos da matéria, como *“Tudo isso tinha que estar sendo feito pelo governo”* e em falas entre aspas dos representantes do projeto, como a de Luna Arouca, da Redes da Maré, que afirma que seria *“responsabilidade do Poder Público fazer isso. Estamos fazendo esse trabalho por conta da ausência do Estado”*. As falas de Fernando Bozza, apresentado na matéria como pesquisador da Fiocruz e um dos idealizadores do *Conexão*, também seguem esse alinhamento crítico, quando afirma que *“na ausência do Estado, quem está agindo são os pesquisadores, moradores, ONGs, a sociedade civil”*.

A matéria reproduz os números que levam a creditar a iniciativa como exitosa, dado que proporcionou *“uma redução de quase 90% nas mortes por covid na Maré após 15 semanas de implementação do programa”*, resultando em uma média de mortes nesta região muito inferior que a média da cidade do Rio de Janeiro, apesar de *“se tratar de uma das comunidades mais pobres do país”*. Essa redução de mortalidade é creditada, aparentemente, de forma exclusiva à implementação do *Conexão*. Nota-se nesse momento a ausência de outras possíveis ações e contextos que possam auxiliar na explicação desta redução, em um reforço do discurso laudatório à referida iniciativa.

Outras ações realizadas no território, por exemplo, foram a iniciativa “A Maré diz não ao Corona”, da própria Redes da Maré, e a iniciativa “Frente de Mobilização da Maré”, organizada por comunicadores da Maré.⁹⁶

O Fundo Todos pela Saúde é apresentado como o parceiro que garantiu recursos pelos seis primeiros meses do projeto. São fornecidos detalhes sobre as ações de comunicação realizadas com o protagonismo dos moradores, e o apoio da Fiocruz para a criação do centro gratuito de testagem, assim como sobre o lançamento do aplicativo de celular Dados do Bem. Os demais participantes, como o União Rio, SAS Brasil e Conselho Comunitário de Manguinhos aparecem apenas em uma listagem de parceiros do projeto, figurando sem destaque. Como em outros discursos sobre o projeto, novamente o SUS aparece como um objeto importante do projeto, com a afirmação de que idealizadores consideram que o ideal seria que as políticas fossem incorporadas pelo governo ao Sistema Único de Saúde, com ampliação das ações propostas para outras favelas.

A matéria finaliza reforçando o alinhamento crítico ao governo federal, abordando *“as oportunidades que o Brasil perdeu”*, e apresentando o projeto como *“prova viva de que a pandemia no Brasil poderia ter sido controlada, inclusive nas áreas mais pobres e povoadas, se governo federal e Estados tivessem adotado políticas baseadas na ciência e no aprendizado deixado por outros países”*. Essa afirmação se refere a elementos macro e contextuais para além da falta de ação pública no território, tais como as relações conturbadas do governo federal em exercício com o campo científico, reforçada pela fala institucional do pesquisador da Fiocruz: *“ao longo de um ano de pandemia a ciência e a sociedade já sabem o que funciona contra a Covid. Mas o país perdeu tempo falando de cloroquina”*. Afirma-se ainda que em diversos momentos integrantes do governo Bolsonaro diziam que medidas de isolamento eram inviáveis, principalmente em comunidades pobres, o que é retrucado por Luna Arouca, que considera que o que falta: *“é o Estado dar condições para que as pessoas mais pobres possam se proteger da Covid sem passar fome”*, pois a *“contenção da pandemia deve passar por políticas sociais. E a gente, de maneira pontual e específica, demonstra isso. Se você traz o mínimo de sobrevivência para aquela família, alimentação, kit de higiene, limpeza, acompanhamento médico, ela consegue fazer o isolamento”*.

⁹⁶ Mais informações em: <https://www.redesdamare.org.br/br/info/72/mare-diz-nao-ao-coronavirus> e <https://www.instagram.com/frentemare/> Acesso em: janeiro/2024

Apesar de a Fiocruz ser um ente federal, sua atuação não é tratada, na matéria, como uma ação de governo. Entende-se que a iniciativa de alguns de seus pesquisadores, em parceria com membros da sociedade, possibilitou a ação. Não há uma fala oficial do representante da Fiocruz no projeto, Valcler Rangel sobre o tema, apesar de Fernando Bozza, normalmente apresentado como representante da Dados do Bem, constar, nessa matéria, como representante da Fiocruz. Cabe destacar a complexa posição da Fiocruz como instituição de Estado subordinada a um governo hostil ao campo científico, tema que exploraremos melhor adiante⁹⁷. Vemos, neste material, que os discursos da mídia sobre o projeto auxiliam a projetar a iniciativa como bem-sucedida e a atualizar a relevância social de seus atores participantes, as Ongs, movimentos sociais e a Fiocruz. Ao mesmo tempo, neste momento de êxito e visibilidade do projeto, com números expressivos em relação à redução da mortalidade do território, aponta para a dimensão política da memória, ao marcar pelo discurso que o contexto de crise desencadeado pela pandemia de Covid-19 foi agravado por um governo em exercício que não só não auxiliou no projeto, como atrapalhou as ações de saúde pública, contrariando a ciência e perdendo tempo “*falando de cloroquina*”. Assim, indexicaliza a questão das *fakenews* que circularam no período, entre elas as que, habilmente, utilizavam critérios pseudo-científicos como solução para combater uma pandemia, inclusive sendo propagadas pelo governo em exercício. Ainda assim, em um momento de crise e indeterminação, o empenho de pessoas e instituições possibilitou a criação de uma solução inovadora, alimentando utopias como uma rebeldia que alimenta a imaginação de novos mundo, como forma de reagir “com novas narrativas ao empobrecimento da linguagem que alimenta a alma dos tiranos” (SOUSA, 2022). Observamos aqui, portanto, tanto os afetos da esperança em novos possíveis como o da revolta frente à incompetência governamental, ambos movimentados no contexto de criação e realização do *Conexão*. Cabe destacar que foram esses mesmos afetos que me motivaram, a partir desta reportagem, a decidir pela exploração do projeto *Conexão Saúde* como meu tema de pesquisa.

5.2.4 Boletim especial e final do Conexão Saúde

O boletim especial e final do “Conexão Saúde: de olho no Corona”, que já teve algumas edições analisadas nesta seção, tem como título “*Maré e Manguinhos: Uma*

⁹⁷ Ver seção 6.2 – A criação de metáforas

experiência de inovação e mobilização em saúde durante a pandemia”⁹⁸ e foi lançado durante o Seminário “De Olho na covid”, realizado em 18 agosto de 2022. Proponho uma breve análise de algumas seções desse material, cujo título retoma e reforça a perspectiva de uma ação inovadora, presente desde os primeiros momentos do projeto, equiparada em importância à mobilização (“*uma experiência de inovação e mobilização*”), dimensão do projeto que, ao longo de seu desenvolvimento, foi reiteradamente destacada pelos seus porta-vozes como aspecto central para o sucesso do *Conexão*. A publicação está organizada em treze seções, organizadas em 23 páginas. A primeira seção, intitulada “*Inovação e tecnologia em saúde a serviço dos moradores de favela*”, apresenta um breve relato do início das atividades do *Conexão*, em uma construção discursiva que exemplifica a criação num momento de indeterminação, na ausência de respostas prontas:

Naquele momento, quando não havia vacina e o número de mortos por covid-19 aumentava, situações-limite exigiam soluções que ainda não existiam. Foi preciso criar respostas eficazes para problemas novos, sem modelos ou precedentes inspiradores e nem tempo a perder. Esta dinâmica desafiadora, imposta pela realidade, tornou-se uma das principais marcas do projeto e pode ser resumida em uma palavra: INOVAÇÃO. O Conexão Saúde – De Olho na Covid tornou-se inovador por natureza por sua governança participativa, por sua capacidade de apresentar soluções rápidas e customizadas para cada território, a cada momento, e pela agilidade em detectar erros e mudar de rota.

Observamos no trecho acima um enquadre laudatório da iniciativa, coerente com uma iniciativa que foi projetada, desde o início, como inovadora e interessada em promover transformações na realidade local e servir de inspiração e modelo para outros territórios e para o próprio Sistema Único de Saúde. Essa seção é finalizada com a afirmação de que “*é a história, o aprendizado e a memória desta experiência que apresentamos*”. A seção seguinte da publicação, intitulada “*História - Na ausência de políticas públicas, sociedade civil se mobiliza no combate à pandemia*”, ilustra o alinhamento crítico ao governo responsável pela condução da pandemia.:

Em meio a uma onda negacionista, com movimentos antivacina, falta de dados confiáveis sobre número de casos e óbitos, sobretudo por parte do governo federal, e ausência de políticas públicas à altura da crise sanitária instalada no país, nascia – na Maré e em Mangueiras – uma experiência única de atendimento à saúde de moradores de favelas durante a pandemia.

Há uma construção discursiva de um contexto de faltas e ausências, qualificando

98

Disponível em: https://www.redesdamare.org.br/media/downloads/arquivos/RdM_MemoriaResultadosCS.pdf
em: janeiro/2024

em:
Acesso

o projeto *Conexão* como uma ação redentora, “*uma experiência única*”. Na seção seguinte há um infográfico com o resumo dos números e das premiações recebidas pelo projeto:



Imagem 36: Gráfico apresentado para resumir números e premiações recebidas pelo projeto Conexão Saúde.

Em uma análise da identidade visual do material, entendemos que o arco-íris na imagem indexicaliza um novo tempo, depois da tempestade, reiterando a perspectiva do projeto como parte de um “esperançar”⁹⁹ que atua na construção de utopias para esse território. Nota-se a grande diferença numérica entre os resultados de Mangueira e Maré: enquanto na Maré foram realizadas mais de 15 mil consultas médicas e psicológicas online e cerca de 44 mil testes para Covid, em Mangueira esses números foram cerca de 350 e de 7 mil, respectivamente. Mesmo considerada a proporção os seus números de habitantes, essa discrepância dos números aponta para uma diferença significativa do escopo da implementação do projeto, em termos de moradores alcançados pelas ações do projeto, entre ambos os territórios. Tal interpretação ancora-se também no fato de que todas as ações e desdobramentos apontados no *corpus*

⁹⁹ Termo cunhado por Paulo Freire, que explicaremos adiante, na seção 5.3 Afetos de ontem, hoje e sempre

selecionado para esta pesquisa relatam as aproximações da Fiocruz com o território da Maré.

Na última seção da publicação, encontramos os depoimentos de alguns participantes do *Conexão*, dos quais destacamos, respectivamente, parte dos depoimentos de André Lima, representante do Conselho Comunitário de Manguinhos, e de Valcler Rangel, da Fiocruz:

Entre os muitos desafios, atesto a dificuldade de construir parcerias duradouras no território. Construir junto significa também ceder espaços, dar ouvidos ao que o outro diz, reconhecer novos saberes... Superar uma certa tradição paternalista e de clientelismos que envolve relações na esfera pública local. Quanto à relevância do projeto, muito já se apontou, mas destaco as ações contínuas de comunicação no território que enfrentaram as *fake news*. Notícias falaciosas que também matam! (André Lima)

No caso da Maré e de Manguinhos, somos vizinhos, há uma ligação histórica muito grande entre a Fiocruz e estes territórios. Não dava pra virar as costas para esta realidade. Tivemos que articular parcerias e criar ações inovadoras de gestão, comunicação, vigilância e atendimento à saúde em tempo recorde. Resolvemos enfrentar esses desafios. Uma aventura planejada que ainda traz desdobramentos para a pesquisa, para os afetos entre as pessoas e para as tecnologias instaladas. O Conexão Saúde desmonta o estigma de que na favela só tem violência. Os resultados do projeto provam que a favela tem potência, tem inovação, tem mobilização, tem solução pra problemas complexos. (Valcler Rangel)

A menção aos “*muitos desafios*”, à “*dificuldade de construir parcerias duradouras no território*”, à necessidade de “*superar uma certa tradição paternalista e de clientelismos que envolvem relações na esfera pública local*”, e ao fato de que “*muito já se apontou*” da relevância do projeto, nos leva a entender que, face ao vasto discurso laudatório a respeito da experiência, o representante de Manguinhos considera a necessidade de ressaltar também as dificuldades encontradas no processo. Já a fala de Valcler reforça construções discursivas anteriores, que associa o projeto a uma aventura, a uma inovação, à negação da associação dos territórios de favela apenas às ideias de violência, além de sublinhar os desdobramentos em termos de afetos e projetos de futuro conjunto entre instituições e sociedade. Observamos, portanto, um tensionamento sobre os significados do projeto *Conexão Saúde*, ilustrado pelo contraste entre as visões dos representantes da Maré e da Fiocruz em relação àquela dos representantes de Manguinhos. Entretanto, até o final da iniciativa, Maré e Manguinhos seguiram juntos na produção de materiais e eventos que refletem sobre a iniciativa, o que o nome do boletim aqui em análise, com a inclusão do nome dos dois territórios, (“*Maré e*

Manguinhos: Uma experiência de inovação e mobilização em saúde durante a pandemia”), ilustra.

Cabe apontar por fim que, em relação à adoção da telemedicina, dimensão que foi alvo de dúvidas e expectativas ao longo do desenvolvimento do projeto, há uma expectativa de sua continuidade para além da experiência do *Conexão*. O boletim aqui em análise informa sua publicação no Diário Oficial da União (DOU), em fevereiro de 2022, um protocolo de cooperação entre a Fiocruz e a SAS Brasil¹⁰⁰, responsável por essa dimensão no projeto *Conexão*. O acordo, de caráter “meramente político”, se refere ao desenvolvimento de um programa futuro de mútua cooperação, com vistas à realização de atendimento médico e psicológico *online* à população do conjunto de favelas da Maré e de Manguinhos, indicando a continuidade deste projeto de futuro em parceria da Fiocruz, SAS Brasil e entes dos territórios.

5.3 - Afetos de ontem, hoje e sempre: confiança, solidariedade e esperança

Nesta seção proponho uma reflexão sobre o papel dos afetos na realização do projeto *Conexão Saúde*. Conforme discussão no capítulo 4, alinho-me à visão da sociedade como um circuito de afetos (Safatle, 2021), que podem ser mobilizados para a manutenção ou transformação de realidades. Após observar os discursos sobre o *Conexão*, discuto alguns afetos que me parecem ter motivado e possibilitado uma ação transformadora que envolveu grupos e territórios especialmente vulnerabilizados da sociedade, representados por coletivos com alto grau de mobilização e capacidade de realização, e a Fiocruz, instituição pública comprometida com metas de transformação social do Estado brasileiro.

O contexto no qual o projeto aqui em estudo foi gestado e realizado caracteriza-se por uma crise de saúde pública representada pela pandemia de Covid-19. Declarada pela Organização Mundial em Saúde (OMS) em 11 de março de 2020, a pandemia despertou diferentes afetos na sociedade – seja do medo em relação à letalidade da doença, bastante concreto na vida das pessoas, seja da esperança e confiança depositada, ou não, nas autoridades públicas, na ciência ou em demais grupos aos quais as pessoas se sentiram vinculadas nesse cenário de precariedade geral, ainda que com efeitos bastante desiguais entre os diferentes grupos sociais.

¹⁰⁰ Disponível em: <https://www.in.gov.br/web/dou/-/extrato-de-protocolo-de-cooperacao-381273541>
Acesso em: março/2024

Na revisão realizada no capítulo 4, trouxemos o tema do desamparo como uma condição de natureza social que, quando exacerbada, pode mover afetos rumo à superação de situações que sujeitos e grupos não desejam ver perpetuadas, o que motiva a ação e a transformação política necessárias para modificação deste cenário. Quando a sociedade inteira se viu nesta situação de desamparo acentuado, na inexistência de uma ação contundente do governo federal para fazer frente aos desafios da pandemia, associada ao medo da morte, que também a todos atingiu, ainda que sua concretude seguisse desigual, dependendo do grau de precariedade ao qual o grupo social estava exposto, um outro afeto parece ter se ampliado na sociedade, o da solidariedade. Esta se materializou em muitas ações realizadas pelos próprios agentes dos territórios aqui estudados no período pandêmico, com arrecadação e distribuição de alimentos e itens de higiene, por exemplo, em uma série de campanhas que antecederam a realização do *Conexão Saúde*. Entretanto, para a discussão aqui realizada, quero destacar uma dimensão específica, das doações feitas pela iniciativa privada que permitiram o financiamento necessário para início das atividades de projetos como o *Conexão Saúde*, tema que surgiu no discurso de alguns porta vozes e convidados a comentar o projeto *Conexão*. Podemos identificar esse aumento de doações no contexto da pandemia observando a posição do Brasil no ranking mundial de solidariedade *World Giving Index* de 2021, que indica que o país subiu 20 posições acima de sua colocação média dos últimos 10 anos, com doações que superaram os 7 bilhões de reais¹⁰¹, um recorde em mobilizações para emergências¹⁰². Abordamos aqui nesse estudo algumas doações, especialmente a inicial, do Fundo “Todos Pela Saúde”, ligado ao Banco Itaú, o maior doador do Brasil no período da pandemia de Covid-19, que possibilitou a realização dos primeiros meses do projeto *Conexão* – e destacamos também que entre os consultores do Todos pela Saúde estava Pedro Ribeiro Barbosa, diretor do Instituto de Biologia Molecular do Paraná (IBMP), ligado à Fiocruz, num indicativo das relações de diferentes ordens que esta instituição possuía com os participantes e financiadores do *Conexão*. Mencionamos neste estudo também as doações que a Fiocruz recebeu para ações

¹⁰¹ Um panorama das doações no período da pandemia pode ser conferido no site da Associação Brasileira de Captadores de Recursos, em: <https://covid.monitordasdoacoes.org.br/pt> Acesso em: maio 2024.

¹⁰² Matéria sobre o tema em: CASTELANI, Clayton. Pandemia gera R\$ 7 bilhões em doações e muda investimento social privado. Folha de São Paulo, São Paulo, 26 jun. 2021. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2021/06/pandemia-gera-r-7-bilhoes-em-doacoes-e-muda-investimento-social-privado.shtml> Acesso em: maio 2024.

humanitárias na pandemia, na premiada iniciativa chamada “Unidos Contra a Covid”¹⁰³, que ocupa o segundo lugar entre as campanhas brasileiras que mais arrecadaram recursos na pandemia¹⁰⁴. Essa “onda solidária”, como chamou uma reportagem da Revista Radis¹⁰⁵, possibilitou uma primeira chamada pública para a realização de ações emergenciais no período da pandemia para populações vulnerabilizadas. A partir daí, novas possibilidades se abriram, como a junção de instituições que criou um plano de enfrentamento à Covid nas favelas do Rio de Janeiro, e a lei que trouxe o orçamento para as demais chamadas públicas que destinaram recursos para que a Fiocruz gerenciasse e distribuisse entre iniciativas desses territórios, também já mencionadas neste estudo. Em um dos eventos analisados na presente tese, Margareth Dalcolmo chegou a se referir a uma cultura de doação praticamente inexistente no Brasil anteriormente, por sua tradição concentracionista. Celebrando a participação da iniciativa privada no período pandêmico, Margareth voltou-se para a horizontalidade, para a parceria instituição/comunidade/sociedade, apontando-a como protagonista de ações bem-sucedidas no campo da saúde coletiva, mostrando outras formas criativas de lidar com as mazelas sociais, que não a frequente responsabilização e culpabilização dos sucessivos governos sobre questões relativas à superação de problemas sociais. Assim, entendemos a solidariedade como um afeto central que, no contexto de crise, ajuda a explicar a possibilidade de proposição e realização do projeto *Conexão*.

A esta que parece ter sido uma nova movimentação de afetos, com maior solidariedade que possibilitou recursos para o projeto aqui em análise, precedeu a existência de um outro afeto, construído ao longo do tempo, e muito abordado nos discursos sobre o *Conexão*, que foi o afeto da confiança. Este afeto político parece ter sido despertado pela Fiocruz nos parceiros que a acionaram para coordenação do *Conexão*, bem como naqueles que a ela doaram recursos para serem destinados a ações no período da pandemia. Esta confiança certamente dialoga com a memória coletiva sobre esta instituição, como vimos em alguns discursos aqui abordados, como o do médico Dráuzio Varella, que relatou que houve unanimidade entre os representantes do “Todos pela Saúde” em aceitar a proposta da Fiocruz para o projeto *Conexão*, por confiarem nessa trajetória. Alguns estudos trazem indícios desta confiança social na

¹⁰³ <https://www.fiotec.fiocruz.br/noticias/premios/7323-unidos-contra-a-covid-19-iniciativa-da-fiocruz-recebe-premio-da-abcr> Acesso em: janeiro/2024

¹⁰⁴ Informações do <https://covid.monitordasdoacoes.org.br/pt> Acesso em: janeiro/2024

¹⁰⁵ Veículo de comunicação da Fiocruz. Matéria sobre o tema em: <https://radis.ensp.fiocruz.br/reportagem/covid-19/onda-solidaria/> Acesso em: janeiro/2024

Fiocruz, como um relativo à sua reputação junto à sociedade, realizado em 2014 pelo Instituto *Reputation*, que indicou entre seus resultados que expressões diretamente relacionadas à imagem da instituição são “postura ética”, “melhoria da saúde e qualidade de vida”, “ciência e inovação para atender as necessidades”, “instituição pública eficiente” e “referência em ciência e saúde”. Mais recentemente, a pesquisa “Como brasileiros e brasileiras veem a Fiocruz: um estudo em 12 cidades do país”, realizada em 2020 pelo Instituto Nacional de Comunicação Pública da Ciência e Tecnologia (INCT-CPCT), também indicou em seus resultados que a Fiocruz é espontaneamente associada a atributos como confiabilidade, autoridade, referência e competência, juntamente com termos como pesquisa científica, centro de desenvolvimento para a cura, saúde pública, combate às pandemias, entre outros, antes mesmo de uma associação às vacinas, por exemplo¹⁰⁶. Outros termos que apareceram com menos frequência na pesquisa, mas que nos parecem relevantes para entender sobre os afetos mobilizados pela Fiocruz, em referência à memória coletiva sobre a instituição, foram: esperança, nova chance, salvação, futuro, solução, apoio a populações carentes, tradição e história.

O sucesso do *Conexão* parece sustentar-se ainda na confiança depositada na Redes da Maré, instituição que ficou à frente da realização das atividades no território da Maré, tanto pelos parceiros da iniciativa quanto pelos moradores do seu território, onde a Ong atua há mais de 20 anos. Vimos e ainda veremos em análises dos discursos sobre o projeto, que continuam no próximo capítulo, o quanto a trajetória da fundadora da Redes, Eliana Sousa, premiada no período por sua história e atuação na pandemia, bem como as ações realizadas por esta organização no território ao longo do tempo são reconhecidas como essenciais para explicar o sucesso da iniciativa. Assim, a adesão às ações do projeto, bem como a colaboração de voluntários que participaram de seu desenvolvimento, parece ancorar-se nessa confiança construída.

Por outro lado, notamos nos primeiros discursos do projeto uma desconfiança na inserção de parcerias privadas no *Conexão*, especialmente na dimensão da inclusão da telemedicina, tema que surge de forma mais acentuada nos discursos dos representantes do território de Manguinhos. Acredito que esta falta de confiança pode ajudar a explicar o porquê de a iniciativa do *Conexão* ter alcançado números inferiores no território de Manguinhos, se comparados àqueles da Maré. Outro elemento possível nesta equação,

¹⁰⁶ Mais sobre as pesquisas em: <https://agencia.fiocruz.br/dezembro-2015> e <https://portal.fiocruz.br/noticia/pesquisa-mostra-como-brasileiros-veem-fiocruz-em-12-cidades> Acesso em: março/2024

que já mencionamos, mas que aqui reforçamos, é o afeto do medo, seja pela possível perda de empregos, com a substituição de postos de trabalho por ações de telemedicina, ou do retrocesso em relação às conquistas neste território em termos de atenção básica, um receio legítimo de abrir espaço para atores privados em ações que o Estado deve prover¹⁰⁷. Vimos no capítulo 3 que a situação de Manguinhos era bastante diferente da encontrada no território da Maré no início do *Conexão*, onde a situação da atenção básica era bem mais precária, o que pode ajudar a compreender a movimentação diferente de afetos a respeito deste tema entre os territórios. O receio dos representantes de Manguinhos de que fossem esquecidas questões estruturais do território, para além do projeto *Conexão*, em certa medida, se concretizou: a Unidade de Pronto Atendimento (UPA) que atende o território, responsável por 12 mil consultas por mês, permaneceu fechada por mais de três meses em 2021, após o encerramento do contrato com a Organização Social (OS) que administrava a unidade.¹⁰⁸ Devido aos poucos discursos e materiais públicos dos representantes de Manguinhos sobre o *Conexão* no *corpus* aqui selecionado para análise, bem como em todos os demais materiais consultados para a presente pesquisa, essas são conjecturas que careceriam de aprofundamento e mais elementos para seu desenvolvimento e sustentação.

Pensamos aqui que o afeto do medo parece ter sido alimentado ainda, no contexto macro, pelo discurso do presidente da república em exercício no período, Jair Bolsonaro, que além de construir uma narrativa de apagamento dos riscos da pandemia, adotou uma retórica militarista no combate à Covid-19, que, usada de forma indiscriminada, ativaria um sistema de alerta nos indivíduos, deixando-os em modo de “defesa, suspeita e ataque” (Hur, 2021, p. 58), fomentando ainda a constituição de uma polarização social, bem como abrindo caminho para práticas autoritárias. Como efeito afetivo, tal prática:

[...] propaga mais insegurança, indeterminação, medo, desamparo, principalmente afetos primitivos que remetem à necessidade de defesa e combate ao outro [...] Resulta-se um modo de conduta mais intolerante, avesso às diferenças, mais individualista, irascível, lançado às paixões e menos a uma análise reflexiva do que está passando. O outro, a diferença, passa a ser visto como inimigo, na lógica da negatividade (Deleuze, 1976), predominando mais relações de decomposição, do que de composição,

¹⁰⁷ Esses receios dialogavam com o contexto do período, quando chegou a ser promulgado o Decreto 10.530/2020, que previa o estudo da inclusão iniciativa privada na gestão da atenção básica. Posteriormente este decreto foi revogado. Mais informações em: ALVES, Chico. Deputados e ex-ministros reagem a decreto que prevê privatização do SUS. UOL, São Paulo, 28 out. 2020. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/colunas/chico-alves/2020/10/28/deputados-e-ex-ministros-reagem-a-decreto-que-preve-privatizacao-do-sus.htm> Acesso em: maio 2024.

¹⁰⁸ Informação disponível no boletim final do Conexão Saúde. https://www.redesdamare.org.br/media/downloads/arquivos/RdM_MemoriaResultadosCS.pdf Acesso em: março/2024

fraturando ainda mais o tecido social, que já se encontra bastante esgarçado (Hur, 2021, p. 558).

Assim, essa exacerbação do afeto do medo ilustra que, em contraposição à confiança depositada na Fiocruz e nas organizações do próprio território, vemos um período de extrema desconfiança em relação às ações do governo federal na gestão do combate à pandemia. Observamos inclusive na análise dos discursos o quanto a ideia de uma iniciativa que nasce sem a ajuda do governo foi um dos pontos reforçados pelos porta-vozes do projeto, bem como por veículos de imprensa que repercutiram a iniciativa. Em setembro de 2021, o Conselho Nacional de Saúde chegou a fazer uma denúncia internacional sobre a violação de direitos humanos causada pelo governo brasileiro no contexto da pandemia de Covid-19 (Saúde, 2021), numa ilustração das relações da área da saúde com este governo. Além disso, foi instaurada, em abril de 2021, uma Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) no Senado federal para apurar omissões do governo federal na pandemia, que nas conclusões de seu relatório final afirma que:

[...] colheu elementos de prova que demonstraram sobejamente que o governo federal foi omissor e optou por agir de forma não técnica e desidiosa no enfrentamento da pandemia do novo coronavírus, expondo deliberadamente a população a risco concreto de infecção em massa. Comprovaram-se a existência de um gabinete paralelo, a intenção de imunizar a população por meio da contaminação natural, a priorização de um tratamento precoce sem amparo científico de eficácia, o desestímulo ao uso de medidas não farmacológicas. Paralelamente, houve deliberado atraso na aquisição de imunizantes, em evidente descaso com a vida das pessoas. Com esse comportamento o governo federal, que tinha o dever legal de agir, assentiu com a morte de brasileiras e brasileiros.¹¹⁰ (CPI da Pandemia, 2021, p. 1270-1271).

Algumas pesquisas¹¹¹ no período apontaram que a desconfiança era o principal sentimento dos brasileiros no contexto da pandemia de Covid-19, seja ela direcionada ao governo federal ou às instituições em geral. Entretanto, cabe destacar que as ideias de Bolsonaro e seus posicionamentos tiveram grande ressonância em seu público eleitor fiel, indicando que grande parcela da população recepcionou e apoiou as propostas por ele defendidas, algo ilustrado pelos resultados das eleições seguintes para a Presidência da República, no ano de 2022, quando Bolsonaro perdeu para Luís Inácio Lula da Silva

¹¹⁰ Mais informações sobre a referida CPI, incluindo seu relatório final, disponível em: <https://legis.senado.leg.br/comissoes/comissao?codcol=2441> Acesso em: maio 2024.

¹¹¹ Pesquisas da agência internacional Edelman Trust Barometer (https://www.edelman.com.br/sites/g/files/aatuss291/files/2021-03/2021%20Edelman%20Trust%20Barometer_Brazil%20%2B%20Global_POR_Imprensa_1.pdf); da European Public Relations Education and Research (UFSM, 2024); do Data Folha (Gielow, 2021); e da consultoria Ágora (https://agorapublicaffairs.com/wp-content/uploads/2020/03/One_Page_CoronaVirus_Agora_compressed.pdf) Acesso em: maio 2024.

por uma pequena margem de votos¹¹². Assim, apesar da confiança em algumas instituições, inclusive na Fiocruz, isso não garantiu que esta confiança se estendesse a outros temas relevantes para esta instituição no período, como, por exemplo, a questão da vacinação. A presença da hesitação vacinal, definida em estudo de Larson et al (2022) como um “estado de indecisão e incerteza sobre a vacinação antes que uma decisão se torne um ato [...] representa um tempo de vulnerabilidade e oportunidade”, esteve neste cenário como essa atitude de ambivalência, muito influenciada por questões contextuais, como um amplo declínio na confiança em conhecimentos especializados e autoridades, bem como um extremismo baseado em crenças pessoais. A polarização política é outro elemento apontado pelos autores para fazer com que as pessoas se questionem sobre a importância, segurança e efetividade das vacinas (Larson et al, 2022). No contexto brasileiro, a pesquisadora da Fiocruz Margareth Dalcolmo afirmou em entrevista pública¹¹³ concedida em 2022 que a resistência à vacinação das crianças, por exemplo, ocorre porque houve uma contaminação nociva pelo discurso oficial, lembrando um tempo, não tão distante, em que os pais mostravam as carteirinhas de vacinação de seus filhos com orgulho. Entretanto, acredita a pesquisadora que o crescimento dessa hesitação é anterior ao período pandêmico¹¹⁴, como já apontava pesquisa anterior sobre a realidade brasileira, também realizada com a colaboração de Heidi Larson¹¹⁵.

Retomamos, assim, as falas dos primeiros momentos do *Conexão Saúde* aqui analisadas, inclusive da própria Margareth Dalcolmo, em que a questão da confiança da sociedade na capacidade de dar respostas, e no projeto em si, seria uma chave para seu sucesso. Esta parece ter sido uma receita seguida pelo projeto, que apostou num discurso de sucesso e inovação desde seus primeiros momentos; este, somado aos bons resultados que o projeto conseguiu ver realizados e reverberados pela imprensa após pouco tempo de execução no território, pode ter gerado ainda mais visibilidade e possibilidades de parcerias e recursos para o desenvolvimento do próprio projeto e de seus desdobramentos. A dimensão da comunicação, tão destacada por Fernando Bozza em

¹¹² Resultados das eleições presidenciais em:

<https://resultados.tse.jus.br/oficial/app/index.html#/eleicao/resultados> Acesso em: maio 2024

¹¹³ Concedida no XVI Encontro Nacional de História Oral, realizado em julho de 2022, no Rio de Janeiro, e que acompanhei presencialmente.

¹¹⁴ Mais a esse respeito no artigo de Dalcolmo “hesitação vacinal, nem pensar”. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/blogs/a-hora-da-ciencia/post/2022/07/hesitacao-vacinal-nem-pensar.ghtml> Acesso em: janeiro/2024

¹¹⁵ Artigo de 2018, “Confiança nas vacinas e hesitação em vacinar no Brasil”, disponível em: <https://www.scielo.br/j/csp/a/GYLVpZQTpPWD3XGYBbCVg7s/?lang=en> Acesso em: janeiro/2022

alguns de seus discursos, parece ter sido central para o projeto, mas aqui ressaltamos esta comunicação para fora, na produção de boletins e materiais de diversos formatos que relataram e trouxeram análises de todos os momentos de execução do projeto, no que pode ser entendido como uma preocupação não apenas de registro da memória das ações, mas de reiterar a construção de uma imagem para a sociedade e possíveis parceiros, que alimentasse essa confiança na capacidade de realização do projeto. Além disso, os discursos que reforçavam o tópico da confiança parecem tratar não apenas do contexto micro do projeto, mas também de um contexto macro, de desconfiança geral, e de projetos de futuro que desejavam ver realizados, como por exemplo a recuperação das altas coberturas vacinais, em declínio no período.

Destaco, por fim, a dificuldade para os porta-vozes do projeto, que precisavam inspirar confiança num período de incerteza, sem com isso perder a credibilidade construída, por dar orientações taxativas que poderiam, frente a novas evidências científicas, ser revistas em um curto espaço de tempo. O outro lado da moeda deste risco seria abrir espaço para questionamentos sobre a validade da ciência e negacionismos que proliferavam no período. Como abordou a pesquisadora da história das ciências Simone Kropf, em evento em que se discutia a questão das vacinas, quem propaga a dúvida sobre os fatos científicos tem projeto; essa é uma estratégia negacionista. Segundo a pesquisadora, a dúvida é constitutiva da ciência e os fatos científicos se dão a partir de controvérsias, disputas e negociações, mas a dúvida disseminada intencionalmente pelo discurso negacionista tem outra natureza. Em publicação de 2020, a pesquisadora se questionava:

Como construir consensos mínimos diante dos negacionistas que usam justamente as incertezas típicas de qualquer conhecimento para, como demonstram os historiadores Naomi Oreskes & Erik Conway (2010), ‘semear a dúvida’ e minar os caminhos para esses consensos? [...] o discurso negacionista e anticientífico está longe de ser uma coleção de devaneios, mas ao contrário, se apresenta (já há muitas décadas) como projetos articulados com base em interesses muito concretos (KROPF, 2020, p. 58-59).

Assim, Kropf propõe uma perspectiva de produzir confiança em contraponto à dúvida, entendendo as “dinâmicas particulares pelas quais ciência e sociedade constroem mutuamente” (Kropf, 2020, p. 59). Segundo a pesquisadora, seria preciso compreender como a confiança ou desconfiança em relação à ciência são vivenciadas pelas pessoas, uma movimentação de afetos que depende de diferentes pertencimentos e situações

sociais. Segundo Kropf, se queremos promover confiança, é preciso compreender os medos e as emoções das pessoas, para lidar com eles e avançar (Kropf, 2021)¹¹⁶.

Foi nesse contexto complexo, de sentimentos e afetos contraditórios que circulavam na sociedade, que o projeto *Conexão*, proposto num momento de indeterminação, vulnerabilidade e desamparo, mas também de oportunidades, surgiu. Mesmo entendendo que afetos consolidados ao longo do tempo ou despertados no período foram mobilizados neste intervalo de indeterminação, que segundo Bergson (2010) é um espaço de liberdade que antecede a criação, não se deve desconsiderar que existe um plano opressivo colocado aos corpos políticos desamparados, especialmente no contexto aqui analisado, em que demandas de saúde bastante objetivas e concretas estavam colocadas para a garantia da manutenção da vida dos moradores das favelas de Manguinhos e Maré durante a pandemia de Covid-19. Assim, o medo da morte era um afeto muito real, e as ações imediatas necessárias para reduzir esse risco certamente encurtaram esse espaço de indeterminação, já que “na exata proporção em que percebemos menos por estarmos mais voltados para a esfera das ações utilitárias, diminuimos também o espaço de indeterminação, reduzindo o coeficiente afetivo ao vinculá-lo às representações mais próximas da realidade” (Maciel Junior, 2017, p. 142). Ainda assim, foi nesse contexto de crise e precariedade, em que inexistiam soluções já testadas para o problema, que surge o projeto *Conexão Saúde*, apostando desde o início em um discurso otimista, apresentado como uma inovação que se encaminha para o sucesso, trazendo alegria e entusiasmo aos seus participantes. Entendo que essas emoções, bem como a confiança e esperança no sucesso da iniciativa, também foram centrais nesse processo, pois, seguindo na filosofia de Bergson, sem a alegria proporcionada pela emoção criadora não há contribuição à expansão da vida (Maciel Junior, 2017, p. 119); a partir da criação do projeto, seus discursos esperançosos e otimistas ilustram o fato de que “a alegria sempre anuncia que a vida venceu, que ganhou terreno, que conquistou uma vitória: toda grande alegria tem um toque triunfal” (Bergson, 2009, p. 22).

Pensando na questão da esperança, trago algumas reflexões abordadas no evento “Esperançar no Brasil”¹¹⁷, organizado pela Fiocruz no período da pandemia, que trouxe

¹¹⁶Gravação do evento “A velha e a nova revolta da vacina”, realizado em 16 de março de 2021, disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=jWYyveCiFG0> Acesso em: janeiro/2024

¹¹⁷O evento “Esperançar no Brasil: uma conversa entre Conceição Evaristo e Nísia Trindade Lima” está disponível no link: <https://www.youtube.com/watch?v=yKHkH5x-R6g>. Acesso em: fevereiro 2024

a então presidente da Fiocruz, Nísia Trindade Lima, para uma conversa com a linguista e escritora brasileira Conceição Evaristo, que produz obras de caráter memorialístico, caracterizadas pelo protagonismo feminino e pela crítica sócio-histórica da injustiça social e da discriminação racial. O “esperançar” que nomeia o evento é uma criação do educador e filósofo Paulo Freire, de uma esperança que não é de espera, mas sim de luta, de ação coletiva, de junção com outros para buscar as transformações desejadas. Freire afirma que sua publicação “Pedagogia da Esperança”, de 1992, é um livro “escrito com raiva, com amor, sem o que não há esperança” (Freire, 1992, p. 6), afirmando ainda que:

[...] não entendo a existência humana e a necessária luta para fazê-la melhor, sem esperança e sem sonho [...] Minha esperança é necessária mas não é suficiente. Ela, só, não ganha a luta, mas sem ela a luta fraqueja e titubeia. Precisamos da herança crítica, como o peixe necessita da água despoluída [...] a esperança precisa da prática para tornar-se concretude histórica. É por isso que não há esperança na pura espera, nem tampouco se alcança o que se espera na espera pura, que vira, assim, espera vã. Sem um mínimo de esperança não podemos sequer começar o embate, mas sem o embate, a esperança, como necessidade ontológica, se desarvora, se desendereça e se torna desesperança que, às vezes, se alonga em trágico desespero (Freire, 1992, p. 6).

Nesta mesma publicação, Freire aborda a importância de compreender o “peso, igualmente reconhecido, em nossa vida, individual e social, dos sentimentos, da paixão, dos desejos, do medo, da adivinhação, da coragem de amar, de ter raiva” (Freire, 1992, p. 92), o que nos ajuda a compreender esse esperançar como parte de uma movimentação de afetos motivada também pela indignação e pelo reconhecimento de uma condição acentuada de desamparo, o que motiva a ação para a transfiguração dos impossíveis. Assim, lembrando Safatle (2021), é preciso conhecer os modos pelos quais o poder constrói corpos políticos, forçando a produção de novos circuitos de afetos que possibilitem a construção de novos possíveis. Nesta direção, o evento da Fiocruz discutiu o “esperançar” como este afeto-ação que movimenta os coletivos organizados rumo às transformações desejadas na realidade do país, superando as dificuldades para exercício pleno da cidadania, que não partem da conjuntura do momento de crise, e sim de lutas sociais e históricas. A discussão girou em torno de pensar o esperançar como direito de crer, agir e reivindicar políticas públicas de educação e saúde. Na ocasião, Evaristo afirmou que a vivência da esperança levaria à ação, pois, segundo essa pensadora, “somos mais afoitos e corajosos em nosso esperançar”. Abordou ainda o “esperançar” que partiu de pequenos grupos que atuaram na pandemia antes do Estado, e no descuido deste, como é o caso do projeto aqui em estudo. Segundo Evaristo, é preciso reconhecer e acreditar na potência das ações coletivas, no que somos capazes de realizar de forma

organizada. Para isso, mentalidade e discurso precisariam ser modificados, dado que o “esperançar” supõe a crença no protagonismo, na capacidade de ação e reação da população. Neste mesmo evento, Nísia Trindade reforçou uma construção discursiva recorrente no *Conexão* e seus desdobramentos, do fazer com, e não para os grupos vulnerabilizados¹¹⁸, além de pensar o papel da ciência e tecnologia e das suas instituições como um direito a esses “instrumentos de salvar vidas”. Acredito, portanto, que a Fiocruz e demais atores envolvidos no projeto *Conexão* adotaram essa mudança de mentalidade e de discurso desde o seu início, apostando na inovação, na criação e na construção de utopias, atualizando neste contexto a relevância de seus valores e atuações. Neste cenário, a criação de metáforas que se contrapunham a um discurso de morte e desprezo do governo federal me parece elemento central para explicar o sucesso do *Conexão*, bem como os desdobramentos que seguem alimentando projetos de futuro comuns entre territórios e Fiocruz, temas do próximo capítulo da presente tese.

Seguindo no método da cartografia, relato que analisar os primeiros discursos e resultados do *Conexão*, atestando as realizações que o entrelaçamento de tantos afetos foi capaz de produzir, fez com que esses afetos também a mim atravessassem, notadamente o da esperança que um agir afetivamente motivado inspira, mesmo em cenários de crise, de acentuado desamparo para parcelas vulnerabilizadas da sociedade. Neste processo, despertou-se em mim uma sensibilidade e abertura para novos interesses, que me permitiram encontros com referências históricas e contemporâneas, como Paulo Freire e Conceição Evaristo, entre outras que não aparecem nesta tese, mas que passaram a compor minhas referências pessoais para aprendizado sobre o tema dos afetos para um agir político transformador, em movimento que extrapola as discussões costuradas para os fins da presente pesquisa. A sintonia das reflexões destes pensadores com o tema aqui em estudo foi parte da construção que se fez possível quando permiti que emoções e intuições me orientassem na criação de um território de observação. Foi este movimento que me levou, por exemplo, a acompanhar eventos que, a princípio, não teriam um diálogo direto com o projeto aqui em estudo, como o “Esperançar no Brasil”, abordado neste capítulo, e que, entretanto, tiveram um impacto imenso no direcionamento de meu olhar e reflexões. Os efeitos desse processo de abertura em meu compromisso, interesse e implicação com a realidade ainda cresceriam com as análises dos desdobramentos do *Conexão*, como voltarei a relatar ao final do próximo capítulo.

¹¹⁸Esse tema será melhor explorado na seção 6.3 Formatos institucionais em atualização.

6 – DESDOBRAMENTOS DA CONEXÃO: DISCURSOS, CRIAÇÃO DE METÁFORAS E TRANSFORMAÇÕES DE PRÁTICAS PARA ESPERANÇAR UTOPIAS

No presente capítulo, damos continuidade à análise dos materiais e eventos selecionados para o *corpus* da presente pesquisa, relacionados a uma terceira temporalidade moldada pelos discursos, relativa aos desdobramentos a partir do projeto *Conexão* como motores para projetos de futuro que atuam no esperar de utopias em construção. Após esta análise, a seção seguinte discute de que maneira a criação de metáforas integrou a estratégia da Fiocruz e dos demais atores envolvidos no *Conexão* para lidar com um período de crise não apenas de saúde pública, mas também na relação com o governo federal em exercício. A quarta e última seção discute como a experiência do *Conexão* atualizou práticas que orientam o fazer científico da Fiocruz em parceria com grupos vulnerabilizados ou negligenciados da sociedade, em uma institucionalidade em processo de transformação. Essas discussões pretendem responder a uma das questões de pesquisa desta tese, a respeito de como a memória institucional e coletiva sobre a Fiocruz e os territórios da Maré e de Manguinhos foram atualizadas nesse percurso de realização e desdobramentos do *Conexão*, bem como quais projetos de futuro foram engendrados nesse processo.

Para a análise de discursos da primeira seção, adoto as mesmas convenções de transcrição apresentadas no capítulo anterior, sendo elas: o **negrito** para mudanças de tom de voz, ênfases em geral e velocidade na fala; o sublinhado para destaques meus; os [colchetes] para sinalizar movimentos gestuais; e reticências entre aspas (...) para sinalizar trechos omitidos em um enunciado.

6.1 Desdobramentos da conexão: esperar utopias

Retomo o termo “esperançar” para nomear esta seção, junto ao tema das utopias, já abordado no capítulo 4, no intuito de pensar os discursos a respeito dos desdobramentos do *Conexão* como parte da ação que leva à construção das utopias desejadas, neste afeto-ação que parte, neste estudo, da co-criação entre sociedade e instituição. Os eventos selecionados para análise foram:

- 1 Coletiva de imprensa do Vacina Maré, 1ª dose, de julho de 2021;
- 2 Coletiva de imprensa do Vacina Maré, 2ª dose, de outubro de 2021;
- 3 Seminário “Olhares sobre a Covid-19”, de agosto de 2022;

6.1.1 Coletiva de imprensa do “Vacina Maré!” – 1ª dose

A Coletiva de imprensa da primeira dose de vacinação do Vacina Maré foi o primeiro evento que tive a oportunidade de acompanhar presencialmente, entre os selecionados para o *corpus* da presente pesquisa. Para sua análise, utilizei as anotações feitas no dia e a gravação do evento¹¹⁹, que tive oportunidade de acessar posteriormente. O evento, realizado no dia 29 de julho de 2021, marcou o início de uma campanha de vacinação no território da Maré, antecipando o calendário vacinal da cidade do Rio de Janeiro para atender esse grupo populacional¹²⁰. Esta ação foi possível a partir da utilização de sobras de lotes de vacina da Fiocruz. Normalmente usadas para estudos clínicos, estas sobras possibilitaram a priorização e antecipação do calendário de vacinação de um grupo vulnerabilizado da sociedade, de forma vinculada a uma pesquisa científica para acompanhamento dos vacinados da Maré. Esta pesquisa tem por objetivo estimar a efetividade da vacina contra a Covid-19 e o impacto da pandemia na Maré, avaliando ainda novas variantes no território (vigilância genômica), sendo parte integrante de uma investigação global sobre vacinação, variantes da doença e efeitos pós-covid (Covid Longa)¹²¹. Toda esta ação decorre das articulações feitas ao longo do projeto *Conexão*, percepção que será fortalecida ao longo da análise dos discursos a serem realizadas neste capítulo.

O evento foi uma coletiva de imprensa, montada na Clínica de Saúde da Família Adib Jatene, no território da Maré. Antes da coletiva houve a cerimônia para a vacinação do primeiro morador da Maré, o influenciador digital Raphael Vicente. A pedido do *Conexão Saúde*, Raphael produziu um vídeo de grande repercussão¹²² que convocava as pessoas para a vacinação e as esclarecia sobre demais cuidados com a pandemia. O evento foi acompanhado por diversos veículos de imprensa, durante o qual representantes do projeto fizeram breves falas oficiais e concederam entrevistas aos veículos de imprensa, antes e depois da realização da coletiva. No momento posterior à

¹¹⁹ Disponível em: https://youtu.be/1L4uIZA8t-0?si=ppkDgeK19_WdHvJp. Acesso em: janeiro de 2024

¹²⁰ Enquanto o calendário vacinal do Rio de Janeiro contemplava pessoas na faixa dos 30 aos 39 anos, a ação na Maré estava aberta a toda a população adulta do território, a partir dos 18 anos.

¹²¹ A pesquisa é composta por estudos apoiados pelo Instituto Todos pela Saúde (ITpS), pelo *Center for Disease Control* (CDC/Atlanta) e pela *Welcome Trust*. A pesquisa também faz parte do *EFECT-Brazil* - um dos dez projetos selecionados, entre mais de 400 propostas de todo o mundo, pelo ICODA (International Covid-19 Data Alliance), iniciativa da Fundação Bill e Melinda Gates. Fonte: <https://www.vacinamare.org.br/> Acesso em: maio 2024.

¹²² Matéria sobre o tema disponível em: ‘MINHA meta era conscientizar’, diz influenciador que fez vídeo sobre vacinação que viralizou e atraiu famosos. O Globo, Rio de Janeiro, 4 ago. 2021. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/rio/minha-meta-era-conscientizar-diz-influenciador-que-fez-video-sobre-vacinacao-que-viralizou-atraiu-famosos-25140238> Acesso em: maio 2024.

coletiva, estabeleci contato com o coordenador do *Conexão* pela Fiocruz, Valcler Rangel, quando, em breve diálogo, declarei meu interesse em pesquisar o projeto. Vejamos, abaixo, os participantes presentes no evento, em listagem organizada pela ordem em que estes se manifestam no evento, que será seguida ainda para a análise de seus discursos:

TABELA 5: PARTICIPANTES DA COLETIVA DE IMPRENSA 1ª DOSE VACINA MARÉ		
Nome	Vinculação institucional	Função no evento
Daniel Soranz	Secretário Municipal de Saúde do Rio de Janeiro	Mestre de Cerimônia e representante da secretaria municipal de Saúde do Rio de Janeiro
Fernando Bozza	Pesquisador da Fiocruz	Responsável pela pesquisa sobre a Vacinação na Maré
Eliana Sousa	Coordenadora da Redes da Maré	Representante Redes da Maré
Renan Ferreirinha	Secretário Municipal de Educação do Rio de Janeiro	Representando o prefeito do Rio de Janeiro
Valcler Rangel	Chefe de Gabinete da Fiocruz	Representante da presidência da Fiocruz

Neste evento, veremos com as relações dos participantes do projeto com a Fiocruz se estendem para além das representações oficiais desta instituição, contemplando vínculos afetivos de diversas ordens. Veremos também a centralidade do projeto na trajetória de personagens chave do projeto, e como a memória institucional da Fiocruz é evocada para destacar sua vinculação com a ação que está sendo realizada no presente, vista como uma importante contribuição a projetos de futuro comuns entre instituição e sociedade. Veremos ainda o relato de uma moradora do território, e como o afeto da esperança foi despertado ao longo da ação, possibilitando esperar utopias, como anuncia o título desta nossa seção.

A abertura do evento é feita por Daniel Soranz, secretário municipal de saúde, que convida Valcler Rangel para compor a coletiva de imprensa afirmando que Rangel está “*representando a nossa presidente, Nísia Trindade*”. Essa forma de tratamento, já observada em análises anteriores neste estudo, sugere sua proximidade e vinculação afetiva e objetiva com a Fiocruz; apesar de ocupar, naquele momento, o cargo de secretário municipal de saúde, Daniel é pesquisador da Fiocruz, informação que Valcler

faz questão de destacar em seus primeiros enunciados. Ao passar a fala para Valcler, Soranz evidencia mais uma vez essa dimensão afetiva, ao dizer que vai passar a fala para *“uma pessoa muito especial para mim, e muito especial para a Fundação Oswaldo Cruz, que representa a nossa presidente, o Valcler Rangel, pesquisador da Fiocruz”*. Assim, observamos que mais um ator em um cargo estratégico no campo da saúde possui fortes vinculações com a Fiocruz e com os participantes do *Conexão*, indicando a extensão do alcance da Fiocruz na rede de forças envolvidas para a proposição do *Conexão* e de seus desdobramentos.

Já para apresentar Fernando Bozza, Soranz afirma que o pesquisador é a *“pessoa mais importante aqui hoje”*, o pesquisador principal, *“essa grande estrela da Fiocruz”*¹²³. Esta fala se distancia do discurso institucional padrão, que posiciona os representantes da comunidade como os protagonistas das ações em parceria, o que pode ser entendido pelo fato de Soranz não ser um porta voz ou interlocutor oficial do projeto, apesar das interfaces da secretaria municipal de saúde com suas atividades. Bozza inicia sua participação cumprimentando Daniel e Ferreirinha e se referindo a *“amigos”* ao apontar para Valcler e Eliana, evidenciando a proximidade e as relações afetivas com esses dois últimos, que atuaram junto a ele no *Conexão Saúde*. Em sua apresentação, também Valcler se refere a Bozza como *“meu amigo, companheiro de trabalho”*. Bozza destaca, em seu discurso, o caráter emocional do trabalho e faz menção à memória institucional da Fiocruz:

“É um momento muito especial. Eu falo em meu nome, como pesquisador da Fiocruz. Eu hoje estava pensando assim nisso, quando vindo pra cá, é o sonho de todo pesquisador em saúde pública, eu acho que é o sonho de Oswaldo Cruz esse momento, estar trabalhando de uma forma coordenada, a ciência, a comunidade, o poder público. Em trazer saúde para a população, e trazer saúde para a população jovem, para a população que tá na batalha, tá trabalhando, que tá vindo hoje aqui vacinar. Então essa ação na verdade ela começou há um ano atrás, ontem a gente completou um ano que fez a primeira testagem aqui na Maré, através desse projeto Conexão Saúde.”

A vinculação afetiva com o projeto é construída discursivamente quando Bozza diz que participar do projeto é *“muito especial”*, *“o sonho de todo pesquisador em saúde*

¹²³No terceiro dia de vacinação na Maré, com a presença de Nísia Trindade, da deputada estadual Renata Sousa, entre outros profissionais da Fiocruz e representantes do projeto, a reitora da UFRJ, Denise Carvalho, aponta Fernando, de quem foi colega de turma na faculdade de medicina, como liderança científica e autor de um dos artigos mais relevantes em Covid-19 no Brasil. O vídeo deste relato pode ser conferido em https://www.instagram.com/tv/CR_r24sCinM Acesso em: fevereiro/2024

pública”, fazendo ainda uma operação de memória que atualiza a relevância da missão da Fiocruz, ao utilizar a figura do patrono da instituição, Oswaldo Cruz, para dizer que a instituição e seus representantes estão realizando um sonho – relevante então, nos tempos de Oswaldo, e também no presente –, de um trabalho que articula ciência, sociedade e poder público, com foco na saúde da população. Percebemos ainda a memória institucional motivando novas gerações de pesquisadores da instituição. A referência a um sonho que se realiza causa ainda um efeito de um discurso motivador e esperançoso, de realizações em cenários de crise, com uma pandemia ainda em curso. Esta ação de vacinação é creditada às atividades anteriores do projeto *Conexão*, o que reitera nosso entendimento de que este projeto permitiu a criação de projetos de futuro comuns, um deles materializado nesta ação de vacinação. Outro tema que aparece no enunciado de Bozza diz respeito a uma ação que envolve a juventude, o que dialoga com uma preocupação abordada no evento de lançamento do *Conexão*. À época, Valcler mencionou que seria preciso trabalhar com a questão da juventude e de suas “*não preocupações com a doença*”, em uma referência ao fato de que muitos jovens continuaram circulando livremente e frequentando festas, sem respeitar a questão do isolamento social, mesmo em períodos críticos da pandemia. No evento aqui em análise, Bozza aponta sua preocupação com os jovens que estão “*na batalha, trabalhando*”, e que, portanto, acabaram se expondo mais aos riscos de contágio pela Covid. A ação de vacinação responde, em certa medida, a essa linha de ação pensada desde o início do *Conexão*, dado que se direcionava a jovens a partir dos 18 anos, moradores da Maré.

A dimensão coletiva do trabalho também é destacada, com a centralidade dos entes do território: “*uma demonstração de que a sociedade civil, o poder público e a ciência trabalhando juntos tem muita potência. E isso a gente deve muito aqui hoje à Redes da Maré, que tem feito esse trabalho incrível de mobilização da comunidade*”. A ideia de que os projetos de futuro seguem em construção, na parceria entre Fiocruz e outros entes da sociedade, aparece no enunciado de Bozza de que “*tem muita coisa a ser feita, a Fiocruz ela pode, e deve estar trabalhando junto com a prefeitura e a sociedade para buscar soluções de saúde pública*”. Vemos na construção do discurso de Bozza, portanto, a materialização de um compromisso institucional que atualiza a relevância da missão da Fiocruz e de sua atuação em parceria com os territórios, já que essa instituição “*deve*” atuar neste modelo que envolve a articulação de diferentes atores sociais.

A próxima participante a se manifestar é Eliana Silva, representante da Redes da Maré, que saúda a parceria “*de muitas mãos, de muitas organizações, com diferentes perfis*”:

“A gente da Redes da Maré está muito feliz de poder chegar nesse momento juntos com uma parceria tão forte, com tantas organizações (...) E dizer que a gente, na verdade, o nosso trabalho sempre foi um trabalho de tentar pensar projetos estruturantes para a Maré, pensar como de fato a Maré é reconhecida nessa cidade do Rio de Janeiro, como um lugar em que os direitos tem que ser estabelecidos (...) e pensar, e inventar, e criar alternativas para esse enfrentamento sempre foi o nosso trabalho (...) Então é um dia realmente especial, mas é um começo de algo, que a gente deve fazer isso de forma estratégica.”

Assim, Eliana aciona um elemento de memória e tradição da organização que representa, quando afirma que pensar projetos estruturantes para a Maré “*sempre foi o nosso trabalho*”, memória esta mobilizada como uma tradição em “*pensar, e inventar, e criar*”. Eliana articula, portanto, a ação micro de vacinação a uma trajetória de luta do território, ao qualificar essas ações como um “*enfrentamento*”. Dá indícios ainda de como a questão da imagem projetada pelas ações promovidas a partir do território é um tema relevante para uma de suas principais articuladoras, o que notamos pelo enunciado sobre a preocupação a respeito de como “*a Maré é reconhecida nessa cidade do Rio de Janeiro*”, o que garantiria o exercício de seus direitos. Além disso, reforça seus projetos de futuro ao mencionar que as ações não se encerram na vacinação, sendo apenas “*o começo de algo*” e que devem ser realizadas “*de forma estratégica*”.

A fala seguinte, de Renan Ferreira, secretário municipal de educação, alinha-se de forma otimista à ação de vacinação, ao se dizer grato por poder participar “*de uma iniciativa histórica*”, no trecho em que afirma sentir: “*Um quê de responsabilidade, mas um quê de gratidão, por a gente estar participando de uma iniciativa histórica...*”. A participação a que se refere diz respeito à adesão das escolas do território como postos para a campanha de vacinação em curso. Já Daniel Soranz projeta em seu discurso a perspectiva de que essa ação presente alimente projetos de futuro de melhorias contínuas no território:

“Esse projeto não começou hoje (...) esse projeto vem de muita história da Fiocruz em Mangueiras, muita história da Fiocruz na Maré. São comunidades que estão coladas a instituição, que tem uma área de influência muito grande da instituição, quase que a gente conseguindo implementar políticas e dar retorno pra essa população que está a sua volta¹²⁴ e que sofreu muito ao longo de décadas e de muitos anos (...)

¹²⁴ Essa é uma forma recorrente de se referir às comunidades “do entorno” da Fiocruz, mas veremos, em materiais a serem analisados adiante, que porta vozes mais frequentes da Fiocruz começam a mudar essa

Essa vacinação vem com uma série de outros serviços públicos na área da saúde e na área da educação, e a gente espera que isso seja um pequeno passo para continuar avançando na melhoria de serviços na Maré.”

Soranz constrói seu discurso sustentando a ação presente em uma memória institucional da Fiocruz junto aos territórios da Maré e Manguinhos, o que vem de “*muita história*” que “*não começou hoje*”. Apontamos aqui o entendimento de que a história de uma instituição contempla quadros sociais amplos, que extrapolam os membros que foram ou são profissionalmente vinculados a ela, envolvendo também aqueles a quem atendeu e atende ao longo desta trajetória. Afirmando que os territórios são áreas “*de influência muito grande da instituição*”, o enunciado de Soranz parece indicar que a instituição tem uma dívida com essas populações, o que se nota pela afirmação de que “*quase que a gente conseguindo implementar políticas e dar retorno pra essa população*”. Essa afirmação se articula com um tema comum na Fiocruz, acerca do desconforto pelo fato de uma grande instituição de saúde pública ter sua sede, no Rio de Janeiro, em territórios que seguem tão carentes de uma estrutura adequada para garantia de melhores condições de saúde. Esse contraste também foi observado no vídeo analisado anteriormente, da série “Fiocruz na Pandemia”, onde as primeiras imagens do castelo da Fiocruz contrastam com a falta de estrutura na Maré. Retomamos aqui a fala de uma representante de Manguinhos em evento da Fiocruz, que comenta que esta talvez seja a única favela do mundo que tenha um castelo. Assim, o discurso que coloca esses atores, Fiocruz e territórios, em igualdade na realização do *Conexão*, parte também de um esforço discursivo de aproximar realidades ainda tão desiguais, de maneira que a instituição não fique isolada e encastelada em uma posição de superioridade em relação a população a quem deve atender.

A última fala do evento é de Valcler Rangel, que retoma um enunciado de Soranz para iniciar sua narrativa:

“O Daniel falou sobre história, né? A história dessa parte aqui começa com a Eliana e uma equipe indo em março do ano passado, na Fiocruz, falar com a presidente Nísia, que não está aqui porque está tirando merecidas férias de 7 dias, mas estará aqui no sábado... E a Eliana foi lá com esse grupo para falar ‘precisamos da Fiocruz para fazer alguma coisa contra a pandemia’ (...) A partir dali Nísia deu orientação pra gente... Já havia aqui essa ação da Rede da Maré, da Maré dizendo

forma de se referir aos territórios, afirmando que quem está no entorno é a Fiocruz, demonstrando a centralidade dos territórios também por meio de construções discursiva. Ver em 6.2 – As novas metáforas.

*não ao Coronavírus, e hoje a gente aqui tá dizendo um não mais forte. Mas é um não mais forte que vem dessa construção, isso que é bonito de ver. Quer dizer, é uma construção coletiva que gera um aprendizado pra gente, do ponto de vista de uma casa da ciência, é fundamental(...) Então a Fiocruz tem atuado em várias frentes. Uma das frentes é essa, e talvez hoje eu diria que, a mais... sinceramente, não é porque eu tô aqui, mas a mais importante. Realmente, para nós. (...) E essa parceria, feita **com** as associações da sociedade civil, ela demonstrou ser de fundamental importância (...) Isso aqui a gente tem que chamar de um esforço de paz. E a gente sempre fala de guerra. As últimas vezes que eu vim aqui na Maré foi pra falar de tiroteio, foi pra ver problemas de crianças mortas por violência, quer dizer, a gente sempre acaba vindo aqui pra esses territórios pra falar disso. Esse esforço aqui não é esforço de guerra. [sinalizando forte o não com as mãos] É um esforço de paz. É um esforço de enfrentamento de um problema sanitário, de um problema humanitário gravíssimo que a gente passa.”*

Assim, Valcler aproveita o mote de que há “*muita história*”, mencionada por Daniel Soranz, para traçar novamente a história da parceria com o território no projeto *Conexão*, reforçando a postura ativa da sociedade e a imediata resposta da Fiocruz. Valcler destaca a dimensão do aprendizado gerado para a própria Fiocruz como instituição e casa da ciência, no diálogo com um discurso macro, de que as instituições científicas precisam se abrir e aprender a trabalhar com a dimensão da chamada ciência cidadã, do contato com a sociedade incorporado ao fazer científico¹²⁵. É também uma ilustração das atualizações que se efetivaram a partir do projeto *Conexão*, no sentido de atualizar a relevância e a função social da Fiocruz, de atender as demandas para as quais foi criada e é acionada ainda no presente. Valcler afirma que esta frente de trabalho, “**com**” territórios - mencionando esse “*com*” de forma incisiva e mais alta, para reforçar o “fazer com, e não para” – é a mais importante entre as ações da Fiocruz no momento, o que demonstra sua profunda vinculação, institucional e afetiva, com o projeto. Valcler demonstra a centralidade que atribui ao discurso, bem como sua adesão à memória institucional da Fiocruz, ao reproduzir construções narrativas da presidente da instituição, de se referir a esforços de paz, e não de guerra, no enfrentamento da pandemia nos territórios, bem como a caracterização da pandemia como uma crise sanitária e humanitária¹²⁶. Alinha-se também como participante esperançoso, de estar nesse local falando de uma ação positiva como a vacinação, especialmente considerando suas últimas visitas ao território, que dialogam com o contexto macro de violência que assola o território. Assim, seu discurso ilustra o esperar de utopias como

¹²⁵ Tema a ser melhor explorado na seção 6.3 - Formatos institucionais em atualização

¹²⁶ Tema a ser melhor explorado na seção 6.2 – A criação de metáforas

instrumentos de imaginação de novos mundos (SOUSA, 2022), em que os esforços estejam voltados a construir uma cultura de paz que se sobreponha à violência que assola os territórios. Valcler encerra sua participação com um depoimento pessoal:

*“Eu queria aqui, desculpe fazer uma declaração um pouco pública aqui, mas assim, eu trabalhei aqui em 1988, em Nova Holanda [favela que compõe o Complexo da Maré]. Eliana tinha 16, 17 anos, sei lá, né. E aí voltar pra cá, nesse momento, fazendo isso. Trabalhei como agente comunitário de saúde, lá em Nova Holanda, nessa época. Voltar pra cá, e fazer esse trabalho nesse último ano com Bozza, com tanta gente boa, foi, é... absolutamente... incomparável com qualquer experiência dos meus 61 anos que eu pude ter na minha vida. Então eu quero agradecer demais a todas as parcerias que foram feitas aqui, em nome da Fundação Oswaldo Cruz, mas em meu nome também pessoal (...) Eu acho que a gente tem muita coisa que já foi feita, mas tem **muito** o que fazer ainda. Tá morrendo muita gente ainda, muitas famílias estão sofrendo ainda, e eu acho que a gente tem que pensar no que que a gente faz amanhã... E agradecer as 16 associações de moradores que estiveram com a gente o tempo inteiro aí, fazendo esse trabalho de... esse esforço de paz.”*

Valcler aciona elementos de sua trajetória e memória, pessoal e institucional, em uma narrativa que causa o efeito de envolver afetivamente e motivar os presentes, de legitimar e valorizar os parceiros, nominalmente citados, ao mesmo tempo em que indexicaliza valores históricos de transformação e conquistas de saúde para o território, caros a ele, ao território e à Fiocruz. Aponta ainda a dimensão e o impacto da ação em sua trajetória pessoal, *“incomparável com qualquer experiência dos meus 61 anos que eu pude ter na minha vida”*. A ação presente, que envolve a vacinação e a parceria consolidada, é apresentada, portanto, como um sucesso incomparável, o que não impede a constatação de que muito ainda está por ser feito, pois *“tem muita gente morrendo ainda”*, sendo preciso pensar no que fazer amanhã. A ação é vista, assim, como um passo na construção de utopias que seguem alimentando a ação, assumindo uma “responsabilidade diante da vida e do amanhã” (SOUSA, 2022). Podemos entrever neste trecho como a memória desse personagem pode ter sido relevante para a construção e a força do projeto aqui em estudo, por ter um significado afetivo especial, de dar um sentido a uma trajetória que se inicia na sua atuação como agente de saúde no território, nos anos 1980. Seu discurso sugere que talvez a relação com Eliana, da Redes da Maré, tenha origem nesse período, hipótese reforçada pelo fato de Eliana ter atuado, aos 17 anos, como agente comunitária na Maré, para uma pesquisa de sanitaristas da Fundação

Oswaldo Cruz¹²⁷, episódio que Luna Arouca narra, a ser analisado adiante, em outro material do *corpus* aqui selecionado. Assim, esse discurso reitera nosso entendimento de que a memória e os vínculos de diferentes naturezas, pessoais e institucionais, foram essenciais na conformação do projeto *Conexão*, bem como nos seus resultados e desdobramentos. Esses afetos, retenções passadas e expectativas de um futuro foram mobilizados num intervalo de indeterminação, mas também de liberdade e criação, como vemos neste importante desdobramento do *Conexão*. A continuidade da parceria e dos projetos, alimentando projetos de futuro, é destacada nessa fala final, o que é reforçado pela pista paralinguística do tom mais alto em “**muíto**” o que fazer ainda.

Além das falas oficiais do evento, incluo neste momento o relato de Brenda Ferreira da Silva, estudante de direito com 20 anos na ocasião, moradora do Morro do Timbau, na Maré, a segunda pessoa a ser vacinada na campanha do Vacina Maré. Tive acesso a esse material por ter me cadastrado para receber os conteúdos enviados pela Fiocruz para a imprensa, a respeito da ação de vacinação. O relato foi coletado por Natasha Bretas, que atua na área de comunicação da Fiocruz:

“A vacinação no Complexo da Maré é muito importante porque a Maré foi o epicentro de casos de Covid ano passado, e ainda esse ano. Então essa pesquisa que a Fiocruz está trazendo é importantíssima, não só para diminuir o número de casos, mas também para entendermos como é que o vírus funciona, e a gente ter uma esperança maior, aqui, pro futuro do Brasil e principalmente no Rio de Janeiro. Então fico muito feliz que nós tenhamos sido a primeira comunidade a ser vacinada. E eu, principalmente, por ter sido a segunda a ser vacinada. Isso me traz uma forte onda de esperança, e acende uma chama que estava um pouco dormindo, né, no meu coração, e tenho certeza que no coração de todos os moradores da Maré [corte de imagem] E é muito importante que a gente doe alimentos, e a gente esteja olhando pro próximo. Eu faço parte do coletivo Frente de Mobilização da Maré, e a gente vem enfrentando uma onda de fome aqui na Maré, então é muito importante que a gente tenha esse olhar pro outro (...) então eu acho que essa empatia que a gente tem, não só em tomar a vacina para poder ter uma imunização coletiva, mas também esse cuidado com o outro, no contato da fome e também de agasalhos e tudo isso. Acho que essa é a informação que eu queria deixar que é mais importante, a gente ter o nosso coração aberto para o outro.”

¹²⁷ Mais sobre a trajetória de Eliana em: <https://www.vozdascomunidades.com.br/destaques/diretora-e-fundadora-do-redes-da-mare-recebera-medalha-tiradentes/e>
<https://revistamarieclaire.globo.com/Mulheres-do-Mundo/noticia/2018/08/eliana-souza-silva-porta-voz-das-mulheres-negras-pobres-e-faveladas-do-pais.html> em Acesso em: março/2024

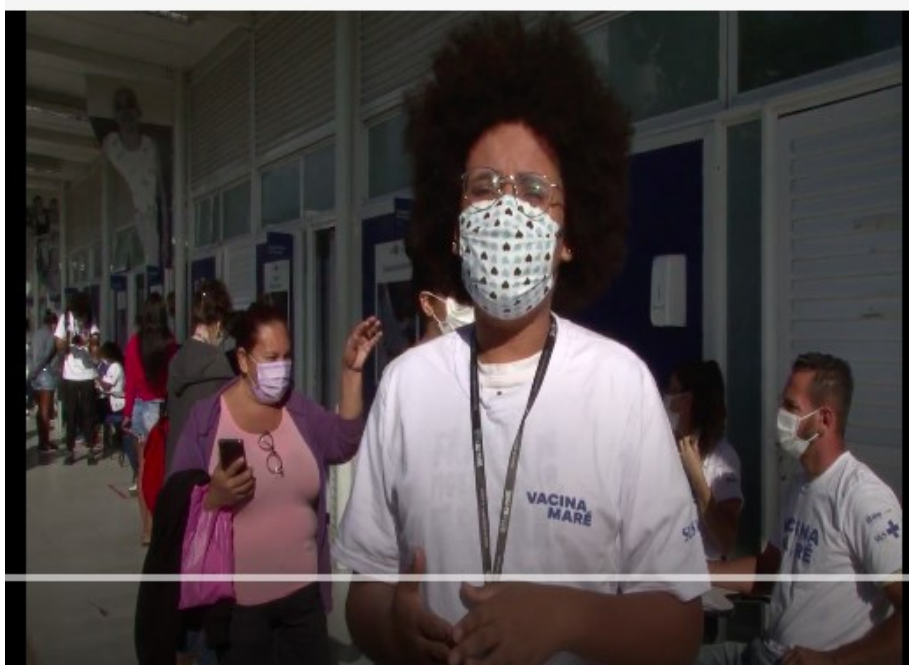


Imagem 37: Brenda Ferreira concede entrevista durante a ação de vacinação na Maré.

O enunciado de Brenda evidencia o quanto a ação promovida, na parceria da Fiocruz com os territórios, movimentou afetos nos moradores, especialmente de *“uma forte onda de esperança”*. Seu enunciado de que a ação *“acende uma chama que estava um pouco dormindo”* ilustra como a mobilização de afetos leva ao despertar de um desejo de criação e imaginação de novos possíveis. Estes afetos atuam, portanto, no esperar de novas utopias para o Rio de Janeiro e para o Brasil, além de despertarem a alegria de compartilhar com o coletivo um sonho, chama acesa no *“coração de todos os moradores da Maré”*, indicando, ainda, a retomada de um orgulho de fazer parte desse mesmo coletivo. Brenda caracteriza como importantíssima a pesquisa conduzida pela Fiocruz, numa demonstração da atualização da relevância social dessa instituição, tendo sua ação reconhecida e reivindicada pela população a quem atende, nesta parceria pela construção de projetos de futuro para tempos melhores. As ideias de *“ter o coração aberto para o outro”* e do *“cuidado com o outro”* ressaltam o afeto da solidariedade, contrastando com o discurso do governo federal no período, que buscava desacreditar as recomendações coletivas relativas, primeiramente, à restrição de circulação de pessoas nos períodos mais críticos da pandemia e, posteriormente, à necessidade de vacinação, com base em uma lógica individualista, em que a liberdade individual estaria acima das

necessidades de proteção coletiva¹²⁸. Ao mencionar outras ações do território, como o coletivo “Frente de Mobilização da Maré”, Brenda aponta para a importância de outros atores e desafios ainda em superação, como a fome, “esburacando a excessiva naturalização com a qual vestimos os acontecimentos” (SOUSA, 2022) e chamando à responsabilidade os demais moradores do território para que se envolvam na transfiguração desta realidade, o que ilustra o movimento do “esperançar” rumo a construção de utopias. O discurso de Brenda tem um efeito motivador e mobilizador, evidenciando a existência de outros atores¹²⁹, para além dos porta-vozes oficiais do *Conexão*, que foram essenciais para a mobilização de outros atores do território, para a adesão às atividades do projeto. Seu discurso indexa valores compartilhados com as instituições envolvidas na realização do *Conexão* e seus desdobramentos, de transformação social e solidariedade, e materializa sua vinculação concreta a demandas dos moradores dos territórios, o que pode ajudar a explicar o sucesso da iniciativa.

6.1.2 *Live sobre Vacina Maré com Luna Arouca e Fernando Bozza*

A referida *live* conta com 194 visualizações¹³⁰ e foi realizada no Instagram pessoal da jornalista Julia Michaels, no dia 10 de agosto de 2021, com a presença do representante da Fiocruz Fernando Bozza e de Luna Arouca, da Redes da Maré. Sob a mediação da responsável pelo perfil do *instagram*, o debate foi centrado na discussão sobre a campanha “Vacina Maré”, desdobramento das mobilizações promovidas no âmbito do projeto *Conexão Saúde*. A jornalista informa no começo do evento que o vídeo da *live* ficará salvo no canal “Rio Real”.

¹²⁸ Esse tema é melhor discutido nas seções 5.3 – Afetos de ontem, hoje e sempre; e 6.2 – A criação de metáforas.

¹²⁹ Outros relatos de participantes da ação podem ser conferidos em material produzido pela Redes da Maré, disponível em: <https://www.redesdamare.org.br/br/artigo/215/entrevista-vacina-mare-uniao-da-ciencia-saude-e-mobilizacao> Acesso em: março/2024

¹³⁰ Dados de janeiro de 2024. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CSaPpVMpa6a/>



Imagem 38: Print da divulgação da *live* com Luna Arouca e Fernando Bozza.

TABELA 6: PARTICIPANTES DA LIVE VACINA MARÉ		
Nome	Vinculação institucional	Função no vídeo
Júlia Michaels	Jornalista responsável pelo Canal Questões Rio Real	Entrevistadora/debatedora
Luna Arouca	Apresentada como coordenadora da Redes da Maré e do Conexão Saúde	Convidado
Fernando Bozza	Apresentado como membro da Fiocruz	Convidado

Neste evento, vemos pela primeira vez uma modificação no posicionamento otimista dos participantes a respeito da possibilidade de replicação do modelo criado no *Conexão* em outros territórios, temática que esteve bastante presente nos primeiros discursos do projeto. Assim como a telemedicina, a testagem e o programa de isolamento seguro estiveram em destaque em diferentes momentos, agora a dimensão da comunicação e de uma nova forma de agir coletivamente, com a presença nos territórios, se destaca nos discursos a respeito dos legados do projeto. A menção ao afeto da confiança, presente não só no discurso dos porta vozes do projeto, mas também da entrevistadora, indiciam que a memória coletiva a respeito da tradição da Fiocruz e da Redes da Maré foi atualizada no presente, a partir de suas respostas bem-sucedidas às demandas resultantes da pandemia de Covid-19. Vejamos, a seguir, a análise de alguns enunciados deste evento.

Em sua introdução, a jornalista afirma que a campanha de vacinação, tema da

live, “acaba de encerrar, mas na verdade essa história só tá começando, porque vai haver um estudo”. Questiona, então, de onde surge a ideia da campanha. Em sua resposta, Luna consolida a narrativa de que a ação de vacinação deriva do projeto *Conexão*, caracterizando o fato desta conquista do presente ser parte de um processo: “Na verdade a gente já tava trabalhando num projeto que chama ‘Conexão Saúde’ (...) e a gente fez esse tripé que é a testagem, telemedicina e um programa de isolamento domiciliar (...) essa iniciativa produziu muitos dados e informações sobre a pandemia na Maré (...) e aí desenhou esse estudo que veio acoplado com uma ação de mobilização,”. Em sua intervenção, Bozza dá destaque ao eixo de comunicação do projeto:

*A Luna falou desse tripé, mas na verdade nós trabalhamos com 4 eixos. E tem um eixo muito importante que é esse eixo de comunicação. **Porque...** isso vale aqui ressaltar, porque está muito ligada à ação que foi feita, especialmente a ação de vacinação, que é... essa enorme dificuldade e incompetência dos governos de uma maneira geral de se comunicarem e comunicarem pra população situações de crise de saúde pública. Então eu acho que um dos grandes méritos e sucessos desse programa, quer dizer, que é o Conexão Saúde (...) foi de fato criar estratégias e canais de comunicação com a população... Não só com a população, mas com a mídia também.*

A centralidade dada à dimensão da comunicação, especialmente na interface com a mídia, reforça o entendimento do papel central que os discursos otimistas, que projetavam a iniciativa como uma inovação que tendia ao sucesso, coordenada por instituições que possuíam confiança pública, tiveram nos resultados e desdobramentos a partir do projeto original. O enunciado de Bozza demonstra seu alinhamento crítico aos governos, apontando sua incompetência em se comunicar, e sugere que as estratégias de comunicação do projeto, planejadas para suprir a lacuna de uma comunicação ineficaz do governo num momento de crise, tinham também por objetivo criar uma imagem de sucesso e confiança que angariasse adesão e apoio dos moradores e outros possíveis apoiadores para o projeto *Conexão*, via grandes mídias.

A jornalista questiona como a aprendizagem com o projeto pode ser incorporada a políticas públicas e replicada em outros lugares, o que, em sua opinião, “é o que mais interessa”. Assim, vemos que a jornalista se mostra convencida do sucesso do projeto *Conexão* já no início da discussão, se interessando por sua replicação, o que evidencia o que nos parece ser uma bem-sucedida estratégia dos porta-vozes do projeto em utilizar um discurso persuasivo, que cria expectativas a partir do desenvolvimento das ações

relacionadas ao *Conexão*. No momento de responder ao questionamento da jornalista, Luna e Bozza sorriem simultaneamente, e Bozza menciona que vai deixar Luna responder, porque “a gente tem um **longo... debate... sobre isso**”, ao que Luna complementa: “*É, sobre a possibilidade de reproduzir, né?*”. Algumas pistas de contextualização de natureza paralinguística, como a forma pausada e alongada como Fernando comenta o debate, e os sorrisos desconcertados no momento, reforçam o efeito de apontar um ponto de dissenso relativo a sua replicação em outros territórios. Em outro ponto do debate, a jornalista menciona o histórico da Maré, afirmando conhecer sua tradição de organizações comunitárias e questiona em que medida esse aspecto do território ajuda a explicar as realizações obtidas com o projeto. A menção da jornalista a uma tradição das organizações comunitárias da Maré indicia a existência de uma memória coletiva a respeito de um histórico de lutas do território, tema recorrente no discurso dos representantes dos territórios de Manguinhos e Maré, conforme as análises de nosso *corpus* apontaram. Luna, então, volta ao tema do dissenso em relação à reprodução do projeto:

“É, e eu acho que esse é um pouco desse nosso debate em relação à capacidade de replicar o modelo, eu acho que é exatamente esse o ponto. É isso, existe um histórico, né, a Maré tem um histórico de luta, que começa na luta pela moradia, pelos direitos básicos (...) Então tem histórico já de mobilização, inclusive a Eliana que é diretora da Redes da Maré foi presidente da Associação de Moradores da Nova Holanda [favela que compõe o território de favela da Maré] com 22 anos de idade, então, né, esse movimento também muito liderado por mulheres (...) Então isso gerou muitas organizações, e trabalho constante de diálogo com os moradores.”

Aqui, o outrora alinhamento otimista dos participantes sobre essa dimensão do legado do projeto, de sua replicação, dá lugar a um alinhamento de incerteza, quando podemos entender parte do “*longo debate*” entre Luna e Fernando, mencionado anteriormente: Luna entende que características específicas do território da Maré, relativas a uma tradição de engajamento comunitário resultante de um passado de lutas, e a permanência destas atividades ao longo do tempo, são parte essencial do sucesso do projeto, o que talvez não seja a realidade de outros territórios vulnerabilizados que poderiam aplicar o modelo criado pelo *Conexão*. Portanto, a memória desse passado de lutas, a trajetória pessoal de membros das organizações participantes e a experiência dessas organizações figuram como pontos chave para os resultados positivos do *Conexão* e de seu desdobramento, o Vacina Maré. Bozza reforça esse entendimento ao afirmar que “*Luna foi até modesta em citar a capacidade da Redes de mobilizar... na*

verdade esse conhecimento vem de 20 anos que a Redes da Maré tem no território... E articulação e diálogos com diferentes setores”.

Outro ponto recorrente nos discursos nesta fase de desdobramentos do projeto *Conexão* é o legado da experiência a respeito de uma forma diferente de ação conjunta entre Estado e territórios de favela:

*“(...) muito dessa ação foi uma ação de mobilização... mostrar que mesmo esse território, que é um território que frequentemente o Estado só entra com armas, ele também é um território que pode... quer dizer, a relação com o Estado pode ser diferente, e que isso também é construído através de outros parceiros, quer dizer... a ciência, as pessoas que estão ali trabalhando localmente, a população... não é assim também, digamos uma... **dádiva**, é uma coisa muito diferente disso.”*

Vemos no enunciado de Bozza a construção discursiva da possibilidade de uma relação diferente entre Estado e territórios vulnerabilizados, na passagem de uma tradição de truculência a novos tempos de parceria. Essa construção se inicia indexando um contexto macro de violência, de um Estado que “*só entra com armas*”, e contrapondo essa prática aos aprendizados do contexto micro, do projeto em desenvolvimento, que mostra o envolvimento da ciência, com participação cidadã e de entidades locais, como chave para uma nova forma parceria com o território. Ao usar um tom mais alto para falar da dádiva, e sorrir nesse momento, Bozza indexicaliza o discurso macro, de protagonismo e luta dessas populações, em oposição a ações verticalizadas vindas de outras instituições e atores para esse grupo, que chegam apenas para ter suas ações validadas, como mencionou o representante de Manguinhos em outro material analisado nesta tese. A debatedora prossegue então introduzindo outro tema recorrente nos discursos sobre o *Conexão*:

*“Pelo que você tá contando, a mídia social, a capilaridade e a **confiança construída** com a entrega de cestas básicas e tal, e contatos, as pesquisas...e há essa pergunta, como é que você chega nelas, como você raciocina, qual é receita mágica que eu acho que vocês aí na verdade tem, né, de ter esse contato constante, de construir essa confiança, de serem conhecidos...”*

Assim, a inclusão do tópico da confiança no debate, bem como o tom mais alto ao mencionar o trecho da “*confiança construída*”, mostram como esse afeto, entendido em sua dimensão processual, construída ao longo do tempo, foi importante para o projeto e nos discursos a seu respeito: a confiança dá legitimidade a uma ação no presente, que por sua vez atualiza essa confiança para a construção do futuro.

A confiança como afeto central foi tema frequente nos discursos dos porta vozes do *Conexão*, sendo neste momento reproduzido no discurso de uma jornalista, que aponta presença e confiança como uma “receita mágica” do projeto. Vemos nesta caracterização do projeto por terceiros um indício de que os discursos construídos ao longo do projeto *Conexão* atualizaram na memória coletiva a noção de que Fiocruz e Redes da Maré são instituições presentes e confiáveis. Bozza reforça esse entendimento, de uma confiança mútua entre território e instituição como força para o *Conexão* e seus desdobramentos:

“Mas acho que esse ponto da confiança, né, eu acho que é um ponto superimportante. Então acho que nesse sentido também essa combinação. Porque acho que tem essa percepção da população, e a própria população da Maré sobre a Fiocruz, e sobre a Redes da Maré. Então são, digamos, instituições que tem confiança, que tem, digamos, respaldo, também científico, respaldo também pela sua ação no território. Então essa combinação ela dá muita... liga, digamos, muita força nessa ação.”

O contexto macro de um governo federal hostil às questões científicas e incompetente na condução da pandemia aparece na fala da entrevistadora quando esta comenta, um tanto incrédula, sobre a surpresa de que uma ação tão potente venha de um ente que é federal, mudando o enquadre de uma entrevista com perguntas francas e diretas para um questionamento cuidadoso, sugerido pelas pistas de natureza linguística e paralinguísticas destacadas em sua fala: *“Inclusive, não sei se vocês podem comentar, mas a Fiocruz é uma entidade federal, né? [risos]”*. Bozza compreende essas pistas e responde alinhando-se integralmente como discurso institucional da Fiocruz:

“É, sem dúvida, mas por outro lado a Fiocruz tem... 121 anos. Uma história muito longa de... assim... que vem desde as ações no início do século, de controle da febre amarela, de urbanização das cidades, lutas pelos direitos, a construção do SUS... Então a Fiocruz tem uma história muito longa... E muito próxima da... da construção de uma ideia de um sistema de saúde pro país. Então nesse sentido, essas ações elas estão digamos nesse... alinhadas com esse ideário histórico da própria Fiocruz. E nesse sentido a Fiocruz não é um ente.. Ela é um ente nacional, ela não é de um governo.”

A memória institucional da Fiocruz mais uma vez se faz presente nos discursos de seus participantes, em resposta a discursos outros presentes na arena pública e em uma desvinculação desta instituição das ações do governo federal em exercício. Para isso, Bozza inicia sua contribuição se apoiando num aspecto de tradição, de uma instituição centenária, e de suas respostas ao longo do tempo no que tange à saúde

pública, que incluem o controle das doenças, como a febre amarela e ações estruturantes, como a luta por direitos e a consolidação da saúde como direito de todos, com a menção ao SUS. Assim, Bozza atualiza uma memória de competência da Fiocruz e de parceria com a sociedade em suas demandas objetivas, nomeado por ele como um “ideário histórico” que blinda a Fiocruz dos voluntarismos de governos insensíveis às suas batalhas, apontando para a perenidade da instituição em contraposição a contingências de governos hostis. Luna completa a fala de Bozza mencionando a experiência da Fiocruz na Maré, em uma memória herdada em relação à parceria histórica desta instituição com os territórios:

“E a história da Fiocruz com a Maré, né, a Eliana sempre conta isso, de que ela foi agente comunitária de saúde nos anos 80, quando os sanitaristas da Fiocruz vieram, então, claro, assim, tem uma presença geográfica concreta, a Fiocruz é do outro lado ali, principalmente perto da vila do João... mas tem uma história da Fiocruz com o território, e eu acho que agora mais recentemente por conta da pandemia estreitou laços não só com a Redes da Maré, mas com várias outras organizações do território, e eu acho que aí permitindo também fazer projetos mais complexos e mais permanentes. Eu acho que assim, a gente traz os entes pra dentro da Maré (...) a gente quer que as organizações venham, que as instituições venham pra dentro da Maré (...) então acho que a Fiocruz veio bastante para Maré, né, Bozza e Valcler que estavam lá todo dia. Valcler inclusive que não tá aqui pra... mas tava fazendo mobilização com mega fone. Então eu acho que o que a gente quer nesse encontro, que não é um encontro que separe o que é ciência do que é conhecimento comunitário, de quem tá produzindo conhecimento. É realmente produzir junto. Trazer as pessoas pro território pra pensar junto as respostas. Acho que daí que vem as melhores soluções, que partem desse encontro, mas que partem também de estar pisando no território, estar vendo as coisas acontecerem, as dúvidas das pessoas, e os medos...”

A forma pausada com que Luna comenta que “*todo dia*” Valcler e Bozza estavam no território demonstram a centralidade desses personagens e dessa presença física, ilustrando o que significa o “*produzir junto*” a que Luna se refere. Novamente, a trajetória pessoal de Eliana é introduzida para ilustrar as origens dessa relação de longa data com a Fiocruz, evidenciando a centralidade desta personagem e a existência de uma memória coletiva a respeito da atuação da Fiocruz no território, de uma instituição presente e compromissada com as lutas e a superação de dificuldades históricas do território, memória esta que se atualiza no presente, nas conquistas do projeto *Conexão* e seus desdobramentos.



Imagem 39: Print de imagem postada no site e redes sociais da Ong Redes da Maré, em que aparece a cena mencionada por Luna, de Valcler Rangel, representante da Fiocruz, com megafone na mão fazendo mobilização no território da Maré. Luna também está na imagem, no centro, ao lado de Valcler. Foto: reprodução site Redes da Maré.

Questionados sobre custos do projeto, Bozza e Luna afirmam que não fecharam essa conta, mas Bozza destaca que quando se considera que uma comunidade de 140 mil pessoas está protegida, “*o custo é barato*”. Afirma que discutiram a questão dos custos relacionados ao *Conexão Saúde* com Valcler, e que o projeto teria custado 6 reais por habitante da Maré, tendo reduzido a mortalidade em 86% no território. Nesse momento a entrevistadora se surpreende com os números: “*Peraí, você passou por essa frase muito batido. Reduziu a mortalidade em 86%?*”. Bozza passa então a detalhar dados já apresentados em outros materiais de divulgação. A debatedora afirma acreditar que “*então é um programa modelo. Tudo isso é um programa de assistência absolutamente modelo. Para qualquer lugar do mundo*”, num discurso laudatório a respeito da iniciativa. No encerramento da entrevista, afirma a jornalista:

“Estou super emocionada e... agradecida também. Eu quero que vocês escrevam muito... eu vou falar pra vários colegas jornalistas que eles têm que assistir esse vídeo para aprenderem mais sobre tudo que foi feito e está sendo feito, para que passem essa história adiante.”

Vemos, no relato da entrevistadora, portanto, que a experiência causou uma reação emocional que a motiva a compartilhar sobre o projeto com outros profissionais de comunicação, para que aprendam com a experiência e repercutam suas ações, em mais um indício de uma construção discursiva bem-sucedida a respeito dos significados, resultados e desdobramentos do projeto *Conexão*. Ainda a respeito dos afetos mobilizados no projeto, Fernando Bozza faz um relato pessoal: “*tenho 32 anos de formado, e vou falar que foi um dos momentos mais emocionantes da minha vida como médico, como pesquisador e como cidadão*”. Essa narrativa pessoal, que reafirma a legitimidade desse pesquisador com longa estrada profissional, tem por efeito ressaltar

o caráter bem-sucedido da iniciativa, bem como ilustrar as transformações geradas, não só nas instituições, em seus profissionais e em suas práticas, mas na própria noção de exercício de cidadania. Em suas palavras finais, Bozza novamente se alinha de forma crítica à atuação do governo federal e aos acontecimentos e discursos circulantes na esfera macro, delineando projetos de futuro baseados no afeto da confiança, ao afirmar que a condução de uma pandemia ou crise passa por:

“(...) pensar a crise fora da crise. Então planejar e ter isso que é o que a Redes tem, esse trabalho continuado... confiança, então isso que lança as bases pra você poder trabalhar durante uma crise, mas por outro lado a crise, ela requer que toda essa energia e capacidade do país seja mobilizada, o que infelizmente não foi feito. Mas por outro lado a gente tem esse outro exemplo de que mesmo nas situações mais adversas, é possível fazer.”

6.1.3 Abertura 2ª dose vacina maré

Acompanhei partes da coletiva de imprensa do evento do Vacina Maré – 2ª dose, realizada em 13 de outubro de 2021, por meio de alguns trechos disponibilizados via mídias sociais da Redes da Maré¹³¹. Para a análise aqui realizada, foram utilizadas partes desse material, bem como de uma matéria do Portal Fiocruz sobre o tema¹³². Abaixo a tabela com os presentes no evento, organizada em ordem alfabética daqueles que estavam descritos como participantes do evento. Analisaremos apenas as falas de Renata Souza, Luna Arouca e Nísia Trindade, que integram os trechos de gravação a que tive acesso:

TABELA 7: PARTICIPANTES DA COLETIVA DE IMPRENSA 2ª DOSE VACINA MARÉ		
Nome	Vinculação institucional	Função no evento
Daniel Soranz	Secretário Municipal de Saúde do Rio de Janeiro	Representante da secretaria de saúde do Rio de Janeiro
Fernando Bozza	Pesquisador da Fiocruz	Responsável pela pesquisa sobre a Vacinação na Maré
Luna Arouca	Coordenadora do Conexão Saúde pela Redes da Maré	Representante Redes da Maré
Nísia Trindade Lima	Presidente da Fiocruz	Representando a Fiocruz
Renan Ferreirinha	Secretário Municipal de Educação do Rio de Janeiro	Representando prefeito do Rio de Janeiro e coordenando ações
Renata Souza	Deputada Estadual	Convidada
Valcler Rangel	Assessor de relações interinstitucionais da Fiocruz	Representante da Fiocruz

¹³¹Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CVAnn20FBjg> Acesso em: janeiro/2024

¹³²Disponível em: <https://portal.fiocruz.br/noticia/campanha-vacinamare-2a-dose-tem-inicio-na-mare-rj> Acesso em: janeiro/2024

Neste evento, vemos o fortalecimento de construções narrativas feitas ao longo do projeto, especialmente a que se refere ao fazer coletivo. Há também a utilização de novas metáforas, que ilustram o pensamento poético capaz de produzir um fazer político, segundo pensamento de Sousa (2022) já apresentado neste estudo, e que serão tema da seção 6.2 – A criação de metáforas. Vejamos, a seguir, a análise de alguns trechos deste evento, especialmente os enunciados da presidente da Fiocruz, que não esteve presente no evento da 1ª dose de vacinação.

Em sua participação no evento, a deputada estadual Renata Souza, moradora que se identifica como “*cria da Maré*”, por ter esse território em sua origem e vinculado a sua trajetória, menciona o aporte de 20 milhões encaminhados à Fiocruz, a partir de lei por ela proposta, para desenvolver ações nas favelas e periferias do Rio de Janeiro, em uma ação que “*propôs o protagonismo dos moradores de favela*”. Na participação desta deputada, há uma ampliação na rede de atores que se apresenta para falar publicamente sobre a iniciativa, envolvendo agora a esfera legislativa do Estado do Rio de Janeiro. Luna Arouca, representando Eliana Souza, diretora da Redes da Maré, evoca a memória do *Conexão* e de todo o trabalho em rede como origem do processo que levou ao momento do Vacina Maré, reforçando ainda o discurso dos representantes da Maré a respeito da busca por conquistas estruturantes para o território:

“A gente vê e reconhece a importância da Redes da Maré nesse processo em articulação, e fiquei pensando que mais eu podia dizer aqui, então acho que tem algo que a gente construiu desde o início da pandemia, que foi o Conexão Saúde, conseguir garantir a testagem, o atendimento médico online, o programa de isolamento domiciliar, com esses dados a gente conseguiu junto a Fiocruz fazer a proposta do estudo, da vacina e fazer a vacinação em massa. Mas tem algo que é pra trás, anterior, ou que a gente não vê, que não é tão aparente, que é todo o processo de construção que foi feito e que acho que está bem representado aqui. E como a Eliana diz, são os processos de construção de transformações estruturantes para a Maré, que acho que é nosso papel, enquanto organização da sociedade civil..”

Nísia Trindade, presidente da Fiocruz, também menciona o *Conexão Saúde* em seus agradecimentos iniciais, além de fazer uso de uma metáfora da gentileza como força da ação coletiva:

“Mas eu quero compartilhar com vocês uma imagem, uma imagem que veio de um trabalho coordenado pela secretaria municipal de educação: doses de gentileza. Eu acho que é disso que se trata hoje. A segunda dose da Vacina Astrazeneca Fiocruz, ela deve ser vista como uma dose de gentileza, ou seja, a vacina como algo que aumenta a

nossa consciência de que a saúde de cada um de nós depende de fato da saúde do outro, das outras pessoas. Então é nessa imagem que nós recebemos trabalhos lindos¹³³, eu já falei com o secretário Ferreirinha, das escolas. Que eu quero concentrar, resumir, a gentileza como força. A gentileza como consciência. A gentileza como participação da Maré, como encontro do governo municipal, da Fiocruz, da Assembleia Legislativa, mas eu diria sobretudo da Redes Maré, porque não se trata de fazer para, se trata de construir junto, o trabalho da Fiocruz como uma instituição de ciência, como instituição de saúde pública.”



Imagem 40: Nisia Trindade discursando junto a Renata Souza, Renan Ferreirinha, Luna Arouca e Fernando Bozza durante a abertura do evento do “Vacina Maré – 2ª dose”¹³⁴

Assim, vemos no discurso da representante da Fiocruz a utilização de linguagem poética com uma nova metáfora para simbolizar ações coletivas, de preocupação com o outro. Nisia apresenta a gentileza como força da conjunção de atores, notando-se a ausência de apoio do governo federal nesta longa listagem de parceiros. Sua fala sugere uma crítica indireta ao governo, dado que reforça a relevância de ações com foco no coletivo, de que “a saúde de cada um de nós depende de fato da saúde do outro”, ao contrário da lógica individualista que caracterizou o discurso do governo federal em

¹³³ Os trabalhos aos quais Nisia se refere são dezenas de desenhos e cartinhas de escolas da Educação Infantil do Rio de Janeiro que a Fiocruz recebeu, agradecendo pela atuação da instituição na pandemia e na produção de vacinas. Posteriormente, foi realizada uma iniciativa interna na Fiocruz de agradecimento às crianças e aos professores, o que deu origem, em junho de 2022, ao site e Programa Doses de Gentileza da Fiocruz. Mais informações em: <https://portal.fiocruz.br/noticia/fiocruz-lanca-doses-de-gentileza-0> e <https://dosesdegentileza.fiocruz.br/> Acesso em: janeiro/2024

¹³⁴ Imagem de divulgação da Fiocruz. Fonte: <https://portal.fiocruz.br/noticia/campanha-vacinamare-2a-dose-tem-inicio-na-mare-rj> Acesso em: março/2024

exercício durante a pandemia.¹³⁵ Nísia volta também à recorrente construção narrativa do fazer em conjunto, em oposição a um “fazer para”. Em outro trecho, ela retoma a narrativa de que a origem do processo veio da procura de Eliana Souza, da Redes da Maré, à Fiocruz:

“A Eliana que foi quem nos procurou, a mim de imediato, e eu articulei com Valcler, pelo papel de Valcler na cooperação institucional, que nós pensássemos em conjunto uma ação com a Maré. Então obrigada Valcler a você, por ter topado esse desafio. É claro que ele toparia, né, se ele não topasse ele mesmo me desafiaria, se não fosse eu a desafiá-lo... e a Eliana então que teve essa consciência e essa iniciativa.”

Neste enunciado, Nísia confere centralidade à atuação de Valcler Rangel no processo, dirigindo-se diretamente a ele neste momento de fala, em um agradecimento por sua participação neste “desafio”, na certeza de que “é claro que ele toparia” o que reforça nosso entendimento da importância de pessoas com trajetórias e vinculações afetivas e institucionais com a Fiocruz para o sucesso da iniciativa. Em outro trecho de sua participação, Nísia menciona o afeto da esperança que move a ação, quando se refere à pandemia como um mal que “nos traz ensinamentos, aprendizados... e nisso está nossa esperança. Nessa construção, nesse aprendizado, esse trabalho democrático envolvendo todas essas pessoas e instituições e esferas de governo”. A então presidente da Fiocruz se dirige diretamente a uma das representantes presentes, afirmando que “a Maré, sem dúvida, que sempre fez história, de várias formas, fará história, tenho certeza disso, Luna, com esse projeto. Pela articulação. Pelos efeitos, pelos impactos”. Assim, Nísia constrói discursivamente o protagonismo dos membros do território, reivindicando a história pregressa da Maré, que “sempre fez história, de várias formas” e atualizando essa trajetória de luta e resistência, dado que, com a ação de vacinação, Nísia acredita que a Maré também continuará a “(fazer) história, tenho certeza disso”. Também encontramos, neste evento, a primeira menção pública à renomeação Campus de Manguinhos para Campus Manguinhos-Maré, o que consideramos bastante simbólico de como esse trabalho em parceria com os territórios marca e transforma a própria Fiocruz. Nísia retoma o afeto da esperança, do trabalho conjunto e da metáfora da gentileza:

“É olhar para superar essa crise, mas olhar como um todo para os problemas de saúde. E fazer isso juntos, eu acho que esse é o ensinamento. Cada vez mais nós falamos aqui no campus no Rio de Janeiro, que é o campus de Manguinhos, cada vez mais nós vemos que

¹³⁵Esse tema sera melhor explorado na seção 6.2 – A criação de metáforas.

na verdade nós estamos construindo um campus Manguinhos-Maré. Porque nós temos uma unidade importante com várias ações importantes aqui, vizinha do Complexo da Maré, e estamos fortalecendo esse trabalho, então é na perspectiva de fato de vermos a integração das nossas ações, doses de esperança, mas uma esperança que vem desse trabalho tão bonito construídos por todos, e doses de gentileza. Sempre pensando, como disse, a gentileza como olhar pro outro, e como a força que vem desse processo coletivo.”



Imagem 41: Divulgação sobre a aplicação da 2ª dose da vacina de covid, parte da ação “Vacina Maré”¹³⁶.

Na camisa de Brenda, cujo depoimento foi analisado anteriormente, e de diversos participantes da ação, como a própria Luna Arouca, porta-voz oficial do projeto, vemos o simbolismo da vacina em um punho cerrado, indexalizando uma saudação que expressa solidariedade e apoio a causas sociais, bem como “unidade, força, desafio ou orgulho de pertencer a um grupo social politicamente minorizado”¹³⁷. Utilizado neste contexto, nas cores e na logomarca do Sistema Único de Saúde, juntamente com a caderneta de vacinação igualmente em destaque, causam um efeito de demonstrar o SUS e a vacinação como força, indexalizando ainda os princípios de equidade, de garantia

¹³⁶ Fonte: COVID-19: Moradores da Maré participam da segunda etapa da imunização em massa no complexo. Prefeitura do Rio, Rio de Janeiro, 14 out. 2021. Disponível em: <https://prefeitura.rio/cidade/covid-19-moradores-da-mare-participam-da-segunda-etapa-da-imunizacao-em-massa-no-complexo/>. Acesso em: maio 2024

¹³⁷ Mais sobre o simbolismo do punho cerrado em: <https://www.terra.com.br/nos/por-que-o-punho-cerrado-incomoda-tanto,694ab42e145d708d959655cd165b9a926w6n5hx3.html> Acesso em: marco/2024.

de acesso igual aos desiguais, e da participação social, que prevê a participação ativa de forças da sociedade na execução de políticas e ações de saúde, rumo à reivindicação por uma “Maré Vacinada”. A utilização deste símbolo aponta também para o sentimento de orgulho e pertencimento dos moradores da Maré em relação ao seu território.

6.1.4 “Seminário Vacina Maré: Olhares sobre a Covid”

Organizado pela Fiocruz e pela Redes da Maré, o “Seminário Vacina Maré: olhares sobre a Covid” foi realizado em 18 de agosto de 2022, no auditório do Centro Administrativo Vinícius Fonseca, no campus sede da Fiocruz, no Rio de Janeiro. Acompanhei o seminário presencialmente e utilizei para a análise minhas anotações e o acesso à gravação do evento¹³⁸. Seu objetivo foi refletir sobre os aprendizados com a experiência do Vacina Maré!, mas as menções à experiência anterior, do *Conexão Saúde*, foram frequentes entre os participantes. Fizemos uma operação de seleção neste material para analisar discursos dos porta-vozes do *Conexão* presentes, que nos auxiliam a pensar nos projetos de futuro construídos a partir desta experiência original. A tabela abaixo sistematiza essa seleção:

TABELA 8: PARTICIPANTES SELECIONADOS NO EVENTO SEMINÁRIO VACINA MARÉ: OLHARES SOBRE A COVID		
Nome	Vinculação institucional	Função no evento
Eliana Sousa Silva	Redes da Maré - diretora	Representar a Maré na mesa de abertura
Valcler Rangel	Fiocruz – assessor de relações institucionais da Fiocruz	Apresentar resultados e atuar como mestre de cerimônias
Nísia Trindade	Fiocruz - presidente	Representar a Fiocruz na mesa de abertura
Fernando Bozza	Fiocruz e Rede D’Or – pesquisador e médico	Apresentar os resultados da pesquisa em nome da Fiocruz
Luna Arouca	Redes da Maré	Apresentar Resultados em nome da Redes da Maré

Neste evento veremos relatos pessoais a respeito das transformações na visão a respeito do fazer científico, desencadeadas pela atuação conjunta entre a Fiocruz e os atores do território, característica especialmente notável no discurso dos representantes da Fiocruz. Esses relatos sugerem um processo de aprendizado e atualização para esta instituição, a partir da experiência do “fazer com” o território. Veremos também como alguns afetos foram mobilizados para a realização do projeto, tais como o entusiasmo, a

¹³⁸ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=hScLkN1F6Cg> Acesso em: janeiro/2024

esperança e a alegria. O cuidado e o acolhimento aos moradores promovidos pelas instituições presentes em um momento de crise é outro ponto de destaque neste evento, o que leva à atualização do significado destas instituições na memória coletiva, como instituições confiáveis, presentes e parceiras dos moradores do território. A menção a projetos de futuro e aspectos políticos essenciais para o fomento de utopias também é tópico abordado no material. Vejamos, a seguir, a análise de alguns de seus enunciados.

O evento foi organizado como um gênero discursivo seminário canônico, com mesa de abertura, cerimonialista, palestras e apresentações com apoio de PPTs. Valcler Rangel, que no momento do evento não ocupava mais o cargo de chefe de gabinete da Fiocruz, e sim de assessor de relações interinstitucionais da Fiocruz, iniciou sua participação pedindo desculpas por sua função principal não ser de cerimonialista, mas que o faria *“se desdobrando, sendo criativo, na medida do possível”*, promovendo um efeito de um enquadre conversacional na condução do evento. Em uma primeira operação de seleção, destaco partes de enunciados da mesa de abertura, de Eliana Sousa, da Redes da Maré, e de Nísia Trindade, presidente da Fiocruz, pertinentes às discussões a respeito de afetos e processos de memória envolvidos no projeto *Conexão*. Eliana Sousa aborda o que considera como significados do *Conexão*:

“Tenho dois aspectos para ressaltar em relação à questão do significado do que foi o Conexão Saúde e do que está sendo ainda, mas a gente vai olhar pros resultados até aqui (...) tem um aspecto que foi muito importante para o morador, indivíduo, assim, que o Conexão saúde conseguiu produzir, o que conseguimos produzir (...) do ponto de vista de quem mora ali teve um cuidado, acho que a palavra cuidado é importante. Teve uma acolhida (...) Eu acho que o Conexão Saúde, ele foi importante porque foi um momento que, a partir da segurança alimentar, a gente acessou pessoas que inclusive a gente mesmo não acessava com projeto que nós fazíamos ali naquele conjunto de favelas... um aspecto que deve ser ressaltado que é o quanto a questão da saúde dos indivíduos que mais precisam, elas foram olhadas e acolhidas...”

Assim, a dimensão da segurança alimentar, que impactou diretamente os moradores do território e possibilitou o sucesso das demais dimensões do projeto, bem como mobilizou afetos de acolhimento e cuidado, são o ponto escolhido como destaque pela representante da Redes da Maré, quando afirma *“a partir da segurança alimentar”* acessaram pessoas que não acessavam mesmo com outros projetos do território, e que *“a palavra cuidado é importante, teve uma acolhida”*. Essa opção nos ajuda a compreender como se construiu essa liderança no território, por sua atenção às necessidades dos moradores, para além das conquistas em termos de legados

institucionais e de relações entre Estado e sociedade civil. Eliana nos mostra que há uma marca afetiva da presença dessas instituições na vida das pessoas, o que consideramos atualizar o significado destas instituições na memória coletiva desse grupo, de instituições confiáveis, presentes e parceiras para a superação das dificuldades na vida dos moradores do território. Além da dimensão individual, Eliana comenta ainda aspectos políticos do projeto:

“E tem o aspecto, eu diria, coletivo, político mais geral que é o fato de ser um projeto que conseguiu na prática reunir o poder público, né, a prefeitura com seu papel muito importante de responder as demandas que cabia do ponto de vista das clínicas da família (...) ter uma organização como a Fundação Oswaldo Cruz, que é uma organização federal de pesquisa, e ter peessoas como Valcler, Bozza, que estiveram presentes de fato nessa construção, não é só uma questão de reportar, ou mandar determinados insumos e recursos. É uma questão de uma construção que foi feita, e ter a iniciativa privada (...) É uma experiência que precisa ser estudada no sentido de pensar no futuro, tem uma questão importante que é: o que vamos fazer com todos esses resultados (...) Essa experiência, um dos legados é essa continuidade, essa possibilidade de aprofundar projetos nessa perspectiva ampliada.”

Eliana destaca a importância política da articulação com a prefeitura e suas estruturas vinculadas ao SUS, por meio da menção às clínicas da família e também a parceria com a Fiocruz, reforçando ainda a construção narrativa a respeito do papel dos indivíduos e de suas presenças neste fazer coletivo diferente, em que estes “*estiveram de fato nessa construção*”. A todo momento retorna a questão da construção de projetos de futuro, na expectativa de uma continuidade das parcerias estabelecidas. Por fim, destaca a existência de relações prévias como requisito para o sucesso do projeto, apontado como a coisa mais importante do processo. Eliana utiliza então a metáfora de um abraço para se referir ao trabalho em conjunto:

“Agradecer muito essa possibilidade, porque são relações antigas, já estavam estabelecidas aqui e que nesse momento a gente se abraçou e se juntou para fazer algo que foi muito relevante, talvez a coisa mais importante que aconteceu nesse processo todo, se a gente olhar pras coisas boas desse processo.”

Esse enunciado articula-se às ideias de acolhimento e cuidado, já mencionadas por Eliana anteriormente, e evidencia que a solidariedade e o “fazer com” parceiros constituídos a partir de “*relações antigas*” foram, em sua visão, os pontos mais relevantes do processo. Exercendo discursivamente o papel de cerimonialista, Valcler convida Nisia para sua fala na mesa de abertura, propondo um enquadre conversacional

para esse tipo de evento, ao para referir-se ao papel de Nísia no projeto da seguinte maneira: que “cá entre nós, [Nísia] *determinou que a gente fizesse tudo isso que a gente tá fazendo*”. Nísia, no entanto, retoma o enquadre institucional de representante da Fiocruz, incorporando a fala de Valcler para se alinhar como representante máxima da instituição e cumpridora de sua missão:

“Desde o início da pandemia, o Valcler falou de uma determinação, eu diria que é um compromisso da Fiocruz, que eu represento. De fato, de cumprir, como tem que ser, a sua missão. Prioritariamente salvar vidas (...) Além disso, como Eliana mencionou, há uma parceria histórica, entre a Fiocruz, a Redes Maré... e até antes da Redes Maré (...) Nenhuma resposta nessa pandemia foi efetiva sendo inteiramente nova. As respostas mais consistentes elas vêm de uma base, de uma história (...) Fico emocionada também porque além de presidir a Fiocruz, minha área de pesquisa desde, bom... há mais de 40 anos agora, se voltou para o estudo das desigualdades sociais do pensamento brasileiro, e das respostas da sociedade a esse quadro.”

Assim, Nísia alterna entre um enquadre institucional, ao evocar sua representação institucional e o compromisso da Fiocruz com sua missão de salvar vidas, e outro pessoal, segundo o qual afirma estar emocionada por retomar, nesse projeto, um tema que é sua área de pesquisa há 40 anos, das respostas da sociedade às desigualdades sociais. Seleciona, na memória da Fiocruz, a existência de relações prévias com a Redes da Maré e anteriores à própria conformação desta organização e que, portanto, devem se referir à própria pessoa de sua criadora, Eliana, e às demais lideranças do território. Afirma ainda que as soluções presentes e projetos de futuro ancoram-se em processos e bases históricas, o que percebemos pela afirmação de que nenhuma solução seria “*inteiramente nova*”, em um entendimento da memória em seu potencial de criação. Em outro segmento, observamos em seu enunciado a menção a uma série de afetos movimentados pelo projeto, de alegria, esperança e ânimo, que trazem novamente a importância do empenho pessoal dos participantes do projeto:

“Cumprimento a todos da Fiocruz que se empenharam com entusiasmo. Não é, Eliana? Com entusiasmo. E os momentos que são momentos de perda, de dor, de ansiedade, de não saber como será o dia seguinte, que todos nós vivemos (...) o que nos anima é ter momentos de alegria, momentos em que podemos nos reunir, contar essas experiências, avaliar e poder avançar (...) É de fato um momento de esperança, de alegria, de ânimo. De ânimo. Sobretudo de ânimo para todos nós.”

No trecho acima, Nísia se dirige diretamente a Eliana, elegendo-a como interlocutora principal, validando toda a atuação desta participante e exercendo, na prática

discursiva, o “fazer com” tão destacado ao longo dos discursos sobre o *Conexão*. Em outro momento, Nísia destaca a questão do aprendizado na atuação conjunta com os territórios, alinhando-se como aprendiz, apesar de ser presidente da Fiocruz, em respeito e reconhecimento à centralidade dos movimentos sociais nas ações em parceria:

“A experiência da Maré, ela é muito importante para os seus moradores, para a Fiocruz, que pode exercer parte de sua missão dessa forma conjunta, é um aprendizado para nós, mas acho também que devemos dela tirar conclusões que possam apoiar medidas do que normalmente se fala como populações em situação de vulnerabilidade, mas populações e movimentos sociais que têm sua forma de se organizar, sua resposta e que certamente também muito aprenderam nesse processo (...) O Valcler disse que eu determinei [risos], mas na verdade o que aconteceu, ele sabe disso, né, a partir de uma demanda da Eliana, nós seguimos numa linha que já tínhamos acordado. O papel da Fiocruz, num contexto como da pandemia, é mobilizar toda a sua capacidade, toda a sua energia, para salvar vidas, para fortalecer o Sistema Único de Saúde, nesse enfrentamento, e para projetar uma saúde uma sociedade com mais igualdade, respeito, dignidade, valorizando a democracia na base... A pandemia nos mostrou que temos que democratizar a democracia, ou seja, temos que de fato ser inclusivos, estar em construções conjuntas, eliminando qualquer ideia de superioridade dos cientistas em relação a sociedade. Então esse é um dos ensinamentos.”

Nísia novamente destaca o papel de Eliana, representante do coletivo da Maré, no projeto, e alinha-se como defensora dos valores preconizados pelo SUS, de igualdade, cidadania, além de retirar a ciência e os pesquisadores de um “pedestal”, apontando para uma relação horizontal com a sociedade. Notamos isso quando Nísia insere ao discurso institucional, que segue uma espécie de roteiro a respeito do início da experiência, a questão de ações de saúde como oportunidade de “*democratizar a democracia*”, sendo “*de fato mais inclusivos*” em uma incorporação de discursos históricos e macro da área da saúde pública relativos ao lema “democracia é saúde”. Esse princípio tem origem no clássico discurso de Sérgio Arouca na abertura da 8ª Conferência Nacional de Saúde¹³⁹, que estabeleceu as bases para a criação do Sistema Único de Saúde, conforme abordado anteriormente neste estudo. Nísia articula e atualiza ideários históricos do SUS ao destacar a importância de um fazer científico que não hierarquize o conhecimento científico em relação ao conhecimento da sociedade, na construção de uma ciência cidadã que, em sua vertente mais democrática, diz respeito a iniciativas “orientadas para maior participação, intervenção e empoderamento de cidadãos não só nas formas de

¹³⁹ O referido discurso e mais informações podem ser conferidas em: <https://pensesus.fiocruz.br/saude-e-democracia> Acesso em: janeiro/2024

produção e uso, mas nos próprios rumos da pesquisa [...] em favor da inovação social” (Albagli, 2015, p. 15).

Após a fala de Nísia, Valcler retoma o enquadre conversacional inicialmente proposto ao fazer escolhas lexicais que tem por efeito promover uma informalidade ao evento, afastando-o, portanto, das expectativas do gênero discursivo seminário institucional: *“Eu tinha falado com alguém, que não era (...) Era formal, mas era sem pompa. Nessa linha do sem pompa, essa coisa da determinação. A Nísia não dá soco na mesa, não faz nenhuma... mas o olhar dela é **determinante** para que a gente siga nos nossos caminhos [risos]”*. Neste retorno de Valcler ao tema da determinação de Nísia a respeito do início do projeto, notamos tanto a centralidade que este personagem confere à presidente da Fiocruz na viabilização do projeto, por sua insistência no tópico, quanto a intercalação de enquadres institucionais com enquadres conversacionais, característica recorrente no contato entre os profissionais da Fiocruz, efeito causado pela menção a um evento *“formal, mas sem pompa”*, e ressaltado pelos risos de Valcler após seu próprio comentário. A presença dos representantes dos territórios como participantes externos à Fiocruz no evento não enseja a manutenção de um enquadre exclusivamente institucional, numa demonstração da afinidade entre esses representantes e os membros da Fiocruz.

Após a mesa de abertura, Valcler apresenta, com o apoio de um PPT, os resultados do projeto *Conexão* e do Vacina Maré. Em determinado momento de sua apresentação, menciona a mudança no nome do campus sede da Fiocruz, no Rio de Janeiro:

*“Apresentar um pouco o resultado também, no final das contas, que é a nova situação da Fiocruz, é... desse **Campus Maré** (...) O que a gente tá falando aqui é de uma construção. Eu tô contando aqui muito rapidamente... E isso aqui, o Campus Maré, também nasce disso. Quando Nísia vai lá, na Redes, eu nem lembro qual o evento ... “vamos passar a chamar o que a gente chamava de Expansão de Campus Maré”. Naquele dia foi falado, não vou lembrar qual foi o evento, mas naquele dia ela nomeou o Campus Maré. Por quê? (...) A gente precisa requalificar essa inserção no território e com o território, isso é fundamental. Essa é uma outra coisa que tem sido bastante falada. Não é para, é com, sempre. Uma co-criação (...) E o desenvolvimento territorial... essa iniciativa tem essa ideia, né? De estruturar estratégias de co-participação no desenvolvimento de ações no Complexo da Maré(...) isso se transformou num projeto.”*

Valcler talvez se refira à apresentação de Nísia na abertura da 2ª dose do Vacina Maré, já analisada neste estudo. Assim, as condições de felicidade (Austin, 1990)

estavam dadas para que o discurso se materializasse em uma ação, no que foi considerado o marco do momento de renomeação do campus sede do Rio de Janeiro da Fiocruz, que não se tratou de uma simples redesignação de estruturas institucionais, e sim de uma “*nova situação da Fiocruz*”, do resultado de um trabalho em parceria que se intensificou com o projeto aqui em análise, num fazer com, e não para, como também destaca Valcler em seu discurso. Em outro enunciado de Valcler, há algumas pistas de como o uso da linguagem na construção dos discursos a respeito do *Conexão* foi tópico de reflexão entre seus porta-vozes::

*“Primeiro esse território. Um território que a gente tem dialogado muito, né, Eliana, chamando um território **negligenciado**. Não é o território negligenciado do Rio de Janeiro, mas é **um** território negligenciado pelas políticas públicas. A gente já discutiu muito isso, a gente fala em territórios vulnerabilizados, em situação de vulnerabilidade...”*

Há, portanto, uma mudança no termo utilizado no início do projeto, de populações vulnerabilizadas para negligenciadas, o que reforça a perspectiva de inação governamental a respeito das políticas públicas necessárias para reduzir as desigualdades nestes locais. Percebemos o destaque de Valcler ao tema ao introduzi-lo em sua fala e pelas pistas de contextualização ao mencioná-lo de forma mais alta, enfática e lenta. Parece ainda ser um tema em discussão e amadurecimento, o que notamos pelas ressalvas sobre não ser o território, e sim um dos territórios negligenciados do Rio de Janeiro. Já outros tópicos permanecem desde o início do projeto, tais como da caracterização do projeto como inovador, também em enunciado de Valcler:

“A ideia de se trabalhar uma inovação baseada em conhecimento, não só conhecimento científico, conhecimento científico clássico, mas também trazido pelas populações, organizadas também ou não, nasce esse projeto Conexão Saúde. E quase paralelamente, estou contando essa história/aventura, a gente lança também um plano de enfrentamento da Covid nas favelas...”

A escolha do termo “*aventura*” para se referir à experiência sugere a dimensão do entusiasmo dos participantes do projeto, mencionado por Nísia em sua fala. A menção a uma nova forma de fazer ciência, com participação ativa dos cidadãos, com o conhecimento “trazido pelas populações”, é retomada aqui. Valcler comenta sobre o plano de enfrentamento de Covid nas favelas, uma proposta que partiu de articulações com outras favelas do Rio de Janeiro e com a UFRJ e que, encaminhada à Assembleia

Legislativa do Rio de Janeiro, gerou a lei 8972/2020¹⁴⁰, que destinou um orçamento para a Fiocruz financiar projetos nas favelas do Estado, também um importante desdobramento das parcerias estabelecidas. Por fim, retomando a ressalva inicial, ao pedir licença por fazer uma “*apresentação que tem características também de caráter pessoal*”, Valcler aponta seus destaques da experiência com o *Conexão*, que, a meu ver, são passíveis de articulação com a construção que busquei fazer neste estudo: o projeto *Conexão* é conformado por operações de memória que levam à criação, envolvendo pessoas que, em um intervalo de indeterminação, por meio da intuição afetivamente despertada, se abriram para o novo, fazendo do desamparo motor de transformação e busca de utopias e do discurso, um elemento estratégico e político, levando à ação e transformações desejadas. Vejamos seu enunciado, com destaques:

“Aí a leitura absolutamente pessoal. Eu acho que alguns aprendizados e alguns valores que eu acho que a gente tem que trazer e colocar em discussão sempre (...) Eu diria que a indignação diante das situações como motor, acho que é uma coisa que a gente precisa resgatar de todos nós o tempo inteiro (...) A outra é uma certa permissão nossa mesmo de abertura pra seguir nossas inspirações. A gente tinha muitas inspirações (...) a ideia de uma construção não linear e articulada aos contextos que a gente tem. Quer dizer, não tem um caminho só pra ser seguido, um plano só pra ser seguido. Mas precisa ter plano e precisa estar sempre avaliando. E isso a gente fez, por exemplo, no Conexão Saúde o tempo inteiro. A diversidade do conhecimento como base, não é só o conhecimento que a gente diz que é o conhecimento científico ou outro. A história da Maré, a história dessas favelas, aquilo que a gente tem de mais importante muitas vezes nesses lugares, é preciso ser resgatado. E existe um conhecimento sendo constituído a partir daí, e esses conhecimentos precisam ser dialogados. A geração de expectativas e resultados, eu diria que hoje tem expectativa. Todo esse projeto que a gente está fazendo com as favelas, as pessoas olham pra Maré, pra saber o que tá acontecendo lá, que resultado tá sendo alcançado lá porque isso é uma maneira de se inspirar também. Fazer incidência sobre as políticas públicas, eu acho que isso é fundamental (...) e ter a criação cooperativa sempre com o território.”

De início, Valcler aponta a indignação “*como motor*” para a ação, indicando como a movimentação de afetos e o entendimento do desamparo exacerbado foram determinantes para o desenvolvimento de uma “coragem afirmativa” (Safatle, 2021), no sentido de transfigurar impossíveis em possíveis, rejeitando determinações conformadas pela condição de vulnerabilidade ou pela negligência em relação aos territórios. Em

¹⁴⁰ Disponível em: <https://leisestaduais.com.br/rj/lei-ordinaria-n-8972-2020-rio-de-janeiro-destina-recursos-do-fundo-especial-da-assembly-legislativa-do-estado-do-rio-de-janeiro-a-fundacao-oswaldo-cruz-fiocruz> Acesso em: janeiro/2024

seguida, menciona uma “*abertura para seguir nossas inspirações*”, numa ilustração da intuição como método de criação em intervalos de indeterminação e de liberdade que são plenos de afetos, emoções e lembranças. Esse “reconhecimento atento” (Bergson, 2010) possibilita a delineação de problemas verdadeiros, em uma “invenção [que] dá o ser ao que não era, podendo nunca ter vindo” (Deleuze, 2008, p.9), o que Valcler reforça ao se referir a uma “*construção não linear e articulada aos contextos que a gente tem*”, que resgata a “*história da Maré, a história dessas favelas, aquilo que a gente tem de mais importante*”. Já a menção à “*geração de expectativas e resultados*”, num processo em que “*as pessoas olham pra Maré, pra saber o que tá acontecendo lá, que resultado tá sendo alcançado lá porque isso é uma maneira de se inspirar também*” ilustra a utilização estratégica do discurso para a criação de uma imagem de sucesso a respeito do projeto, que sirva como inspiração e ação política, incidindo sobre políticas públicas que possibilitem transformações em outros territórios vulnerabilizados, alimentando utopias de mais igualdade e cidadania para esses grupos.

Na continuidade do evento, Fernando Bozza apresenta os impactos da pandemia e resultados da pesquisa por ele coordenada, relativa à vacinação na Maré. Neste momento, menciona uma construção realizada de forma conjunta com Luna Arouca sobre a centralidade dos territórios na gestão das ações realizadas como resultado do diálogo ao longo do projeto *Conexão Saúde*:

“A gestão compartilhada, ela está um pouco aqui representada aqui nessa outra figura, e que ela tem na sua centralidade o território. Então esse aqui é uma visão, e essa aqui é uma contribuição importante da Luna, né? Que é... a inovação do ponto de vista da gestão também, da gestão desses projetos aonde a academia, o setor público, o setor privado, a sociedade civil trabalham juntas, mas trabalham juntas nessa centralidade que é o território.”

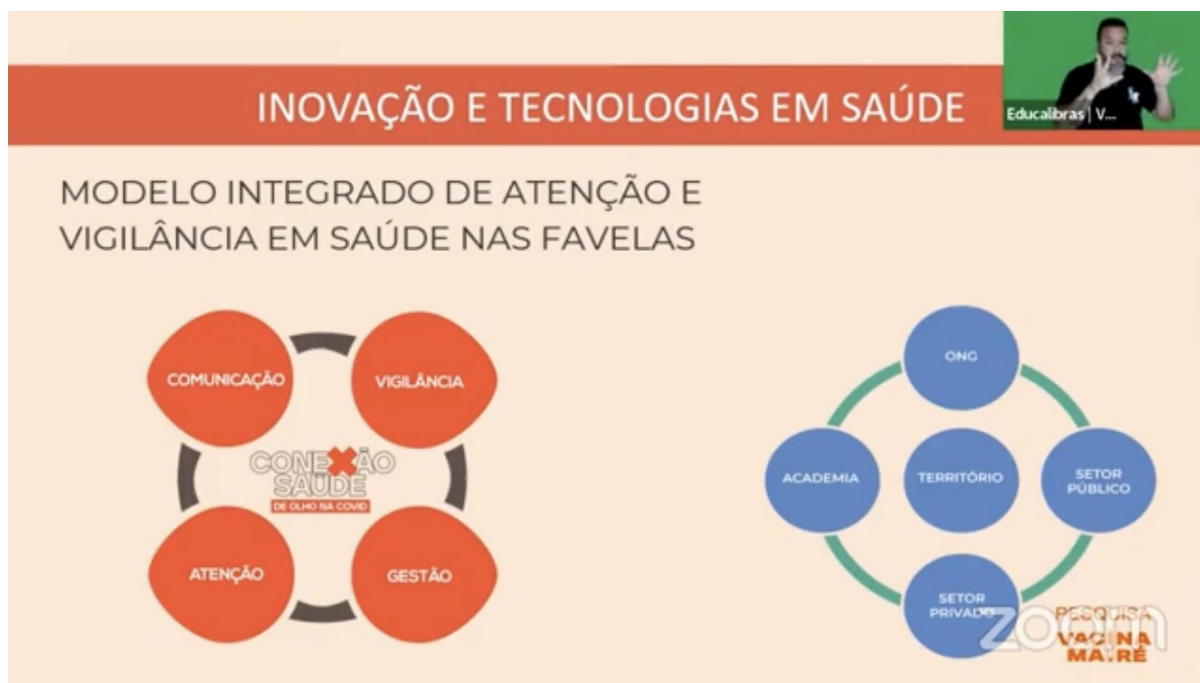


Imagem 42: Print da tela de Fernando Bozza na apresentação, e do gráfico (a direita), na qual o território ocupa posição central.

Vemos então que a centralidade do território se reflete na geração de modelos a partir da experiência, e que devem ser adotados em práticas futuras. Evidencia também uma nova maneira de se referir a esses territórios próximos à Fiocruz – não mais os territórios que estão no entorno da Fiocruz, mas a Fiocruz que estaria no entorno dos territórios, os espaços onde as pessoas moram¹⁴¹.

A última apresentação em análise foi realizada em conjunto por Luna Arouca e Everton Pereira, ambos profissionais da Redes da Maré, a respeito das ações de engajamento, mobilização e comunicação no território. Everton apresentou parte do histórico de luta da Maré, frequentemente mencionado nos discursos a respeito do *Conexão*. Narrou um episódio entendido como inovador, de criação de uma associação de moradores na Nova Holanda, uma das favelas que compõe a Maré, nos anos 80, e da vitória da chapa composta apenas por mulheres, a “Chapa Rosa”, presidida por Eliana Sousa, então com 22 anos, que se tornou a presidente desta associação. Tal narrativa sublinha o protagonismo dessa personagem, porta voz da Redes da Maré no projeto em análise. No final da apresentação, Luna destacou a importância de projetos que se dão ao longo do tempo, de uma história que permite a criação em momentos de crise:

¹⁴¹ Fala de Valcler em entrevista concedida ao canal saúde, da Fiocruz, em outubro de 2022, sobre a experiência de parceria com a Maré no período da Covid-19. Disponível em: <https://youtu.be/hXTKUmmDK1s> Acesso em: janeiro/2024

“E o que a gente tentou contar aqui na história (...) é que não foi de um dia pro outro (...) É um processo longo, histórico. Então quando a gente pensa inclusive processos de cooperação, é muito importante pensar que esses processos precisam se dar a longo prazo. A gente não quer só a Fiocruz no momento da pandemia no território, a gente quer a Fiocruz todos os dias lá com a gente, e é o mesmo desejo em relação à UFRJ, aos centros de ensino, a iniciativa privada, todos os grupos que querem colaborar com o desenvolvimento da Maré e de outras favelas cariocas... pra gente construir processos robustos e que tenham capacidade de dar respostas a crises humanitárias como foi esse momento, a gente precisa de um longo tempo de investimento em cooperação. Quando perguntam “como vocês fizeram?” É que teve muita história de luta...”

Um projeto de futuro presente no enunciado de Luna é o de que a parceria com a Fiocruz, com outras instituições públicas e com a iniciativa privada se estabeleça como prática permanente, pois desta presença e cooperação continuada (“a gente quer a Fiocruz todos os dias lá com a gente”) dependem as soluções para momentos de crise e indeterminação, bem como o fomento de utopias para o desenvolvimento da Maré e de outras favelas cariocas. Luna anuncia também no evento a publicação, naquela data, de dois boletins especiais do “Conexão Saúde: de olho no Corona”: um sobre a experiência da comunicação e mobilização e outro geral sobre a experiência do *Conexão*, este último já analisado no capítulo anterior desta tese.

Além dessas falas realizadas durante o evento, comento trechos de um vídeo exibido na ocasião, sobre a experiência da pesquisa a partir da ação de vacinação na Maré. Bozza dá seu depoimento de que “o que vem sendo feito aqui na Maré é muito emblemático de uma visão nova de pesquisa, que é essa visão de pesquisa no mundo real”. Afirma que:

“Esse projeto, ele tem um aspecto pessoal pra mim super importante, quer dizer, mudou minha perspectiva de como fazer ciência, e como um pesquisador, médico hoje responde as questões que são as questões centrais da saúde pública, muito em torno de pra quem a gente faz ciência. E essa... esse momento que a gente tem, essa urgência de trazer respostas para a população, então isso mudou muito minha forma de pensar e agir como cientista, como médico, e como profissional de saúde pública e também uma alegria muito grande de trabalhar com a Redes da Maré, com as pessoas aqui da Maré, e todas as pessoas que vem apoiando o projeto. Tem sido, assim, apesar de todos esses desafios que a pandemia impôs, acho que tem um encontro que é um encontro incrível.”

Desta maneira, o projeto proporcionou mudanças profissionais relevantes na vida de seus participantes, mais especificamente naqueles vinculados à Fiocruz, ressaltando o que consideramos ser uma institucionalidade em transformação para a

Fiocruz, com maior aproximação da sociedade no fazer científico, conforme aprofundaremos adiante, na seção 6.3 – Formatos institucionais em atualização. Ainda neste mesmo vídeo, Valcler também dá seu depoimento, considerando que “*você botar escola, unidade de saúde, instituição científica organização da comunidade, juventude envolvida nesse processo. Eu acho que isso gera uma potência que a gente nem consegue enxergar direito qual é o resultado dessa potência*”, ilustrando como o processo de construção de utopias se abre a criações por vezes imprevisíveis, em que novos possíveis emergem no processo de imaginação do futuro (Sousa, 2022).

6.2 - A criação de metáforas: esforços de paz e gentileza em territórios vulnerabilizados ou negligenciados

Ao analisar os discursos a respeito do *Conexão Saúde*, algumas metáforas se destacaram por sua recorrência e força em relação à construção do projeto, de seus desdobramentos e da memória dessa ação. Assim, considero importante me deter sobre a relação dessas metáforas com o contexto de crise em que foram gestadas, usadas e reforçadas, de maneira a melhor caracterizá-lo. Também entendo este exercício como uma forma de aprofundar a discussão sobre como o discurso institucional e de outras mídias atuou na conformação de expectativas, resultados e desdobramentos acerca do projeto *Conexão*, considerando os discursos com seu potencial de produzir realidades e a memória em sua dimensão de construção de projetos de futuro e utopias. Antes de abordar as metáforas, proponho observar a utilização do termo populações ou territórios vulnerabilizados ou em situação de vulnerabilidade, para se referir aos grupos moradores dos territórios foco do projeto. O glossário do portal brasileiro de determinantes sociais da saúde¹⁴², uma iniciativa da Escola Nacional de Saúde Pública da Fiocruz, traz uma definição de populações vulnerabilizadas retirada de uma referência canadense, que as define como “grupos e comunidades com maior risco de problemas de saúde como resultado das barreiras que enfrentam aos recursos sociais, econômicos, políticos e ambientais, também como limitações devido a doença ou deficiência”¹⁴³. Já a Coordenação de Cooperação Social da Fiocruz estabeleceu definição própria para esse conceito, que parece mais próxima à realidade nacional e ao seu uso no projeto aqui estudado. Nesta definição, que inclui o ambiente, os territórios socioambientalmente

¹⁴² <https://dssbr.ensp.fiocruz.br/glossary/> Acesso em: maio 2024.

¹⁴³ <https://dssbr.ensp.fiocruz.br/glossary/populacoes-vulnerabilizadas/> Acesso em: maio 2024.

vulnerabilizados são entendidos como aqueles “marcados por uma construção histórica de desigualdades sociais; pela ausência ou ineficiências de políticas públicas; pela suspensão de direitos civis e pela degradação ambiental”. (Fiocruz, 2019). Entendo que há nesta concepção um posicionamento político, que demonstra a contingência desse desamparo exacerbado e a existência de um circuito de afetos, retomando as ideias de Sousa (2022) e Safatle (2021), que historicamente teima em deixar as coisas da maneira como estão. Em contraposição estão grupos e ações que buscam acionar novos circuitos para alteração dessa condição, que deve ser desnaturalizada. Assim, a situação de vulnerabilidade não é inerente a esses sujeitos, que são vulnerabilizados pela crônica ausência de políticas públicas adequadas às suas necessidades básicas de direitos. Segundo Oliveira (2018):

O conceito de vulnerabilidade tem sido chamado a apoiar produções em saúde pública, dada sua potência na discussão em termos não apenas da justiça social e desigualdades em saúde, mas como aporte metodológico que ancora análises de situações, programas e políticas saúde. A noção de vulnerabilidade não corresponde a um conceito unívoco, sendo carreado por diferentes acepções, usos e repercussões nas produções acadêmicas [...] Nesse entendimento é que reside a opção pelo uso dos termos vulnerabilização e vulnerabilizadas, ao invés de em vulnerabilidade, enfatizando que a condição de vulnerabilidade é fruto de ações políticas, econômicas e sociais vulnerabilizantes. A intenção é da não naturalização do termo e do diálogo com a noção de determinação social do processo saúde-doença (Oliveira, 2018, p. 44-45).

Ao longo da realização do projeto e de seus desdobramentos, observamos na fala de alguns de seus porta-vozes que a adoção deste termo está sendo revista, para pensar no conceito de um território negligenciado. A adoção do termo negligenciado no campo da saúde costuma a se aplicar às chamadas doenças negligenciadas, em uma “menção ao fato de que essas doenças são as que menos recebem investimentos em pesquisas, produção de medicamentos e vacinas, mesmo sendo as que mais matam no mundo.”¹⁴⁴ São negligenciadas por “estarem quase ausentes da agenda global de saúde, receberem pouco financiamento e serem associadas ao estigma e à exclusão social. Acometem populações negligenciadas e perpetuam um ciclo de maus resultados educacionais e oportunidades profissionais limitadas”¹⁴⁵. A adoção do termo para se referir a populações negligenciadas e não apenas a doenças não é recente na Fiocruz. Em

¹⁴⁴ Definição no relatório do projeto de lei 10.096-A, de 2028, disponível em: https://www.camara.leg.br/proposicoesWeb/prop_mostrarintegra;jsessionid=B2316F2A0FE8FABCEA727D6FF833B6A.proposicoesWebExterno1?codteor=1762142&filename=Avulso+-PL+10096/2018 Acesso em: maio 2024.

¹⁴⁵ Informações de: <https://bvsmis.saude.gov.br/agir-agora-agir-juntos-investir-em-dtns-30-01-dia-mundial-das-doencas-tropicais-negligenciadas> Acesso em: maio 2024.

conferência na OMS em 2017, Nísia já apontava a necessidade de “pensar em populações negligenciadas, e não apenas em doenças negligenciadas”¹⁴⁶. Em 2021, por ocasião da assinatura de cooperação técnica para o enfrentamento das doenças tropicais e negligenciadas também com a OMS, Nísia destacou a relação entre doenças negligenciadas e desigualdades sociais, afirmando que “na Fiocruz, cada vez mais falamos de populações negligenciadas do que de doenças negligenciadas”¹⁴⁷, numa centralidade dada às pessoas que são afetadas pela negligência que leva essas doenças a se perpetuarem. Assim, a transposição desse princípio para os territórios negligenciados nos parece coerente com uma visão de que estes não recebem os investimentos necessários à garantia dos direitos básicos de seus moradores, bem como a existência de um estigma de exclusão social. Além disso, a opção por esse termo parece apontar para uma mudança que deixa ainda mais evidente sua perspectiva política, destacando a dimensão da ausência ou inação frente às necessidades básicas destes territórios. Vemos que o uso da linguagem é um tema de reflexão e mudança ao longo do projeto estudado, em mais um indício do entendimento da linguagem como ação e possibilidade de transformação no mundo, sendo um dos elementos que fica na memória coletiva e atua na construção de projetos de futuro derivados do *Conexão*.

Ao longo da análise dos discursos do projeto observamos também a produção de algumas metáforas para se referir às suas perspectivas e ações, numa aproximação do que dizia Sousa (2022) a respeito das utopias, que precisariam colocar em cena novas metáforas, num pensamento poético que produza um fazer político, conforme discutimos no capítulo 4. Retomo aqui as já abordadas metáforas de “esforços de paz, e não de guerra” para enfrentar os desafios da pandemia, bem como a da gentileza como força da ação coletiva, mencionadas por porta vozes da Fiocruz ao longo dos eventos sobre o *Conexão* e seus desdobramentos, conforme discutido no presente capítulo. A gentileza aparece em alguns materiais aqui analisados: seja em referências visuais conhecidas do Rio de Janeiro, que trazem a memória do chamado poeta gentileza, seja na menção direta do discurso, entendendo a gentileza como parte do esforço coletivo necessário para fazer

¹⁴⁶Matéria sobre o evento em: COSTA, André. Presidente da Fiocruz destaca populações negligenciadas em conferência na OMS. Portal Fiocruz, Rio de Janeiro, 24 abr. 2017. Disponível em: <https://portal.fiocruz.br/noticia/presidente-da-fiocruz-destaca-populacoes-negligenciadas-em-conferencia-na-oms> Acesso em: maio 2024

¹⁴⁷Mais sobre o evento em: AZEVEDO, Cristina. Fiocruz formaliza aliança com Programa de Doenças Tropicais da OMS. Portal Fiocruz, Rio de Janeiro, 12 ago. 2021. Disponível em: <https://portal.fiocruz.br/noticia/fiocruz-formaliza-alianca-com-programa-de-doencas-tropicais-da-oms> Acesso em: maio 2024

frente ao desafio da Covid-19, especialmente em relação às medidas coletivas de proteção e vacinação e a junção de diferentes atores sociais e esforços na construção de soluções. Sobre os esforços de paz, esta menção apareceu numa das primeiras entrevistas concedidas no contexto da pandemia pela então presidente da Fiocruz, Nísia Trindade, em maio de 2020, ao jornal Estadão, em que fez um balanço sobre as ações realizadas pela Fiocruz. Quando perguntada se o papel histórico da instituição era um motivador para que a OMS designasse à Fiocruz novas responsabilidades no contexto da Covid-19, afirmou Nísia que a Fiocruz “é responsável pela criação de um pensamento integrado na pandemia, de juntar todas as peças de todos os trabalhos. Isso não é um esforço de guerra, é um grande esforço de paz” (Jansen, 2020). A ideia aparece então associada novamente, assim como o tema da gentileza, a uma junção de esforços coletivos em direção à paz, em oposição à linguagem inapropriada e agressiva adotada pelo presidente da república e seus representantes durante a pandemia, como a inacreditável e ilustrativa declaração “Não sou coveiro” (Gomes, 2020), proferida por Bolsonaro quando questionado a respeito do enorme número de mortos na pandemia. O uso dessas novas metáforas de gentileza e paz para falar do trabalho realizado me parece indexar o contexto macro, em uma forma de crítica à abordagem do governo federal em exercício. Segundo Hur (2021), a estratégia adotada por esse governo baseava-se em uma retórica militarista, para a criação de um inimigo:

[...] “é uma guerra”, “intervenção”, “inimigo” e “orçamento de guerra” são alguns dos termos utilizados. Adiciona-se que vinte e um militares assumiram cargos estratégicos no Ministério de Saúde, sendo que a maioria não possui formação e conhecimentos técnicos em saúde, tal como o ministro interino, o General Eduardo Pazuello¹⁵⁰ [...] Bolsonaro continuou a operar com a estratégia da criação de inimigos, tão utilizada em sua campanha eleitoral (Hur & Sandoval, 2020). Mas a diferença é que agora os inimigos não são apenas a esquerda política e demais minorias sociais. Os alvos se tornaram cambiantes e generalizados. Estrategicamente colocou como inimigos órgãos internacionais, cientistas, governadores e todos que seguem as normas disciplinares científicas para evitar o contágio da Covid-19. Agora são eles que representam o status quo e que “impedem” a população de trabalhar e levar a vida na rotina instituída” (Hur, 2021, p. 557)

Para o cientista social Marcos Nobre, trata-se de um governo de guerra que aposta na estratégia do caos¹⁵¹, pois ao se posicionar como um *outsider* honesto, incorruptível e antissistêmico, Bolsonaro busca confundir a opinião pública, causando

¹⁵⁰Em evento dentro da Fiocruz em agosto de 2020, o então ministro Pazuello usou insistentemente metáforas de guerra para se referir ao enfrentamento da pandemia, enquanto recomendava o uso de medicamentos sem quaisquer comprovações científicas para tratamento da Covid (Sabóia, 2020).

¹⁵¹ Este é o foco da publicação “Ponto Final: A guerra de Bolsonaro contra a democracia”, do cientista social Marcos Nobre (Vares, 2021; PUC Minas, 2021).

intencionalmente uma sensação de desgoverno, de caos político, fidelizando seu eleitorado e promovendo ataques às instituições democráticas “que ele define como parte do sistema político que deseja derrubar” (Vares, 2021, p. 53).¹⁵² Assim, ao apostar em um discurso de paz e gentileza, a Fiocruz realiza pela linguagem uma ação que tem por efeito marcar o posicionamento desta instituição, alinhando-se de forma crítica a um discurso caracterizado pelo desprezo e desrespeito do então presidente Jair Bolsonaro, sem entrar em um embate claro com o governo federal em exercício, dado ser a Fiocruz uma instituição federal. Ainda que se entendendo como uma instituição de Estado, que está para além de voluntarismos de governos específicos, notamos que os porta vozes ligados à presidência da Fiocruz não foram fortemente incisivos em críticas diretas ao governo federal, o que outros porta vozes, também ligados à Fiocruz, mas não em cargos de gestão, conseguiram fazer ao longo dos discursos aqui analisados, como Fernando Bozza e Margareth Dalcolmo. Talvez a frequente presença de Dalcolmo nas mídias neste período represente, além da grande habilidade e do reconhecimento público conquistado pela pesquisadora, parte de uma estratégia que possibilitou um discurso crítico vindo de uma representante da Fiocruz com menores restrições a respeito do que poderia ou não ser dito, características de um discurso institucional.

Além desse contraponto ao discurso do governo federal, a menção aos “esforços de paz” parece parte de uma construção narrativa que busca desvincular os territórios vulnerabilizados de um contexto de violência, conforme fala de Valcler no abertura da 2ª dose de vacinação da Maré, que reproduzo aqui novamente: *“a gente sempre fala de guerra. As últimas vezes que eu vim aqui na Maré foi pra falar de tiroteio, foi pra ver problemas de crianças mortas por violência, quer dizer, a gente sempre acaba vindo aqui pra esses territórios pra falar disso. Esse esforço aqui não é esforço de guerra. É um esforço de paz”*. Assim, vemos que essas novas metáforas buscam também ressignificar e trazer efeitos diferentes para a presença das instituições atuando junto aos territórios – a meta é a conquista a direitos básicos e a construção de utopias, em uma não aceitação ou naturalização de uma realidade de violência e combate, rumo a uma cultura de paz. Como afirma a pesquisadora Maria da Glória Gohn, “se antes a paz era um contraponto à guerra, hoje ela é almejada como necessidade ao cidadão-cidadã

¹⁵² Algumas matérias referentes a esse uso de linguagem: ESTAMOS em um esforço de guerra, diz Pazuello sobre combate a pandemia de Covid. G1, Rio de Janeiro, 2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/video/estamos-em-um-esforco-de-guerra-diz-pazuello-sobre-combate-a-pandemia-de-covid-8764507.ghtml>. Acesso em: maio, 2024; (Dolzan, 2020); e (Brasil, 2020).

comum, em seu cotidiano” (Gohn, 2004, p. 145). Entendo que essas construções narrativas possuem uma memória, se articulam, ainda, a projetos de futuro, e devem ser consideradas em sua contribuição para a construção do que o projeto *Conexão* foi e dos desdobramentos que possibilitou.

6.3 Formatos institucionais em atualização: fazer *com* e não *para*, co-criação e ciência cidadã

Nesta seção, pretendemos refletir sobre as transformações em discursos e práticas institucionais que se desdobraram do projeto *Conexão*, e que representam uma forma atualizada de atuar junto aos territórios vulnerabilizados ou negligenciados da sociedade, representando, portanto, um impacto na memória institucional e coletiva a respeito da Fiocruz. Uma fala recorrente nos discursos sobre o projeto *Conexão* e seus desdobramentos foi a da importância da co-criação de ações, do fazer coletivo, de um “fazer com, e não para”, destacando a centralidade e o protagonismo dos participantes dos territórios em torno dos quais a Fiocruz se localiza. Aqui observamos outra mudança na linguagem no discurso de alguns participantes ao longo do desenvolvimento do projeto. É comum no discurso institucional da Fiocruz a referência aos territórios de Maré e Manguinhos como o “entorno” da instituição. Já a atualização desse discurso, incorporada por porta-vozes do *Conexão*, coloca o território como o centro, por ser o local em que as pessoas vivem e, portanto, é a Fiocruz que está no entorno das favelas do território. A mudança se aplica inclusive ao modelo de gestão compartilhada que foi criado para o *Conexão*, que coloca o território no centro, circundado pelos demais agentes governamentais e sociais, como vimos anteriormente neste estudo. Essas referências discursivas e criações de modelos parecem fazer alusão a um contexto de críticas a respeito de ações junto aos territórios vulnerabilizados ou negligenciados que são realizadas de forma verticalizada, em que as instituições, políticos e cientistas se colocam como provedores de ações e soluções que chegariam como uma dádiva para os territórios, e não como uma conquista construída coletivamente.

Em artigo que reflete sobre a participação social por meio de movimentos sociais e das Ongs, a pesquisadora Maria da Glória Gohn, referência em estudos sobre movimentos sociais, os caracteriza como “ações sociais coletivas de caráter sociopolítico e cultural que viabilizam distintas formas da população se organizar e expressar suas demandas” (Gohn, 2004, p. 141). Segundo a autora, essas forças sociais organizadas desenvolvem atividades que

[...] são fontes geradoras de criatividade e inovações socioculturais. A experiência da que eles são portadores não advém de forças congeladas do passado, embora este tenha importância crucial ao criar uma memória que, quando resgatada, dá sentido às lutas do presente. A experiência se recria cotidianamente, na adversidade de situações que enfrentam [...] os movimentos são o coração, o pulsar da sociedade. Eles expressam energias de resistência ao velho que os oprime ou de construção do novo que os liberta. Energias sociais antes dispersas são canalizadas e potencializadas por meio de suas práticas em “fazeres propositivos” [...] Atuando em redes, constroem ações coletivas que agem como resistência à exclusão e lutam pela inclusão social. Eles constituem e desenvolvem o chamado ‘empowerment’ de atores da sociedade civil organizada à medida que criam sujeitos sociais para essa atuação em rede (Gohn, 2004, p. 141).

Refletindo sobre a conformação dos movimentos sociais a partir dos anos 2000, Gohn afirma que as formas atuais de associativismo não entendem sua autonomia como “ser contra tudo e todos, estar isolado ou de costas para o Estado, atuando à margem do instituído”, como alguns movimentos nos anos 1970 e 1980, oriundos de um contexto de oposição ao regime militar. Naquele momento, esses movimentos contribuíram com suas demandas e pressões para a conquista de novos direitos sociais via Constituição, com um discurso da participação popular como necessidade e componente da democracia, formando uma cultura de cidadania num país “de tradição centralizadora, autoritária, patrimonialista e clientelística” (Gohn, 2004, p. 147). Atualmente, a tônica dos movimentos seria a de planejar estrategicamente projetos que pensem os interesses coletivos dos grupos envolvidos com autodeterminação, tendo pessoal capacitado para que representem essas demandas em negociações, fóruns de debates e nas parcerias necessárias para impacto nas políticas públicas (Gohn, 2004, p. 142). Os associativismos hoje não partem necessariamente de núcleos militantes que se dedicam a uma causa, podendo atender ao apelo de alguma entidade fundada em objetivos humanitários, como organizações internacionais, nacionais ou locais. Segundo a autora, esse tipo de associação:

[...] não demanda dos indivíduos obrigações e deveres permanentes para com uma organização. E a mobilização se efetua independentemente de laços anteriores de pertencimento, o que não ocorre com o associativismo de militância político-ideológica. Em suma, o novo associativismo é mais propositivo, operativo e menos reivindicativo, produz menos mobilizações ou grandes manifestações, é mais estratégico. O conceito básico que dá fundamento às ações desse novo associativismo é o de ‘participação cidadã’ (Gohn, 2004, p. 143).

Gohn afirma que na participação cidadã a sociedade civil organizada é vista como parceira, e há uma ampliação do conceito de cidadania, em uma compreensão de universalização de direitos sociais. Nesta direção, também a socióloga e referência em

estudos urbanos Lícia Valladares afirma que a participação das Ongs e de suas pesquisas sobre as favelas colaboram para “aproximar as noções de exclusão social e de cidadania parcial ou incompleta” (Valladares, 2005, p. 143). Nesta interação entre Estado, movimentos sociais e Ongs, há uma alteração na tradição de distanciamento da esfera do Estado em que as decisões são tomadas e os locais onde ocorre a participação da população: a definição de prioridades em políticas públicas passa a ser antecedida por um debate público. Nesta linha, afirma Gohn (2004) que:

A chamada “comunidade” é tratada como um sujeito ativo e não como coadjuvante de programas definidos de cima para baixo. A participação passa a ser concebida como uma intervenção social periódica e planejada, ao longo de todo circuito de formulação e implementação de uma política pública. (Gohn, 2004, p. 143)

Neste contexto, considera a autora que a partir dos anos 1990 as Ongs passaram a ter mais importância que os próprios movimentos sociais, incorporadas ao chamado terceiro setor e executando parcerias com o poder público e a sociedade em áreas carentes de serviços sociais, tais como a saúde, foco deste estudo. Com variados perfis e linhas políticas-ideológicas em suas práticas, estas Ongs podem ter um perfil militante, a exemplo daqueles movimentos dos anos 1970 e 1980, ou propositivo, com lógicas instrumentais, racionais e mercadológicas. Além disso, muitos projetos sociais passam a ser patrocinados por empresas e bancos, como parte de programas de responsabilidade social ou cidadania corporativa. “As palavras de ordem destes projetos e programas passaram a ser: ser propositivo e não apenas reivindicativo, ser ativo e não apenas um passivo reivindicante.” (Gohn, 2004, p.146). Para a autora, as novas Ongs do terceiro setor não possuem, em geral, um perfil ideológico definido, falando em nome de um pluralismo, com defesa das parcerias entre o setor público e privado sem fins lucrativos, num discurso próximo de agências financeiras internacionais. Para a autora:

A atuação do Terceiro Setor tem gerado um universo contraditório de ações coletivas. De um lado, elas reforçam as políticas sociais compensatórias ao intermediarem as ações assistenciais do governo; mas, de outro lado, elas atuam em espaços associativos geradores de solidariedade e que exercem um papel educativo junto à população, aumentando sua consciência quanto aos problemas sociais e políticos da realidade. (Gohn, 2004, p. 149)

Assim, mesmo considerada essa ambiguidade na atuação do terceiro setor, Gohn conclui que “as próprias alas progressistas das Ongs afirmam, atualmente, que já não bastam princípios gerais e boas análises da sociedade. São necessárias boas análises para armar estratégias políticas viáveis segundo a correlação de forças políticas presentes na conjuntura” (Gohn, 2004, p. 149).

Essa discussão nos auxilia a ampliar nossa compreensão sobre o protagonismo dos agentes dos territórios de Maré e Manguinhos nas ações do *Conexão*, que se relacionam a um passado de lutas, que se atualiza frente aos desafios e novas situações que se apresentam no presente, num processo de criação de “fazeres propositivos” num contexto de crise, a partir da articulação de redes de contatos do qual a Fiocruz faz parte. Ao analisar a experiência do *Conexão*, apontamos as diferentes posturas entre os representantes de Maré e Manguinhos na relação com os demais parceiros do projeto, especialmente aqueles do terceiro setor. É importante assinalar que o projeto *Conexão* foi realizado em territórios com histórias diversas, tendo sua condução sido realizada também por organizações do território de caracteres distintos (na Maré, uma Ong com mais de 15 anos de atuação no território, com profissionais e voluntários atuantes; em Manguinhos, um Conselho Comunitário, colegiado de organizações do referido território) e, portanto, com práticas, experiências e percepções próprias a respeito da relação com demais atores estatais e do terceiro setor. Trago novamente algumas considerações de Licia Valladares, em seu livro “A invenção da favela”, a respeito do tema da participação popular. Afirmo Valladares que nestes processos há a “coexistência de vários tipos diferentes de demanda, recusa, alianças diversas e conflitos internos, nos quais o Estado pode ser ‘amigo’ ou ‘inimigo’ em função dos interesses em jogo” (Valladares, 2005, p. 135). Valladares aborda esse “jogo complexo de negociações e trocas entre as agências do Estado, através de seus funcionários de baixo e médio escalão, e o mundo popular” (Valladares, 2005, p. 135), o que indicia a existência de diferentes memórias e interesses em jogo nesta relação entre territórios, instituições públicas e instituições do terceiro setor, conforme se caracterizou o projeto *Conexão*. Para a autora:

Falar de favela no singular tem implicações importantes, por exemplo, a adoção da homogeneidade como pressuposto, e o desinteresse pela diversidade, de tal maneira que as diferenças internas ao mundo das favelas se tornam automaticamente secundárias. Ocultam-se a diversidade, a pluralidade de formas, das relações e das situações locais [...] numa mesma denominação genérica, a palavra favela unifica situações com características muito diferentes nos planos geográfico, demográfico, urbanístico e social (Valladares, 2005, p. 152).

Acredito que o projeto *Conexão* promoveu aprendizagem a respeito desta relação entre entes da sociedade civil, instituições públicas e Estado, num processo que envolveu alinhamentos e resultados diferentes entre os territórios em que foi executado. Assim, também as atualizações de práticas que se deram a partir da experiência com o *Conexão*

se realizam de formas diferentes entre as instituições e territórios participantes, de acordo com suas trajetórias, interesses e questões a respeito desta nova forma de atuação, em parceria com diferentes setores da sociedade para ações de saúde pública. Exploramos na seção 2.3 do capítulo 2 que a participação destes novos atores em ações de saúde pública mesmo na Fiocruz não é ponto pacífico; na discussão a respeito do afeto da desconfiança e do medo nas relações com o terceiro setor, analisamos, na seção 5.3 do capítulo anterior, um possível elemento para explicar a diferença entre os números da ação do *Conexão* entre Maré e Manguinhos; e vimos também, na análise de discursos dos capítulos 5 e 6, que essa experiência parece ter significado um aprendizado relevante especialmente para os atores da Fiocruz que, em seus relatos pessoais, reforçaram o impacto da iniciativa nas suas trajetórias pessoais e na forma de conceber o papel da instituição e da ciência, num “fazer com” que efetivamente envolva a participação e os interesses do coletivo para os quais as ações institucionais devem ser direcionadas.

Para aprofundar a reflexão a respeito de uma de nossas questões de pesquisa, que busca compreender como a atuação da Fiocruz se inseriu nessa articulação de diferentes atores sociais para a criação de uma iniciativa inovadora, trazemos aqui o entendimento desta instituição sobre o que seria um projeto efetivamente participativo e emancipatório, a partir do documento em que apresenta o “Programa Institucional de Territórios Saudáveis e Sustentáveis da Fiocruz”. O documento afirma que uma agenda de ação nos territórios:

[...] precisa atentar à demanda concreta e imediata do território, expressa pelos sujeitos e pautada pelas iniquidades em sua relação com os determinantes socioambientais da saúde. Supõe identificar, articular, avaliar e interferir na realidade local visando a transformação social a partir das experiências dos movimentos sociais e das redes sociais locais, de parcerias para a gestão compartilhada de políticas públicas, possibilitando o desenvolvimento de novas tecnologias sociais, metodologias participativas e a ativação de rede de governança local. Deve permitir o desenvolvimento das condições de atualização de um projeto de emancipação por meio da inovação, embasada no estímulo ao desenvolvimento de sujeitos/gestores autônomos e críticos. É comum o descrédito da população em relação a projetos, decorrentes da interrupção de iniciativas anteriores semelhantes. Estes insucessos em geral estão vinculados a conceitos e práticas que, mesmo pretendendo-se transformadoras, acabam por adotar a postura colonizadora do pensamento moderno tradicional, propondo e produzindo hierarquias universalistas que não dialogam, não compreendem e não transformam o território e suas práticas. (Fiocruz, 2019, p. 23)

Entretanto, esse modelo horizontal e emancipatório certamente é um processo em construção. Em estudo histórico em que discute as condições de possibilidade da participação social no território de Manguinhos entre os anos de 1993 e 2011, o

historiador André Lima (2017) aborda uma série de níveis para discutir as diferentes formas de participação social, conforme descritos na literatura científica. Lima apresenta autores que definem tipologias de projetos públicos enquadradas de acordo com a intensidade ou forma de participação. Algumas categorizações possíveis são as de manipulação, terapia, informação, consulta, pacificação, parceria, delegação de poderes e controle dos cidadãos; as iniciais referindo-se a processos em que a participação não acontece de fato, apesar da presença dos indivíduos, seguidas daquelas que representam processos nos quais deliberações e reivindicações dos participantes não produziriam mudanças efetivas, chegando até aqueles em que os participantes poderiam verdadeiramente modificar e adequar projetos aos seus interesses e necessidades (Arnstein apud Lima 2017). Outros autores propõem a categorização das participações no campo da saúde como beneficiária, de promoção da saúde, participação comunitária ou a participação cidadã, que se iniciam naquelas em que indivíduos são apenas considerados alvos de consultas ou campanhas para a erradicação de doenças, passando por ações que tem apoio da população ou envolvem a organização dos grupos e das comunidades para serem agentes ativos de desenvolvimento, até chegar aos projetos que reconhecem os indivíduos enquanto usuários e cidadãos, implementando mecanismos de participação ampliados (Celédon; Noé apud Lima, 2017). Ao considerar essas diferentes categorizações e dimensões da participação social, afirma Lima que “em determinados contextos, as formas de participação se mesclam, interagem, disputam, não havendo uma linearidade evolutiva que culminaria nas recentes experiências dos conselhos de políticas públicas” (Lima, 2017, p. 27). Após a revisão do pensamento de uma série de autores que problematizam a relação do Estado brasileiro com os territórios, Lima conclui que esta relação é:

[...] marcada por ações públicas descontinuadas, provisórias, sobrepostas com outras ações e mediadas por relações de clientela. Aliás, a perspectiva de relacionamentos políticos baseados na lógica da dádiva acrescidos da pouca delimitação das esferas pública e privada, e de um baixo capital participativo constituiriam parte deste cenário. (Lima, 2017, p. 256)

As relações da Fiocruz com a população de Manguinhos também são foco do estudo de Lima (2017). Analisando uma primeira iniciativa considerada estruturante nessa direção, o Projeto Universidade Aberta (UA), do ano de 1993, afirma que esta tinha a prerrogativa de aproximação com a população de Manguinhos; entretanto, a “perspectiva vertical de intervenção ficou muito bem delineada pelo uso do termo ‘aculturação’ pela coordenação do projeto para se referir ao possível ‘diálogo’ entre a

equipe do Projeto e as favelas”. (Lima, 2017, p.264) Em seu estudo, Lima aborda outras iniciativas desta instituição junto às favelas de Manguinhos entre os anos de 1993 e 2003 e conclui que:

[...] a maior parte das pautas elencadas na esfera pública no período, como as reivindicações por saneamento, habitação e atendimento médico, se conformavam com a colaboração de pelo menos algum setor da Fiocruz em suas formulações. Neste caso, salienta-se a linha tênue entre a consultoria/parceria, fomento e a tutela. O que se identificou foi que, em determinados momentos, a Fiocruz foi decisiva para ativação de processos emancipadores e reivindicatórios na esfera pública, e em outros, atuou verticalmente e incorporou uma participação popular de perspectiva meramente validadora (Lima, 2017, p. 266).

Acredito que o *Conexão Saúde* seja uma experiência que conforma um aprendizado relevante para uma relação horizontal nesta longa trajetória entre a Fiocruz e os territórios vulnerabilizados ou negligenciados com os quais se relaciona. A análise dos discursos a respeito do projeto evidencia que os representantes da instituição estiveram frequentemente presentes no território, discutindo e estabelecendo coletivamente estratégias e mudanças de rotas necessárias ao longo do desenvolvimento do projeto, respondendo às necessidades apresentadas pelos membros do próprio território. Assim, a expectativa de Luna, representante da Maré, de que a experiência serviria de oportunidade para que as instituições envolvidas ampliassem seu entendimento sobre as regiões da Maré e de Manguinhos, conforme vimos na análise de um de seus discursos, parece ter se confirmado. Essa co-construção permitiu que este projeto inicial de testagem, assistência para isolamento seguro, telemedicina e comunicação possibilitasse a geração de dados e a proposição de pesquisas científicas que garantiram a priorização deste território no calendário de vacinação municipal, bem como outras pesquisas derivadas desta ação.¹⁵³ E isso se deu com protagonismo e engajamento dos agentes dos territórios na proposição e execução de suas atividades, e do engajamento geral do território com o mesmo, especialmente na experiência da Maré.

¹⁵³Outros estudos realizados ou em andamento dizem respeito à efetividade da vacina Astrazeneca Fiocruz e novas variantes na redução de infecção por Covid-19 na Maré, a partir do monitoramento dos vacinados na campanha Vacina Maré; estudos de coorte com famílias da Maré, no qual moradores são monitorados para avaliar a proporção de infectados entre vacinados e não vacinados, com equipe de campo formada majoritariamente por moradores da Maré e levantamento de informações sobre a saúde de parte da população da Maré (cruzamento com outras doenças, comorbidades, saúde mental e perfil de uso de serviços de atenção primária, entre outras); e um estudo sobre as consequências pós Covid (Covid Longa), que avalia possíveis consequências físicas e de saúde mental de pessoas que desenvolveram a doença. Além disso, estão em andamento reflexões sobre as possibilidades de atuação em outros problemas de saúde do território, como o da qualidade do ar e problemas respiratórios. Mais informações sobre o tema em: <https://www.vacinamare.org.br/#estudose> <https://www.redesdamare.org.br/br/info/86/respira-mare>
Acesso em: fevereiro/2024

Entendo que este processo reflete a confiança depositada na Fiocruz e na instituição do território responsável por sua execução, a Redes da Maré, que conta com muitos colaboradores do próprio território em seus quadros, além de longa trajetória de atuação local. Como afirmam Lima e Fernandes (2020), em publicação sobre as vulnerabilidades sociais e a auto-organização em Manguinhos no período da pandemia de Covid-19:

A despeito de todo histórico de estigmas, estereótipos e de muitas políticas públicas configuradas num formato clientelístico e/ou tutelador, os moradores das favelas cariocas têm demonstrado, diante dos cenários de supressão de direitos, uma capacidade organizacional importante. A resiliência, tal como apreendida por organismos internacionais, há tempos se configura como fenômeno presente nesses territórios, manifestada em ações de solidariedade, reivindicação e organização sócio-política, além de um vasto cabedal de ações de geração de renda (Lima; Fernandes, 2020, p. 292)

No projeto *Conexão*, essa capacidade de mobilização, organização e resiliência ficou muito evidente no protagonismo dos entes do território em acionarem as redes adequadas para proposição e realização de um projeto com relevante impacto social, mesmo num contexto de crise como o da pandemia de Covid-19. Além disso, as relações próximas com a Fundação Oswaldo Cruz no período representam um legado e a construção de um projeto de futuro de mais direitos para o território que segue em curso. Simbólica e concretamente, ficou deste período, por exemplo, a mudança no nome do campus sede da Fiocruz no Rio de Janeiro, para Campus Manguinhos-Maré, com a adição deste último território, como já abordado neste estudo.

Na medida em que concebo a linguagem como ação, e não mera representação do mundo pré-existente, longe de indicar apenas uma localização territorial, esta decisão de mudança de nomenclatura do campus configura uma afirmação de ligação afetiva e política com esse território, que vincula a instituição às questões e ao destino deste ponto vulnerabilizado ou negligenciado da cidade. E essa mudança se reflete na própria concepção dos planos de requalificação deste espaço mais próximo à Maré do campus Manguinhos-Maré, que preveem maior integração e diálogo com o território. Esses planos foram apresentados por Valcler Rangel durante o “Seminário Vacina Maré: Olhares sobre a Covid”, como desdobramentos da aproximação da instituição com os territórios durante a pandemia. A requalificação do *campus* envolve uma perspectiva de desenvolvimento territorial, pensando estratégias de co-participação em ações na Maré voltadas para a redução de desigualdades e promoção social, de forma integrada a outras ações em desenvolvimento pela Fiocruz. Outro desdobramento importante desta nova relação entre agentes do território e instituições públicas é a criação de um laboratório, uma parceria entre Fiocruz, Redes da Maré, Universidade Federal do Rio de Janeiro

(UFRJ) e Pontifícia Universidade Católica (PUC-Rio). O “CoLabMaré: Laboratório Colaborativo para a Construção de Territórios Urbanos Sustentáveis e Saudáveis” tem por objetivo ser um centro de inovação tecnológica que possibilite a construção de respostas rápidas e locais para a contenção de novas crises sanitárias, bem como a geração de um ecossistema local que enseje a melhoria da qualidade de vida das populações, envolvendo “pesquisa e tecnologia, formação continuada e qualificação profissional, metodologias participativas, articulação com redes públicas e privadas e formulação de políticas públicas”. Integra, ainda, a rede internacional *Knowledge For People Alliances (K4P Alliances)*, que estimula a colaboração institucional para a concretização dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (Agenda 2030 da ONU). Segundo Fernando Bozza, porta voz do *Conexão* que também atua neste novo projeto, é preciso pensar em uma outra maneira de fazer ciência, dado que a forma linear e tradicional já não atenderia às urgências atuais. Assim, essa atualização envolve “um outro ritmo que hoje não é mais essa zona de conforto do cientista”. Bozza abraça novamente a questão do *fazer com* o morador da Maré, ao afirmar que o projeto envolverá uma “agenda que vai ser decidida coletivamente. Lógico, usando metodologias, mas novas metodologias”. O pesquisador afirma, por fim, que “o impacto de mudar o futuro é o nosso compromisso com o projeto do ColabMaré”. Assim, o projeto de futuro da Maré vocalizado por Luna Arouca, que afirmou, em um dos discursos aqui analisados, desejar que a Fiocruz “*todos os dias lá com a gente*”, parece se realizar com a criação de um laboratório na Maré.¹⁵⁴

Assim, a proposta dessa forma de atuação conjunta um “laboratório” configura um outro legado do período. Além das ações do *Conexão* e seus desdobramentos poderem ser caracterizadas como uma ação intersetorial em saúde que, como já discutido neste trabalho, prevê a possibilidade de resolver problemas onde eles se manifestam, em territórios e com populações específicas, em uma visão que integra problemas e direitos sociais, com maior protagonismo do cidadão (Junqueira, 2004), o funcionamento do *Conexão* e as pesquisas científicas dele derivadas trazem elementos novos para o próprio fazer científico, se aproximando dos princípios da chamada ciência cidadã. Esta é

¹⁵⁴ Mais informações em: BRUCE, Julia. Encontro Pesquisa Vacina Maré: a população mareense no centro da saúde pública. Redes da Maré, Rio de Janeiro, set. 2023. Disponível em: <https://www.redesdamare.org.br/en/noticia/109/encontro-pesquisa-vacina-mare-a-populacao-mareense-no-centro-da-saude-publica> e OLIVEIRA, Samara. ‘Vacina Maré’ celebra incidência, conquistas e planeja o futuro. Maré Online, Rio de Janeiro, 30 set. 2023. Disponível em: <https://mareonline.com.br/vacina-mare-celebra-incidencia-conquistas-e-planeja-o-futuro/?amp=1> Acesso em: maio 2024

discutida no âmbito do movimento pela ciência aberta, que se configura em um conjunto de abordagens e iniciativas que procuram reposicionar as relações entre ciência, tecnologia e sociedade para além do campo científico *stricto sensu*, reconhecendo o amplo espectro de atores e espaços de produção de conhecimento relevantes ao avanço da ciência. Neste cenário, a ciência cidadã se refere a ações que estimulam a participação de não cientistas na ciência, com a expectativa de melhorar a qualidade dos resultados e reduzir custos da pesquisa, além de ampliar o engajamento público na ciência. (Albagli; Rocha, 2021) Segundo Albagli (2015), a ciência cidadã se desenvolve, em geral, em duas grandes vertentes: a primeira, pragmática, focada na contribuição de não cientistas na provisão e análise de dados para iniciativas e projetos de pesquisa desenvolvidos por cientistas profissionais, com abordagens *top-down*; já a segunda, de perspectiva democrática, é movida por abordagens e metodologias participativas que ampliam o papel do cidadão, especialmente de grupos sociais mais vulneráveis, que atuam na definição de agendas de pesquisa e na apropriação e mobilização de seus resultados para agendas de interesse social, em maior porosidade e interlocução da ciência com outros tipos de saberes, em abordagens mais *bottom-up*. (Albagli, 2015) Nesta segunda dimensão, que se aplica a nossa discussão no presente trabalho, a ciência cidadã preconiza o protagonismo de não cientistas na formulação de questões, hipóteses e análises, de modo a contribuir para novas abordagens e culturas participativas no fazer científico, bem como para influenciar e subsidiar a tomada de decisão e a formulação de políticas públicas científica e socialmente embasadas. A ciência cidadã serve, portanto, como mecanismo de ampliação da visibilidade e do protagonismo cidadão, sendo também instrumento de cobrança e proposição de políticas públicas e intervenções no território (Albagli; Rocha, 2021). Assim,

[...] a própria noção de cidadania é ressignificada. O mote da participação social cede espaço para a ideia de coprodução de conhecimentos, advogando por relações mais horizontais entre os atores do conhecimento e suas distintas bases epistêmicas, valorizando a fertilidade de suas mútuas afecções (Albagli; Rocha, 2021, p. 494).

Alguns autores, entre eles o próprio Fernando Bozza, se refere a esse movimento como engajamento comunitário ou público com a ciência (Batista-da-Silva et al, 2023) . No engajamento público, as “atividades de participação pública são usualmente dirigidas visando à democratização da ciência, mas muitas delas podem ter um caráter bem politizado de tirar o controle da ciência das mãos dos cientistas e políticos da elite e colocá-los nas mãos de setores do público, aumentando o empoderamento deste último”.

(Massarani, 2012, p. 6) No “Guia de Engajamento Público com a Ciência” produzido pelo Centro de Integração de Dados e Conhecimentos para a Saúde (CIDACS) da Fiocruz, o engajamento público em pesquisas da área de saúde é descrito como:

[...] um movimento que busca conectar cientistas e diversos grupos sociais para a troca de experiências relevantes para a construção do conhecimento e tomada de decisões. A literatura científica aponta cinco níveis com objetivos específicos para a participação social que podem ser explorados: informar, consultar, envolver, colaborar e empoderar (Cidacs Fiocruz, 2023, p. 10).

As análises aqui realizadas evidenciaram que o projeto *Conexão* e seus desdobramentos trouxeram um aprendizado desta institucionalidade transformada, com maior participação efetiva do cidadão interessado em ver os problemas de seu território resolvidos. Como analisado neste estudo, o projeto original se desenvolveu a partir de uma demanda específica de moradores e possibilitou desdobramentos de caráter científico e com impacto social para os territórios. Assim, o protagonismo foi daqueles que sabiam o que precisavam no momento de crise pandêmica, e que concretizaram suas expectativas em um projeto inovador, envolvendo múltiplos agentes sociais. Os resultados da intervenção proposta pelo *Conexão* foram publicados em artigo que relata que essa intervenção integrada, envolvendo comunicação, vigilância, telemedicina e engajamento comunitário, reduziu a mortalidade por COVID-19 e aumentou a detecção de casos na Maré, demonstrando que o investimento em intervenções comunitárias poderia reduzir a mortalidade e melhorar o controle da pandemia em comunidades pobres de países de baixo e médio rendimento (Batista-da-Silva et al, 2023).

Acredito que as transformações nas relações entre Fiocruz e agentes dos territórios vulnerabilizados também ficam evidentes ao observarmos uma mudança no modelo dos eventos realizados a partir dessas parcerias. Trago aqui dois exemplos recentes para ancorar essa afirmativa. O primeiro, **“54 x favela: parcerias em defesa da vida”**¹⁵⁶, realizado em 01 de julho de 2022, teve por objetivo apresentar os resultados da Chamada Pública “Ações Emergenciais de Enfrentamento à Covid-19 em Favelas do Rio de Janeiro”, promovido pela Fiocruz, já mencionado neste estudo. Neste evento¹⁵⁷ notamos um formato diferente do costumeiramente praticado pela Fiocruz, como observado inclusive nos eventos analisados anteriormente no *corpus* aqui selecionado.

¹⁵⁶ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=wBij2gA1NK8> Acesso em: maio 2024.

¹⁵⁷ Mais detalhes sobre o evento em: ESTRADA, Camile Duque. Evento '54 x favela' apresenta resultados de projetos apoiados pela Fiocruz. Portal Fiocruz, Rio de Janeiro, 1 jul. 2022. Disponível em: <https://portal.fiocruz.br/noticia/evento-54-x-favela-apresenta-resultados-de-projetos-apoiados-pela-fiocruz> Acesso em: maio 2024

De início, a mestre de cerimônias foi uma jovem artista do Complexo do Chapadão, território de favela do Rio de Janeiro, que propôs um enquadre informal e conversacional para uma mesa de abertura ainda tradicional, mas utilizando linguagens e referências à cultura da favela. Zuleide ainda proferiu poesia de sua autoria, utilizada na epígrafe da presente tese.

Em seguida, foi aberta uma “tribuna livre” para manifestações, mediada por Valcler Rangel, um formato também pouco comum, mesmo em uma instituição aberta a discussões democráticas como a Fiocruz, a exemplo de como funciona seu Congresso Interno, como apresentamos no capítulo 2. A parte da tarde do evento foi realizada no território do Morro da Providência, quando um ônibus¹⁵⁸ saiu da Fiocruz para levar os participantes para esta atividade. A presença no território nos parece também uma marca da atuação no *Conexão* e que pode ter gerado reflexos também na forma de planejar e realizar as atividades em conjunto com as organizações dos territórios. Este também foi o formato escolhido para o segundo evento que brevemente comento aqui, o “**Favela Produz Saúde**”¹⁵⁹, realizado em 20 de dezembro de 2023, com todas as suas atividades acontecendo na quadra da Mangueira, onde foi lançada a nova chamada pública para ações nas favelas do Rio de Janeiro.

¹⁵⁸ Informação disponível em: VAZ, Carolina. CEASM presente no evento 54x Favela da Fiocruz. : Jornal O Cidadão, Rio de Janeiro. Disponível em: <https://jornalocidadao.net/ceasm-presente-no-evento-54x-favela-da-fiocruz/> Acesso em: maio 2024.

¹⁵⁹ Matérias sobre o evento em: SODRÉ, Leonardo. Fiocruz lança chamada pública voltada a organizações sociais. Portal Fiocruz, Rio de Janeiro, 18 dez. 2023. Disponível em: <https://portal.fiocruz.br/noticia/fiocruz-lanca-chamada-publica-voltada-organizacoes-sociais> e BLOWER, Ana Paula. Fiocruz lança primeiro edital no Brasil focado em saúde integral nas favelas. Portal Fiocruz, Rio de Janeiro, 21 dez. 2023. Disponível em: <https://portal.fiocruz.br/noticia/fiocruz-lanca-primeiro-edital-no-brasil-focado-em-saude-integral-nas-favelas> Acesso em: maio 2023.



Favela produz saúde!

Um encontro para construir, reconhecer,
celebrar, premiar e ecoar o potencial
das favelas do Rio de Janeiro.

20 DE DEZEMBRO . QUADRA DA MANGUEIRA . RJ
14h às 18h



Imagem 44: Cartaz de divulgação do evento “Favela Produz Saúde!”

Assim, no cartaz acima a afirmação de que a “Favela produz saúde!” alude ao protagonismo na proposição de soluções para o tema da saúde nos territórios. Vemos também a duplicação dos projetos, que no evento anterior eram “54x favela”, sendo agora “90x favela”, com novos projetos apoiados como parte do plano integrado de saúde nas favelas do Rio de Janeiro, em uma ação que se prolonga para além do período da Covid-19, ilustrando os projetos de futuro em construção nesses territórios em parceria com a Fiocruz, entre outras instituições. Merece destaque também a mudança no nome do projeto, de “Plano de enfrentamento de Covid nas favelas” para “Plano integrado de saúde nas favelas”, o que aponta para os projetos colaborativos que se desejam ver realizados, de conquistas de direitos básicos de saúde, para além do enfrentamento da Covid e seus efeitos. Neste evento, estiveram presentes o novo presidente da Fiocruz, Mário Moreira, substituto de Nísia Trindade, que deixou a presidência da Fiocruz para assumir o cargo de Ministra da Saúde. Também esteve presente o agora Assessor Especial para Territórios do Ministério da Saúde, Valcler Rangel.



Imagem 45: Valcler durante o evento “Favela Produz Saúde”. Foto divulgação Fiocruz.

Do início do projeto *Conexão*, que fora organizado como uma *live* intitulada bate papo, segundo o enquadre institucional para esse tipo de gênero discursivo, com apresentações, mediação, perguntas e respostas, chegamos em eventos que são mediados por representantes dos territórios, com linguagens e simbolismos próprios, com disponibilização de tribuna livre para manifestações, além de eventos realizados parcial ou totalmente nos territórios de favelas. A presença física das diferentes instituições e seus representantes nos territórios de favelas pode parecer, em um primeiro momento, um desdobramento natural das parcerias destes com outros atores políticos e sociais, mas destacamos aqui que, em período próximo, em 2023, a visita do então ministro de Estado Flávio Dino ao território da Maré, a convite da Ong Redes da Maré, ensejou a produção de notícias falsas relativas à sua associação com o crime organizado no território, provocando inclusive sua convocação à Comissão de Constituição e Justiça para prestar esclarecimentos sobre o caso ¹⁶⁰. O mesmo tipo de associação inconsequente e inconsistente já acontecera com o presidente Lula, então candidato, em visita ao

¹⁶⁰ Reportagens e notas sobre o tema: FANTTI, Bruna. 'Por que a visita de um ministro à favela incomoda?', questiona presidente de ONG da Maré. Folha de São Paulo, São Paulo, 30 mar. 2023. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2023/03/por-que-a-visita-de-um-ministro-a-favela-incomoda-questiona-presidente-de-ong-da-mare.shtml>. Acesso em: maio 2024; Nota da Redes da Maré: QUEM tem medo da presença do estado nas favelas?. Redes da Maré, Rio de Janeiro, 16 mar. 2023. Disponível em: <https://www.redesdamare.org.br/br/artigo/295/quem-tem-medo-da-presenca-do-estado-nas-favelas>. Acesso em: maio 2024.; NEIVA, Lucas. Ong que recebeu Dino na Maré buscava aprimorar segurança local. UOL/Congresso em foco, Brasília, 9 abr. 2023. Disponível em: <https://congressoemfoco.uol.com.br/area/governo/flavio-dino-foi-a-mare-para-ajudar-a-combater-o-crime-diz-ong-que-o-recebeu/> Acesso em: maio 2024.

Complexo do Alemão em 2022¹⁶¹. Esses episódios demonstram a importância da presença das instituições e demais entes políticos e sociais nos territórios vulnerabilizados, de maneira a reconhecer suas realizações e dissociá-los de uma visão que os vincula unicamente à violência, como espaços tomados pelo crime organizado. O reconhecimento de que os representantes desses territórios promovem e produzem ações socialmente relevantes, de que são dignos de direitos e de exercerem sua cidadania plenamente é, portanto, uma utopia em construção, alimentada também pela ação, repercussão e transformação de práticas a partir do projeto *Conexão*.

Observando todas as realizações, desdobramentos e transformações a partir da análise do corpus do *Conexão* aqui apresentada, acredito que pessoas e instituições profundamente implicadas com metas de transformação social e em sintonia com a realidade, caracterizada por um cenário de crise durante a pandemia de Covid-19, mobilizaram afetos que despertaram a esperança em novos possíveis, possibilitando uma criação que representa uma inovação num sentido de um fazer coletivo diferente: não um fazer para, das instituições ou grupos políticos no poder para o grupo vulnerabilizado ou afetado pela precariedade; mas um fazer com, com a potência política de um desamparo exacerbado que não é constituinte, e sim contingente e potencialmente libertador. A ocupação de um intervalo de indeterminação pela intuição e por afetos daqueles que se permitem sonhar e esperar utopias possibilitou a construção de projetos de futuro que, ao mobilizar um passado de parcerias e confiança, atualizaram no presente o significado destas instituições e de suas relações com outros atores sociais.

Como relato da cartografia, compartilho que o entusiasmo dos participantes do projeto também me afetou e ativou em mim profunda admiração por aqueles que, mesmo na condição de um desamparo tão acentuado, são capazes de criar e atuar rumo as alterações desejadas. Passei a consumir com muito interesse a produção de atores que conheci ao longo da pesquisa, como exemplo do jovem influenciador da Maré, Raphael Vicente, entre outras pessoas, organizações e ações desenvolvidas nos territórios da Maré e de Manguinhos. Minha sensibilidade sobre o destino dos moradores destes pontos da cidade também se alterou; se antes, em momentos de conflito nesses territórios, minha preocupação centrava-se na minha segurança pessoal, por trabalhar

¹⁶¹ Na época, Lula foi alvo da *fakenews* que associava a sigla “CPX” do boné que utilizava, que é uma abreviatura de Complexo (do alemão), a uma gíria que seria utilizada por criminosos para se referir aos seus parceiros. Matéria sobre o tema: O que significa CPX, sigla no boné que Lula usou no Rio? *Estadão*, São Paulo, 13 out. 2022. Disponível em: <https://www.estadao.com.br/politica/o-que-significa-cpx-sigla-bone-lula-bolsonaro/> Acesso em: maio 2024

neste território, apenas com uma preocupação difusa a respeito dos seus moradores, agora a percepção do desamparo acentuado daqueles que ali vivem se tornou muito mais palpável, acentuando um senso de urgência e compromisso no sentido de transfigurar essa realidade, algo que me atravessou especialmente no momento final de escrita desta tese, pelo grande número de operações policiais no território da Maré, com a violação de direitos de seus moradores¹⁶². Do ponto de vista de uma profissional da Fiocruz, meu interesse, compromisso e implicação nesta realidade passa por fazer circular as reflexões que proponho no presente estudo, sobre os significados dessa experiência inovadora e transformadora, de parceria da instituição com os territórios envolvidos, e de ampliar e desdobrar esta pesquisa em outras ações que contribuam para o cumprimento da missão da Fiocruz e para a transformação de suas práticas na direção de parcerias mais horizontais junto a grupos ainda vulnerabilizados da sociedade.

¹⁶² Nota da Redes da Maré sobre o tema: OPERAÇÃO policial e violação de direitos nas favelas da Maré. Redes da Maré, Rio de Janeiro, jun. 2024. Disponível em: <https://www.redesdamare.org.br/br/artigo/178/operacao-policial-e-violacao-de-direitos-nas-favelas-da-mare#:~:text=Os%20relatos%20d%C3%A3o%20conta%20do,moradores%20das%20favelas%20da%20Mar%C3%A9>. Acesso em: junho 2024.

7 – MEMÓRIA ATUALIZADA: CONSIDERAÇÕES EM MOVIMENTO PARA FIOCRUZ, MARÉ E MANGUINHOS

“Nunca um acontecimento, um fato, um feito, um gesto de raiva ou de amor, um poema, uma tela, uma canção, um livro têm por trás de si uma única razão. Um acontecimento, um fato, um feito, uma canção, um gesto, um poema, um livro se acham sempre envolvidos em densas tramas, tocados por múltiplas razões de ser de que algumas estão mais próximas do ocorrido ou do criado, de que outras são mais visíveis enquanto razão de ser. Por isso é que a mim me interessou sempre muito mais a compreensão do processo em que e como as coisas se dão do que o produto em si” (Freire, 1992, p. 9).

Chego ao final desta tese com a sensação de ter criado um relevante território de observação, entre tantos outros possíveis, para refletir sobre o rico processo de criação de soluções e transformações sociais e institucionais iniciado com o projeto que escolhi como ponto de partida, o *Conexão Saúde*. Sendo esta a proposta de uma cartografia, de seguir pistas em um “caminhar que traça, no percurso, suas metas”, penso que, ao acompanhar as ações desenvolvidas e desdobradas do *Conexão*, estive aberta às afetações que os discursos a respeito do projeto me causaram, o que me permitiu, dentro da janela temporal possível a uma tese, estabelecer conexões diversas com o tema da memória, das instituições públicas, dos discursos, dos afetos e dos desafios e oportunidades gestados em um contexto de crise. É este mapa móvel que entrego como resultado de minha pesquisa, e que reflete meu compromisso com utopias relativas a um país com instituições públicas fortes e socialmente legitimadas para atuar na construção de uma sociedade mais justa e democrática. Neste cenário, minha implicação maior está no campo da saúde pública, e mais especificamente com a Fundação Oswaldo Cruz, instituição a qual me vinculo, que por sua vez atua no fortalecimento e na consolidação do Sistema Único de Saúde. Como “*cria* da Fiocruz”, onde nasci e cresci como profissional, parte de meus projetos de futuro é perceber a sociedade engajada na reivindicação e defesa permanente desta instituição e de seus valores, que entendo como um patrimônio da sociedade brasileira. Este estudo buscou, portanto, dar visibilidade à pluralidade e efervescência de ações e criações que proliferaram com a participação desta casa de ciência no período estudado, mesmo em um contexto de crise de múltiplas camadas. Uma crise pode ter efeitos esmagadores ou estruturantes e mobilizadores, sendo estes últimos marcas do caminho trilhado pelos participantes do *Conexão*.

O projeto aqui investigado partiu do protagonismo de atores sociais que reconheceram na Fiocruz e nos seus profissionais legítimos parceiros para a co-criação de soluções para suas reivindicações presentes e futuras, rumo a transformações sociais

para o exercício de uma cidadania plena por grupos vulnerabilizados ou negligenciados da sociedade. Ao trabalhar junto a esses grupos, colaborando para a criação de soluções em um período de crise de saúde pública, entendo que a Fiocruz atualiza sua memória institucional, demonstrando que, em mais um cenário de epidemias, segue inovando e cumprindo a importante função social para a qual foi criada. Isso justifica sua permanência no tempo e legitima a sua própria missão, auxiliando na garantia de cidadania plena e do direito à saúde, valores centrais da Fiocruz, àqueles menos privilegiados. Além disso, caminha no sentido da equidade, um dos princípios do SUS, dando mais para quem precisa mais, de forma proporcional e adequada às suas circunstâncias, reconhecendo os determinantes sociais que impactam na saúde, em ligação direta com os conceitos de igualdade e justiça social. Esse processo, refletido nos discursos analisados a respeito do projeto *Conexão*, não é um feito ordinário, e merece toda visibilidade e atenção possíveis, esforço ao qual meu trabalho de tese de doutoramento se agrega. Compartilho do entendimento que consta da recém-lançada publicação “Fiocruz é SUS”:

[...] temos o enorme desafio de ampliar os imaginários sociais sobre o lugar do SUS na vida do brasileiro – de propor soluções e inovações. É preciso ir fundo e mobilizar mentes e corações sobre o papel do sistema público de saúde na vida das pessoas. Na sua qualidade de vida. Em capilarizar em quanto o conceito ampliado de saúde representado pelo SUS significa mirar novas possibilidades de um país mais digno, justo e que protege seus cidadãos, revertendo a desigualdade perpetrada pelo racismo e pela concentração de renda (D'Oliveira, 2024, p. 9).

As reflexões teóricas do presente estudo contemplam a questão da memória coletiva e da memória institucional não apenas na sua dimensão da tradição e coesão, mas também das atualizações necessárias à manutenção do que justifica e legitima o desejo de durar das instituições: sua capacidade de se atualizar e continuar dando respostas às questões sociais para as quais foram criadas. Acredito que o projeto aqui em análise operacionaliza a dimensão de um processo instituinte da memória, do encontro de indivíduos com uma profunda vinculação e pertencimento às suas instituições, bem como com trajetórias pessoais coerentes com os objetivos do *Conexão*, que se “abraçaram”, para usar o termo adotado por uma porta-voz da ação, promovendo ações e inovações que atualizaram marcos da memória coletiva e institucional. Considero, portanto, o encontro de indivíduos específicos, com trajetórias e inserções concretas, como um dos elementos envolvidos na conjunção de forças que ajudam a explicar a relevância do *Conexão Saúde*. Por opção metodológica, acompanhei discursos públicos de porta-vozes do projeto e, portanto, não tenho a pretensão de apontar esses personagens

específicos como os mais importantes para a realização das atividades do *Conexão*, o que também seria incoerente com o fazer coletivo tão celebrado por esses mesmos porta-vozes. Certamente há uma série de outros personagens que não integram os materiais públicos por mim consultados e analisados e que podem ser também centrais em maior ou menor medida do que aqueles que aqui comparecem. Entretanto, os discursos aqui investigados apontam para uma percepção aguçada desses porta-vozes a respeito do papel da linguagem e dos discursos na construção de realidades, bem como dos projetos de futuro e utopias que desejam construir. Há uma compreensão da importância de disputar pelo discurso os espaços que devem ser ocupados para que uma nova realidade, de mais direitos, se consolide, característica que considero relevante para compreender a força que o projeto e seus desdobramentos alcançaram e ainda alcançam. O mencionado entusiasmo na realização das ações, em uma fala da então presidente da Fiocruz, Nísia Trindade, também é uma característica perceptível entre seus porta-vozes frequentes, tomando o afeto da alegria e do otimismo para o projeto – bem como o da indignação frente a situações de precariedade e injustiça, apontada por Valcler Rangel como aprendizado e valor a partir da experiência do *Conexão*. Assim, acredito que a conjunção dessas trajetórias e características pessoais configura elemento essencial para compreender a união de forças que tornou possível a proposição, realização e desdobramentos do *Conexão*.

Esta pesquisa focou nos efeitos causados pelos discursos a respeito do *Conexão* e seus desdobramentos no esperar de utopias partilhadas entre Fiocruz e atores dos territórios da Maré e de Mangueiras. Ocupamo-nos dos processos, de indagar como esses discursos, em contextos específicos, atualizaram a relação dos atores envolvidos com suas próprias memórias e transformaram suas práticas. Assim, uma descrição detalhada ou uma avaliação das ações realizadas no âmbito do projeto *Conexão*, com números, produtos e resultados, não integrou o escopo deste estudo, pois considero que este foi desenvolvido por meio de instrumentos criados pelos próprios participantes da ação, como os já citados Boletins do *Conexão*, além de publicações e eventos de avaliação promovidos por seus participantes, em uma vasta produção que possibilitou, inclusive, a realização de um estudo apenas com materiais públicos por eles disponibilizados. Não se trata aqui, portanto, de uma memória do projeto; e sim de uma reflexão a respeito de como o projeto atualiza a memória das instituições, grupos e pessoas nele envolvidas, bem como seus projetos de futuro e utopias. Neste sentido, espero que este estudo contribua para a compreensão de maneiras pelas quais é possível

reconstruir a relação da Fiocruz com a sociedade, atualizando sua tradição, legitimidade e identidade, a partir da incorporação de uma lógica de atuação mais horizontal que tem potencial de transformar suas práticas, o celebrado “*fazer com*”. Esse processo impacta na própria forma de a instituição lidar com sua memória, que abarca as percepções dos grupos sociais aos quais instituição deve servir, em sua missão de reduzir desigualdades e inequidades sociais. Acredito que a experiência da parceria com a Redes da Maré tenha sido fundamental para a Fiocruz na consolidação desse aprendizado rumo ao “*fazer com*”, a partir da construção conjunta com essa Ong que demonstrou grande capacidade de articulação, e que declara que sua missão é a de “tecer as redes necessárias para efetivar os direitos da população”, chamando seus colaboradores de “tecedores”. No projeto aqui investigado e em seus desdobramentos, entendo que a Fiocruz foi e continua sendo um desses tecedores de um esperar de novos possíveis e utopias.

Conheci o *Conexão* já a partir da divulgação de seus resultados exitosos. Um projeto que salvou vidas, trazendo uma perspectiva de sucesso e alegria em meio a uma pandemia devastadora. Minhas escolhas de pesquisa conduziram-me à análise de eventos e materiais públicos que, em geral, divulgaram o projeto e que, portanto, por natureza de seus respectivos gêneros discursivos, são laudatórios à iniciativa. Essa é também uma estratégia de construção de um porvir alinhado às utopias desejadas pelos participantes do projeto, bem como de atualização da memória coletiva e institucional, de êxito em mais um período de crise que atravessa a história das instituições envolvidas. Entretanto, considerando as características dos gêneros discursivos dos materiais por mim selecionados, certamente há uma série de operações de memória, envolvendo lembranças e esquecimentos, bem como disputas, tensões e negociações que não foram contempladas em minhas análises. Aponto, como possibilidade de desdobramento do presente estudo, a realização de entrevistas com participantes do projeto e moradores impactados pela iniciativa, de maneira a aprofundar o tema dos afetos e operações de memória envolvidas em sua execução e como forma de compreender como se deu a articulação de atores locais e dos representantes da Fiocruz na operacionalização do projeto, bem como seu impacto nas práticas cotidianas, nas discussões conjuntas e nas tomadas de decisão em seu Comitê Gestor. Uma melhor compreensão sobre a experiência no território de Mangueiras, e de outros atores e contextos locais que podem ter impactado nos resultados da iniciativa, também poderiam resultar dessa outra frente de pesquisa. Com o afastamento temporário de participantes chave, como Nísia Trindade e Valcler Rangel, que foram ocupar cargos no Ministério da Saúde no governo Lula, a

realização de entrevistas poderia ser também fonte de entendimento a respeito da continuidade na construção dessas relações com o território, de maneira a investigar em que medida o “*fazer com*” está institucionalizado, e não dependente de figuras específicas, na Fiocruz. Considero, entretanto, que a análise do conjunto dos materiais aqui selecionados respondeu ao objetivo a que me propus nesta tese de caracterizar o contexto no qual o *Conexão* foi gestado, investigando como os discursos a seu respeito operaram na sua conformação, bem como na avaliação de seus resultados e desdobramentos, atualizando, nesses processos, memórias coletivas atuantes na construção de projetos de futuro comuns entre instituição e sociedade.

Destaco que a presente pesquisa fez uso de vasto material criado e compartilhado publicamente pela equipe envolvida no projeto, além de publicações de mídias que repercutiram a iniciativa. Acredito que esses materiais e seus significados se atualizam ao serem apropriados, pois entendo que, para que se constituam em um efetivo lugar de memória (Nora, 1993), os registros tangíveis dos acontecimentos precisam ser envolvidos em algum ritual, reflexão ou projeto de futuro que lhes dê sentido. Entendo que essa disponibilidade de materiais públicos é também efeito do contexto de crise configurado pela pandemia de Covid-19, em que proliferaram eventos *online* que, transmitidos e posteriormente disponibilizados, ampliam o acesso a discussões que, outrora, ficariam restritas àqueles fisicamente presentes nos eventos. Esses registros estão agora lançados ao futuro e abertos a outras criações. Mas, por quanto tempo? Quem organiza, disponibiliza e preserva esse arquivo? Considerando a riqueza da experiência e a competência da Fiocruz e de sua unidade Casa de Oswaldo Cruz, dedicada à preservação da memória da instituição e da saúde pública, penso que caberia a esta instituição realizar um esforço conjunto com os demais participantes do projeto, para mapear, descrever, dar acesso e preservar esse material, ensejando pesquisas futuras a respeito desta iniciativa. Acredito que, para além do conteúdo público atualmente recuperável *online*, também o material produzido no cotidiano do projeto possibilitaria pesquisas e análises aprofundadas sobre sua execução, ampliando as lições aprendidas a partir dessa experiência. Sua inclusão em um arquivo público seria enriquecedora para a instituição Fiocruz e para a sociedade, que se veria refletida neste acervo e nas ações desenvolvidas e apoiadas pela Fiocruz. Aqui, penso em termos de memória e arquivos, por força de minha função institucional na Fiocruz, mas há outras possibilidades de trabalhos agregados a partir desse material, a exemplo do que foi realizado como um dos desdobramentos do *Conexão Saúde*, a pesquisa Vacina Maré. Esta pesquisa compõe o

Hub da Fiocruz na *The Global Health Network (TGHN)*, ambiente digital internacional vinculado à Universidade de Oxford e destinado à promoção da ciência¹⁶³; já o chamado *Hub* ou centro de compartilhamento de conhecimentos da Fiocruz é um espaço colaborativo, de acesso aberto, que visa fortalecer redes e melhorar as capacidades de pesquisa em saúde pública regional e globalmente, em um ambiente no qual profissionais, estudantes e pesquisadores podem compartilhar experiências, conhecimentos, recursos e ferramentas de pesquisa. Como parte do projeto de pesquisa “Um novo ecossistema para pesquisa em saúde e ciência de dados”, que visa fortalecer os campos da Ciência de Dados e compartilhamento de dados para pesquisas em saúde na América Latina e Caribe, o Vacina Maré é ainda foco de um de dois projetos piloto da Fiocruz nesta plataforma para o desenvolvimento de *pathfinders*¹⁶⁴, que em linhas gerais, pode ser caracterizado como um roteiro para compartilhamento de dados de estudos que trazem lições aos desafios de saúde pública, de forma que estes possam ser utilizados e adaptados por outros pesquisadores, coletivos e instituições. Assim, os desdobramentos do *Conexão* seguem servindo de piloto para as institucionalidades em transformação da Fiocruz no fazer científico, vinculadas aos seus esforços por uma Ciência Aberta.

Entendo ainda que o *Conexão* e seus desdobramentos atuam simbolicamente em um “desencastelamento” da ciência, para usar a imagem do Castelo símbolo da Fiocruz. Este é um processo em curso, como vimos nas discussões sobre a incorporação da dimensão da ciência cidadã em suas práticas, bem como outras transformações motivadas pelo “*fazer com*”. Outro movimento em curso na instituição, nesse sentido, é o de transformação de seu campus sede, no Rio de Janeiro, em um “campus parque”, requalificando seu núcleo histórico arquitetônico para abrigar exposições e oferecer espaços de reflexão sobre a determinação socioambiental da saúde, em um ambiente

¹⁶³ A inserção da Fiocruz na plataforma é fruto de um acordo firmado com a Universidade de Oxford em 2019. Um dos objetivos da parceria é oferecer cursos virtuais em países de língua portuguesa para aprimorar a pesquisa e o trabalho em saúde nesses países. A Fiocruz assumiu ainda, em 2022, o papel de articulação de uma Rede Latino-americana de fortalecimento da pesquisa em saúde, numa perspectiva de trazer a liderança para o sul global. A iniciativa busca melhorar a capacidade de pesquisa para que evidências possam ser geradas em doenças, lugares e comunidades onde esses dados são escassos. Segundo a diretora da TGHN, Trudie Lang, “atualmente, 90% das pesquisas do mundo beneficiam cerca de 10% da população, o nosso esforço é para tentar incluir os outros 90%”. Mais sobre o tema na página da Fiocruz na TGHN, em: <https://fiocruz.tghn.org/en/reportagens-https://portal.fiocruz.br/noticia/fiocruz-e-universidade-de-oxford-assinam-acordo>; <https://portal.fiocruz.br/es/noticia/fiocruz-se-torna-centro-articulador-da-america-latina-na-global-health-network>; Acesso em: março/2024

¹⁶⁴ Página dos *pathfinders* pilotos da Fiocruz na TGHN: <https://fiocruz.tghn.org/health-topics/projetos-pathfinder/> Acesso em: março/2024

seguro, confortável e culturalmente enriquecedor, especialmente para a população que habita a região vulnerabilizadas onde a instituição se insere, tão carente de espaços de fruição. Este é um trabalho em constante construção, no qual “o que está em jogo é o modo pelo qual uma instituição pública atua e refaz o sentido de sua atuação a partir das demandas territoriais” (Batista et al, 2021, p. 6). Esse processo envolve tanto ações pontuais, em parceria com movimentos sociais, quanto estruturantes, com impacto na produção do saber na instituição. A Fiocruz entende que ambas as perspectivas deixam legados, trabalho que faz parte do “processo histórico de amadurecimento dessa instituição na sua relação com as populações dos territórios dos quais faz parte – Maré e Manguinhos” (Batista et al, 2021, p. 119). Destacamos, nesse discurso, a menção à Fiocruz como parte do território, que extrapola a discussão sobre seu entorno, já realizada nesta tese. Assim, essa abertura simbólica e literal da instituição ao público busca fomentar uma maior interlocução e criação de redes de sociabilidade e convivência, para que a circulação de informação científica de qualidade possa estar consolidada e, especialmente, presente em momentos de crise, como na pandemia de Covid-19, combatendo as notícias falsas:

É preciso debater francamente sobre ciência. Aproximar o debate sobre o fazer da ciência e a sua relação com a vida das pessoas sem medo de assumir suas limitações, mas sem abandonar a evidente contribuição da ciência para a melhoria da vida moderna. Para que possamos não apenas divulgar o conhecimento científico, mas também popularizar a perspectiva que a ciência deve primordialmente estar a serviço daqueles que produzem e reproduzem a vida na nossa sociedade (Batista et al, 2021, p. 149).

Muitas são as linhas de forças que se entrecruzam com a iniciativa aqui investigada. Foi difícil estabelecer um momento para deixar essas pistas e, por isso, não considero esta seção da tese como considerações finais, mas sim em movimento, pois o “entusiasmo” mencionado em um dos discursos aqui analisados impossibilita determinar um fim para os desdobramentos e conexões a partir da experiência original do *Conexão*. Relato brevemente algumas iniciativas sobre as quais tomei conhecimento no momento finais de escrita desta tese. Uma dessas ações envolve Fernando Bozza, pesquisador vinculado ao *Conexão* e ao Vacina Maré, que teve um projeto de pesquisa homologado no edital da Fiocruz “Emergências em Saúde Pública”¹⁶⁵, com o nome “Conexão Saúde Alto Xingu: fortalecimento dos sistemas de informação e comunicação na vigilância de

¹⁶⁵Este edital integra o Programa Fiocruz de Fomento à Inovação chamado “Inova Fiocruz”. Informações e resultados do edital disponível em: <https://portal.fiocruz.br/edital-emergencias-em-saude-publica>
Acesso em: março/2024

base participativa e comunitária indígena.” Portanto, a replicação do modelo do *Conexão* segue fomentando utopias de um país mais justo para todos os seus cidadãos. Outra iniciativa foi a realização da Oficina de Transformação Digital na Comunidade Nova Holanda, no Complexo da Maré, em abril de 2024. Promovida pela assessoria comandada por Valcler Rangel, a Assessoria Especial de Territórios Vulneráveis, Favelas e Periferias do Gabinete do Ministério da Saúde, a ação foi realizada em articulação com a Fiocruz, Redes da Maré e Secretaria Municipal do Rio de Janeiro, com apoio da Associação de Moradores da Vila do João. Teve por objetivo construir um plano de transformação digital em saúde no território da Maré em parceria com moradores, com três eixos de atuação: saúde mental da população, saúde da mulher e acesso às informações, tecnologias e serviço (Brasil, 2024). Essa ação é um indício de que a saída temporária de atores chave da Fiocruz que foram compor o Ministério da Saúde, como Valcler Rangel, não só não enfraqueceu a parceria estabelecida entre território e Fiocruz, como ampliou esta rede, que agora envolve diretamente o Ministério da Saúde.

Além disso, a Fiocruz segue se envolvendo em ações que promovem a reflexão sobre os significados do período da pandemia, nas relações envolvendo instituição, ciência e sociedade. Uma iniciativa em andamento é o “Memória Viva”, projeto que homenageará vítimas da Covid-19 da Fiocruz e do território da Maré em painéis instalados no muro principal do Campus Maré e no conjunto de favelas da Maré. A ação é desenvolvida em parceria da Fiocruz com a Azulejaria¹⁶⁶ e a Redes da Maré, e envolve a realização de oficinas em que profissionais da instituição e moradores dos territórios produzem os azulejos que comporão o referido painel. A partir da chamada pública para participação nas referidas oficinas, produzi alguns azulejos que fazem menção a essa parceria da Fiocruz com os territórios, a partir das afetações e reflexões que a presente pesquisa me causou.

¹⁶⁶ Coletivo de artistas que desenvolve projetos de educação, arte e intervenções urbanas, atuando há 15 anos junto a Redes da Maré, no território de favelas da Maré. Mais informações em: <https://www.redesdamare.org.br/br/info/79/azulejaria>



Imagem 46: Momento de produção dos azulejos. Foto: Peter Iliciev/Coordenação de Comunicação Social da Fiocruz.



Imagem 47: Montagem com fotos dos azulejos produzidos por mim. Fotos da autora.

Uma última iniciativa que me proponho a relatar diz respeito ao “Memorial Covid-19 Fiocruz – ciência e saúde”, lugar de memória que pretende homenagear profissionais que atuaram pela saúde dos brasileiros no enfrentamento da pandemia de Covid-19, bem como as vítimas desta pandemia. O monumento será construído no campus-sede da Fiocruz, em Manguinhos, em uma área adjacente à portaria da Avenida Brasil, permitindo, portanto, grande visibilidade aos que entram e saem da instituição. O projeto arquitetônico para a construção foi definido em um concurso, e a pedra fundamental da construção deve ser lançada em cerimônia prevista para agosto de 2024 (Braga, 2024). Conforme descrito no edital para construção do Memorial:

Não se trata de um monumento para homenagear exclusivamente os atingidos pela pandemia, mas, sobretudo, que contribua para a valorização da ciência, enfatize a importância do Sistema Único de Saúde (SUS) cada vez mais inclusivo, que preste tributo à resiliência dos profissionais que, em que pesem

os obstáculos e atribulações, se empenharam em salvar vidas. Um espaço, enfim, que celebre também a vida (Fiocruz, 2024a).

São muitos os desafios e projetos de futuro que seguem em curso. Entretanto, é preciso afirmar que, finalizar esta tese já em tempos menos tenebrosos para as instituições públicas e para o país possibilitou que eu me dedicasse à caracterização do contexto pandêmico de forma menos dolorosa, diferentemente do sentimento de angústia e tristeza que assolou todos aqueles que valorizam a vida e são sensíveis às vulnerabilidades desigualmente distribuídas, especialmente nos últimos anos da vida política nacional. O fim da pandemia, ou da “emergência de saúde pública de importância internacional referente à COVID-19”, foi decretado em 5 de maio de 2023. O governo federal em exercício no momento representa a retomada de perspectivas socialmente mais progressistas, que prezam pela ciência e pelo respeito às instituições públicas. Nísia Trindade Lima é a atual ministra da saúde do governo Lula. Chego ao fim de um período de 5 anos de dedicação ao doutorado, tempo no qual tive meus próprios momentos de crise e indeterminação, nos quais fiz apostas pessoais e acadêmicas no porvir, em que afetos e intuições me levaram a criar um território de interesse e investigação que me permitiu acompanhar o que um esperar potente é capaz de realizar. Há mesmo um sentimento de leveza e alegria que, como nos lembra Bergson (2009), é o afeto que anuncia a vitória da vida, uma conquista triunfal. Isso não implica dizer que o esperar possa esmorecer, pois os desafios persistem na construção de uma cultura de paz, como nos lembra a agora ministra da saúde Nísia Trindade Lima (Laboissière, 2023). Ao cumprimentar os movimentos sociais presentes no momento de sua posse como ministra, em janeiro de 2023, Nísia selecionou, de sua trajetória no combate à pandemia de Covid-19, um projeto desdobrado do *Conexão*, de vacinação no território da Maré, fazendo menção especial à Eliana Sousa, da Redes da Maré:

Sempre tive forte relação com os movimentos sociais. Quero cumprimentar todos os movimentos, que alegram a cidade de Brasília. Quero, na pessoa de Eliana Sousa, coordenadora da Redes da Maré, com quem pude realizar intenso trabalho e que considero um exemplo para o país, de como as nossas periferias, nossas favelas, quando unidas e num trabalho articulado com a academia, podem superar obstáculos. A vacinação na Maré foi um sucesso e motivo de grande alegria (Brasil, 2023).

Assim, Nísia evidencia a centralidade da experiência iniciada no *Conexão*, que se desdobrou na ação de vacinação na Maré, na ilustração de uma bricolagem (Erickson, 2004) realizada em um período de crise, no uso estratégico dos recursos disponíveis para fomentar a criação, na aposta em um porvir que superasse o medo e tomasse o desamparo

como força para a transformação dos impossíveis em possíveis. Esse intervalo de indeterminação levou à criação de soluções que não faziam parte do *habitus* institucional da Fiocruz, que se transforma a partir da experiência em que atores do território são protagonistas na definição das estratégias mais eficazes, em um saber local, não científico, que é reconhecido e valorizado, em processo de aprendizado desta nova institucionalidade.

Todo o movimento que levou ao *Conexão* foi feito com esperança, mas também com revolta frente ao desprezo de um governo federal insensível ao sofrimento da população de seu próprio país. Entendo que o uso estratégico do discurso, uma das lentes utilizadas para observar, neste estudo, as transformações nas relações entre Fiocruz e territórios envolvidos com o *Conexão*, foi parte essencial para o enfrentamento dessa realidade e que mudanças no uso da linguagem transformam práticas, e vice-versa. Retomo aqui o conceito de *habitus* (Bourdieu, 1990), segundo o qual atores estabelecem ações estratégicas e intuitivas sem estarem necessariamente cientes destas, para afirmar que procurei explorar o efeito que esses discursos causam na atualização de memórias e práticas, independentemente de sua intencionalidade. Às vezes pergunto-me como os representantes do *Conexão* avaliarão as análises de seus discursos aqui realizadas ao conhecerem esta investigação. Em uma interpretação literal da “atenção à espreita”, preconizada pela cartografia, realizei esta pesquisa praticamente sem nenhum contato com seus atores. Importa-nos constatar os amplos efeitos perlocucionários de seus atos de fala (Austin, 1990), ou seja, do que produziram nos muitos interlocutores invisíveis que acompanharam os materiais por eles produzidos e publicamente disponibilizados, em consequência de seus discursos.

Encerro este estudo com uma breve narrativa. Em janeiro de 2024, estava na Fiocruz trabalhando em minha tese, aproveitando a calmaria de um mês em que grande parte de seus profissionais está de férias. Já no capítulo final, escrevi alguns parágrafos e incluí uma foto de Valcler Rangel, coordenador do projeto pela Fiocruz, quando decidi fazer uma pausa para o almoço. Ao chegar no restaurante, lá estava Valcler, em uma feliz coincidência, já que sua presença no *campus* do Rio de Janeiro não é mais tão frequente, face a sua atuação no momento, no Ministério da Saúde, em Brasília. Meu único contato ocorrera em 2021, durante a coletiva de imprensa do Vacina Maré, quando informei-lhe sobre meu interesse em pesquisar o projeto *Conexão* e afirmei que voltaria a procurá-lo. Entretanto, outros acontecimentos se interpuseram, e minha ideia de então, de realizar entrevistas com os porta-vozes do *Conexão*, não foi concretizada. Tanto

tempo depois, nesse encontro inesperado, tomei coragem para abordá-lo e comentar que minha pesquisa sobre o *Conexão* seguira, e estava próxima de seu fim. Valcler, receptivo e simpático, disse-me estar contente de saber sobre a pesquisa e comentou que, apesar de sempre escutar elogios à iniciativa, às vezes se esquece da dimensão do que foi feito. Comentou também que a iniciativa é considerada por um secretário do Ministério da Saúde [se não me falha a memória], como uma das iniciativas mais relevantes da pandemia, junto com a de Araraquara¹⁶⁷. Contou-me ainda sobre a iniciativa do Colaboratório com a Maré, que até então eu ainda não sabia e que compartilhei neste estudo. No final da breve conversa, pedi seu contato e, após nossa despedida, enviei-lhe uma mensagem afirmando que, “se tudo desse certo”, eu lhe encaminharia em breve o resultado do estudo para seu conhecimento. Ao que Valcler, de pronto, respondeu: “vai dar certo”. Sorri e senti que aquela frase, naquele momento, indexava toda a gentileza, otimismo, força e capacidade de realizar e inspirar deste personagem que conheci ao longo de minha pesquisa. Aos que tiverem interesse e paciência para ler os resultados deste estudo, espero que se sintam tocados e inspirados por essa “*história/aventura*”, como eu me senti. Memória é afeto. Como afirma Bergson (2009), o ser humano é:

[...] incessantemente convidado a apoiar-se na totalidade de seu passado para pressionar ainda mais poderosamente o futuro [...] Mas criador por excelência é aquele cuja ação, sendo intensa, é capaz de intensificar também a ação dos outros homens [e mulheres] e de ativar, generosa, focos de generosidade (Bergson, 2009, p. 24).

¹⁶⁷Cidade do interior de São Paulo que adotou isolamento social rígido e conseguiu reduzir os casos de Covid-19 em 74%. Mais sobre o assunto em: <https://outraspalavras.net/outrasaude/covid-as-licoes-de-araraquara/> Acesso em: marco/2024

REFERÊNCIAS

AROUCA, Sergio. Entrevista aos jornalistas Ana Beatriz de Noronha, Caco Xavier, Daniela Sophia, Katia Machado e Rogério Lannes Rocha. **Trabalho, Educação e Saúde**, 1(2):355-361, 2003

AROUCA, Luna Escorel, BOZZA, Fernando Augusto. Integrando vigilância e atenção em saúde durante a pandemia de covid-19: a experiência do Conexão Saúde na Favela da Maré. In: PORTELA, M. C., REIS, L. G. C., LIMA, S. M. L., eds. **Covid-19: desafios para a organização e repercussões nos sistemas e serviços de saúde** [online]. Rio de Janeiro: Observatório Covid-19 Fiocruz, Editora Fiocruz, 2022, pp. 457-472. Informação para ação na Covid-19 series. <https://doi.org/10.7476/9786557081587.0032>.

ALBAGLI, Sarita. MACIEL, Maria Lucia. ABDO, Alexandre Hannud **Ciência Aberta, questões abertas**. Brasília: Ibict; Rio de Janeiro: Unirio, 2005

ALBAGLI, Sarita., ROCHA, Luana. A Ciência Cidadã na questão dos resíduos sólidos. **Informação & Sociedade**, 30(4), 1–31. <https://doi.org/10.22478/ufpb.1809-4783.2020v30n4.57351>

AUSTIN, John Langshaw. **Quando dizer é fazer: Palavras e Ação**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990

BARROS, Laura Pozzana. KASTRUP, Virgínia. Cartografar é acompanhar processos. In: **Pistas do Método Cartografia**. Porto Alegre: Sulina, 2015

BATISTA, Alessandro Machado Franco, OLIVEIRA, Denyse Amorim, SILVA, Priscilla Abrantes da, OLIVEIRA, Renata de. (org) **Quando o museu vai à favela e a favela vai ao museu: Ações Territorializadas do Museu da Vida**. Rio de Janeiro: Fiocruz – COC, 2021. e-book: Modo de acesso: <<http://www.museudavida.fiocruz.br/index.php/publicacoes>>.

BATISTA-DA-SILVA A.D.A, MORAES, C.B, BOZZA, HR On behalf of the Comitê Gestor Conexão Saúde, et al. *Effectiveness of a multicomponent intervention to face the COVID-19 pandemic in Rio de Janeiro's favelas: difference-in-differences analysis*. **BMJ Global Health**, 2023

BENCHIMOL, Jaime. **Manguinhos do sonho à vida**. Casa de Oswaldo Cruz: Rio de Janeiro, 1990.

BERGER, Peter L.; LUCKMANN, Thomas. **A construção social da realidade**. Petrópolis: Vozes, 2006.

BERGSON, Henri. **A energia espiritual**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2009

BERGSON, Henri. **Matéria e Memória: ensaio sobre a relação do corpo com o espírito**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011.

BERGER, Peter L.; LUCKMANN, Thomas. **A construção social da realidade**. Petrópolis: Vozes, 2006.

BOURDIEU, Pierre. *The logic of practice*. Cambridge: Polity Press, 1990.

BRAGA, Nicolas. Vencedores do Concurso Memorial Covid-19 – Ciência e Saúde são premiados em semana que celebra 124 anos da Fiocruz. **Portal COC**, Rio de Janeiro, 29 mai. 2024. Disponível em: <https://www.coc.fiocruz.br/todas-as-noticias/vencedores-do-concurso-memorial-covid-19-ciencia-e-saude-sao-premiados-em-semana-que-celebra-124-anos-da-fiocruz/> Acesso em: maio/2024

BRASIL. Presidência da República. Bolsonaro detalha ações do Governo Federal de enfrentamento ao coronavírus. **GovBr**, Brasília, 18 mar. 2020. Disponível em: <https://www.gov.br/planalto/pt-br/acompanhe-o-planalto/noticias/2020/03/bolsonaro-detalha-acoes-do-governo-federal-de-enfrentamento-ao-coronavirus> Acesso em: maio 2024

BRASIL. Ministério da Saúde. Confira o discurso da Ministra da Saúde, Nísia Trindade, durante a cerimônia de posse. **GovBr**, Brasília, 4 jan. 2023. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/noticias/2023/janeiro/confira-o-discurso-da-ministra-da-saude-nisia-trindade-durante-a-cerimonia-de-posse> Acesso em: maio 2024

BRASIL. Ministério da Saúde. Moradores do Complexo da Maré participam de oficina de inovação em saúde digital. **GovBr**, Brasília, 18 abr. 2024. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/noticias/2024/abril/moradores-do-complexo-da-mare-participam-de-oficina-de-inovacao-em-saude-digital> Acesso em: maio 2024.

BUTLER, Judith. *Excitable Speech: A Politics of the Performative*. New York: Routledge, 1997.

BUTLER, Judith. **Quadros de guerra: quando a vida é passível de luto?**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015

CAMPOS, Érico Bruno Viana; SILVA, Amanda Nunes da. O desamparo como categoria afetiva fundamental do mal-estar na atualidade: um ensaio psicanalítico. **Rev. Psicol. UNESP**, Assis, v. 19, n. 1, p. 67-87, jun. 2020. Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1984-90442020000100005&lng=pt&nrm=iso <https://doi.org/10.5935/1984-9044.20200006>.

CASSIMIRO, Márcia de Cássia; SOUZA, Pedro Henrique Maximo de. A importância do SUS e as lições aprendidas com a pandemia do SARSCoV-2: um estudo de caso sobre a vacinação no Complexo da Maré. In: VALENTIN, Inácio; CÂNDIDO, Maria Regina; FIGUEIREDO, Alair. (Org.). **As pontes do universo: reflexões sobre a experiência de ensinar e de curar**. Porto Alegre: Editora Fundação Fênix, 2023. p. 247-266.

CIDACS FIOCRUZ, Centro de Integração de Dados e Conhecimentos para a Saúde da Fundação Oswaldo Cruz. **Boas práticas para o engajamento público da ciência em pesquisas de saúde desde o Sul Global**. Bahia: Fiocruz, 2023 Disponível em: <https://cidacs.bahia.fiocruz.br/guia-de-boas-praticas-em-engajamento-publico/>

COLLUCCI, Claudia. Projeto social em favelas do Rio consegue reduzir mortes por Covid em 61% em um ano. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 30 jun. 2021. <https://www1.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/2021/06/projeto-social-em-favelas-do-rio-consegue-reduzir-mortes-por-covid-em-61-em-um-ano.shtml> Acesso em: maio 2024

COSTA, Renato da Gama-Rosa e PESSOA, Alexandre José de Souza. **Um lugar para a ciência: a formação do campus de Manguinhos** [online]. Coordenador Benedito Tadeu de Oliveira. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2003, 264 p.

COSTA, Renato da Gama-Rosa e SANGLARD, Gisele. Oswaldo Cruz e a lei de saúde pública na França. **História, Ciências, Saúde-Manguinhos**, Jun 2006, vol.13, no.2, p.493-507.

CLOUGH, Patricia Ticineto. *The affective turn*. London: Duke University Press, 2007

DAVALLON, Jean. Memória e patrimônio: por uma abordagem dos regimes de patrimonialização”. In: TARDY, C. (Org.) ; DODEBEI, Vera (Org.). **Memória e novos patrimônios**. 1. ed. Marseille: OpenEdition Press, 2015.

DELEUZE, Gilles. **Bergsonismo**. São Paulo: Ed. 34, 2008

DELEUZE, Gilles. GUATTARI, Félix. **Mil Platôs**. Capitalismo e Esquizofrenia, vol. 1. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995.

D’OLIVEIRA, Claudia Beatriz Le Cocq. MAGALHÃES, Marta Gama de. OLIVEIRA, Wagner Barbosa de Oliveira. **Fiocruz é SUS: rodas de saberes, práticas compartilhadas**. Rio de Janeiro: CEBES, 2024

DOLZAN, Marcio. Pazuello diz que 100 mil mortes 'não é apenas número' e fala em apoio a isolamento a Estados. **Estadão**, São Paulo, 10 ago. 2020. Disponível em: <https://www.estadao.com.br/saude/pazuello-diz-que-100-mil-mortes-nao-e-apenas-numero-e-fala-em-apoio-a-isolamento-a-estados/>. Acesso em: maio 2024.

DRUCK, Graça. A tragédia neoliberal, a pandemia e o lugar do trabalho. In: **O Social em Questão** - Ano XXIV - nº 49 –Rio de Janeiro: PUC-Rio, Jan a Abr/2021 Disponível em: http://www.ser.puc-rio.br/3_DRUCK.PDF

ERICKSON, F. *Talk and social theory*. Cambridge: Polity, 2004.

FERNANDES, Tânia Maria e COSTA, Renato da Gama-Rosa. Comunidades de Manguinhos e suas Trajetórias: de fazendas e manguezal a subúrbio e favelas. In: **Histórias de pessoas e lugares: memórias das comunidades de Manguinhos** [online]. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2009.

FERNANDES, Tânia Maria e COSTA, Renato da Gama-Rosa. As comunidades de Manguinhos na história das favelas no Rio de Janeiro. Niterói: **Revista Tempo**, 2013

FERNANDES, Tania Maria; LIMA, André. A Covid-19 em favelas: vulnerabilidades sociais e auto-organização em Manguinhos. In: SÁ, Dominichi Miranda de; SANGLARD, Gisele. HOCHMAN, Gilberto. KODAMA, Kaori. (orgs.) **Diário da Pandemia**. O Olhar dos historiadores. São Paulo: Hucitec Editora, 2020.

FERREIRA, Lucia Maria Alves. A língua como lugar de memória – embates pelo controle dos sentidos na institucionalização do português no Brasil. **Todas as Letras**, 2013

FIOCRUZ. **Relatório do I Congresso Interno da Fundação Oswaldo Cruz (1998)**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 1998. Disponível em: <https://congressointerno.fiocruz.br/sites/congressointerno.fiocruz.br/files/documentos/I%20Congresso%20Interno%20-%20Relat%C3%B3rio%20Final%20-%20Julho%20de%201988.pdf>

FIOCRUZ. **Relatório II Congresso Interno da Fundação Oswaldo Cruz (1994)**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 1994. Disponível em: <https://congressointerno.fiocruz.br/sites/congressointerno.fiocruz.br/files/documentos/I%20Congresso%20Interno%20-%20Relat%C3%B3rio%20Final%20-%20janeiro%20de%201994.pdf>

FIOCRUZ. Fiocruz divulga carta A PEC 241 e os impactos sobre direitos sociais, a saúde e a vida. **Portal Fiocruz**, Rio de Janeiro, 4 out. 2016. Disponível em: <https://portal.fiocruz.br/noticia/fiocruz-divulga-carta-pec-241-e-os-impactos-sobre-direitos-sociais-saude-e-vida> Acesso em: maio 2024

FIOCRUZ. **Termo de Referência conceitual e metodológico e proposta de governança do Programa Institucional Territórios Sustentáveis e Saudáveis**. (PITSS) Rio de Janeiro: Fiocruz, 2019. Disponível em: <https://portal.fiocruz.br/documento/tr-pitss-programa-institucional-de-territorios-sustentaveis-e-saudaveis>

FIOCRUZ. A Cooperação Social na Fiocruz. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2019a. Disponível em: <https://www.arca.fiocruz.br/handle/icict/44757>

FIOCRUZ. Conselho Deliberativo da Fiocruz divulga nota sobre a situação da Ciência e Tecnologia no país. Portal Fiocruz, Rio de Janeiro, 11 abr. 2019b. Disponível em: <https://portal.fiocruz.br/noticia/conselho-deliberativo-da-fiocruz-divulga-nota-sobre-situacao-da-ciencia-e-tecnologia-no-pais> Acesso em maio 2024.

FIOCRUZ. Política de Memória Institucional da Fiocruz/ Fundação Oswaldo Cruz. Rio de Janeiro: Fiocruz - COC, 2020. Disponível em: https://www.arca.fiocruz.br/bitstream/handle/icict/41592/politica_de_memoria_fiocruz.pdf

FILHO, Danilo Marcos de Souza. A filosofia da linguagem de J. L. Austin. In: AUSTIN, John Langshaw. **Quando dizer é fazer**: Palavras e Ação. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990

FLEURY, Sonia. MENEZES, Palloma. Pandemia nas favelas: entre carências e potências. Rio de Janeiro: Saúde debate, 44 (spe4). Dez 2020. <https://doi.org/10.1590/0103-11042020E418>

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Esperança**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992

FREIRE, Paulo. **Pedagogia dos Sonhos possíveis**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.

FIORUCCI, Rodolfo. História oral, Memória, História. **Revista História em Reflexão**: Vol. 4 n. 8 – UFGD - Dourados jul/dez 2010. Disponível em: <https://ojs.ufgd.edu.br/index.php/historiaemreflexao/article/download/952/587/2224>

FONSECA, Cristina. Entrevista concedida à Érica Loureiro como parte da Dissertação “Conhecimento e Memória na Casa de Oswaldo Cruz”. Rio de Janeiro: UFRJ, 2016

GARCEZ, Pedro M. OSTERMANN, Ana Cristina. Glossário Conciso de Sociolinguística Interacional. In: RIBEIRO, Branca Telles. GARCEZ, Pedro M. (orgs) **Sociolinguística interacional**. São Paulo: Edições Loyola, 2013.

GARCIA, Leandro Martin Totaro; MAIO, Iadya Gama; SANTOS, Taynã Ishii dos; FOLHA, Catarina Bourlinova de Jesus Cunha; WATANABE, Helena Akemi Wada. Intersetorialidade na saúde no Brasil no início do século XXI: um retrato das experiências. **Saúde em Debate**, Rio de Janeiro, v. 38, n. 103, p. 966-980, 2014. Disponível em: < <http://dx.doi.org/10.5935/0103-1104.20140083> >

GEE, Jean Paul. *An introduction to discourse analysis*. London: Routledge, 1999.

GIELOW, Igor. Datafolha: 60% dizem não confiar em nada do que fala Bolsonaro, novo recorde. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 17 dez. 2021. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2021/12/datafolha-60-dizem-nao-confiar-em-nada-do-que-fala-bolsonaro-novo-recorde.shtml> Acesso em: maio/2024

GIOVANELLA, Ligia. MEDINA, Maria Guadalupe. AQUINO, Rosana. BOUSQUAT, Aylene. Negacionismo, desdém e mortes: notas sobre a atuação criminosa do governo federal brasileiro no enfrentamento da Covid-19. **Saúde debate** 44 (126) • Jul-Sep 2020. <https://doi.org/10.1590/0103-1104202012623>

GOFFMAN, Irving. *Footing*. In: RIBEIRO, Branca Telles. GARCEZ, Pedro M. (orgs) **Sociolinguística interacional**. São Paulo: Edições Loyola, 2013.

GOMES, Pedro Henrique. 'Não sou coveiro, tá?', diz Bolsonaro ao responder sobre mortos por coronavírus. **G1**, Rio de Janeiro, 20 abr. 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/04/20/nao-sou-coveiro-ta-diz-bolsonaro-ao-responder-sobre-mortos-por-coronavirus.ghtml> Acesso em: maio 2024

GONDAR, Jô. **Cinco proposições sobre a memória social**. Morpheus, no 9, v 15, p. 19-40, 2016

GONDAR, Jô. **Sobre Henri Bergson**. Aula ministrada no Programa de Pós-Graduação em Memória Social da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, em 2020. Rio de Janeiro: Unirio, 2020

GOHN, Maria da Glória. Movimentos Sociais na Contemporaneidade. **Revista Brasileira de Educação**. 16 (47). Ago 2011 <https://doi.org/10.1590/S1413-24782011000200005>

GOHN, Maria da Glória. Sociedade Civil no Brasil: Movimentos sociais e Ongs. **Nômadias** (Col), núm. 20. Universidad Central Bogotá, Colombia, 2004, pp. 140-150

GUATTARI, Felix. Fundamentos ético-políticos da interdisciplinaridade. **Revista Tempo Brasileiro**, 108. Jan-março de 1992

GUMPERZ, J. *On interactional sociolinguistic method*. **Talk, work and institutional order**. Sarangi, S. & Roberts, C. (org) Mouton de Gruyter: New York, 1999

GUMPERZ, John J. Convenções de Contextualização. In: RIBEIRO, Branca Telles. GARCEZ, Pedro M. (orgs) **Sociolinguística interacional**. São Paulo: Edições Loyola, 2013.

HALBWACHS, Maurice. *Los marcos sociales de la memoria*. Barcelona: Anthropos, 2004.

HANKS, William. **A língua como prática social**. Das relações entre língua, cultura e sociedade a partir de Bourdieu e Bakhtin. Cap 4. Rio de Janeiro: Cortez, 2008. 101-120.

HARDT, Michael. *What Affects Are Good For*. In: CLOUGH, Patricia Ticineto. **The affective turn**. London: Duke University Press, 2007

HERITAGE, John.; CLAYMAN, Steven. *Talk in Action. Interactions, Identities and Institutions*. Hoboken: Wiley-Blackwell, 2010

HOCHMAN, Gilberto. Saudades do futuro ou um sistema de saúde em tempos democráticos. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, 29(10):1927-1953, out, 2013

HUR, Domênico Uhng; SABUCEDO, José Manuel; ALZATE, Mónica. Bolsonaro e Covid-19: negacionismo, militarismo e neoliberalismo. **Revista psicologia política**, São Paulo , v. 21, n. 51, p. 550-569, ago. 2021 . Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519-549X2021000200018&lng=pt&nrm=iso>. acesso em 26 mar. 2024.

JANSEN, Roberta. Presidente da Fiocruz fala do combate ao coronavírus: 'Essa epidemia é o grande marco do século 21'. **Estadão**, São Paulo, 07 mai. 2020. Disponível em: <https://www.estadao.com.br/saude/presidente-da-fiocruz-fala-do-combate-ao-coronavirus-essa-epidemia-e-o-grande-marco-do-seculo-21/> Acesso em: maio 2024

JUNQUEIRA, Luciano A Prates. Intersetorialidade, transetorialidade e redes sociais na saúde. **Revista de administração pública**; 34(6): 35-45, nov.-dez. 2000.

KASTRUP, Virgínia. O funcionamento da atenção no trabalho do cartógrafo. **Pistas do Método Cartografia**. Porto Alegre: Sulina, 2015

KROPF, Simone Petraglia. SÁ, Dominique Miranda de. Os 120 anos da Fiocruz em meio a uma pandemia. In: SÁ, Dominichi Miranda de; SANGLARD, Gisele. HOCHMAN, Gilberto. KODAMA, Kaori. (orgs.) **Diário da Pandemia**. O Olhar dos historiadores. São Paulo: Hucitec Editora, 2020.

KROPF, Simone Petraglia. O laboratório e a urgência de mover o mundo. In: SÁ, Dominichi Miranda de; SANGLARD, Gisele. HOCHMAN, Gilberto. KODAMA, Kaori. (orgs.) **Diário da Pandemia**. O Olhar dos historiadores. São Paulo: Hucitec Editora, 2020.

LABOISSIÈRE, Paula. Ministra da Saúde defende na ONU equidade no setor e cultura da paz. **Agência Brasil**, Brasília, 22 mai. 2023. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/saude/noticia/2023-05/ministra-da-saude-defende-na-onu-equidade-no-setor-e-cultura-da-paz> Acesso em: maio 2024

LACERDA, Aline Lopes de; PENIDO, Stella Oswaldo Cruz. Saúde em Imagens: cenários, personagens, ações. In: **Vida, Engenho e Arte: o acervo histórico da Fundação Oswaldo Cruz**. Fábio Iglesias, Paulo Roberto Elian dos Santos e Ruth B. Martins [Orgs.]. Rio de Janeiro: Fiocruz/Casa de Oswaldo Cruz, 2014.

LARSON, Heidi J; GAKIDOU, Emmanuela; MURRAY, Christopher J.L.. *The Vaccine-Hesitant Moment*. **N Engl J Med** 2022; 387:58-65. July 7, 2022 DOI: 10.1056/NEJMra2106441

LATOUR, Bruno. **Ciência em Ação: como seguir cientistas e engenheiros sociedade afora**. São Paulo: UNESP, 2000.

LAWLER, Steph. **Stories, Memories, Identities**. In: Identity. Cambridge, Polity Press, 2014.

LEBRUN, Jean Pierre. **Clínica da instituição**. CMC Editora, 2016.

LIFSCHITZ, Javier. Em torno da memória política. **Morpheus**. N o 9, v. 15, p. 67-82, 2016.

LIMA, André Luiz da Silva. Não vou bater palmas para maluco dançar: participação social nas favelas de manguinhos (Rio de Janeiro, 1993-2011). 2017. 335 f. Tese (Doutorado em História das Ciências e da Saúde) - Fundação Oswaldo Cruz. Casa de Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2017.

LIMA, Andre Luiz da Silva; FERNANDES, Tania Maria Dias. Vitor Valla: uma vida de reflexão e militância em educação popular e saúde. **Ciência &Saúde coletiva**, 24 (10). 2019

LIMA, Nísia Trindade. HOCHMAN, Gilberto. Condenado pela raça, absolvido pela medicina: o Brasil descoberto pelo movimento sanitário da primeira república. In:

MAIO, M.C., and SANTOS, R.V., orgs. **Raça, ciência e sociedade** [online]. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ; CCB, 1996, pp. 23-40. ISBN: 978- 85-7541-517-7. Doi: 10.7476/9788575415177

LORDON, Frédéric. **A sociedade dos afetos**. Por um estruturalismo das paixões. Campinas: Papirus, 2015

MACIEL JUNIOR, Auterives. **O todo aberto**: Duração e Subjetividade em Henri Bergson. Rio de Janeiro: Arquimedes Edições, 2017

MASSARANI, Luisa. Comunicação da ciência e apropriação social da ciência: algumas reflexões sobre o caso do Brasil. **Uni-pluri/versidad**, Vol. 12, N.º 3, 2012 https://www.arca.fiocruz.br/bitstream/handle/icict/45659/ve_Massarani_Luisa_OC_2012.pdf?sequence=2&isAllowed=y

MATTA, Gustavo Corrêa da. Princípios e Diretrizes do Sistema Único de Saúde. In: MATTA, Gustavo Corrêa da. PONTES, Ana Lucia de Moura. (orgs) **Políticas de Saúde**: a organização e a operacionalização do Sistema Único de Saúde. Rio de Janeiro: EPSJV / Fiocruz, 2007. Disponível em: <https://www.epsjv.fiocruz.br/sites/default/files/125.pdf>

MELLO, Igor. Fiocruz contraria Bolsonaro e defende isolamento contra coronavírus. **UOL**, Rio de Janeiro, 27 mar. 2020. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/saude/ultimas-noticias/redacao/2020/03/27/fiocruz-contrariabolsonaro-e-defende-isolamento-contra-coronavirus.htm> Acesso em: maio 2024

MENGUE, Priscila. ‘Looks’ da vacina têm jacaré, Zé Gotinha, SUS e crítica a Bolsonaro. **Estadão**, São Paulo, 19 jul. 2021. Disponível em: <https://www.estadao.com.br/saude/looks-na-hora-da-vacina-tem-jacare-ze-gotinha-e-bolsonaro/> Acesso em: maio 2024

MOTTA, Anaís. Mandetta, Teich, Pazuello e Queiroga: os 4 ministros da Saúde da pandemia. **UOL**, São Paulo, 15 mar. 2021. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/saude/ultimas-noticias/redacao/2021/03/15/mandetta-teich-pazuello-e-queiroga-os-4-ministros-da-saude-da-pandemia.htm> Acesso em: maio 2024

NASCIMENTO, Dilene Raiumundo do. Entre o medo e o enfrentamento das epidemias: uma reflexão motivada pela Covid-19. In: SÁ, Dominichi Miranda de; SANGULARD, Gisele. HOCHMAN, Gilberto. KODAMA, Kaori. (orgs.) **Diário da Pandemia**. O Olhar dos historiadores. São Paulo: Hucitec Editora, 2020.

NORA, Pierre. Entre a memória e a história: a problemática dos lugares. São Paulo: **Projeto História**, 1993, v. 10.

OLIVEIRA, Roberta Gondim. Práticas de saúde em contextos de vulnerabilização e negligência de doenças, sujeitos e territórios: potencialidades e contradições na atenção

à saúde de pessoas em situação de rua. **Saúde e Sociedade**. São Paulo, v.27, n.1, p.37-50, 2018 2018 <https://doi.org/10.1590/S0104-12902018170915>

PAIM, Jairnilson Silva. **O que é o SUS**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2009.

PAIM, Jairnilson Silva. Sistema Único de Saúde (SUS) aos 30 anos. **Ciência & Saúde Coletiva**, 23(6):1723-1728, 2018

PAIVA, Carlos Henrique. TEIXEIRA, Luiz Antônio. Reforma sanitária e a criação do Sistema Único de Saúde: notas sobre contextos e autores. **História, ciência, saúde-Manguinhos** 21 (1). Jan-Mar 2014. <https://doi.org/10.1590/S0104-59702014000100002>

PALHARES, Isabela. Reitores eleitos e não empossados por Bolsonaro questionam MEC. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 7 dez. 2020. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/educacao/2020/12/reitores-eleitos-e-nao-empossados-por-bolsonaro-questionam-mec.shtml> Acesso em: maio 2024

PASSARINHO, Nathalia. As lições da favela que reduziu mortes em 90% enquanto Rio vivia tragédia. **BBC News Brasil**, Londres, 1 de mai. 2021. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-56919419> Acesso em: maio de 2024.

PASSOS, E. ; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L.(Orgs.) **Pistas do método da cartografia. Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2015.

PASSOS, Eduardo. BARROS, Regina Benevides de. A cartografia como método de pesquisa-intervenção. In: **Pistas do Método Cartografia**. Porto Alegre: Sulina, 2015

PENNA, Eliza Sophia D. A. Jorge. **O advento da metafísica da duração e a crítica de Bergson ao positivismo**. Dissertação em filosofia. São Paulo: Puc-SP, 2019. Disponível em: <https://tede2.pucsp.br/bitstream/handle/22333/2/Eliza%20Sophia%20D.%20A.%20Jorge%20Penna.pdf>

PINHEIRO, Marcos José de Araújo; NASCIMENTO JR., José do. Ciência e saúde: desafios ao patrimônio mundial **História, Ciências, Saúde – Manguinhos**, Rio de Janeiro, v.27, n.2, abr.-jun. 2020, p.637-656.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. Rio de Janeiro: **Revista Estudos Históricos**, v. 2, n. 3, 1989.

PONTE, Carlos Fidelis da; KROPF, Simone Petraglia; LIMA, Nísia Trindade. O sanitarismo (re) descobre o Brasil. In: PONTE, Carlos Fidelis da. FALLEIROS, Ialê. (org). **Na corda bamba de sombrinha: a saúde no fio da história**. Rio de Janeiro: FIOCRUZ/COC; FIOCRUZ/EPSJV, 2010. 336 p

PUC MINAS, Pontifícia Universidade Católica. Caos planejado: as cortinas de fumaça produzidas pelo governo. **Colab PUC Minas**, Belo Horizonte, 2 jul. 2021. Disponível em: <https://blogfca.pucminas.br/colab/caos-planejado-as-cortinas-de-fumaca-produzidas-pelo-governo-federal/> Acesso em maio 2024

RAMPTON, Ben. *Interactional Sociolinguistics. Working papers in urban language & literacies*, 2017.

RICOUER, Paul. **Memória, História, esquecimento**. Conferência “*Hounting Memories? History in Europe after Authoritarianism*”. Budapeste, 2003

REIS, Thiago Siqueira. **Trajetória político-institucional da Fiocruz (1970-2003)**. A flexibilização gerencial como projeto. (Tese de Doutorado). Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. 2016.

RIBEIRO, Eduardo. Bergson e a intuição como método na filosofia. **Kínesis - Revista de Estudos dos Pós Graduandos em Filosofia**. v. 5 n. 09. 2013.

RIBEIRO, Branca Telles. GARCEZ, Pedro M. (orgs) **Sociolinguística interacional**. São Paulo: Edições Loyola, 2013.

SABÓIA, Gabriel. Não é um número que fará a diferença, diz Pazuello sobre 100 mil mortes. **UOL**, Rio de Janeiro, 8 dez. 2020. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/saude/ultimas-noticias/redacao/2020/08/10/pazuello-sobre-100-mil-mortes-nao-e-um-numero-que-vai-fazer-a-diferenca.htm> Acesso em: maio 2024

SAFATLE, Vladimir. **O Circuito dos Afetos**: Corpos políticos, desamparo e o fim do indivíduo. Belo Horizonte: Autêntica, 2021

SANTOS, Daniel Guimarães Elian dos. **Ciência, política e segurança nacional: o —Massacre de Manguinhos (1964-1970) —** Rio de Janeiro: s.n., 2016.

SAÚDE, Ministério da. CNS denuncia internacionalmente governo brasileiro por violação de direitos humanos durante pandemia **Conselho Nacional de Saúde**, Brasília, 1 out. 2021. Disponível em: <https://conselho.saude.gov.br/ultimas-noticias-cns/2071-cns-denuncia-internacionalmente-governo-brasileiro-por-violacao-d> Acesso em: maio 2024

SCHNEIDER, Marco. **Ética, política e epistemologia**: interfaces da informação. In: *Fronteiras da Ciência da Informação*. Brasília: Ibict, 2013. 262p.

SCHIFFRIN, D. *Interactional Sociolinguistics*. IN: *Approaches to Discourse Analysis*. Oxford, UK: Blackwell, pp 97-136, 1994.

SCHULER, Donaldo. Prefácio: Utopias em construção. In: SOUSA, Edson Luiz André de. **Furos no futuro**: psicanálise e utopia. Porto Alegre: Atos & Ecos, 222.

SILVA, Vanessa Costa e. **Terceiro setor e parcerias na saúde**: as Organizações Sociais como possibilidades e limites na gerência da Estratégia Saúde da Família. 2014. 148 f. Tese (Doutorado em Saúde Pública) - Escola Nacional de Saúde Pública Sergio Arouca, Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2014.

SILVA, Vanessa Costa e. BARBOSA, Pedro Ribeiro. HORTALE, Virgínia Alonso. **Parcerias na saúde**: as Organizações Sociais como limites e possibilidades na gerência

da Estratégia Saúde da Família. **Ciência e saúde coletiva**. 21 (5) Maio 2016 .
<https://doi.org/10.1590/1413-81232015215.23912015>

SOUSA, Edson Luiz André de. **Furos no futuro**: psicanálise e utopia. Porto Alegre: Atos & Ecos, 222.

SPINOZA, Baruch. **Ética**. Trad. Grupo de Estudos Espinosanos; coordenação Marilena Chauí. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2015.

TANNEN, Deborah. WALLAT, Cynthia. Enquadres interativos e esquemas de conhecimento em interação: exemplos de um exame/consulta médica. In: RIBEIRO, Branca Telles. GARCEZ, Pedro M. (orgs) **Sociolinguística interacional**. São Paulo: Edições Loyola, 2013.

UFSM, Universidade Federal de Santa Maria. Aumento de casos, queda na confiança: crise de credibilidade do governo durante a pandemia. **Revista Arco**, 11 mar. 2021. Disponível em: <https://www.ufsm.br/midias/arco/crise-credibilidade> Acesso em: maio 2024

VALLA, Vincent Victor. Sobre participação popular: uma questão de perspectiva. **Cadernos de Saúde Pública**. 14 (supl 2). 1998

VALLADARES, Lícia do Prado. **A invenção da favela**: do mito de origem a favela.com. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005

VARES, Sidnei Ferreira de. Resenha: NOBRE, Marcos. Ponto-final: a guerra de Bolsonaro contra a democracia. Alabastro: **revista eletrônica dos discentes da Escola de Sociologia e Política da FESPSP**, São Paulo. Ano 10, v. 1, n. 14, 2021, p. 52-56
 Disponível em:
<https://revistaalabastro.fespsp.org.br/index.php?journal=alabastro&page=article&op=view&path%5B%5D=312&path%5B%5D=152>

VELHO, Gilberto. **Projeto Metamorfose**: antropologia das sociedades complexas. Rio de Janeiro: Zahar, 1994.

XAVIER, Caco; NARVAI, , Paulo Capel. A marca invisível do SUS. **Revista Ensaios & Diálogos em Saúde Coletiva**., no 1, p.45-49,